

HELOISA MONTEIRO ROSÁRIO

**UM PÉRIPOLO BENVENISTIANO:
O *SEMIÓLOGO* E A *SEMIOLOGIA DA LÍNGUA***

PORTO ALEGRE

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM
LINHA DE PESQUISA: ANÁLISES TEXTUAIS, DISCURSIVAS E ENUNCIATIVAS

UM PÉRIPO BENVENISTIANO:
O SEMIÓLOGO E A SEMIOLOGIA DA LÍNGUA

HELOISA MONTEIRO ROSÁRIO
ORIENTADOR: PROF. DR. VALDIR DO NASCIMENTO FLORES

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PORTO ALEGRE

2018

CIP - Catalogação na Publicação

Rosário, Heloisa Monteiro

Um périplo benvenistiano: o semiólogo e a semiologia da língua / Heloisa Monteiro Rosário. -- 2018.

173 f.

Orientador: Valdir do Nascimento Flores.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Benveniste, Émile. 2. Semiologia da língua. 3. Interpretância. 4. (Dupla) significância. I. Flores, Valdir do Nascimento, orient. II. Título.

Para Carlos e Lourdes

AGRADECIMENTOS

Ao professor e orientador Dr. Valdir do Nascimento Flores, sempre atento, aberto e genial, na teoria e na vida. Agradeço por teu constante comprometimento e carinho comigo, desde sempre!

À professora Dra. Leci Borges Barbisan, por tão generosamente me receber em suas aulas na PUCRS. Agradeço por seus ensinamentos!

À professora Dra. Marlene Teixeira, pelas conversas inspiradoras.

Às professoras Dra. Carmem Luci da Costa Silva (UFRGS) e Dra. Márcia Romero Lopes (UNIFESP), que, gentil e prontamente, aceitaram o convite para a banca de qualificação desta tese. Agradeço por suas contribuições e pelo diálogo que tivemos. E também pelo carinho!

Aos professores que, generosamente, aceitaram o convite para compor a banca final de avaliação desta tese: professora Dra. Carmem Luci da Costa Silva (UFRGS), professora Dra. Márcia Romero Lopes (UNIFESP), professor Dr. José Gaston Hilgert (Universidade Presbiteriana Mackenzie) e professor Dr. Patrick Alfred Dahlet (UFMG).

A esta Universidade, pelo afastamento concedido durante o período de doutorado.

Aos colegas do Instituto de Letras, especialmente às colegas de francês, pelo apoio a meu afastamento e pelo incentivo.

Aos muitos colegas e amigos do mestrado e do doutorado, pelas discussões e pelos bons momentos na Universidade. Especialmente, à Daiane Neumann, companheira de longas conversas e parceira de estudos, e à Sara Hoff, pela cumplicidade e pela força...!

Aos amigos Marie-Noëlle e Ludovic, por tudo que compartilhamos.

Ao Murilo e aos amigos do Poço, sem vocês, tudo seria bem mais complicado e sem graça!

À Carla e à Iná, minhas irmãs, e à Maria Heloisa, minha dinda, pela torcida e pelo apoio de

todos os momentos e de todos os jeitos!

Aos meus pais, Carlos e Lourdes, por sempre estarem comigo.

Vous voyez – et que ce soit notre conclusion – que bien des choses se placent ou se déplacent aujourd’hui dans la perspective de la langue. Ces changements nous contraignent à une réadaptation continue; car ce sont des changements en profondeur d’où naîtront peut-être de nouvelles sciences.

Émile Benveniste

RESUMO

Se a publicação dos dois volumes dos *Problemas de linguística geral* de Émile Benveniste (1966; 1974) se configura em um marco para os estudos enunciativos, a publicação de suas *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)* (2012) – obra estabelecida geneticamente por Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio a partir de manuscritos do linguista e de seus ouvintes – marca, por sua vez, uma volta à discussão de sua reflexão semiológica. Reflexão formulada por Benveniste no decorrer dos anos 60 e apresentada, sobretudo, em seu artigo “Semiologia da língua” (1969/1974). Nessa perspectiva, no presente trabalho, propõe-se a *semiologia da língua* de Benveniste como objeto de pesquisa. Ao contrário dos estudos correntes na área, neste, não é enfatizado o projeto da metassemântica apresentado programaticamente no final de “Semiologia da língua”, mas se busca compreender a ideia de uma *semiologia da língua* e o efeito dessa reflexão semiológica sobre o lugar da linguagem nas ciências humanas. Para tanto, de um ponto de vista que parte da noção de historicidade (MESCHONNIC, 1995) e que, através de uma composição vida-obra-teoria (condições de enunciação), busca aprofundar a discussão a respeito do pensamento de Benveniste, realiza-se um estudo teórico de diferentes textos de seus *Problemas de linguística geral* tomados em contraponto com os manuscritos que compõem suas *Últimas aulas*. O trabalho se apresenta em três capítulos, ao longo dos quais são formuladas e defendidas duas hipóteses, a primeira referente à ideia de que, além da metassemântica, a *semiologia da língua* desenvolvida pelo linguista engloba outras relações envolvendo a língua; a segunda referente à ideia de que, com a *semiologia da língua*, Benveniste torna incontornável uma reflexão a respeito da linguagem nas ciências humanas, uma vez que a língua (e somente a língua, devido a sua dupla significância) é o único sistema que pode interpretar a si mesmo e aos outros sistemas semiológicos. Esse fato faz com que o linguista confira um lugar central à língua em campos do saber fora da linguística.

Palavras-chave: Émile Benveniste; *Problemas de linguística geral*; *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)*; condições de enunciação; semiologia da língua; (dupla) significância; semiótico; semântico; (relação de) interpretância.

ABSTRACT

If the publication of the two volumes of *Problems in General Linguistics* by Émile Benveniste (1966; 1974) is a landmark for enunciative studies, the publication of his *Dernières Leçons. Collège de France 1968 et 1969* [Last Lectures at Collège de France (1968 and 1969)] (2012) – work genetically established by Jean-Claude Coquet and Irène Fenoglio based on the manuscripts of the linguist and his listeners – marks a return to the discussion of his semiological reflection. A reflection Benveniste developed during the 1960s and presented mainly in his article “The Semiology of Language” (1969/1974). Within this perspective, the object of research in this paper is Benveniste's *semiology of language*. Unlike current studies in this area, this one does not emphasize the project of meta-semantics presented programmatically at the end of “The Semiology of Language”, but seeks to understand the idea of a *semiology of language* and the effect of this semiological reflection on the place of language in the human sciences. In order to do that, from a standpoint that is based on the notion of historicity (MESCHONNIC, 1995) and that seeks to further the discussion on Benveniste's thinking through a composition life-work-theory (conditions of enunciation), a theoretical study of different texts of his *Problems in General Linguistics* is carried out, taken in contrast with the manuscripts that make up his *Dernières Leçons*. The study is developed in three chapters, along which two hypotheses are formulated and defended. The first refers to the idea that, in addition to the meta-semantics, the *semiology of language* developed by the linguist includes other relationships involving language. The second refers to the idea that, with the *semiology of language*, Benveniste makes a reflection on language in the human sciences inevitable, since language (and only language, because of its double significance) is the only system that can interpret itself and other semiological systems. This fact leads the linguist to put language in a central place in fields of knowledge other than linguistics.

Keywords: Émile Benveniste; *Problems in General Linguistics*; *Dernières Leçons. Collège de France 1968 et 1969*; conditions of enunciation; semiology of language; (double) significance; semiotics; semantics; (relationship of) interpretance.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|-----------|
| Ilustração 1 - Émile Benveniste (1902–1976) | 20 |
| Ilustração 2 - Manuscrito do Acervo Benveniste da BNF | 73 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|-----|
| Quadro 1 - <i>Corpus</i> textual de pesquisa..... | 52 |
| Quadro 2 - Resumo de Benveniste no <i>Annuaire du Collège de France 1968-1969</i> | 59 |
| Quadro 3 - Classificação dos textos do <i>corpus</i> textual de pesquisa | 61 |
| Quadro 4 - Sumário do primeiro volume dos <i>Problemas de Linguística Geral</i> | 63 |
| Quadro 5 - Sumário do segundo volume dos <i>Problemas de Linguística Geral</i> | 68 |
| Quadro 6 - A semiologia da língua de Benveniste..... | 150 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO..... | 12 |
| 1 DA FIGURA E SUA SINGULARIDADE À QUESTÃO SEMIOLÓGICA | 20 |
| 1.1 SOBRE ÉMILE BENVENISTE | 20 |
| 1.2 O UNIVERSO BENVENISTIANO | 38 |
| 1.3 O BENVENISTE SEMIÓLOGO E SUA SEMIOLOGIA DA LÍNGUA | 42 |
| 1.4 SOBRE O CORPUS TEXTUAL E A METODOLOGIA DE PESQUISA | 48 |
| 2 DA FIGURA E SUA PROBLEMATIZAÇÃO DE UM CAMPO À PROBLEMATIZAÇÃO DE “SEMILOGIA DA LÍNGUA” | 63 |
| 2.1 SOBRE OS PROBLEMAS DE LINGÜÍSTICA GERAL..... | 63 |
| 2.2 PROBLEMATIZANDO O ARTIGO “SEMILOGIA DA LÍNGUA” DE BENVENISTE..... | 86 |
| 3 DO LABIRINTO DA SEMIOLOGIA À SEMIOLOGIA DA LÍNGUA..... | 98 |
| 3.1 O FIO DE ARIADNE DA SEMIOLOGIA..... | 100 |
| 3.1.1 Com quem Benveniste encontra o fio: Peirce ou Saussure? | 100 |
| 3.1.2 Na ponta do fio: novas questões para a semiologia | 103 |
| 3.2 A DUPLA SIGNIFICÂNCIA DA LÍNGUA: AS NOÇÕES DE SEMIÓTICO E SEMÂNTICO..... | 106 |
| 3.2.1 Sobre “A forma e o sentido na linguagem” e “Semiologia da língua” | 107 |
| 3.2.2 O semiótico e o semântico em “A forma e o sentido na linguagem”..... | 110 |
| 3.2.3 O semiótico e o semântico em “Semiologia da língua” | 116 |
| 3.2.4 A dupla significância da língua do ponto de vista linguístico e semiológico | 123 |
| 3.3 A LÍNGUA SIGNIFICANDO SEMIOLOGICAMENTE: A NOÇÃO DE INTERPRETÂNCIA..... | 130 |
| 3.4 DE UMA SEMIOLOGIA DO SIGNO A UMA SEMIOLOGIA DA LÍNGUA..... | 151 |
| CONCLUSÃO..... | 156 |
| REFERÊNCIAS..... | 161 |

INTRODUÇÃO

Émile Benveniste (1902–1976) – cuja biografia atravessa várias camadas da história da França: as comunidades judaicas da Europa; os movimentos revolucionários; a *École linguistique de Paris*; o estruturalismo; o declínio das instituições intelectuais de língua francesa (MILNER, 2002/2008, p. 121) – é considerado, por Michel Arrivé (1997), o linguista francês que mais marcou o século XX pela influência de seu pensamento dentro e fora do campo da linguística.

Essa influência, que perdura até hoje, ganha força no final dos anos 60, mais especificamente em 1966, com a publicação do primeiro volume de seus *Problemas de linguística geral*, reunindo artigos que datam, entretanto, de 1939 a 1964.

Conforme Arrivé (1997, p. 20, grifos do autor, tradução minha), ao lado dos *Escritos* de Jacques Lacan (publicados no mesmo ano), seus *Problemas* encontram o debate da época – daí “o verdadeiro sucesso [de Benveniste]” – e “marcam, de modo exemplar, o frágil equilíbrio que então se estabelece entre o que se denomina o ‘estruturalismo’ e o que supostamente o coloca em questão: a consideração do ‘sujeito’”. Ou seja, no caso de Benveniste, suas ideias a respeito do que, mais tarde, é denominada a teoria benvenistiana da enunciação.

Com esse sucesso, um segundo volume dos *Problemas* (dessa vez, organizado por Mohammad Djafar Moïnfar e Michel Lejeune) é lançado em 1974, apresentando artigos publicados originalmente entre 1965 e 1972. Desse segundo volume, por sua vez, a crítica também retém, quase que exclusivamente, a reflexão enunciativa do linguista. Roland Barthes (1984, p. 209), por exemplo, chega inclusive a afirmar, em sua resenha da obra, que se trata “[d]o livro da enunciação”.

Tendo iniciado, como comparatista, uma respeitada carreira na *École Pratique des Hautes Études* (EPHE) e no *Collège de France*, no final dos anos 20 e 30, respectivamente, e tendo, por outro lado, uma reconhecida reflexão no campo da linguística geral – entre tantos e diversos estudos cujo ponto de convergência está, nas palavras do próprio linguista, na preocupação em “saber como a língua ‘significa’ e como ela ‘simboliza’” (BENVENISTE apud TEIXEIRA; MESSA, 2015, p. 104) –, a influência mais significativa de Benveniste, todavia, parece mesmo ligada à questão da enunciação, como indica Arrivé.

Nessa perspectiva, em 2012, Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio (2012/2014, p. 67), organizadores de suas *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)*¹, reconhecem que, mais de trinta anos depois de seu falecimento, Benveniste permanece uma referência, dentro e fora do campo da linguística, especialmente em relação aos estudos envolvendo a enunciação. Estabelecida geneticamente a partir de manuscritos do linguista e de notas de ouvintes, essa obra relança o debate sobre suas ideias, trazendo para a discussão aspectos, como a questão da escrita, também relacionados ao viés antropológico de seu pensamento, que não envolvem, porém, sua reflexão enunciativa, mas, sim, sua reflexão semiológica.

Trata-se, por conseguinte, de uma publicação que, ampliando muito a discussão em torno de Benveniste², pontua mais um momento-chave no conjunto do que poderia ser considerada uma história das ideias de Benveniste sobre a linguagem. Por isso, acredito que, se a publicação do primeiro e, posteriormente, do segundo volume de seus *Problemas de linguística geral*³ se configura em um marco para os estudos enunciativos, a publicação dos manuscritos de suas últimas aulas no Collège de France marca, por sua vez, uma volta à discussão de sua reflexão semiológica, formulada ao longo dos anos 60 e apresentada sobretudo em seu artigo de 1969, “Semiologia da língua”, na revista *Semiotica*.

Esse artigo teve seu final programático bastante discutido, tendo sido, inclusive, desenvolvido por muitos teóricos, dentre os quais, por exemplo, Julia Kristeva com sua semanálise, Henri Meschonnic com sua poética e Jean-Michel Adam com sua análise textual dos discursos.

No presente trabalho, contudo, não proponho mais uma volta a essa questão. Gostaria, sim, de retomar a reflexão semiológica de Benveniste, porém, de um outro ponto de vista. Desse modo, não me detenho pontualmente no final programático de “Semiologia da língua” – seu projeto de uma metassemântica –, mas retomo o pensamento do linguista à luz de suas últimas aulas no Collège de France em contraponto com textos de seus *Problemas de linguística geral*, buscando compreender, como um todo, sua ideia de uma *semiologia da língua*, assim como o efeito dessa reflexão semiológica de Benveniste sobre o lugar da linguagem nas ciências humanas. Eis os objetivos, que envolvem meus primeiros questionamentos sobre o artigo: No que consiste a *semiologia da língua* que dá título ao texto? Do que trata Benveniste nessa reflexão? E por quê? Com qual finalidade?

¹ Daqui para frente, também *Últimas aulas*.

² Assim como fazem as publicações *Baudelaire* (2011) e *Autour d'Émile Benveniste* (2016), que igualmente apresentam manuscritos inéditos do linguista.

³ Daqui para frente, também *PLGI* e *PLGII*, respectivamente.

Esse ponto de vista apresenta, por outro lado, uma particularidade bastante importante: o lugar conferido à história na reflexão a respeito das ideias de Benveniste. Retomo, nesse sentido, uma perspectiva na qual se inscrevem diferentes estudos sobre o linguista e seu pensamento, como, por exemplo, Lazard (1978), Lejeune (1978), Bader (1978; 1999), Moïnfar (1992), Dessons (2006), Milner (2002/2008), Coquet e Fenoglio (2012/2014), Pinault (2013) e Fenoglio (2013b). Estudos cujo ponto de vista não é o do historiador (pois não objetivam a escrita de uma biografia ou a escrita da história de um movimento ou um campo específico do saber⁴), mas o do pesquisador interessado pelo campo da linguagem que, através do entrecruzamento de dados biográficos e bibliográficos, aprofunda a discussão do pensamento de Benveniste, observando e salientando, acredito, sua historicidade própria.

É Henri Meschonnic, em “Penser Humboldt aujourd’hui” (1995), quem estabelece uma distinção entre historicidade e historicismo a partir da crítica a estudos sobre o pensamento de Humboldt. Conforme Meschonnic (1995, p. 30, tradução minha), de fato, importam estudos como os de Jürgen Trabant, que “coloca Humboldt em sua historicidade própria”, ao contrário dos que, centrados no historicismo, apenas situam Humboldt em uma história das ideias sobre a linguagem, reduzindo “um sentido às condições de produção do sentido” (MESCHONNIC, 1995, p. 22, tradução minha). Trago, assim, a noção de historicidade dessa reflexão de Meschonnic para a discussão, pois é por um viés bastante próximo a esse com que a história é mobilizada neste estudo sobre Benveniste.

Da mesma forma, embora não refiram nem a noção de historicidade nem Meschonnic, dos estudos mencionados acima, considero que dois em especial, cada qual a seu modo e de acordo com seus objetivos, não apenas recorrem a uma perspectiva de entendimento da história muito próxima dessa noção meschonniquiana, mas ainda comentam a mobilização da história que fazem. Trata-se dos estudos de Dessons (2006) e de Milner (2002/2008).

⁴ Remeto, aqui, especialmente ao trabalho de dois historiadores: Élisabeth Roudinesco, com sua *Histoire de la psychanalyse en France* (1986), e François Dosse, com sua *Histoire du structuralisme* (1992a; 1992b). Mas lembro também de *Paul Ricoeur. Les sens d’une vie* (1997), uma biografia intelectual de Paul Ricoeur, na qual Dosse explora os múltiplos sentidos da vida do filósofo – o Ricoeur professor, protestante, contemporâneo, por exemplo –, traçando, ao mesmo tempo, um panorama das correntes filosóficas do século XX. O que faz, inclusive, com que Philippe Wender (1997, p. 149), em sua resenha de Dosse, pensasse no título de um romance de Pierre-Jean Rémy, *Mémoires pour servir à l’histoire de ce siècle*, para o livro. Observo que, nessas obras de Dosse e Roudinesco, os aspectos relativos à vida, à bibliografia ou mesmo às ideias das figuras retratadas são considerados em função da história narrada, seja a de uma vida, um movimento ou um campo específico, e não em função de uma reflexão teórica em si. Isso porque o ponto de vista em questão é o do historiador e não o do pesquisador interessado no debate teórico. A respeito de Benveniste, o ponto de vista do historiador aparece em dois textos citados no Capítulo I – “Émile Benveniste (1902-1976)”, de Georges Redard (2012/2014), e “Le prénom et ses marges: d’Ezra à Émile”, de Irène Fenoglio (2016b); nenhum dos dois, aliás, historiadores.

Nesse sentido, Gérard Dessons (2006, p. 36), em *Émile Benveniste, l'invention du discours*, afirma que “Benveniste deixou a imagem de um pesquisador independente, não pertencendo a nenhuma escola, tendo sobre a linguagem pontos de vista originais, inclusive até revolucionários”⁵. Como aponta o autor, essa imagem de Benveniste (que curiosamente o aproxima daquela que ele mesmo esboça de Ferdinand de Saussure no artigo “Saussure após meio século”) não deveria, porém, forçar a comparação entre ambos e “encerrar o autor dos *Problemas de linguística geral* na imagem romântica de um pensador solitário”, na medida em que, “se seus trabalhos são incontestavelmente originais, *não se pode, todavia, dissociá-los de seu contexto histórico, principalmente do movimento estruturalista* que, desde o início do século XX, renovou profundamente as concepções da linguística e, mais amplamente, do conjunto das ciências humanas” (DESSONS, 2006, p. 36, grifos meus). Por isso, no início de sua discussão (mais especificamente, na parte intitulada “Le fil d’Ariane de la sémantique” [“O fio de Ariadne da semântica”]), Dessons se preocupa em situar o pensamento do linguista, mostrando seu percurso (no caso, sua carreira), através de filiações teóricas e institucionais, no comparatismo e na linguística geral, assim como sua posição – uma posição crítica – no estruturalismo⁶.

Por sua vez, em *Le périple structural*⁷, Jean-Claude Milner (2002/2008, p. 7, tradução minha) procura “dar uma ideia mais exata e melhor fundamentada daquilo que se chamou o estruturalismo”. Em suas palavras iniciais, Milner assinala que os textos reunidos nessa obra não se centram no movimento de *doxa* (discutido, com profundidade e seriedade, sobretudo por Gilles Deleuze⁸), mas, em especial, no programa de pesquisas estruturalista⁹. O autor objetiva, nessa reflexão, “restituir o programa de pesquisas específico do estruturalismo e

⁵ Todas as passagens retiradas dessa obra são traduções minhas. Aliás, a propósito das citações desta tese, esclareço que: 1) todas as obras consultadas apenas em francês são referidas no original, e suas citações são traduzidas por mim, o que indico sistematicamente (lembro que essas obras constam nas Referências Bibliográficas deste trabalho, o que permite que o leitor consulte o texto diretamente em francês); 2) as obras consultadas em francês e em sua tradução para o português são citadas conforme a tradução utilizada; 3) quando há uma discordância em relação a uma determinada tradução, apresento minha tradução no corpo do texto e, em nota, o trecho em questão no original acompanhado de sua tradução brasileira.

⁶ Para Dessons (2006, p. 37), “o problema [da relação de Benveniste com o estruturalismo] é explicitamente tratado” pelo linguista em seis artigos dos *Problemas*. Trata-se dos textos da primeira parte, *Transformações da linguística*, dos dois volumes, além do texto “‘Estrutura’ em linguística” do primeiro volume.

⁷ Obra que apresenta os dois estudos anteriormente citados, Milner (2002/2008).

⁸ Milner (2002/2008) não refere especificamente nenhuma obra de Deleuze. Remeto, no entanto, ao texto “A quoi reconnaît-on le structuralisme?”, publicado em 1972.

⁹ Trata-se, conforme o autor, de “duas entidades essencialmente diferentes” reunidas costumeiramente sob o nome de estruturalismo (MILNER, 2002/2008, p. 7, tradução minha). A primeira – o movimento de *doxa* –, através de suas ideias, caracteriza intelectualmente o período e se desenvolve dos anos 60 até a metade dos anos 70. Dela participam nomes ligados ou não ao programa de pesquisas. A segunda – o programa de pesquisas – se caracteriza por um certo número de hipóteses e de proposições que se estendem do final dos anos 20 ao final dos anos 60.

singularmente sua posição distintiva a respeito da ciência” (MILNER, 2002/2008, p. 8, tradução minha). Para tanto, decide considerar “as singularidades dos sujeitos que fizeram o programa existir”, uma vez que, insiste o autor, “é preciso ter consciência disto: o programa de pesquisas estruturalista não preexistia aos sujeitos; eles não o encontraram, mas propriamente o inventaram, por uma decisão a cada vez singular” (MILNER, 2002/2008, p. 8, tradução minha).

Desse modo, Milner organiza a obra em duas partes. Na primeira, intitulada “Les figures” [“As figuras”], se detém em alguns nomes, buscando situar o pensamento dessas figuras através do percurso particular de cada uma delas. Nessa parte, o autor circula em torno de Ferdinand de Saussure, Georges Dumézil, Émile Benveniste, Roland Barthes, Roman Jakobson, Jacques Lacan e Michel Foucault; uma constelação de sujeitos cuja singularidade se configura a partir do entrecruzamento de aspectos relativos tanto à vida e à bibliografia quanto às ideias de cada um.

Aliás, a propósito dos dados históricos, salientando que seu ponto de vista “não é o de um historiador” (MILNER, 2002/2008, p. 10, tradução minha), Milner remete às obras de Dosse (sobre o estruturalismo) e de Roudinesco (sobre a psicanálise), anteriormente citadas, para uma eventual confirmação ou refutação de sua apresentação. Com isso, apesar da importância da história em sua reflexão, Milner observa que não faz um estudo histórico; o que, afinal, se confirma, uma vez que os dados históricos são mobilizados em função da teoria e de sua discussão e não em função da história em si.

Por fim, na segunda parte da obra, intitulada “Le paradigme” [“O paradigma”], o autor propõe uma tentativa de síntese do que considera “um paradigma científico coerente e unitário” (MILNER, 2002/2008, p. 9, tradução minha) a partir da análise que faz das figuras apresentadas.

Daí resulta o *périple estrutural* de Milner, pois, partindo da ideia de périplo – uma “navegação de exploração em torno de um mar, um continente, percorrendo sua costa”¹⁰ –, o autor, metaforicamente, faz uma navegação de exploração em torno do estruturalismo, percorrendo, nesse caso, as singularidades que o constituem para, logo, chegar a seu paradigma científico específico.

Este trabalho se inscreve, assim, nessa perspectiva que não é a do historiador e na qual a história (pelo viés da historicidade) não se configura simplesmente em um pano de fundo,

¹⁰ Conforme a definição lexicográfica do verbete “*périple*” [périplo] no dicionário do Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales (CNRTL) (tradução minha).

mas é constitutiva de um modo de pensar, mostrando uma determinada singularidade; afinal, seguindo Meschonnic (1995, p. 17), acredito que “a teoria não é separável de sua história”.

Nesse sentido, além dos autores mencionados, Dessoins, de um lado, e Milner, de outro, me influenciam fortemente, na medida em que também procuro situar o pensamento de Benveniste, trazendo, através de sua vida e obra, seu percurso particular. Ao longo dessa reflexão (que se desenvolve sobretudo nos dois primeiros capítulos deste trabalho), refiro sistematicamente os textos consultados sobre a vida e a produção de Benveniste.

Faço isso, insisto, não para recuperar as condições de produção de seu discurso¹¹, mas para reconstituir as *condições de enunciação* de seu pensamento. Essas condições, para mim, concentram os diferentes aspectos que possibilitam a enunciação de um pensamento, marcando sua historicidade própria e mostrando, por conseguinte, sua singularidade; o que, por sua vez, contribui para o aprofundamento da discussão desse pensamento. Eis aqui, por conseguinte, o valor dessa composição vida-obra-teoria para o conjunto do presente trabalho: aprofundar a discussão das ideias de Benveniste.

Com isso, em relação à figura do linguista Émile Benveniste, proponho *mon périple à moi*: um périplo benvenistiano em torno do *Benveniste semiólogo*, percorrendo, então, sua reflexão semiológica; daí o título do trabalho – Um périplo benvenistiano: o *semiólogo* e a *semiologia da língua*.

Neste périplo benvenistiano, portanto, considerando o objeto de pesquisa – a *semiologia da língua* de Benveniste – e o problema de pesquisa assim formulado: *Como pode ser compreendida a semiologia da língua de Benveniste e qual é o efeito dessa reflexão semiológica do linguista sobre o lugar da linguagem nas ciências humanas?*, realizo um estudo teórico de discussão e análise de diferentes textos dos dois volumes de seus *Problemas de linguística geral*, tomados em relação a uma leitura de seus manuscritos estabelecidos geneticamente na publicação *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)* por Coquet e Fenoglio.

O trabalho se apresenta em três capítulos.

¹¹ Noção do campo da análise do discurso, as condições de produção do discurso se referem às representações imaginárias que os sujeitos têm das diversas instâncias do processo discursivo. Conforme Michel Pêcheux (1969/1997, p. 82, grifos do autor), “o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro”, assim como do referente, também construído discursivamente. Pêcheux acrescenta ainda que essas representações imaginárias “resultam, elas mesmas, de processos discursivos anteriores (provenientes de outras condições de produção) que deixaram de funcionar mas que deram nascimento a ‘tomadas de posição’ implícitas que asseguram a possibilidade do processo discursivo em foco” (PÊCHEUX, 1969/1997, p. 85, grifos do autor).

O primeiro capítulo, “Da figura e sua singularidade à questão semiológica”, se divide em quatro itens. No primeiro, apresento diferentes aspectos que explicam o imenso interesse que a figura – Émile Benveniste – desperta, o que me permite compreender um pouco mais a complexidade desse “linguista à parte”, conforme Dessons (2006, p. 16), além da diversidade e peculiaridade de sua reflexão sobre a linguagem, sempre centrada na questão da significação. No segundo item, mostro o porquê da escolha, dentro do *universo benvenistiano* proposto por Marlene Teixeira e Rosângela Messa (2015), pelo *Benveniste semiólogo*. Em seguida, no terceiro, estabeleço o objeto e o problema de pesquisa, detalhando ainda as hipóteses que o fundamentam. Por fim, no quarto item, defino quais textos do primeiro e do segundo volume dos *Problemas de linguística geral* de Benveniste, ao lado dos manuscritos de suas *Últimas aulas* (cuja particularidade editorial comento), formam o *corpus* textual de pesquisa e explico a metodologia de pesquisa utilizada.

O segundo capítulo, intitulado “Da figura e sua *problematização* de um campo à *problematização* de ‘Semiologia da língua’”, está dividido em dois itens. No primeiro, trato especificamente dos *Problemas de linguística geral* de Benveniste, apresentando e discutindo a composição da obra, as condições e os efeitos de sua publicação (sobretudo em relação ao primeiro volume), a partir de considerações do linguista, de seu editor e de antigos alunos, assim como de estudiosos de seu pensamento. O conjunto dessas considerações orienta meu olhar sobre a figura do linguista, seus *Problemas* e todo o contexto que envolve essa obra, o que me permite compreender o lugar de Benveniste tanto no campo da linguística quanto no campo das ciências humanas em geral nesses anos 60. No segundo item, buscando compreender no que consiste sua reflexão semiológica, apresento uma leitura que amplia e aprofunda meus questionamentos iniciais sobre o artigo “Semiologia da língua”, texto central do *corpus* de pesquisa. Essa *problematização* do artigo orienta e organiza, de certo modo, minha discussão no capítulo seguinte.

Por sua vez, o terceiro capítulo, “Do Labirinto da semiologia à *semiologia da língua*”, se divide em quatro itens. No primeiro item, apresento a análise de Benveniste das ideias de Charles Peirce e de Ferdinand de Saussure a propósito da noção de signo e da questão semiológica, mostrando de que modo o linguista se posiciona teoricamente em relação a esses dois pensadores. Busco, com isso, compreender de quem Benveniste se aproxima ou se afasta em sua reflexão envolvendo a semiologia e por quê. No segundo e terceiro itens do capítulo, de um ponto de vista linguístico e também semiológico, analiso a noção benvenistiana de língua e discuto, em especial, a noção de interpretância formulada pelo *Benveniste semiólogo*. Em seguida, no quarto e último item, examino o deslocamento proposto pelo linguista de uma

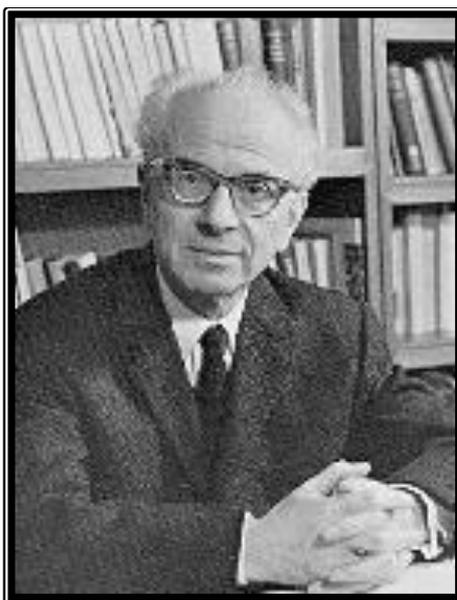
semiologia do signo para uma *semiologia da língua*. Toda a discussão desenvolvida neste capítulo me permite compreender, ao mesmo tempo, no que consiste sua reflexão semiológica e o efeito dessa reflexão semiológica sobre o lugar da linguagem nas ciências humanas.

CAPÍTULO I

DA FIGURA E SUA SINGULARIDADE À QUESTÃO SEMIOLÓGICA

Neste primeiro capítulo, detenho-me inicialmente na figura – Émile Benveniste –, em aspectos relativos a sua vida, obra e pensamento, que me permitem compreender sua complexidade, assim como a diversidade e a peculiaridade de sua reflexão sobre a linguagem. Ou seja, busco situar o pensamento do linguista para compreender, através de suas condições de enunciação, a singularidade de sua reflexão. Em seguida, apresento a noção de *universo benvenistiano* e, a partir da ideia de um *Benveniste semiólogo*, defino o objeto, o problema de pesquisa e as hipóteses deste trabalho a respeito de sua reflexão semiológica. Por fim, trato da questão metodológica, estabelecendo o *corpus* textual de pesquisa e a metodologia de pesquisa utilizada.

Ilustração 1 - Émile Benveniste (1902–1976)



Fonte: Société de Linguistique de Paris, 1975.

1.1 SOBRE ÉMILE BENVENISTE

“Émile Benveniste é um linguista à parte”, assim o define Gérard Dessons (2006, p. 16) em *Émile Benveniste, l’invention du discours*.

Nascido Ezra Benveniste em Alepo, na Síria, em 27 de maio de 1902, Benveniste pertence a uma família judia e é o segundo de três filhos¹². Seus pais, Matatias e Maria Benveniste, inspetores das escolas da Aliança Israelita Universal (AIU)¹³, o enviam, em 1913, a Paris para que siga seus estudos como interno em uma escola rabínica¹⁴. Benveniste tem, na época, apenas 11 anos. Em 1918, obtém o *Baccalauréat* – diploma que corresponde ao final do ensino secundário – e entra para o ensino superior na *École Pratique des Hautes Études* (EPHE)¹⁵. No ano seguinte, em 1919, sua mãe falece na Bulgária¹⁶, e seu pai e irmãos se juntam a ele em Paris. Em 1920, obtém seu diploma universitário em Letras¹⁷ e, em 1922, entra para a *École Nationale des Langues Orientales Vivantes*, obtém a *Agrégation* de gramática – concurso que o habilita para o ensino secundário e superior – e começa a lecionar no reputado colégio Sévigné¹⁸ em Paris. Benveniste deixa o nome de Ezra e passa a se chamar Émile ainda durante seus estudos universitários, o que se oficializa, definitivamente, quando de sua naturalização francesa, obtida em 9 de outubro de 1924¹⁹.

¹² Os dados aqui referidos a propósito da vida e da carreira de Benveniste provêm sobretudo do texto “Émile Benveniste (1902–1976)”, uma biobibliografia redigida por Georges Redard, seu amigo e também herdeiro, com a morte de Carmelia, irmã mais nova do linguista, em 1979. Esse texto, datado de 1977, não foi acabado pelo autor e teve sua primeira publicação no livro, organizado por Coquet e Fenoglio, *Últimas aulas*, de 2012. Para mais informações a respeito do percurso pessoal e profissional de Benveniste, conferir, em particular, Lazard (1978), Lejeune (1978), Bader (1978; 1999; 2009), Moïnfar (1992), Dosse (1992a; 1992b), Milner (2002/2008), Pinault (2013) e Fenoglio (2016b), obras igualmente consultadas para a composição vida-obra-teoria relativa a Benveniste.

¹³ Segundo Fenoglio (2016b), em “Le pré-nom et ses marges: d’Ezra à Émile”, a AIU é fundada em 1860 por um grupo de jovens israelitas franceses com a finalidade de, através da cultura e do ensino, lutar pela igualdade de direitos dos judeus, assim como de todas as minorias religiosas. Não se trata, portanto, de uma organização cujo foco é a questão da religião judaica. Nas escolas da AIU, aliás, o ensino é ministrado em francês e outras línguas são ensinadas: o hebraico, assim como as línguas dos países nos quais as escolas se encontram.

¹⁴ Na verdade, conforme Fenoglio (2016b), Matatias Benveniste se desdobra para ver seus dois filhos mais velhos na *École normale israélite* (que formava professores como ele), mas acaba conseguindo da AIU apenas uma bolsa de estudos para Benveniste no *Séminaire israélite de France*, instituição que, além de formar rabinos, também recebe alunos, internos ou não, do nível primário e secundário.

¹⁵ Como aponta Fenoglio (2016b), após a obtenção desse diploma, Benveniste decide cursar Letras e abandona o *Séminaire*, não iniciando, desse modo, a formação religiosa para rabino. Aliás, examinando a correspondência trocada entre a família, assim como entre seus pais e a AIU, a autora conclui que “Ezra-Émile não era religioso e, visivelmente, sua família também não” (FENOGLIO, 2016b, p. 359, tradução minha).

¹⁶ Ele não volta a vê-la depois de sua partida para França. Conforme Fenoglio (2016b), ao que tudo indica, Benveniste permanece cinco anos sem notícias de sua família, provavelmente entre 1914 e 1918, anos de guerra durante os quais a troca de correspondência era impossível.

¹⁷ Durante a faculdade, Benveniste aprecia especialmente o professor Joseph Vendryes (1875–1960), que o inicia, entre outras línguas, no estudo do céltico e orienta sua monografia *Les futurs et subjunctifs sigmatiques du latin archaïque* – seu primeiro trabalho impresso (já assinado Émile Benveniste e não Ezra) –, requisito para a obtenção de seu Diploma de Estudos Superiores.

¹⁸ Michel Bréal (1832–1915) figura como um dos fundadores, em 1880, do colégio Sévigné, primeiro estabelecimento privado de ensino secundário laico para meninas criado na França.

¹⁹ Sobre a passagem de Ezra a Émile, conferir a respeitosa, e bem documentada, reflexão de Fenoglio (2016b) em “Le pré-nom et ses marges: d’Ezra à Émile”. A autora mostra que “Émile nasce ao mesmo tempo que seu engajamento nos estudos linguísticos” (FENOGLIO, 2016b, p. 365, tradução minha) e que, desejando seguir uma carreira de pesquisador e de professor, era preciso a aprovação em concursos como a *Agrégation*, cuja inscrição exigia a obtenção prévia de sua *admission à domicile*, primeira etapa do processo de naturalização

Aluno de Antoine Meillet (1866–1936), tanto na EPHE quanto no Collège de France, Benveniste o sucede, em 1927, como professor titular de gramática comparada e iraniano na EPHE²⁰. Em 1935, torna-se Doutor em Letras e publica suas teses *Origines de la formation des noms en indo-européen* (obra dedicada a seu mestre Meillet) e *Les infinitifs avestiques*. Do mesmo modo, dez anos depois de sua entrada na EPHE, tendo substituído Meillet de 1934 a 1936, Benveniste é eleito, com seu falecimento, para sucedê-lo na cátedra de gramática comparada no Collège de France²¹. É como comparatista, portanto, que inicia sua longa e intensa carreira de professor no ensino superior; carreira interrompida apenas durante a Segunda Guerra Mundial, período no qual é preso, foge e vive clandestinamente na França, antes de se exilar na Suíça com a ajuda do amigo Jean de Menasce, especialista em civilização e línguas iranianas²².

Paralelamente à carreira de professor, Benveniste participa, com afinco, sobretudo de duas sociedades: a Société de Linguistique de Paris e a Société asiatique²³. À primeira, é apresentado por seus mestres Meillet e Vendryes já em 1920 e, ao longo dos anos, até 1969, nela desempenha diferentes atividades – é membro da comissão de finanças e membro do comitê de publicação, além de ser eleito secretário adjunto e, mais tarde, secretário, ou seja, é o responsável pela redação do *Bulletin*, como foram outrora sucessivamente Bréal (1866–

(obtida em 1921). Fenoglio observa que, para essa etapa, era aconselhado, na época, “afrancesar” os nomes, o que Benveniste já havia feito em seu diploma universitário. Por outro lado, Fenoglio sublinha que o francês era não apenas a língua falada na família Benveniste, mas ainda a língua que permitia a instrução de todos os familiares e da qual vivia a família (devido às atividades profissionais de seus pais). Ou seja, por suas origens e pelos frequentes deslocamentos de sua família, Benveniste sempre teve contato com o russo, o turco, o árabe e o hebraico, mas o francês é também, para o linguista, uma língua materna, língua falada tanto em casa quanto na escola. Assim, se o nome francês vem com a naturalização francesa, uma necessidade para ele, sua relação com a língua e cultura francesas vem desde a infância. Essas considerações tornam, aliás, sem sentido a denominação “linguista sírio” que lhe é frequentemente atribuída.

²⁰ Conforme Lejeune (1978, p. 51), Meillet deixa voluntariamente suas funções na EPHE em favor de Benveniste.

²¹ Função que ocupa, ativamente, até 1969 e, oficialmente, até 1972.

²² Acontecimentos ocorridos entre 1940 e 1944, ano da Liberação, quando Benveniste retorna a Paris e retoma seu trabalho no Collège de France. O linguista havia sido demitido do Collège de France em 1940, por seu colega Edmond Faral, “por pertencer à raça judia”, conforme os termos utilizados pelo governo de Vichy, dirigido por Pétain, que exclui os judeus da função pública” (FENOGLIO, 2016b, p. 368, tradução minha). Em seu retorno, descobre que o apartamento em que vivia havia sido pilhado e posteriormente ocupado, e que, embora seus amigos Louis Renou e Louis Robert tenham conseguido pôr em lugar seguro uma parte importante de seus livros, todos os seus trabalhos manuscritos haviam sido perdidos. Ainda durante o período da guerra, mais precisamente em 1942, seu irmão Henri, nascido Hillel um ano antes dele, é vítima da zizia do Velódromo de Inverno, um dos episódios mais sombrios e vergonhosos da história da França. Henri não tem a mesma sorte de Benveniste e acaba sendo deportado para Auschwitz, onde perde a vida.

²³ Benveniste faz igualmente parte de outras instituições acadêmicas, como, por exemplo: o Institut de France, a Académie des Inscriptions et Belles-Lettres e o Institut d’Études Iraniennes de l’Université de Paris. Cabe observar que Benveniste recebe o prêmio Alfred Dutens, em 1958, pelo já reconhecido conjunto de sua obra, da Académie des Inscriptions et Belles-Lettres; academia para a qual é eleito, em 1960, para a cadeira deixada vaga com o falecimento de seu mestre Vendryes. A esse respeito, Redard (2012/2014, p. 227) registra que “vários testemunhos concordantes permitem afirmar que Émile Benveniste se sentiu honrado por ter sido, nesse sentido, escolhido, e que essa honra foi para ele mais do que um sucesso na ordem temporal”.

1915), Meillet (1915–1936) e Vendryes (1937–1958), a quem substitui²⁴. À segunda, Benveniste é apresentado por Meillet e Jules Bloch em 1921. Dela também se torna secretário de 1928 a 1947, participa regularmente dos encontros e apresenta comunicações até 1961. A partir dessa data, continua a colaborar apenas com o *Journal Asiatique*, para o qual escreve inúmeros artigos e resenhas. O ano de 1961 marca ainda a participação de Benveniste, ao lado de Pierre Gourou e de Claude Lévi-Strauss, na criação e direção da revista francesa de antropologia *L’Homme*²⁵; e, a contar de 1964, com Berbérien, assume a direção da *Revue des Études Arméniennes*.

A propósito dos compromissos relacionados à participação de Benveniste nessas diferentes atividades, é importante assinalar sua imensa dedicação. As raras vezes em que falta a uma sessão da Société de Linguistique de Paris²⁶, por exemplo, o faz por conta do serviço militar, de viagens²⁷ ou, ainda, de seu estado de saúde. Aliás, sua saúde lhe impõe sérias restrições que são, para Benveniste, muito duras. Em 9 de dezembro de 1956, sofre um infarto considerado grave. Dele se recupera lenta e penosamente, como atestam diversos trechos de cartas suas: “A intensidade do ataque interrompeu todas as minhas atividades [...]. O mais penoso é a proibição de trabalhar. Estou pagando caro uma longa sobrecarga de trabalho” (13 de dezembro de 1956); “Trabalho um pouco, mas realmente pouco. [...] É todo um modo de vida que deve ser alterado” (25 de julho de 1957); “minha capacidade de trabalho se restaura lentamente [...]. Resta que minhas aulas ainda me cansam muito, e que as viagens permanecem excluídas” (13 de janeiro de 1959) (BENVENISTE apud REDARD, 2012/2014, p. 199-200).

Vale ainda pontuar que Benveniste abre, com a conferência intitulada “A distinção entre a semiótica e a semântica”, no ano de 1968, o *Primeiro Simpósio Internacional de Semiótica*, ocorrido em Varsóvia, na Polônia, de 25 de agosto a 1º de setembro²⁸. A esse respeito, Coquet e Fenoglio (2012/2014, p. 72, grifos dos autores) observam que Benveniste

²⁴ Em 1970, sua redação passa a ser responsabilidade de Michel Lejeune, assistido por Jean Perrot, seu secretário adjunto, e Benveniste é nomeado secretário honorário da Société de Linguistique. As datas referentes ao período de cada um de seus secretários são informadas na página oficial da Société de Linguistique de Paris (2017).

²⁵ Revista ligada ao Laboratório de Antropologia Social da EPHE e do Collège de France (PINAULT, 2013, p. 9). Dosse (1992b, p. 57) refere, todavia, o ano de 1960 e explica que, convidando Benveniste para a direção da revista, Lévi-Strauss busca apoio no estruturalismo linguístico para seu projeto antropológico.

²⁶ De 1920 a 1969, participou de 363 das 498 sessões realizadas.

²⁷ Viagens como a Poona – entre 1924 e 1925, como preceptor dos filhos de uma célebre família indiana, a família Tata – ou ao Alasca – nos anos de 1952 e 1953, com o intuito de estudar, em primeira mão, uma língua que não apresentasse as categorias com as quais estava habituado.

²⁸ Devido ao conturbado contexto político nos países do Leste Europeu, em função da Primavera de Praga, importantes linguistas, cuja participação estava prevista no programa do Simpósio, como o lituano Algirdas Julien Greimas (1917–1992) e o russo Roman Jakobson (1896–1982), decidem não se arriscar fazendo a viagem à Polônia.

havia registrado que trataria da “distinção entre *o* semiótico e *o* semântico” e que “a passagem para o masculino deveria bastar para que o ouvinte atento compreendesse que Benveniste pretendia abrir um novo campo”. O linguista, todavia, não altera o título de sua comunicação. Coquet e Fenoglio²⁹ mostram igualmente que Benveniste não pretendia, com sua pesquisa, uma ruptura com o pensamento de Ferdinand de Saussure (1857–1913), mas, ao contrário, “uma retomada de seu questionamento, assim reformulado nas notas preparatórias: ‘*Como uma língua significa?*’” (COQUET; FENOGLIO, 2012/2014, p. 72). Para os autores, Benveniste contava oferecer respostas a essa pergunta³⁰, cujo grifo marca sua insistência – de um lado, “era ‘o problema de Saussure, aquele que o obcecou a vida inteira e que configura toda sua linguística’” e, de outro, “pode-se pensar também que se tratava de um desafio maior para o próprio Benveniste”, uma vez que se restringir “apenas ao semiótico não era a resposta certa”, sendo “preciso ‘mostrar o caráter irreduzível da frase’, escreve ele, como já havia feito em Cambridge, em 1962³¹, e revelar a especificidade do discurso em relação à língua” (COQUET; FENOGLIO, 2012/2014, p. 72).

No ano seguinte, em 1969, Benveniste se torna o primeiro presidente da recém-criada Associação Internacional de Semiótica (International Association for Semiotic Studies), da qual é um dos fundadores, assim como aceita presidir o Círculo de Semiótica de Paris (Cercle de Sémiotique de Paris). Coquet, como apontam os autores em nota, assinala que Benveniste consente em ser o presidente do Círculo de Semiótica, deixando claro, porém, que “‘semiologia’ e ‘semiótica’ haviam adquirido para ele uma acepção técnica” (COQUET apud COQUET; FENOGLIO, 2012/2014, p. 71, nota 3)³², o que mostra, mais uma vez, que suas reflexões se centram na questão da significância³³ da língua.

Como o definem Coquet e Fenoglio (2012/2014, p. 69), ainda nas *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)*, este “antropólogo da linguagem” é um exímio conhecedor

²⁹ As citações com aspas simples a seguir correspondem aos trechos extraídos por Coquet e Fenoglio das notas manuscritas de Benveniste relativas à preparação do Simpósio.

³⁰ Mais adiante, no item 1.3 (Capítulo I), de um outro ponto de vista, porém, retomo essa questão.

³¹ Coquet e Fenoglio se referem aqui ao estudo “Os níveis da análise linguística”, apresentado, em 1962, no 9º Congresso Internacional de Linguística e publicado, pela primeira vez, em 1964.

³² Como Coquet e Fenoglio, Pinault (2013, p. 9) também salienta o engajamento do linguista na discussão semiológica de sua época. O autor refere o papel determinante de Benveniste na criação da revista *Semiotica*, com a qual colabora, com “Semiologia da língua”, em 1969, a sua participação na fundação do Círculo de Semiótica de Paris ao lado de Barthes, Lévi-Strauss e Greimas, assim como a organização de aulas de semiótica na EPHE.

³³ Benveniste (1969/1989, p. 52), no artigo “Semiologia da língua”, define a significância como a “propriedade de significar”. Conforme o linguista, a característica comum a todos os sistemas e o critério para que pertençam à semiologia se encontra em “sua propriedade de significar ou SIGNIFICÂNCIA, e [em] sua composição em unidades de significância, ou SIGNOS” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 52, grifos no original). Noção discutida, mais especificamente, no Capítulo III.

de línguas indo-europeias antigas, algumas inclusive pouco conhecidas – como, por exemplo, o tocariano, o hitita, o persa antigo, o avéstico, o osseta e o sogdiano –, um especialista em gramática comparada e um teórico inovador de linguística geral. Conforme os autores, trata-se de um linguista de muitas facetas: conhece-se a envergadura do *erudito*, cuja limpidez do estilo teórico se admira; começa-se a entrever as dimensões e orientações do *pesquisador*, que constrói, ao longo de seus inúmeros artigos, sua teoria e os conceitos que a fundamentam; ao passo que, com a publicação de suas últimas aulas no Collège de France, ocorridas entre os anos de 1968 e 1969, se desvela para o grande público o dinamismo e a firmeza do *professor*, também preocupado com a transmissão de seu pensamento, o que vários de seus ouvintes já haviam atestado (COQUET; FENOGLIO, 2012/2014, p. 69-70).

Por essas breves palavras, apreende-se um pouco a complexidade do homem que foi Benveniste. Tendo atravessado, desde muito cedo, diversas dificuldades – a infância longe da família, o exílio e as perdas impostas pela guerra, a sobrecarga de trabalho e a saúde comprometida –, Benveniste se mantém, sempre, perseverante e determinado em seus estudos e em seu trabalho, procurando atender, ao longo dos anos, às solicitações cada vez mais numerosas que lhe são endereçadas devido ao crescimento de sua reputação. Benveniste é, de fato, incansável; mas, a julgar por seus comentários, parece insatisfeito em relação ao que gostaria de realizar³⁴. Sobre uma fotografia sua, comenta em uma carta: “Não posso identificar exatamente este homem um pouco cansado àquele que, tal como me sinto, gostaria de ter uma nova vida para preenchê-la” (17 de outubro de 1954) (BENVENISTE apud REDARD, 2012/2014, p. 201). E, em outra, acerca de seu aniversário de sessenta anos, comenta ser “a ocasião de uma meditação solitária sobre o pouco realizado de tudo o que eu esperava fazer” (27 de maio de 1962) (BENVENISTE apud REDARD, 2012/2014, p. 201).

Sua obra, segundo Coquet e Fenoglio, trinta e seis anos³⁵ após seu desaparecimento em 3 de outubro de 1976, permanece uma referência para inúmeras pesquisas na França em linguística e também em outras áreas, em particular no campo das pesquisas sobre a enunciação, para as quais, aliás, se configura como um alicerce fundador desde os anos 70³⁶;

³⁴ Benveniste, entretanto, trabalha e publica enormemente. Mohammad Djafar Moïnfar (1975a) – em *Mélanges linguistiques offerts à Émile Benveniste* – organiza a lista bibliográfica mais completa conhecida do linguista. Nela constam 18 obras, 291 artigos, 300 resenhas e 34 comunicações na Société de Linguistique de Paris (FLORES, 2013, p. 14).

³⁵ Lembro que a publicação de Coquet e Fenoglio aqui referida data de 2012.

³⁶ Em decorrência da publicação, em 1970, de seu artigo “O aparelho formal da enunciação” no número 17 da prestigiada revista de linguística *Langages*. Essa revista, conforme Pinault (2013, p. 1), com tiragem trimestral, é criada em 1966 e tem, entre os organizadores de seus quatro primeiros números, Tzvetan Todorov (nº. 1), Oswald Ducrot (nº. 2) e Nicolas Ruwet (nº. 4), todos antigos alunos de Benveniste. O terceiro número é organizado por Algirdas Greimas e Jean Dubois (PINAULT, 2013, p. 1).

por outro lado, seus vastos estudos de comparatista, que permitiram sua entrada na EPHE e no Collège de France, são atualmente menos conhecidos (COQUET; FENOGLIO, 2012/2014, p. 67-68). Já, fora da França, os autores observam que a acolhida à obra do linguista – especialmente à teoria da enunciação – permanece contrastante, merecendo destaque sua recepção no Brasil e na Rússia (COQUET; FENOGLIO, 2012/2014, p. 68), ao passo que, conforme Brunet e Mahrer (2011b, p. 20), nos países anglo-saxões, a difusão de suas ideias é insignificante.

Buscando ainda determinar o lugar e a importância que lhe cabem, Coquet e Fenoglio salientam que Benveniste “segue uma linhagem ininterrupta de grandes figuras da linguística francesa e de suas instituições, desde sua renovação no último terço do século XIX” – entre os homens estão “Michel Bréal, Gaston Paris, Antoine Meillet, Joseph Vendryes, Marcel Cohen...”, e, entre as instituições, “o Collège de France, a École Pratique des Hautes Études e a Société linguistique de Paris” (COQUET; FENOGLIO, 2012/2014, p. 68).

A essa linhagem, Dessons (2006) acrescenta o mestre genebrino Ferdinand de Saussure – fundador da linguística. E é interessante lembrar, nesse sentido, que, na EPHE, se sucedem Bréal³⁷, Saussure³⁸, Meillet³⁹ e Benveniste⁴⁰, e, no Collège de France, Bréal⁴¹, Meillet⁴² e Benveniste⁴³. Saussure também deveria suceder Bréal no Collège de France, mas prefere deixar Paris e voltar, em 1891, para Genebra⁴⁴.

Dessons (2006, p. 27, grifos meus) observa também que, “embora a divisão de seu trabalho em um campo filológico e um campo generalista possa dar a impressão de duas atividades distintas, trata-se antes de dois momentos de *um mesmo projeto global, que*

³⁷ De 1880 a 1891.

³⁸ De 1881 a 1891. A esse respeito, conferir o texto de Benveniste (1964) intitulado “Ferdinand de Saussure à l’École des Hautes Études”.

³⁹ De 1889 a 1890, como suplente de Saussure, e, depois, de 1899/1900 a 1917.

⁴⁰ De 1927 a 1969.

⁴¹ De 1866 a 1905.

⁴² De 1906 a 1936.

⁴³ De 1934 a 1936, como suplente de Meillet, e, depois, de 1937 a 1972.

⁴⁴ Aliás, para Milner, essa linhagem de grandes figuras (Bréal, Saussure, Meillet e Benveniste) e de suas instituições (a EPHE e o Collège de France), com o apoio de publicações eruditas (especialmente o *Bulletin de la Société de Linguistique de Paris*), configura o movimento intelectual denominado École linguistique de Paris – “Excepcional por sua longevidade: durou quase um século; por sua coerência: pode-se traçar seu programa característico com algumas proposições articuladas; por sua amplitude: ele abarca o conjunto das línguas indo-europeias, consideradas sob múltiplos aspectos; por sua fecundidade: dele procede direta e indiretamente o que houve de mais interessante em matéria de formações simbólicas no século XX; por sua unidade de lugar: exceto o exílio genovês, tudo ocorre entre a École des hautes études, a Sorbonne e o Collège de France” (MILNER, 2002/2008, p. 61-62, tradução minha). Normand (1997, p. 1), no artigo “Lectures de Benveniste: quelques variantes sur un itinéraire balisé”, atribui a expressão *École de Paris* a Robert Gauthiot. Gauthiot (1876–1916), aluno de Meillet, escreve a primeira parte dos *Essais de grammaire sogdienne*, obra cuja finalização, após seu falecimento aos 40 anos, é confiada por Meillet a seu jovem e promissor discípulo, Benveniste (REDARD, 2012/2014, p. 207-208).

concebe a significação como ponto de vista fundamental sobre a linguagem”. O autor assinala que os trabalhos de Benveniste no campo da linguística geral não foram objeto de um tratado específico, mas consistem, na verdade, em uma série de estudos pontuais, publicados de 1939 a 1972, reunidos em dois volumes intitulados *Problemas de linguística geral*, o primeiro em 1966 e o segundo em 1974. As datas de publicação original dos diferentes artigos mostram, conforme Dessons, que a pesquisa generalista de Benveniste, assim como a elaboração de sua teoria da enunciação, são uma preocupação constante do linguista e se desenvolvem paralelamente a suas pesquisas comparatistas. E sublinha Dessons (2006, p. 27),

a referência sucessiva a Michel Bréal, Ferdinand de Saussure e Antoine Meillet no estudo “Estruturalismo e linguística” (1968), se é feita em nome da linguística comparada – dentro do contexto institucional da École des Hautes Études e do Collège de France –, constrói um paradigma teórico que faz da questão da significação o componente maior da filiação intelectual de Benveniste.

Por outro lado, Dessons (2006, p. 26) igualmente ressalta que

particularmente sugestivo, até mesmo perturbador, o pensamento de Benveniste se vê frequentemente atenuado e desnaturalizado pela vulgarização de sua teoria linguística reduzida apenas às análises das marcas formais de enunciação, em detrimento das considerações teóricas de ordem mais geral, cujo alcance revela, no entanto, uma concepção forte e original das relações entre a linguagem e o homem.

O autor reconhece, desse modo, a singularidade e o potencial das reflexões de Benveniste a respeito da linguagem e de sua relação com o homem – o viés antropológico de suas concepções –, ao mesmo tempo em que salienta a abordagem reducionista com a qual, muitas vezes, o pensamento do linguista é tratado.

A esse propósito, contudo, no artigo “O estudo dos pronomes em Benveniste e o projeto de uma ciência geral do homem”, Marlene Teixeira (2012a, p. 72) afirma que pensadores de outros campos, contemporâneos do linguista, como Paul Ricoeur (filósofo), Roland Barthes (crítico literário e semiólogo) e Jacques Lacan (psicanalista) “perceberam desde sempre que Benveniste não se ocupa apenas de aspectos avulsos de morfologia e sintaxe” e que, “sob a descrição linguística miúda e pormenorizada, estão colocadas questões de interesse muito mais amplo”. Posicionamento compartilhado, mais recentemente, em particular, por estudiosos como Claudine Normand (1989) e Valdir Flores (2013), além dos já mencionados Gérard Dessons (2006) e Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio (2012). Com efeito, a recepção da obra de Benveniste segue, nas palavras de Teixeira (2012a, p. 73), “um caminho pouco comum”, na medida em que, não tendo tido escuta entre os linguistas de sua

época⁴⁵, desde sempre encontrou espaço no âmbito das ciências humanas, daí o grande número de artigos do linguista publicados em revistas de psicologia ou filosofia, por exemplo⁴⁶.

Atualmente, no campo da linguística e dos estudos da linguagem, Benveniste parece ter encontrado seu lugar: inúmeros estudos, publicações e encontros têm sua obra como tema. A título de exemplo, cito os estudos de Gérard Dessons (2006) e Aya Ono (2007), na França, e de Valdir Flores (2013), no Brasil; a publicação das obras *Baudelaire* (2011), organizada por Chloé Laplantine, e *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)* (2012), organizada por Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio, com manuscritos inéditos do linguista, assim como dos livros *Relire Benveniste: réceptions actuelles des Problèmes de linguistique générale*, organizado por Émilie Brunet e Rudolf Mahrer (2011), e *Autour d'Émile Benveniste: Sur l'écriture* (2016)⁴⁷, organizado por Irène Fenoglio, com artigos diversos a respeito do pensamento de Benveniste; e, por fim, o *Colóquio Leituras de Émile Benveniste*, realizado em Porto Alegre, em 2004, o *Colloque International de Linguistique Énonciative*, realizado em Paris, em 2011, o *Colloque Émile Benveniste et la littérature*, realizado em Bayonne, em 2013, e o *Colloque Émile Benveniste 2016: 50 après les "Problèmes de linguistique générale"*, realizado em Paris, em 2016. Além da mais recente publicação, organizada por Chloé Laplantine e Georges-Jean Pinault, a antologia *Langues, cultures, religions* (2015), que traz textos de Benveniste de difícil acesso não publicados em suas outras antologias⁴⁸. Textos que, segundo os organizadores do livro, “dizem respeito a uma dimensão da obra [de Benveniste] que ultrapassa, ao mesmo tempo em que a integra, a estrita especialização linguística, uma vez que *esses trabalhos tratam da significação, da dimensão*

⁴⁵ François Dosse, nos dois volumes de sua *Histoire du structuralisme* (1992a; 1992b), observa que o fato de Benveniste lecionar apenas no Collège de France acaba por lhe conferir um certo isolamento no campo da linguística; “isolamento no qual estava confinado” até a publicação, em 1966, de seus *Problemas de linguística geral*, “obra que vai se tornar a grande referência do momento” (DOSSE, 1992a, p. 371, tradução minha). Apesar de todo o prestígio do Collège de France, nele não é possível, conforme Dosse, “fazer escola”, pois as equipes de pesquisa se encontram na Universidade. Nesse sentido, o autor mostra que, se, para Benveniste, o Collège de France representa “um esplêndido isolamento” (DOSSE, 1992b, p. 57, tradução minha), para seu colega, Claude Lévi-Strauss (responsável pelo Laboratório de Antropologia Social ligado ao CNRS, ao Collège e à EPHE), a entrada no Collège em 1960 “representa a consagração suprema” (DOSSE, 1992a, p. 223, tradução minha). Discuto, mais aprofundadamente, essa questão no Capítulo II.

⁴⁶ Mais adiante, no item 2.1 (Capítulo II), posiciono-me diferentemente em relação a essa questão.

⁴⁷ Essa obra apresenta dois manuscritos inéditos do linguista, provenientes do Acervo Benveniste do Collège de France, que se relacionam com sua reflexão sobre a escrita – “La traduction, la langue et l'intelligence” e “Singulier et pluriel”. O primeiro trata da questão da tradução, que supõe a escrita; o segundo trata da questão da numeração, que envolve a relação entre memorização da contagem e escrita (FENOGLIO, 2016a, p. 18-19).

⁴⁸ Ou seja, nos dois volumes dos *Problemas de linguística geral* (1966 e 1974), assim como em *Études sur la langue ossète* (1959), em *Hitite et indo-européen, études comparatives* (1962) e, postumamente, em *Études sogdiennes* (1979).

antropológica do discurso, das posições sociais dos locutores” (LAPLANTINE; PINAULT, 2015, p. XIII, grifos meus, tradução minha).

Por sua vez, Flores e Teixeira (2005), em *Introdução à linguística da enunciação*, apresentam, em linhas gerais, as relações entre o pensamento de Benveniste e de outros teóricos da enunciação com diferentes áreas do conhecimento – tais como literatura, filosofia, psicanálise, análise de discurso, patologia da linguagem, descrição linguística, linguagem e trabalho, texto –, mostrando a produtividade do campo da linguística da enunciação no Brasil. E autores como Henri Meschonnic (1982), Giorgio Agamben (1978/2005; 1998/2008), Dany-Robert Dufour (1990) e Eduardo Viveiros de Castro (1996) continuam atestando o interesse das ciências humanas por Benveniste⁴⁹.

“Linguista à parte”, para Dessons, “antropólogo da linguagem”, para Coquet e Fenoglio, Benveniste desperta, sem sombra de dúvida, um imenso interesse. Seja por suas diferentes facetas – a do erudito, do pesquisador e do professor –; seja por suas filiações teóricas e por seu percurso em importantes instituições acadêmicas; seja, ainda, pela peculiaridade e profundidade de suas reflexões sobre as línguas e a linguagem – reflexões essas, desde sempre pautadas em uma visão antropológica da linguagem, que, objetivando compreender *como a língua significa*, relacionam língua, homem, cultura e sociedade. Explica-se, assim, o crescente interesse pela teoria benvenistiana dentro e fora do campo da linguística; interesse esse que extrapola, é claro, um estudo restrito às formas linguísticas e que busca todo o transbordamento que o pensamento de Benveniste provoca.

Dessons, por outro lado, identifica uma outra característica própria a Benveniste – seu modo particular de pensar a linguagem, os objetos da linguística, através de *problemas*. Diz o autor,

Em Benveniste, a arte de pensar é inicialmente a arte do problema. O alcance disso é posto desde o título dos *Problemas de linguística geral*. O “Prefácio” explica que, se os estudos foram “apresentados aqui sob a denominação de ‘problemas’, é porque

⁴⁹ Henri Meschonnic (1982), teórico da linguagem, tradutor e teórico da tradução, se baseia fundamentalmente na reflexão de Benveniste sobre a noção de ritmo e as noções de semiótico e semântico por ele apresentadas para formular sua teoria do ritmo e sua poética. Já o filósofo Giorgio Agamben (1978; 1998), partindo das concepções do linguista sobre a linguagem e das noções de semiótico e semântico, desenvolve, de um lado, sua teoria da infância e, de outro, a noção de testemunho. Meschonnic e Agamben, aliás, se referem às ideias de Benveniste em vários outros de seus textos. Por sua vez, o também filósofo Dany-Robert Dufour (1990), a partir do estudo que Benveniste faz dos pronomes, sustenta que existe uma trindade natural imanente ao ato de falar. Finalmente, o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro (1996), também com base nos estudos benvenistianos sobre os pronomes, defende que as categorias de natureza e cultura diferem entre ameríndios e ocidentais. Aliás, a respeito do Brasil, Flores (2017a) se detém, em especial, nas teses de Dufour e de Agamben elaboradas a partir do pensamento de Benveniste, mostrando o modo como esses filósofos influenciaram uma leitura mais ampla do linguista no país.

trazem em seu conjunto e cada um isoladamente uma contribuição à grande problemática da linguagem” (“Prefácio”). A ideia é, antes de tudo, que os trabalhos apresentados não constituem construções de saberes, mas atos de investigação em um domínio em que a linguagem não é uma positividade a ser conhecida de uma vez por todas, mas uma “problemática” a ser formulada indefinidamente e novamente a cada vez (DESSONS, 2006, p. 10, grifo do autor).

Conforme Dessons (2006, p. 10-12), pensar designa essa atividade intelectual que se define como a invenção simultânea de um objeto de pensamento e de uma *manière*⁵⁰, e a qualidade artística maior do pensamento pelo problema consiste menos na construção de uma problemática do que na *invenção de um problema*, na formulação de um problema ainda não postulado. Nesse sentido, nas ciências humanas, não são as respostas que importam, mas as questões, as perguntas, e o modo como são formuladas. Além disso, a questão, “se ela é um problema, não se trata mais apenas de uma interrogação, ela é – *quaesio* – uma pesquisa” (DESSONS, 2006, p. 12). Dessons (2006, p. 12, grifo do autor) acrescenta ainda que

O problema implica um sujeito ativo, que não está subjugado ao difícil, mas o “ataca” e, fazendo isso, transforma o desconhecido em conhecido. “Formular” pela primeira vez uma questão, e fazê-lo com “termos próprios”, é indissociar, na própria atividade de pensar, conceitualização e subjetivação. O pensamento, então, se identifica à escrita. E Benveniste *escreve*.

Como mostra o autor, esse “caráter *escrito* da teorização do linguista poderia contrariar os defensores de um estilo transparente fantasmado em estilo científico”⁵¹; no entanto, “essa qualidade de escrita valeu a Benveniste o estatuto – raro para um linguista – de artista”, o que é, por exemplo, reconhecido por Antoine Culioli, para quem cada artigo dos *Problemas de linguística geral* é uma obra de arte (DESSONS, 2006, p. 14)⁵².

Essa característica de Benveniste traz, segundo Dessons (2006, p. 15, grifo meu), porém, uma dificuldade específica: diante de um pensamento que mais se escreve do que se descreve⁵³, jamais se sabe se a dificuldade está do lado da escrita ou do lado da leitura; daí a

⁵⁰ Para Dessons (2006, p. 203-204), *manière* diz respeito a “essa especificidade da obra de arte, que leva a definir sua significação pela afirmação de sua dimensão subjetiva”. No texto “Les enjeux de la manière”, Dessons (1995) trata particularmente dessa noção.

⁵¹ Nessa perspectiva, Dessons opõe Chomsky e suas árvores a Benveniste e sua escrita.

⁵² Dessons se refere aqui às observações de Culioli a respeito de Benveniste em “Théorie du langage et théorie des langues”, texto de sua contribuição no colóquio *E. Benveniste aujourd’hui*, de 1983. Esse texto foi posteriormente republicado, em 1999, no segundo volume da antologia *Pour une linguistique de l’énonciation*, de Culioli.

⁵³ Como, aliás, o de Saussure, embora o mestre genebrino, contrariamente a Benveniste, tenha muito pouco publicado. Além do seu *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*, de 1879, Saussure publica em vida apenas artigos diversos. Todas essas publicações se encontram reunidas no *Recueil des publications scientifiques de Ferdinand de Saussure* (1922). Sua principal obra – a que funda a linguística –, o *Curso de linguística geral* (1916), organizada por Charles Bally e Charles-Albert Sechehaye,

importância de se *escutar* Benveniste. Em relação à linguagem por ele empregada, o autor observa que Benveniste não costuma empregar neologismos – embora procure estabelecer, com cuidado, sua terminologia – e que ele fundamenta sua teoria sobretudo a partir da linguagem comum e de noções não especializadas. Dessons chama a atenção, em particular, para o emprego do prefixo *re-*, que, em Benveniste, passa a ter um valor crítico. Assim, quando o linguista diz que “a linguagem *re-produz* a realidade” (BENVENISTE apud DESSONS, 2006., p. 13), ele remete, conforme Dessons, a dois valores diferentes: o de iteração e o de invenção, na medida em que “na linguagem, a repetição de uma sequência não é um redizer, mas uma nova contextualização”, ou seja, “na linguagem, a iteração é uma invenção” (DESSONS, 2006, p. 13-14).

Sobre seu método de trabalho, Dessons (2006, p. 16) o considera um modelo, pois associa “o sentido do rigor intelectual e o gosto do risco teórico”. Para o autor, os trabalhos de Benveniste no campo da linguística geral provocaram uma certa mudança na paisagem das ciências humanas, mas suas ideias, relacionando mutuamente linguagem, sociedade e subjetividade, admiravelmente lúcidas, apenas começam a ser consideradas em toda a sua pertinência (DESSONS, 2006, p. 16).

Nessa mesma perspectiva, em *La notion d'énonciation chez Émile Benveniste*⁵⁴, Ono (2007) retoma as considerações de Roland Barthes (1966), de um lado, e de Jean-Louis Chiss e Christian Puech (1999), de outro, para falar do “estilo” de Benveniste.

A autora salienta que, quando da publicação do primeiro volume dos *Problemas de linguística geral*, em 1966, Barthes escreve uma resenha do livro⁵⁵, na qual afirma

Os livros de saber, de pesquisa, possuem também seu “estilo”. Este é de uma grande classe. Há uma beleza, uma experiência do intelecto, que confere à obra de certos eruditos esse tipo de *clareza inesgotável*, do qual são igualmente feitas as grandes obras literárias. Tudo está claro no livro de Benveniste, tudo pode nele ser reconhecido imediatamente como verdadeiro; e, no entanto, também tudo nele não faz que começar (BARTHES apud ONO, 2007, p. 15, grifos do autor).

Conforme Ono, Barthes é um dos primeiros críticos que observam a originalidade da linguística de Benveniste e mostram seu impacto sobre seus contemporâneos.

assim como seus *Escritos de linguística geral* (2002), cuja organização concerne a Simon Bouquet e Rudolf Engler, são publicações póstumas.

⁵⁴ Todas as passagens retiradas dessa obra são traduções minhas.

⁵⁵ Texto inicialmente publicado em *La Quinzaine littéraire*, e, depois, na antologia *Le bruissement de la langue* (1984) com o título “Pourquoi j’aime Benveniste”, assim como a resenha de Barthes, datada de 1974, correspondente à publicação do segundo volume dos *Problemas de linguística geral*. Todas as passagens retiradas dessa antologia são traduções minhas.

É interessante assinalar que Barthes, como também o faz Dessons (2006), atribui a Benveniste – a seu modo de pensar, sua escrita – uma dimensão artística. Para o semiólogo, o linguista “escreve silenciosamente” como “tocam os maiores músicos” (BARTHES, 1984, p. 210).

Por outro lado, Barthes (1984, p. 207) acrescenta que

Benveniste tem a coragem de situar deliberadamente a linguística no princípio de um movimento muito amplo e de aí já perceber o desenvolvimento futuro de uma verdadeira ciência da cultura, na medida em que a cultura é essencialmente linguagem; ele não hesita em marcar o nascimento de uma nova objetividade, imposta ao erudito pela natureza simbólica dos fenômenos culturais; longe de abandonar a língua no patamar da sociedade, como se ela não passasse de um instrumento desta, ele afirma, com esperança, que “é a sociedade que começa a se reconhecer como língua”. Ora, é capital para todo um conjunto de pesquisas e de revoluções que um linguista tão rigoroso como Benveniste esteja, ele mesmo, consciente dos poderes de sua disciplina, e que, recusando-se a dela se constituir o proprietário, reconheça nela o germe de uma nova configuração das ciências humanas.

Com isso, Barthes (1984, p. 205) mostra que o pensamento de Benveniste não se reduz ao linguístico, mas, pelo contrário, se configura em um “projeto antropológico”, relacionando linguagem, sociedade e cultura, do qual a linguística é o ponto de partida⁵⁶. Tal projeto, segundo Barthes, confere, portanto, à linguística um estatuto bastante significativo, pois é a linguística – ou melhor, a linguística de Benveniste, centrada na noção de enunciação, resolvendo “uma velha antinomia mal liquidada: a do subjetivo e do objetivo, do indivíduo e da sociedade, da ciência e do discurso” (BARTHES, 1984, p. 207) – que tem a capacidade de promover uma reconfiguração das ciências humanas⁵⁷. Vale ainda observar que o semiólogo reconhece o lugar essencial da significação nas reflexões do linguista: “é sempre do ponto de vista do sentido que Benveniste interroga a linguagem” (BARTHES, 1984, p. 206).

Ono igualmente mostra que Chiss e Puech, em *Le Langage et ses disciplines*, um pouco mais de três décadas depois de Barthes, em 1999, “mencionam a existência de um ‘estilo’ de pensamento próprio a Benveniste e assinalam que esse estilo se caracteriza por uma

⁵⁶ Dessons (2006) e Coquet e Fenoglio (2012), como mostrado, retomam essa visão antropológica de Benveniste referida por Barthes. Por sua vez, Flores (2017a) aponta que, além de Dessons e de Coquet e Fenoglio, Meschonnic (1982) igualmente salienta uma antropologia da linguagem em Benveniste. Para Flores, há, em Benveniste, “uma espécie de tríade epistemológica que funda uma antropologia: homem, linguagem e cultura”; tríade essa “mobilizada em todas as suas análises da linguagem, sejam comparativistas, de linguística geral ou as da enunciação”, o que, por outro lado, suas “*Últimas aulas* não fazem mais do que destacar” (FLORES, 2017a, p. 87). Com isso, Flores (2017a, p. 88) defende que “Benveniste possibilita ancorar uma linguística verdadeiramente preocupada com as formas da presença do homem [como ser falante] na língua; uma presença inventiva que não poderia ser desvinculada da noção de cultura”. Essa linguística é, desse modo, conforme Flores (2017a, p. 88), “uma antropologia da linguagem que implica uma antropologia da enunciação”.

⁵⁷ Reformulo essa ideia de Barthes em minha segunda hipótese (cf. o item 1.3 (Capítulo I)).

capacidade pouco comum de *recolocar* em questão aquilo que passa como evidências”, através de sua “singular aptidão para *problematizar* os fenômenos linguísticos” (ONO, 2007, p. 16, grifos da autora). É possível, desse modo, aproximar tais considerações de Chiss e Puech daquilo que, em 2006, afirma Dessons a respeito do modo particular como o linguista pensa a linguagem – por meio de *problemas*.

Nesse sentido, conforme Ono (2007, p. 16, grifo da autora), um pensamento como o de Benveniste “não pode mais passar por unívoco nem sofrer redução”; tal pensamento convoca preferentemente “uma *releitura crítica e aberta*” com a finalidade de buscar o que Barthes denomina “o *implícito* do texto benvenistiano”, embora, ao mesmo tempo, tudo nele esteja claro.

Ono (2007, p. 16, grifo da autora) conclui, por fim, afirmando que o “comentário de Barthes – ‘tudo em Benveniste não faz que começar’ – permanece válido” e que as “proposições sobre a obra de Benveniste conduzem os leitores de hoje a se perguntar se Benveniste foi suficientemente lido e *relido*, para que esse implícito possa emergir, deixando que se veja um novo horizonte”.

Tais considerações – de Dessons, de um lado, e de Barthes, Chiss e Puech, retomadas por Ono, de outro – despertam, mais uma vez, um imenso interesse por Benveniste. Seja por esses autores mostrarem o modo como Benveniste pensa – seu estilo peculiar –, *problematizando* os objetos linguísticos; seja por discutirem a dimensão artística de sua escrita; seja por evidenciarem o viés antropológico de seu pensamento e sua influência nas ciências humanas; seja, enfim, por concordarem que as ideias do linguista sobre a linguagem – centradas na questão da significação – ainda não foram tratadas em toda a sua potencialidade e pertinência.

Todos esses aspectos, é claro, me mobilizam enormemente. Neste momento, no entanto, gostaria de voltar ao final dos anos 60, mais precisamente ao período compreendido entre 1967 e 1969.

Laplantine, no artigo “La poétique d’Émile Benveniste: Benveniste et les ‘correspondances’”, assinala que, ao longo de 1967, o linguista escreve “uma poética de Baudelaire” que transforma, segundo a autora, toda a teoria da linguagem, na medida em que essa poética implica “uma *conversão do ponto de vista*” (LAPLANTINE, 2011a, p. 72, grifos da autora, tradução minha). Conforme Laplantine, ao que parece, Benveniste pretende publicar essa reflexão em um artigo, na revista *Langages*, intitulado “La langue de

Baudelaire”⁵⁸. Esse texto, porém, não é publicado, e, da poética, resta somente um conjunto de manuscritos com 370 folhas⁵⁹, cuja extensão e leitura indicam, nas palavras da autora, que “esse trabalho ultrapassava o simples projeto de um artigo” (LAPLANTINE, 2011a, p. 72, tradução minha).

Esses manuscritos são organizados e transcritos pela própria Laplantine, sendo publicados, em 2011, com o título *Baudelaire*⁶⁰. Nessa obra, a autora apresenta ainda uma reflexão sobre o pensamento de Benveniste e, em especial, uma reflexão sobre as ideias do linguista acerca da língua de Baudelaire ou, mais precisamente, acerca da linguagem poética⁶¹.

Por sua vez, segundo Fenoglio (2013a), em “Éléments pour une genèse de la notion d’énonciation chez Benveniste: Ce que dévoilent les manuscrits”, 1968 e 1969 se caracterizam por uma intensa atividade do linguista. A autora mostra que, nesses dois anos, todos os gêneros de pesquisa e de escrita se encontram presentes, uma vez que

⁵⁸ A esse respeito, Laplantine observa que, no Acervo Benveniste do Collège de France, se encontra um manuscrito, datado, aparentemente, do início de 1967, cujo título é “Articles promis” [“Artigos prometidos”]. Trata-se de uma lista de artigos com, por vezes, a indicação de um prazo, variando de junho de 1967 até janeiro de 1968. Nessa lista, consta a anotação “Langages/(La langue de Baudelaire)” que, para a autora, corresponde ao que seria uma contribuição para o número 12 da revista *Langages*, organizado por Barthes com o título “Linguistique et littérature”, publicado em 1968 (LAPLANTINE, 2011a, p. 72, nota 3).

⁵⁹ Trata-se, na verdade, de um conjunto de notas preparatórias e não do manuscrito de um texto destinado à publicação. Esse conjunto de notas é também conhecido como *Dossier Baudelaire*.

⁶⁰ Fenoglio (2012a), em “Benveniste auteur d’une recherche inachevée sur ‘le discours poétique’ et non d’un ‘Baudelaire’”, é bastante crítica em relação à escolha desse título – *Baudelaire* – e, também, ao modo como esses manuscritos foram estabelecidos (através de uma transcrição linear e não diplomática) e considerados, do ponto de vista genético, por Laplantine. Fenoglio insiste que, nesse estudo, Benveniste não tem como objeto Baudelaire – como o título permite pensar –, mas sim o discurso poético, uma vez que, “analisando – como linguista – uma língua de um poeta, Benveniste busca descobrir as propriedades do discurso poético” (FENOGLIO, 2012a, p. 32, grifos da autora, tradução minha). Para Fenoglio (2012a, p. 32), a contribuição de uma volta a esses manuscritos está, de fato, em se recolocar essa pesquisa inacabada na economia geral dos trabalhos de Benveniste e no conjunto de seus arquivos e de seus hábitos de trabalho. Aliás, a respeito dos hábitos de trabalho do linguista, conferir, por exemplo, Fenoglio (2009; 2011). Por outro lado, apenas como um registro, ou seja, uma descrição genética dos documentos do acervo, em “Émile Benveniste – Notes manuscrites sur ‘l’axiologie’”, a autora igualmente aponta que esses manuscritos se encontram em uma pasta sobre a qual está escrito, do punho de Benveniste, “Baudelaire” (FENOGLIO, 2012b, p. 157). Esse fato, claro, não autoriza Laplantine a fazer dessa anotação o título de um livro atribuído a Benveniste, na medida em que, conforme Fenoglio (2012a), tanto a inscrição “Langages/(La langue de Baudelaire)” na lista de artigos prometidos quanto a inscrição “Baudelaire” na pasta dos manuscritos designam metonimicamente um estudo sobre o discurso poético a partir do estilo de Baudelaire ou da língua de Baudelaire. Aproveito, por fim, e esclareço que a transcrição diplomática de um manuscrito se configura em uma reprodução datilográfica que transcreve todos os elementos do documento original, respeitando fielmente a topografia da página original, o que não acontece em uma transcrição linearizada, que não considera a topografia da página. Lembro que os editores de *Baudelaire* esclarecem, em nota, que optaram pela transcrição linear por uma questão de legibilidade e que, para eles, a reprodução em imagem que fazem dos originais constitui uma fonte de informação tão confiável quanto uma transcrição diplomática. Essa transcrição é apresentada na tese de Laplantine (2008), intitulada *Émile Benveniste, poétique de la théorie*.

⁶¹ Reflexões aprofundadas em Laplantine (2008; 2011a; 2011b). No Brasil, é importante referir a tese de doutorado de Sabrina Vier sobre o *Dossier Baudelaire* (2016a), além de um estudo da autora sobre a relação de Benveniste com a literatura (2016b).

o *teórico* escreve e publica “Semiologia da língua”, artigo no qual explicita o conceito pivô do par “semiótico/semântico”, e escreve “O aparelho formal da enunciação”; o *pesquisador* dá seguimento às elucidações teóricas de sua concepção do sentido na linguagem e as expõe no *Primeiro simpósio de semiótica*, que ocorre em Varsóvia. Enfim, o *professor* transmite, em suas aulas no Collège de France, seus saberes de erudito, os problemas teóricos do pesquisador a respeito dos quais desenvolve domínios cujos resultados se encontram em curso de estabilização na forma de artigo (FENOGLIO, 2013a, p. 45, grifos da autora, tradução minha).

Os manuscritos relativos às aulas de Benveniste no Collège de France são organizados e estabelecidos por Coquet e Fenoglio graças a diferentes fontes – as próprias notas preparatórias do linguista e as notas de três de seus ouvintes, Jean-Claude Coquet, Jacqueline Authier-Revuz e Claudine Normand; ouvintes, aliás, que também se tornaram linguistas de renome.

Resulta desse trabalho o livro, antes referido, *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)*, publicado em 2012 na França, que apresenta as últimas reflexões de Benveniste sobre duas problemáticas específicas – a da semiologia e a da escrita –, além de dois anexos: a biobibliografia do linguista escrita por Georges Redard, texto inacabado sobre a vida pessoal e profissional do linguista, e uma descrição do Acervo Benveniste da Bibliothèque nationale de France (BNF) realizada por Émilie Brunet. É importante salientar que suas reflexões sobre a escrita são totalmente inéditas, pois não se encontram em nenhum outro artigo publicado do linguista⁶².

As *Últimas aulas* se dividem em três capítulos: o primeiro e o segundo correspondem ao ano letivo de 1968-1969 e tratam, respectivamente, da questão da semiologia e da escrita; o terceiro corresponde à primeira aula do ano letivo seguinte, 1969-1970, e continua tratando da semiologia⁶³.

Infelizmente, essa primeira aula, ocorrida em uma segunda-feira, no dia 1º de dezembro de 1969, é também a última aula proferida por Benveniste no Collège de France relacionada ao que o linguista denomina “Problemas de linguística geral”⁶⁴. Cinco dias depois, em 6 de dezembro, Benveniste sofre um acidente vascular cerebral que o paralisa e o deixa afásico, enclausurando-o e silenciando sua voz.

⁶² Consultando o *Annuaire du Collège de France* de 1969, Fenoglio mostra que Benveniste anuncia, no resumo de suas aulas de 1968-1969, que sua reflexão sobre a escrita desenvolvida nessas aulas será, em breve, publicada na revista *Semiotica* (FENOGLIO, 2016a, p. 12-13), o que, infelizmente, não acontece. Laplantine, por outro lado, discorda do ineditismo conferido, por Coquet e Fenoglio, à questão da escrita nas *Últimas aulas* (cf., a esse respeito, a nota 98).

⁶³ Trato, mais detalhadamente, da organização e composição desses capítulos no item 1.4 (Capítulo I).

⁶⁴ Como mostro no item 2.1 (Capítulo II), Benveniste ministra dois cursos com temas distintos no Collège de France; um às segundas, outro às terças.

A partir desse momento, inicia-se um longo período de precariedade⁶⁵ e de sofrimento, durante o qual alguns poucos amigos constantes, como Jean de Menasce, e sua irmã, Carmelia, o acompanham. Sobre seu estado, “Roman Jakobson salienta, após uma visita, que a afasia é de expressão”, o que faz, por conseguinte, que o linguista mantenha a faculdade de percepção (REDARD, 2012/2014, p. 203). Vários relatos, aliás, atestam que Benveniste compreende o que lhe é dito e, embora escreva muito raramente e com muita dificuldade, a seu modo, se expressa⁶⁶:

Aquiessendo com a cabeça, desaprovando com um grande gesto, ele escuta com atenção, o semblante alegre ou sombrio conforme as novidades que lhe são trazidas. Cada carta é para ele uma alegria, ele sorri ou, até mesmo, ri abertamente das brincadeiras; ele questiona com os olhos, que ficaram opacos, com os quais deve dizer tudo, e que ficam marejados de desesperança quando não consegue se fazer compreender (REDARD, 2012/2014, p. 203).

O linguista é, muitas vezes, transferido de hospital até que, em 10 de maio de 1976, é finalmente internado em um local onde recebe um tratamento adequado – a casa de saúde Claire-Demeure em Versalhes. Pouco tempo depois, em 3 de outubro, Benveniste falece em decorrência de uma embolia pulmonar, sendo enterrado no cemitério Gonards, localizado de frente à Claire-Demeure.

⁶⁵ A esse respeito, no texto “Émile Benveniste, o destino de um erudito”, posfácio das *Últimas aulas*, encontra-se um impressionante depoimento de Tzvetan Todorov (2012/2014, p. 249):

O último período, de 1969-1976, é o de sua internação por causa da doença. Ao que eu já sabia, acrescentam-se algumas informações pouco elogiosas em relação ao sistema hospitalar francês. Parece que, caso se tivesse tido o trabalho, certa reeducação teria sido possível, sobretudo no decorrer do primeiro ano após o acidente; mas ela não foi realmente tentada. Por outro lado, as impressões que as sucessivas casas de saúde, onde ele ficou (nove ao todo), deixaram nos visitantes de Benveniste são deploráveis e indignas de um país tão rico quanto a França: vetustas, barulhentas, negligenciadas – e, no entanto, bem caras.

⁶⁶ Em sua biobibliografia de Benveniste, Redard (2012/2014) cita ainda, por exemplo, depoimentos de François Lhermite (médico que o tratou no Hospital Salpêtrière), Mohammad Djafar Moïnfar (um de seus visitantes mais fiéis) e Carmelia Benveniste, nesse sentido. Há também, no texto “‘partant de Benveniste’ en 1970... et en 2009” (uma entrevista de Serge Martin com Henri Meschonnic), o relato de uma visita que Meschonnic faz com Jean Lallot ao linguista, a pedido do próprio Benveniste, em 1976. Tido como “morto intelectualmente”, ao passo que “estava apenas afásico”, o linguista não recebia nada de mais ninguém, exceto de Meschonnic, que costumava lhe enviar, por admiração, seus livros (MESCHONNIC, 2009, p. 109, tradução minha). Nesse encontro, após uma conversa da qual Benveniste participa – “ele me apertava fortemente a mão [de Meschonnic] sempre que ficava contente com algo que dizíamos [Lallot e Meschonnic]” –, os três combinam de se rever todos os sábados [“On devait y retourner tous les samedis.”] (MESCHONNIC, 2009, p. 109, tradução minha); Benveniste, porém, falece oito dias depois.

Baudelaire e Últimas aulas trazem, portanto, seus últimos estudos (estudos, de um lado, sobre o discurso poético e, de outro, sobre a semiologia e a escrita, respectivamente). Estudos esses que datam do final dos anos 60 e são, em sua maioria, inéditos⁶⁷.

Em “La place du poème dans la théorie du discours”, a propósito dos manuscritos que, mais tarde, são reunidos em *Baudelaire*, Dessons (2009, p. 71, tradução minha) declara: “Esses manuscritos podem pretender ter o mesmo papel para a teoria da linguagem de Benveniste que os *Escritos de linguística geral*, publicados em 2002 por Rudolf Engler e Simon Bouquet, [tiveram] para a teoria de Saussure”. Ou seja, o autor sustenta que, em relação a Benveniste, pode ocorrer o mesmo que houve com Saussure – uma ampla retomada de suas ideias, devido à divulgação de manuscritos desconhecidos do linguista, provocando novas leituras de sua obra.

Dessons, nesse momento, se refere somente aos manuscritos de *Baudelaire*, mas, é claro, a mesma afirmação vale para o que é revelado nas *Últimas aulas* do pensamento de Benveniste. Aliás, é o que sustentam Sandrine Bédouret-Larraburu e Chloé Laplantine (2015, p. 18, tradução minha), organizadoras de *Émile Benveniste: vers une poétique générale*, em sua apresentação da obra⁶⁸: “Os manuscritos sobre a linguagem poética, assim como o volume das *Últimas aulas*, relançaram a atualidade de Benveniste”.

Muitos são, como demonstrado, os aspectos que despertam o interesse por Benveniste. São mesmo muitos e de diferentes ordens: suas diferentes facetas; suas filiações teóricas e seu percurso em importantes instituições acadêmicas; a peculiaridade e profundidade de suas reflexões sobre as línguas e a linguagem; seu estilo ou modo de pensar a linguagem através de problemas; a dimensão artística de sua escrita; o viés antropológico de seu pensamento e sua

⁶⁷ Fenoglio (2012b, p. 157, tradução minha), em “Émile Benveniste – Notes manuscrites sur ‘l’axiologie’”, apresenta outros manuscritos inéditos de Benveniste: os relativos ao estudo “A axiologia da linguagem”. Segundo a autora, essas notas, provavelmente datadas de 1968 e 1969, partem de um comentário do livro de Augusto Salazar-Bondy, *La Science appliquée à l’homme peut-elle se passer d’axiologie?*, publicado em 1968, e fazem parte de um projeto de artigo do linguista sobre o tema, conforme indicam anotações como “Primeira redação do artigo” ou “Para meu artigo (redação definitiva)” do próprio punho de Benveniste (FENOGLIO, 2012b, p. 157, tradução minha). Esses manuscritos e os referentes ao discurso poético foram reunidos quando de seu depósito na BNF, em 2004, e provinham de seu herdeiro, Georges Redard. Lembro que a obra *Autour d’Émile Benveniste*, de 2016, apresenta outros dois manuscritos inéditos do linguista – “La traduction, la langue et l’intelligence” e “Singulier et pluriel” –, ao que parece, não datados. Fenoglio (2016a, p. 18) mostra que Benveniste relaciona o primeiro a um texto de uma conferência em Genebra; enquanto o segundo se relaciona, para a autora, às aulas de terça do linguista no Collège de France, em 1939, sobre a categoria linguística do número (a esse respeito, inclusive, Fenoglio (apud BENVENISTE, 2016, p. 52, nota 1) remete ao artigo “Genèse d’un cours du mardi d’Émile Benveniste de 1939 au Collège de France: la catégorie linguistique du nombre”, de Mariarosaria Zinzi, ainda não publicado).

⁶⁸ Essa publicação reúne os trabalhos apresentados no *Colloque Émile Benveniste et la littérature*, realizado na Faculté de Bayonne, em abril de 2013.

influência nas ciências humanas; suas ideias sobre a linguagem, centradas na questão da significação, ainda não tratadas em toda sua potencialidade e pertinência.

Considero todos esses aspectos (que, por si só, justificam amplamente um estudo de seu pensamento), mas me detenho, especialmente, em um outro: no fato de as recentes publicações contendo manuscritos de Benveniste – *Baudelaire* e *Últimas aulas* – proporcionarem uma significativa redescoberta do linguista.

Aliás, é nesse sentido que, no último capítulo de sua *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*, intitulado “Atualidade em torno do trabalho de Émile Benveniste”, após uma breve apresentação dessas publicações, Flores (2013, p. 191-192) faz um apelo aos linguistas – “É tempo de reler Benveniste” –, uma vez que, para o autor, “muito há para ser entendido [...] a partir do que os manuscritos trazem se tomados em relação com o que se conhece dos *Problemas...*”.

Flores (2013, p. 180), nesse mesmo capítulo, ainda insiste que, “se articulados ao conjunto da obra benvenistiana [...], [esses trabalhos] sinalizam a formulação de uma teoria da linguagem em sentido amplo, na qual a enunciação tem indubitável lugar de destaque, mas que a transcende”. Ou seja, Flores, um profundo estudioso do linguista, tem a preocupação “de não reduzir o pensamento sobre a linguagem elaborado por Benveniste à teoria da enunciação”, o que “se deve a uma razão: a teoria da linguagem elaborada por Benveniste, embora inclua a teoria da enunciação, não se restringe a ela” (FLORES, 2013, p. 190).

Há, de fato, conforme aponta Flores, uma “teoria da linguagem de Benveniste”⁶⁹; teoria essa que envolve a reflexão do linguista presente tanto nos dois volumes de seus *Problemas de linguística geral* quanto em seus demais estudos (FLORES, 2013, p. 190). Nessa perspectiva, penso que é muito produtiva a ideia de um *universo benvenistiano*, proposta por Marlene Teixeira em um de seus últimos estudos, publicado em coautoria com Rosângela Messa⁷⁰; ideia essa que apresento no próximo item – “O *universo benvenistiano*”.

1.2 O UNIVERSO BENVENISTIANO

⁶⁹ Como mostro mais adiante (no item 2.1 do Capítulo II), a expressão “teoria da linguagem” não é estranha aos escritos de Benveniste. No “Prefácio” do primeiro volume dos *Problemas de linguística geral*, o linguista faz uso dela, assim como em seu capítulo 3 – “Saussure após meio século” (texto originalmente publicado em 1963), referindo-se aos estudos do campo da linguística.

⁷⁰ Uma primeira versão dessa reflexão a propósito da noção de *universo benvenistiano* se encontra em Rosário (2016).

Em “Émile Benveniste: uma semântica do homem que fala”, Teixeira e Messa (2015, p. 100) utilizam a expressão *universo benvenistiano* para se referirem ao conjunto do pensamento de Benveniste, salientando que “a multiplicidade de interesses que nele encontramos tem seu ponto de convergência na preocupação com a significação”⁷¹.

Segundo as autoras, essa preocupação se evidencia – no *Benveniste comparatista*, reconhecido especialista do campo da gramática comparada – sobretudo pelos estudos apresentados nas obras *Origine de la formation des noms en indo-européen* (1935), *Noms d’agent et noms d’action en indo-européen* (1948) e nos dois volumes de *O vocabulário das instituições indo-europeias* (1969), uma vez que neles Benveniste, afastando-se da escola comparatista clássica, não se centra apenas na descrição das formas linguísticas em si, mas busca descrevê-las com base em seu valor funcional, ou seja, seu sentido⁷². A esse respeito, aliás, Teixeira e Messa (2015, p. 101, grifos meus) trazem a seguinte observação de Lucien Tesnière: “Sente-se, por trás de cada um de seus raciocínios, uma *teoria geral da linguagem*, e constata-se com alegria que o comparatista não abafa nele o linguista”.

Para Teixeira e Messa, nos *Problemas de linguística geral*, surgem mais dois dos interesses que compõem esse *universo benvenistiano*: o interesse pelo campo da linguística geral e pelo campo enunciativo. Desse modo, tanto no primeiro quanto no segundo volume, identifica-se o *Benveniste linguista*, voltado para questões de linguística geral com o propósito de “introduzir o sentido no coração da análise linguística”, assim como o *Benveniste teórico da enunciação*, “que coloca para o linguista a necessidade de levar em conta a instanciação do sujeito na dinâmica do discurso”, fazendo com que um modo de significação seja indissociável de um modo de subjetivação (TEIXEIRA; MESSA, 2015, p. 101-102)⁷³.

⁷¹ Posição a propósito do pensamento de Benveniste em consonância com a de outros autores apresentados. Lembro, nesse sentido, as palavras já referidas de Barthes (1984, p. 206) – “é sempre do ponto de vista do sentido que Benveniste interroga a linguagem” – e de Dessons (2006, p. 27) – “a significação como ponto de vista fundamental [de Benveniste] sobre a linguagem” –, por exemplo.

⁷² Em “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística”, Benveniste (1963/1995, p. 23) salienta que, até as primeiras décadas do século XX, “a linguística consistia essencialmente numa genética das línguas”, fixando-se somente na evolução das formas. Por outro lado, com as ideias trazidas pelo *Curso* (sobretudo o princípio de que “a língua forma um *sistema*” (BENVENISTE, 1963/1995, p. 22, grifos do autor)), Benveniste (1995, p. 23, grifos do autor) acrescenta que: “A noção positivista do *fato* linguístico é substituída pela de *relação*. Ao invés de considerar-se cada elemento em si e de procurar-se a sua ‘causa’ num estado mais antigo, encara-se cada elemento como parte de um conjunto sincrônico; o ‘atomismo’ dá lugar ao ‘estruturalismo’”.

⁷³ A título de exemplo, as autoras citam os artigos “Os níveis da análise linguística” (1962/1964) e “O aparelho formal da enunciação” (1970), respectivamente, como emblemáticos dessas duas outras facetas do linguista; além de salientar que as reflexões que levam a uma teoria da enunciação estão reunidas sobretudo nas Partes intituladas “A comunicação” e “O homem na língua” dos dois volumes. Aliás, nesse sentido, no artigo “Les termes de l’énonciation chez Benveniste”, Normand (1986) defende que são, principalmente, os textos dessas partes que, desde os anos 70, fazem de Benveniste uma referência no campo das pesquisas sobre a enunciação. Por outro lado, recuperando uma avaliação de Flores (2013), Teixeira e Messa afirmam que, diferentemente do que ocorre em outros autores, não é possível dizer que Benveniste tenha tido a intenção de produzir uma teoria

Considerando, por sua vez, as publicações trazendo manuscritos inéditos do linguista – *Baudelaire e Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)* –, Teixeira e Messa reconhecem, mais fortemente, outros dois interesses presentes no *universo benvenistiano*: o interesse pelo campo da literatura e pelo campo da semiologia.

Ora, conforme as autoras, o envolvimento do linguista com o literário não se configura em uma novidade para o estudioso atento à obra, e também à vida, de Benveniste. Suas referências a escritores ou a passagens de textos literários são recorrentes. Teixeira e Messa mostram que esse interesse pode ser atestado, por exemplo, por sua proximidade com o movimento surrealista ou pela produção de *L'eau virile* (1945), texto no qual versa sobre o imaginário poético da água⁷⁴. Sem mencionar, claro, a sempre referida resposta dada a Guy Dumur – em entrevista para *Le Nouvel Observateur*, em 1968⁷⁵ – em que Benveniste afirma o imenso interesse da linguagem poética para a linguística.

No entanto, em 2011, com a publicação do manuscrito estabelecido por Laplantine, surge para as autoras o pesquisador preocupado não somente com a significação da linguagem ordinária, mas também com a significação da linguagem poética⁷⁶, ou seja, o *Benveniste que pensa a linguagem poética ou a dimensão artística da linguagem*⁷⁷.

Por fim, segundo Teixeira e Messa, em 2012, a publicação do texto com os manuscritos de Benveniste relativos às aulas no Collège de France relança a discussão aberta, em 1969, em “Semiologia da língua”. No final desse artigo, completando o *universo benvenistiano*, tem-se o *Benveniste semiólogo*, que propõe o projeto de uma semiologia de segunda geração tomando por base a semântica da enunciação, e não a noção saussuriana de signo, em uma análise translinguística dos textos e das obras. Esse projeto, conforme as autoras, deixa claro que “o pensamento de Benveniste sobre o sentido não se esgota na

da enunciação acabada, e que a chamada teoria benvenistiana da enunciação é, na verdade, uma construção *a posteriori* de seus leitores, que encontraram continuidade no conjunto da produção do linguista sobre o tema (TEIXEIRA; MESSA, 2015, p. 98). Essa construção é a que surge com a publicação do artigo “O aparelho formal da enunciação”.

⁷⁴ Françoise Bader (1999), em “Une anamnèse littéraire d’Émile Benveniste”, apresenta uma leitura desse texto de Benveniste na qual relaciona a análise desenvolvida pelo linguista a aspectos de sua vida pessoal. Leitura essa, aliás, criticada por Laplantine e Pinault (2015) em sua apresentação de *Langues, cultures, religions*.

⁷⁵ Entrevista reproduzida no texto “Esta linguagem que faz a história” no segundo volume dos *Problemas de linguística geral*.

⁷⁶ Adotando um ponto de vista diferente do de Laplantine, Flores (2013, p. 184) ressalta que Benveniste, no *Dossier Baudelaire*, “não opõe o poético ao ordinário, mas toma ambos como representações possíveis da língua”. Não se trata, então, de uma oposição, mas, sim, de uma distinção. Tal distinção, acrescenta o autor, mostra que Benveniste parece dar uma outra dimensão, mais ampla e mais complexa, à própria linguagem ordinária, na medida em que esta conteria os elementos que permitiriam à linguagem poética advir.

⁷⁷ Expressão minha. No texto, as autoras não utilizam uma denominação específica.

semântica da enunciação, mas se volta para a elaboração de uma metassemântica” (TEIXEIRA; MESSA, 2015, p. 102).

Teixeira e Messa (2015, p. 103) mostram, desse modo, a amplitude do *universo benvenistiano*, que reflete “a espantosa diversidade de domínios, de línguas e de fenômenos estudados por ele”, trazendo à tona, a cada vez, um *Benveniste particular*⁷⁸. E, nesse sentido, é importante salientar que esse universo por elas desenhado não objetiva absolutamente esgotar ou engessar o pensamento do linguista, mas, ao contrário, mostrar seus principais (ou, melhor dizendo, mais evidentes) eixos de interesse e, sobretudo, a pluralidade de sua reflexão⁷⁹.

Por outro lado, mesmo não havendo “um livro definitivo em que ele nos apresente uma síntese de seu pensamento” (uma “teoria da linguagem de Benveniste”, nas palavras de Flores (2013, p. 190)), as autoras insistem para que não se tome o legado de Benveniste como disperso, uma vez que, “esse pensamento aparentemente tão plural, essas inúmeras incursões no campo de estudo da linguagem encontram seu ponto de convergência na preocupação com a significação” (TEIXEIRA; MESSA, 2015, p. 103-104); questão central para o linguista, como demonstrado⁸⁰. O que, como indicam Teixeira e Messa, é confirmado em um depoimento a respeito de seu trabalho pelo próprio Benveniste (apud TEIXEIRA; MESSA, 2015, p. 104, grifos meus)⁸¹:

⁷⁸ Ideia que as autoras buscam em Normand (1997), no texto “Lectures de Benveniste: quelques variantes sur un itinéraire balisé”.

⁷⁹ As próprias autoras também falam de um *Benveniste filósofo da linguagem* e de um *Benveniste crítico literário*, embora não desenvolvam esses dois pontos de vista a respeito do linguista. Sobre esse *Benveniste filósofo da linguagem*, remeto a leituras de uma linguista, Claudine Normand (1996), e de um filósofo, Stéfane Mosès (2001), por exemplo. Normand (1996, p. 222, tradução minha) sustenta que Benveniste “cruza a filosofia” “em suas análises, que se dizem sempre e somente linguísticas, sobre as questões do sujeito e da referência”. Mosès, por sua vez, defende que os estudos reunidos nos dois volumes dos *Problemas de linguística geral* se caracterizam por “uma abordagem, ao mesmo tempo, puramente linguística [...] e distintamente filosófica das questões tratadas”, salientando que esse viés filosófico não passa, segundo o filósofo, pela “elaboração de um sistema especulativo coerente, mas, preferentemente, [pel]o esclarecimento, na análise dos fatos linguísticos, de suas implicações mais gerais envolvendo a natureza da linguagem, seu lugar no conjunto das atividades humanas e, antes de tudo, o papel da subjetividade humana no exercício da fala” (MOSÉS, 2001, p. 509, tradução minha). Mosès (2001, p. 509, grifo do autor, tradução minha) ainda ressalta que, se as análises linguísticas de Benveniste o levam tão perto da filosofia, “é em razão do lugar central que o problema da *significação* tem em seu pensamento”.

⁸⁰ Aproveito e retomo, neste momento, uma importante observação de Normand (1996, p. 222, nota 8, grifos da autora, tradução minha) a respeito dos termos “sentido” e “significação”: “Impossível de distinguir em Benveniste, para mim, uma diferença entre *sentido* e *significação*, na maioria das vezes substituíveis”. Acredito, por outro lado, que, em português, o mesmo vale para o uso do termo “significado” quando não tomado, é claro, em relação aos termos “significante” e “signo” (nesse caso, *signifié*, em francês). Com isso, de modo geral, tomo os termos “sentido”, “significado” (*sens*, em francês) e “significação” (*signification*, em francês) como equivalentes. Observo que um outro termo, “significância” (*signifiance*, em francês), é essencial na reflexão semiológica de Benveniste. Trato dessa noção mais adiante, sobretudo no Capítulo III.

⁸¹ Esse depoimento se encontra em uma carta, pertencente ao Acervo Benveniste da BNF, endereçada à Fundação Rockefeller, em abril de 1953, na qual Benveniste justifica a solicitação de financiamento de uma

*Todas as pesquisas que fiz nesses últimos anos e o projeto que criei têm em vista o mesmo propósito. [...] Em resumo, minha preocupação é saber como a língua “significa” e como ela “simboliza”. As tendências atuais de uma certa escola de linguistas querem analisar a língua sobre a base da distribuição e das combinações formais. Parece-me que é tempo de abordar com métodos novos o conteúdo dessas formas e ver segundo quais princípios ele é organizado.*⁸²

Acredito que a ideia das autoras de um *universo benvenistiano* seja, de fato, muito produtiva, na medida em que, através da metáfora do “universo”, essa ideia permite que se considere a especificidade de um determinado eixo de interesse do linguista (ou seja, aquela de um *Benveniste particular*) sem que se perca de vista, porém, sua articulação com o conjunto de seu pensamento (ou seja, sem que se reduza seu pensamento, tomando-o como fragmentado e desconexo). E essa articulação, que confere coesão ao conjunto – a “teoria da linguagem de Benveniste” –, está na preocupação com a questão da significação; o que muitos autores identificam e referem, mas tão objetivamente Teixeira e Messa mostram. Eis, para mim, a importância dessa reflexão das autoras e sua pertinência para este trabalho, no qual, além de seu valor teórico, tem um valor operatório/metodológico.

A partir disso, no próximo item – “O *Benveniste semiólogo* e sua *semiologia da língua*” –, estabeleço o que me interessa especificamente desse *universo benvenistiano*, definindo o objeto e o problema de pesquisa deste trabalho, assim como as hipóteses que o fundamentam.

1.3 O BENVENISTE SEMIÓLOGO E SUA SEMIOLOGIA DA LÍNGUA

Diante da amplitude do *universo benvenistiano*, que possibilita diferentes “entradas” no pensamento do linguista, escolho como minha “entrada”, no presente trabalho, o *Benveniste semiólogo*, interessando-me especificamente por sua reflexão semiológica.

segunda viagem ao Alasca; daí por que se refere a um “projeto” (BRUNET; MAHRER, 2011b, p. 35). Lembro que o linguista realiza duas viagens a essa região, uma em 1952 e outra em 1953, e que, em dezembro de 1953, “consagra um de seus cursos do Collège de France às línguas indígenas do Alasca – pela primeira vez objeto de um programa de ensino na França” (REDARD, 2012/2014, p. 223). Os dados recolhidos nessas viagens não são, contudo, por ele publicados.

⁸² Em “Tendências recentes em linguística geral” (1954), referindo-se sobretudo à linguística americana (Harris e Bloomfield), Benveniste retoma essa crítica, afirmando que os princípios dessa linguística se pautam apenas em critérios formais e não consideram a significação (BENVENISTE, 1954/1995, p. 11); o que pode produzir uma “nova atomização da língua” (BENVENISTE, 1954/1995, p. 13). Para o linguista, contudo, é possível conceber vários tipos de descrição e de formalização, mas todos devem necessariamente supor que seu objeto, a língua, é informado de significação, sendo, em vista disso, estruturado (BENVENISTE, 1954/1995, p. 13). (No original, “leur objet, la langue, est informé de signification” (BENVENISTE, 1954/1966, p. 12); na tradução brasileira, “seu objeto, a língua, é dotado de significação” (BENVENISTE, 1954/1995, p. 13)).

Reflexão que ocupa Benveniste em seus últimos anos de atividade nos anos 60 e que, de certo modo, volta à tona com a publicação de suas últimas aulas no Collège de France⁸³.

Nessa perspectiva, essa escolha pelo *Benveniste semiólogo* é particularmente motivada, de um lado, pelas discussões realizadas durante os seminários de mestrado e doutorado a respeito do pensamento de Benveniste dos quais participei no PPG-Letras da UFRGS, e, de outro, por meu trabalho na tradução e na revisão da tradução do livro *Últimas aulas*, coordenado pelo professor Valdir Flores. Essas duas situações fizeram com que o estranhamento causado inicialmente pelas primeiras leituras e discussões do artigo “Semiologia da língua” se transformasse em uma série de questionamentos sobre esse texto tão complexo e distante da reflexão linguística do autor⁸⁴; reflexão essa com a qual sempre tive mais familiaridade⁸⁵.

Acredito, sim, por outro lado, como Dessons, Bédouret-Larraburu, Laplantine e Flores, citados anteriormente, que a publicação de manuscritos desconhecidos do linguista, sejam os manuscritos de *Baudelaire* sejam os das *Últimas aulas*, proporcione uma retomada de suas ideias, provocando, com isso, novas leituras de sua obra.

Respondo, por conseguinte, ao apelo de Flores (2013, p. 191) – “É tempo de reler Benveniste” – e, nesse sentido, me proponho a um estudo envolvendo o que Agamben (1998/2008, p. 139), em seu *O que resta de Auschwitz*, define como um “programa de pesquisa” para além da linguística saussuriana que permaneceu sem seguimento, referindo-se ao fechamento desse mesmo artigo de Benveniste, “Semiologia da língua”, publicado originalmente na revista *Semiotica* em 1969.

Não busco, no entanto, responder às perguntas do filósofo italiano: “O que pode significar, nessa perspectiva [da enunciação], uma metassemântica fundada na semântica da enunciação? O que Benveniste havia entrevisto antes de cair na afasia?” (AGAMBEN,

⁸³ A publicação da obra *Últimas aulas* desperta nos estudiosos de Benveniste, na França (e também no Brasil, acredito), um grande interesse, principalmente por sua reflexão sobre a escrita, uma reflexão desenvolvida pelo linguista de um ponto de vista semiológico e, mais ainda, em função de uma discussão a respeito da questão semiológica. Essa perspectiva, no entanto, não é a que fundamenta os estudos que tratam da questão da escrita a partir dessa reflexão de Benveniste. Digo, assim, “de certo modo” porque a questão semiológica retorna nesses estudos, quando muito, tangencialmente, através da escrita e não, de fato, pela discussão da noção de semiologia por ele formulada. Ou seja, são reflexões que se centram em uma discussão ampla sobre a escrita e não especificamente sobre a semiologia em Benveniste.

⁸⁴ No Capítulo II, apresento essa série de questionamentos, *problematizando* o artigo.

⁸⁵ Considerando o universo benvenistianiano, refiro-me aqui às reflexões do Benveniste linguista e do Benveniste teórico da enunciação.

1998/2008, p. 140)⁸⁶. Afinal, muitos foram os que se propuseram a desenvolver o projeto de uma metassemântica lançado, prospectivamente, por Benveniste.

Dentre os autores, por exemplo, que se debruçaram sobre sua metassemântica – a análise translinguística dos textos e das obras –, conferindo-lhe diferentes interpretações, estão os já mencionados Julia Kristeva com sua semanálise, Henri Meschonnic com sua poética e Jean-Michel Adam com sua análise textual dos discursos⁸⁷. Aliás, em seu texto “Le programme de la ‘translinguistique des textes, des oeuvres’ et sa réception au seuil des années 1970”, Adam (2011b) apresenta e discute brevemente sua interpretação do final programático de “Semiologia da língua” de Benveniste, assim como as leituras que Barthes, Kristeva, Todorov, Halliday e Hasan, e Meschonnic fazem, cada qual a seu modo e conforme seus interesses teóricos, das ideias propostas pelo linguista nesse programa/projeto. É preciso registrar ainda um estudo realizado, em 2010, no Brasil, por Thaís Bressan, intitulado *O deserto de uma metassemântica esconde tamareiras em flor: o legado translinguístico de Émile Benveniste*.

Reconheço, assim, que se trata de um tema bastante discutido no campo dos estudos da linguagem. Acredito, apesar disso, que seja fundamental uma volta à reflexão semiológica de Benveniste (sua ideia de uma *semiologia da língua*), na medida em que essa reflexão, para mim, não engloba apenas a questão da metassemântica apresentada no fechamento de “Semiologia da língua”. Além do que, como dizem Coquet e Fenoglio nas *Últimas aulas*,

O interesse é *ouvir* Benveniste para além de suas próprias notas preparatórias e, no que tange a essa última aula [sobre a semiologia], ir em direção às aulas seguintes que jamais aconteceram, graças às notas presentes nos arquivos, mas não pronunciadas, em razão da suspensão da presença e da voz (COQUET; FENOGLIO, 2012/2014, p. 85, grifo da autora).

Desse modo, buscando *ouvir* o linguista, faço da *semiologia da língua* de Benveniste, considerada à luz dos manuscritos de suas aulas no Collège de France em contraponto com textos de seus *Problemas de linguística geral*, meu **objeto de pesquisa** neste trabalho. E, a

⁸⁶ Nesse livro, aliás, o próprio Agamben (1998/2008, p. 141) defende que a arqueologia de Michel Foucault – apresentada na obra *Arqueologia do saber* (1969) – “realizava pontualmente o programa benvenistiano de uma ‘metassemântica construída a partir de uma semântica da enunciação’”. Para Agamben (1998/2008, p. 140), “um fio secreto une o programa foucaultiano [da arqueologia] àquele delineado pelo linguista”. Não há, contudo, segundo o filósofo, qualquer referência a Benveniste nesse texto de Foucault, que pode, inclusive, nem ter tido conhecimento dos últimos artigos do linguista.

⁸⁷ Conferir a esse propósito, entre outros textos, Kristeva (1968/1980; 1969/1978; 1972), Meschonnic (1973; 1982) e Adam (2008/2011a; 2011b). E, claro, como não poderia deixar de ser, cada um desses autores desenvolve não a metassemântica de Benveniste, mas a sua própria metassemântica a partir das formulações do linguista em “Semiologia da língua”.

partir daí, defino o seguinte **problema de pesquisa** – *Como pode ser compreendida a semiologia da língua de Benveniste e qual é o efeito dessa reflexão semiológica do linguista sobre o lugar da linguagem nas ciências humanas?* Ou seja, através de uma retomada do pensamento do linguista, não me detenho pontualmente em seu projeto de uma metassemântica (o final programático de “Semiologia da língua”, como outros estudiosos fizeram), mas busco compreender, como um todo, sua ideia de uma *semiologia da língua*, assim como o efeito dessa reflexão semiológica (e não estritamente linguística de sua teoria da linguagem) sobre o lugar da linguagem nas ciências humanas. Eis meus objetivos neste trabalho; objetivos que retomam meus primeiros questionamentos antes referidos: no que consiste a *semiologia da língua* que dá título ao texto? Do que trata Benveniste nessa reflexão? E por quê? Com qual finalidade?

Benveniste inicia sua reflexão semiológica, tanto no artigo “Semiologia da língua” quanto em suas aulas no Collège de France a esse respeito, falando sobre Charles Peirce e Ferdinand de Saussure, “estes dois gênios antitéticos [...] [que], em completa ignorância um do outro e quase ao mesmo tempo, conceberam a possibilidade de uma ciência dos signos e trabalharam para instaurá-la” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 43). Após um breve contraponto entre as ideias desses dois pensadores, Benveniste segue com Saussure, cuja “reflexão procede da língua e toma a língua como objeto exclusivo” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 45)⁸⁸. Assim, em sua reflexão semiológica – como, aliás, em sua reflexão linguística –, Benveniste se filia às ideias de Saussure trazidas pelo *Curso de linguística geral*⁸⁹ em 1916.

Saussure (1916/2006, p. 24), no *Curso*, propõe prospectivamente a semiologia – “uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social” – e estabelece como tarefa do linguista “definir o que faz da língua um sistema especial no conjunto dos fatos semiológicos”, não avançando, contudo, em uma reflexão no campo semiológico.

Acredito que, para Benveniste, retomar essa discussão iniciada por Saussure, respondendo à pergunta “O que faz da língua um sistema especial no conjunto dos fatos semiológicos?”, seja somente um ponto de partida e não um ponto de chegada em sua reflexão semiológica. Isso porque Benveniste não se contenta em responder a Saussure através da formulação das noções de semiótico e semântico (noções que explicam a dupla significância da língua, fazendo dela um sistema especial entre todos os sistemas de signos), mas, a partir daí, aprofunda sua discussão e formula uma outra noção, a noção de interpretância, central em sua reflexão semiológica. Em particular, no deslocamento, que

⁸⁸ No Capítulo III, apresento essa discussão de Benveniste a propósito do pensamento de Peirce e de Saussure.

⁸⁹ Daqui para frente, também *Curso*.

Benveniste opera em relação a Saussure, de uma semiologia do signo para uma *semiologia da língua*⁹⁰.

Através da noção de interpretância, o linguista trata de uma propriedade fundamental, e sobretudo exclusiva, da língua: a propriedade de interpretar a si mesma e os outros sistemas semiológicos, significando-os. E, com isso, surge um outro axioma, um outro princípio norteador, do pensamento de Benveniste. Se, como mostra Flores (2013, p. 43), *o homem está na língua* é a tese central da teoria enunciativa de Benveniste, em relação à questão semiológica, sua grande tese é a de que *a língua pode, em princípio, tudo categorizar e interpretar, inclusive a si mesma* (FLORES, 2013, p. 152). Acredito, eu também, que esse seja o axioma de sua *semiologia da língua*, um amplo campo de estudos, aberto pelo linguista, que envolve diferentes questões: a relação da língua com os outros sistemas, consigo mesma – através da questão da escrita –, com a sociedade e, inclusive, com os textos e as obras – através da questão da metassemântica.

Essas diferentes questões são, todas, discutidas por Benveniste, com mais ou menos profundidade, em textos dos *Problemas de linguística geral* e/ou nos manuscritos de suas *Últimas aulas*, e mostram, ao lado das noções formuladas pelo autor nesse contexto específico, de que modo se apresenta sua reflexão semiológica e, por conseguinte, a elaboração da *semiologia da língua* em sua obra. O que permite, acredito, uma resposta à primeira parte de meu problema de pesquisa – *Como pode ser compreendida a semiologia da língua de Benveniste?* –, assim como, por outro lado, a discussão da hipótese que motiva este trabalho, minha **primeira hipótese**: a ideia de uma *semiologia da língua* desenvolvida por Benveniste em sua reflexão semiológica vai além do projeto de uma metassemântica apresentado, prospectivamente, no fechamento de seu artigo “Semiologia da língua”. Além da metassemântica, sua ideia de uma *semiologia da língua* também engloba outras relações envolvendo a língua.

Por sua vez, a segunda parte de meu problema de pesquisa – *Qual é o efeito dessa reflexão semiológica do linguista sobre o lugar da linguagem nas ciências humanas?* – se relaciona, para mim, a uma questão observada por Barthes, a propósito da reflexão linguística de Benveniste, na resenha que faz do primeiro volume dos *Problemas de linguística geral* em 1966. Retomo a citação mencionada anteriormente,

⁹⁰ No Capítulo III, trato dessas noções formuladas por Benveniste, assim como desse deslocamento de uma semiologia centrada na noção saussuriana de signo para uma semiologia centrada na noção benvenistiana de língua.

Benveniste tem a coragem de situar deliberadamente a linguística no princípio de um movimento muito amplo e de aí já perceber o desenvolvimento futuro de uma verdadeira ciência da cultura, na medida em que a cultura é essencialmente linguagem; ele não hesita em marcar o nascimento de uma nova objetividade, imposta ao erudito pela natureza simbólica dos fenômenos culturais; longe de abandonar a língua no patamar da sociedade, como se ela não passasse de um instrumento desta, ele afirma, com esperança, que “é a sociedade que começa a se reconhecer como língua”. Ora, é capital para todo um conjunto de pesquisas e de revoluções que um linguista tão rigoroso como Benveniste esteja, ele mesmo, consciente dos poderes de sua disciplina, e que, recusando-se a dela se constituir o proprietário, reconheça nela o germe de uma nova configuração das ciências humanas (BARTHES, 1984, p. 207).

Ora, Benveniste, renomado linguista, é reconhecido e admirado, por Barthes, pela *problematização* que faz do campo da linguística, conferindo a essa disciplina um novo contorno através da formulação dos princípios do que, mais tarde, é denominada a teoria benvenistiana da enunciação.

Acredito, contudo, que o estatuto que Barthes atribui, nessa passagem, à linguística de Benveniste – “o germe de uma nova configuração das ciências humanas” – corresponda efetivamente a sua reflexão semiológica (sua *semiologia da língua*), formulada, porém, somente no artigo “Semiologia da língua”, publicado, em 1969, na revista *Semiotica* e, em 1974, no segundo volume dos *Problemas de linguística geral*. Esse segundo volume, aliás, é “o livro da enunciação” para Barthes (1984, p. 209), que curiosamente nada comenta propriamente a respeito da reflexão semiológica de Benveniste⁹¹. Ou seja, Barthes continua associando Benveniste apenas a uma reflexão linguística, a reflexão do *Benveniste linguista* e do *Benveniste teórico da enunciação*.

Embora essa reflexão linguística seja evidentemente fundamental – permitindo, inclusive, a sua reflexão semiológica –, Benveniste não estabelece, de fato, uma relação entre a linguística e as ciências humanas como propõe Barthes, mas, sim, entre sua reflexão semiológica e as ciências humanas, as ciências do homem. Afinal, com sua *semiologia da língua*, Benveniste coloca a língua no centro das ciências humanas, fazendo com que, nesses outros campos do saber, uma reflexão a respeito da linguagem seja incontornável, uma vez

⁹¹ Barthes (1984, p. 209) se limita a dizer que Benveniste compreende, sem dificuldade, as novas pesquisas da semiologia, mencionando Metz e Schefer. Esses dois autores são citados no artigo “Semiologia da língua”, em nota (trata-se da nota 25 da página 61, na tradução brasileira, e da nota I da página 60, no original). Para Benveniste, as pesquisas de Metz (envolvendo a imagem e, sobretudo, o cinema) e as de Schefer (envolvendo a obra pintada) “mostram desde já o despertar de uma reflexão original sobre os campos e as categorias da semiologia não linguística” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 61, nota 25). Com esse comentário, Benveniste mostra, ao que parece, que princípios de uma semiologia linguística (ou seja, da linguística), princípios de morfologia e de sintaxe, podem ser estendidos a sistemas não linguísticos, como o sistema da música e o da imagem. Por isso, pode-se falar metaforicamente em “discurso musical” ou em uma “leitura de uma pintura”, por exemplo. Retomo essa questão mais adiante, no Capítulo III.

que é a língua, e somente a língua, que significa a si mesma e os outros sistemas semiológicos (ou seja, os fenômenos culturais, referidos por Barthes, cuja natureza é simbólica, significante, portanto)⁹². Essa é minha **segunda hipótese**, a hipótese que formulo em resposta à segunda parte de meu problema de pesquisa, que se interessa pela finalidade dessa reflexão do linguista.

Nessa perspectiva, se, a partir de Saussure, com o *Curso*, a linguística ganha o estatuto de ciência-piloto das ciências humanas, acredito que, na *semiologia da língua* de Benveniste, não se tenha um novo modelo, mas, sim, “o germe de uma nova configuração das ciências humanas”⁹³, pautada obrigatoriamente por uma reflexão que passa pela linguagem através da língua e de sua propriedade de interpretar os sistemas semiológicos.

Resta, então, uma definição dos aspectos metodológicos deste trabalho, o que faço no item seguinte – “Sobre o *corpus* textual e a metodologia de pesquisa”.

1.4 SOBRE O CORPUS TEXTUAL E A METODOLOGIA DE PESQUISA

Considerando, de um lado, meu objeto de pesquisa e, de outro, meu problema de pesquisa, realizo um estudo teórico de discussão e análise de diferentes textos do linguista, presentes em seus *Problemas de linguística geral I* (1966) e seus *Problemas de linguística geral II* (1974), tomados em relação a uma leitura dos manuscritos apresentados pelo livro *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)* (2012), seguindo, desse modo, as palavras de Flores (2013, p. 192) referidas anteriormente: “muito há para ser entendido [...] a partir do que os manuscritos trazem se tomados em relação com o que se conhece dos *Problemas...*”.

Nesse sentido, tendo por fim, dentro do *universo benvenistiano* desenhado por Teixeira e Messa, o *Benveniste semiólogo* – ou seja, minha “entrada” no pensamento do autor –, faço um recorte metodológico e estabeleço quais textos dos dois volumes dos *Problemas de linguística geral* compõem meu *corpus* textual de pesquisa ao lado dos manuscritos das *Últimas aulas*.

Como mostrado, a atividade do linguista é bastante intensa nos anos de 1968 e 1969: Benveniste participa do *Primeiro Simpósio de Semiótica*, ocorrido em Varsóvia, ministra aulas que tratam da questão da semiologia e da escrita no Collège de France e publica o artigo “Semiologia da língua” na revista *Semiotica* (FENOGLIO, 2013a, p. 45). É, por conseguinte,

⁹² Sistemas esses que não se configuram no objeto da linguística (nem mesmo da sua), mas, sim, no objeto de sua *semiologia da língua*.

⁹³ Questão elaborada ao longo de todo trabalho.

durante os anos 60 que o linguista desenvolve e apresenta, a seus pares e alunos, sua reflexão semiológica.

A escolha do *corpus* não se pauta, no entanto, por um critério cronológico de publicação dos textos. Certamente, essa reflexão é formulada ao longo da década de 60, mas, nesse mesmo período, muitos outros artigos que compõem tanto o primeiro quanto o segundo volume dos *Problemas de linguística geral* são publicados por Benveniste. Lembro que, para o *PLGI*, são selecionados artigos publicados originalmente entre 1939 e 1964, ao passo que, para o *PLGII*, os textos datam de 1965 a 1972. Dentre eles, por exemplo, estão o capítulo 22 – “A filosofia analítica e a linguagem”, datado de 1963, e o capítulo 13 – “Estrutura das relações de auxiliabilidade”, datado de 1965, que nada trazem a respeito da discussão semiológica proposta por Benveniste. Por sua vez, o capítulo 5 – “O aparelho formal da enunciação” – publicado em 1970, escrito, porém, entre os mesmos anos de 1968 e 1969 (FENOGLIO, 2013a, p. 45) – mostra que, em paralelo a esse *Benveniste semiólogo* dos anos 60, o *Benveniste teórico da enunciação* não apenas continua presente, mas produz um texto que “condensa os mais de quarenta anos de [sua] reflexão linguística sobre a enunciação”, configurando-se, assim, em “um momento-síntese da obra enunciativa” do autor⁹⁴ (FLORES, 2013, p. 161). O que faz, conseqüentemente, do critério cronológico (por si só pouco específico, no caso de Benveniste) pouco produtivo para a escolha do *corpus* de análise.

Por outro lado, buscar as ocorrências da expressão “semiologia da língua” nos textos do linguista também se mostra pouco produtivo como critério para a escolha do *corpus*, uma vez que Benveniste apenas trata da *semiologia da língua* em um de seus textos cujo título é, como se sabe, justamente “Semiologia da língua”. Em nenhum outro texto dos dois volumes dos *Problemas de linguística geral*, o linguista discorre sobre a *semiologia da língua* ou mesmo faz uso dessa expressão. E isso porque, diferentemente do que ocorre em “O aparelho formal da enunciação”, em “Semiologia da língua” não se tem “um momento-síntese” da reflexão, nesse caso, semiológica do autor, mas a formulação de um projeto lançado prospectivamente. O que não significa, absolutamente, é claro, que a reflexão semiológica de Benveniste se inicie ou se apresente somente nesse texto.

Começo, então, o recorte metodológico por “Semiologia da língua” (1969) – texto central do *corpus* de pesquisa –, procurando, através de uma leitura atenta desse artigo, pontos de intersecção com outros textos do linguista nos quais o *Benveniste semiólogo* formula e

⁹⁴ Esse “momento-síntese” não corresponde, em absoluto, à formulação de uma teoria acabada. Conferir, a esse respeito, o comentário da nota 73.

desenvolve sua reflexão semiológica ou princípios e noções a ela relacionados. Eis o critério que adoto.

Nessa perspectiva, é o próprio Benveniste quem estabelece, por meio de duas notas de rodapé, os primeiros pontos de intersecção entre seus textos. A primeira nota (nota I, p. 62, do texto original e nota 27, p. 63, de sua tradução para o português) surge quando o autor relaciona língua e sociedade, postulando que “é a língua que contém a sociedade” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 63). Nessa nota, Benveniste remete ao capítulo 6 – “Estrutura da língua e estrutura da sociedade” do *PLGII* (conferência proferida no encontro em homenagem a Camillo Olivetti, em 1968, em Milão), em que aprofunda a discussão da relação entre língua e sociedade. A segunda (nota I, p. 63, do texto original e nota 28, p. 64, de sua tradução para o português) surge quando Benveniste sustenta que “a língua significa de uma maneira específica e que não está senão nela”, uma vez que, “investida de uma DUPLA SIGNIFICÂNCIA”, “combina dois modos distintos de significância, que denominamos modo SEMIÓTICO por um lado, e modo SEMÂNTICO, por outro” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 64, grifos do autor). Nessa nota, por sua vez, o autor remete, de um lado, ao capítulo 15 – “A forma e o sentido na linguagem” do *PLGII* (conferência proferida em um encontro de filosofia, em 1966, em Genebra), em que propõe a distinção semiótico/semântico pela primeira vez, e, de outro, ao capítulo 10 – “Os níveis da análise linguística” do *PLGI* (conferência proferida em um encontro de linguística, em 1962, em Cambridge), em que apresenta uma elaboração inicial dessa distinção ainda não nomeada.

Esses primeiros pontos de intersecção são, por conseguinte, diretamente apontados por Benveniste. Outros pontos, no entanto, são por mim traçados através da identificação de discussões, de um modo ou outro, comuns a “Semiologia da língua” e aos capítulos 1 – “Tendências recentes em linguística geral” (1954) (publicação do *Journal de psychologie*), 2 – “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística” (1962/1963) (publicação da *Académie des inscriptions et belles-lettres*), 3 – “Saussure após meio século” (1963) (conferência proferida em homenagem a Saussure em Genebra) e 4 – “Natureza do signo linguístico” (1939) (publicação da *Acta linguistica*), do *PLGI*, assim como aos capítulos 1 – “Estruturalismo e linguística” (1968) (publicação de *Les Lettres françaises*) e 2 – “Esta linguagem que faz a história” (1968) (publicação do semanário *Le Nouvel Observateur*), as duas entrevistas do *PLGII*. Essas discussões envolvem sobretudo as ideias de Saussure e de Peirce a respeito da noção de signo, a noção de semiologia proposta por Saussure no *Curso de linguística geral*, a visão antropológica da linguagem de Benveniste – que relaciona língua,

homem, cultura e sociedade –, além de sua preocupação constante e central com a questão da significação na linguagem, estabelecendo, desse modo, um forte diálogo entre os textos.

Dos *Problemas de linguística geral*, portanto, seleciono dez artigos para o *corpus* textual de pesquisa. São textos, provenientes de seus dois volumes, entre os quais estabeleço uma série de pontos de intersecção e que, por outro lado, confirmam que a reflexão semiológica do linguista é formulada ao longo da década de 60. Apenas dois deles, os capítulos 1 – “Tendências recentes em linguística geral” e 4 – “Natureza do signo linguístico” são anteriores aos anos 60, datando de 1954 e 1939, respectivamente⁹⁵.

Esse recorte metodológico resulta, assim, em um *corpus* de pesquisa cuja cronologia dos textos, que se estendem de 1954 a 1969, é bastante importante, pois mostra a diacronia de um pensamento em formação⁹⁶, o que Benveniste indica, aliás, relacionando, ele mesmo, os textos de 1962/64, 1966/67 e 1969 através da segunda nota referida, por exemplo.

Não incluo propositadamente o texto de 1939 nessa diacronia, uma vez que, nele, Benveniste não trata da questão semiológica, mas sim da arbitrariedade do signo saussuriano. Essa reflexão sobre o signo reaparece, todavia, nos textos em que Benveniste desenvolve a noção de semiótico; por isso, esse texto, mesmo sendo muito anterior aos anos 60, também compõe o *corpus* de pesquisa.

Além disso, esse recorte apresenta um determinado viés, uma perspectiva, de leitura; afinal, trata-se de uma leitura pessoal que faço desse *Benveniste semiólogo* e de meu objeto de pesquisa, a *semiologia da língua*. Observo ainda que um outro estudo, cujo tema também fosse o *Benveniste semiólogo* e sua *semiologia da língua*, poderia muito bem definir outro critério de elegibilidade dos textos do *corpus* de pesquisa, chegando, conseqüentemente, muito provavelmente a um *corpus* diferente. Do mesmo modo, os textos por mim escolhidos para o *corpus* de pesquisa poderiam dizer (e certamente alguns dizem) muito a respeito de outros eixos de interesse presentes no *universo benvenistiano*, permitindo, é claro, outras “entradas” no pensamento do autor. Nesse sentido, a título de exemplo, lembro que Teixeira e Messa (2015) relacionam “Os níveis da análise linguística” ao *Benveniste linguista*, assim como se costuma, a partir das formulações apresentadas em “A forma e o sentido na linguagem”, pensar o *Benveniste teórico da enunciação*.

⁹⁵ Mais adiante, no item 2.1 (Capítulo II), apresento o sumário completo tanto do *PLGI* quanto do *PLGII*, assim como a referência da publicação original de cada capítulo.

⁹⁶ Sobre a diacronia do pensamento de Benveniste, conferir Flores (2013).

Desse modo, ao lado dos três capítulos com manuscritos de Benveniste trazidos por suas *Últimas aulas*, dez artigos dos dois volumes de seus *Problemas de linguística geral* compõem o **corpus textual de pesquisa**, conforme o Quadro 1:

Quadro 1 - Corpus textual de pesquisa

| CORPUS TEXTUAL DE PESQUISA |
|---|
| <p><i>Problemas de linguística geral I</i></p> <p>Primeira parte – Transformações da linguística</p> <p> Capítulo 1 – “Tendências recentes em linguística geral” (1954)</p> <p> Capítulo 2 – “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística” (1962/1963)</p> <p> Capítulo 3 – “Saussure após meio século” (1963)</p> <p>Segunda parte – A comunicação</p> <p> Capítulo 4 – “Natureza do signo linguístico” (1939)</p> <p>Terceira parte – Estruturas e análises</p> <p> Capítulo 10 – “Os níveis da análise linguística” (1962/1964)</p> |
| <p><i>Problemas de linguística geral II</i></p> <p>Primeira parte – Transformações da linguística</p> <p> Capítulo 1 – “Estruturalismo e linguística” (1968)</p> <p> Capítulo 2 – “Esta linguagem que faz a história” (1968)</p> <p>Segunda parte – A comunicação</p> <p> Capítulo 3 – “Semiologia da língua” (1969)</p> <p>Terceira parte – Estruturas e análises</p> <p> Capítulo 6 – “Estrutura da língua e estrutura da sociedade” (1968/1970)</p> <p>Quinta parte – O homem na língua</p> <p> Capítulo 15 – “A forma e o sentido na linguagem” (1966/1967)</p> |
| <p><i>Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)</i></p> <p> Capítulo 1 – “Semiologia”</p> <p> Capítulo 2 – “A língua e a escrita”</p> <p> Capítulo 3 – “Última aula, últimas notas”</p> |

Fonte: Elaborado pela autora.

Como referido anteriormente, a publicação *Últimas aulas* traz os manuscritos das aulas de Benveniste no Collège de France, ocorridas durante os anos de 1968 e 1969. Esses manuscritos são organizados e estabelecidos por Coquet e Fenoglio, a partir de duas diferentes fontes: de um lado, o próprio Benveniste, através das notas preparatórias para essas aulas⁹⁷, e, de outro, Jean-Claude Coquet, Jacqueline Authier-Revuz e Claudine Normand, seus ouvintes, através das notas por eles tomadas em aula. Trata-se das aulas ministradas pelo linguista, às segundas, no curso que denomina “Problemas de linguística geral”.

O primeiro capítulo recebe dos organizadores o título de “Semiologia” (tema indicado por Benveniste) e se divide em sete aulas, conforme o seguinte calendário: Primeira aula – 2 de dezembro de 1968; Aula 2 – 9 de dezembro de 1968; Aula 3 – 16 de dezembro de 1968; Aula 4 – 6 de janeiro de 1969; Aula 5 – 13 de janeiro de 1969; Aula 6 – 20 de janeiro de 1969; Aula 7 – 27 de janeiro de 1969. Esse capítulo conta com as notas do linguista, assim como com as de Coquet e Authier-Revuz.

Por sua vez, intitulado “A língua e a escrita” pelos organizadores (seguindo o título conferido pelo próprio Benveniste a esse conjunto de aulas), o segundo capítulo é composto por oito aulas sobre a questão da escrita, conforme as datas que seguem: Aula 8 – 3 de fevereiro de 1969; Aula 9 – 10 de fevereiro de 1969; Aula 10 – 17 de fevereiro de 1969; Aula 11 – 24 de fevereiro de 1969; Aula 12 – 3 de março de 1969; Aula 13 – 10 de março de 1969; Aula 14 – 17 de março de 1969; Aula 15 – 24 de março de 1969. Esse capítulo também conta com as notas do linguista, assim como com as de Coquet e Authier-Revuz.

Esses dois primeiros capítulos recuperam, por conseguinte, as quinze aulas ministradas por Benveniste no ano letivo de 1968-1969, no curso de “Problemas de linguística geral”.

Finalmente, o terceiro capítulo – que conta com as notas de Coquet e Normand, além das de Benveniste – recebe dos organizadores o título de “Última aula, últimas notas”, uma vez que apresenta a última aula proferida pelo linguista nesse curso de “Problemas de linguística geral”. Essa aula, ocorrida em 1º de dezembro de 1969 e denominada Primeira aula, é a primeira das que Benveniste ministraria, às segundas, no ano letivo de 1969-1970. Nela, a questão da semiologia, objeto de estudo no ano anterior, é por ele retomada.

⁹⁷ Coquet e Fenoglio, na “Introdução” da obra, descrevem detalhadamente como essas notas se apresentam nos arquivos do Acervo Benveniste da BNF (cf. COQUET; FENOGLIO, 2012/2014, p. 80-83). Por sua vez, no artigo “Benveniste auteur d’une recherche inachevée sur ‘le discours poétique’ et non d’un ‘Baudelaire’”, Fenoglio (2012a) mostra que Benveniste, sempre muito rigoroso, preparava uma pasta por aula. Cada uma dessas pastas, além do título e da data da aula, traz folhas com notas preparatórias mais ou menos redigidas.

Em sua “Introdução”, Coquet e Fenoglio alertam o leitor para o modo como organizam as notas na composição dos três capítulos. Buscando, conforme suas palavras, “tornar visível” o que pertence ou não a Benveniste, os organizadores utilizam caracteres menores e uma margem recuada para a parte proveniente das notas tomadas por seus ouvintes em relação à parte diretamente transcrita dos manuscritos do linguista (COQUET; FENOGLIO, 2012/2014, p. 84-85).

Apesar desse cuidado de Coquet e Fenoglio, muitas vezes, no decorrer da leitura, essa diferença (tipográfica e de diagramação do texto) acaba infelizmente desaparecendo. Além disso, é preciso salientar que algumas aulas são compostas, em grande parte, somente pelas notas dos ouvintes, como a Aula 7, a Aula 9 e a Aula 14, por exemplo. Por isso, quando referidas neste estudo, as passagens atribuídas aos ouvintes de Benveniste são acompanhadas de uma notação específica entre colchetes, como segue: [nota de ouvinte].

Não há, aliás, na edição dessas aulas, qualquer distinção estabelecida entre as notas dos ouvintes. Desse modo, não é possível saber quais notas pertencem a Coquet, a Authier-Revuz ou a Normand, o que é perfeitamente compreensível, na medida em que é a voz de Benveniste que interessa aos organizadores da obra no estabelecimento do que seria o texto correspondente a essas aulas.

Nessa perspectiva, Coquet e Fenoglio (2012/2014, p. 85) acrescentam que, a partir da ordem de arquivamento dos papéis de Benveniste na BNF, precisaram efetuar recomposições no texto e que as notas tomadas em aula permitiram que fosse restabelecida “a ordem de leitura por Benveniste e de enunciação”. Ou seja, além de um trabalho de transcrição das notas do linguista e daquelas tomadas por três de seus ouvintes, houve um trabalho de composição e de ordenamento do texto das aulas por parte dos organizadores; trabalho esse guiado pelas notas desses ouvintes.

A esse respeito ainda, Fenoglio (2012a) insiste que – mesmo que não se configure em um projeto de escrita, mas no projeto de um curso a ser pronunciado – foi possível estabelecer, no caso das *Últimas aulas*, um texto a partir de notas esparsas porque a leitura das notas de Benveniste foi sustentada pelas notas de seus ouvintes. Uma situação especial, portanto. Com isso, a autora explica que, para que se possa *estabelecer um texto* em crítica genética, é preciso colocar diferentes documentos em relação, notas preparatórias com seu rascunho correspondente, por exemplo. Nesse sentido, no caso de *Baudelaire*, prossegue Fenoglio, as notas esparsas permanecem tão somente notas esparsas, não podendo ser *estabelecidas*, uma vez que não entram em relação com nenhum outro documento.

É imperioso, assim, ressaltar que – embora esses manuscritos proporcionem uma importante retomada das ideias de Benveniste, provocando novas leituras de seu pensamento – é preciso tomá-los como manuscritos (manuscritos “textualizados” ou, do ponto de vista genético, estabelecidos, no presente caso, por Coquet e Fenoglio) e não como textos efetivamente publicados pelo linguista, o que faz com que o estatuto desses textos não possa, nem deva, ser desconsiderado, muito menos esquecido, durante o trabalho de pesquisa. Afinal, não se trata de uma publicação do próprio Benveniste de suas aulas no Collège de France, mas da edição genética de um texto dessas aulas estabelecido pelos organizadores do livro com base nas notas do linguista e, também, nas de seus ouvintes; construção, de todo modo, explicitada por Coquet e Fenoglio na abertura da edição e referida em sua “Introdução” (mesmo que não se detenham em uma explicação do que consiste, teoricamente, estabelecer um texto a partir de um manuscrito nem tampouco em uma explicação de como procederam especificamente nesse caso)⁹⁸.

⁹⁸ Laplantine (2013), em “Faire entendre Benveniste”, faz uma resenha bastante crítica das *Últimas aulas*. Trata-se, nas palavras da autora, de uma obra “pouco científica” pensada para o “grande público”, o que se deve, de um lado, ao lugar de peso dado por seus organizadores ao “trajeto de vida do linguista” e, de outro, ao modo como procederam no estabelecimento do texto de suas aulas. Laplantine aponta, desse modo, uma “insistência sobre o biográfico” (postura contraditória em relação à conhecida discrição de Benveniste) que acaba fazendo da vida do linguista “um romance”; como sugere, segundo ela, o título do artigo de Roger Pol-Droit sobre o livro, na seção “Livres” do *Le Monde* de 16-30 de abril de 2012: “O linguista cuja vida foi um romance” (LAPLANTINE, 2013, p. 2, tradução minha). Fazendo uma comparação com a “muito discutida edição dos *Escritos de linguística geral*” de Simon Bouquet (LAPLANTINE, 2013, p. 6, tradução minha), a autora critica a ausência de indicações precisas a respeito do modo como o texto foi estabelecido a partir das notas de Benveniste e de seus ouvintes, uma vez que nada é dito sobre quais manuscritos desse arquivo do Acervo Benveniste da BNF foram utilizados ou como foram utilizados (se foram cortados, modificados, reescritos). Questionando, por conseguinte, o estatuto dessa edição – que oferece “um texto fluido que não corresponde ao arquivo” (LAPLANTINE, 2013, p. 6, tradução minha) –, Laplantine ainda aponta erros de transcrição, aglutinação de passagens e abandono de notas, dando exemplos. Detendo-se, finalmente, na questão da escrita, a autora reprova a ausência de “uma real introdução científica que permitisse uma entrada no texto” (abordando, por exemplo, a escrita no *Curso*), de notas explicativas, assim como de uma bibliografia complementar (LAPLANTINE, 2013, p. 5, tradução minha). Conforme Laplantine, por outro lado, o trabalho de Benveniste sobre a temática da escrita não tem nada de inédito (pois, como indo-europeísta, o linguista já havia tratado, necessariamente, da história da escrita e das escritas em seus estudos) – ao contrário do que observam Coquet e Fenoglio –, sendo inédita, sim, sua reflexão sobre a escrita do ponto de vista de uma *semiologia da língua*. Daí por que a autora também questiona a separação das aulas 1 a 15 em dois diferentes capítulos, na medida em que pertencem, todas elas, ao mesmo ano letivo de 1968-1969. Essa separação, segundo ela, serviria apenas para colocar em evidência a questão da escrita apresentada, pelos organizadores, como inédita. Laplantine critica igualmente o fato de que, para Coquet e Fenoglio, Benveniste afirme repetidamente seu interesse pela escrita na parte final dos artigos “Semiologia da língua” e “O aparelho formal da enunciação”. Para ela, nessas partes, Benveniste se refere a textos e obras, assim como à questão da enunciação escrita, respectivamente, o que não corresponde, de modo algum, à problemática da escrita desenvolvida em suas aulas (com o que, aliás, concordo). Considerando, assim, a análise apresentada em sua resenha, acredito que Laplantine traga algumas questões que merecem atenção, como a do estatuto dessa edição genética (o que, de outro modo, também discuto neste trabalho) e a do papel da escrita nessas aulas (o que também discuto neste trabalho, uma vez que se trata, nesse contexto, de uma reflexão sobre a escrita de uma perspectiva semiológica). Por outro lado, a respeito do “gosto pelo biográfico” e da emoção presentes em toda a obra, não acredito que resultem em “uma mistificação do homem” em detrimento da consideração de seu trabalho científico (LAPLANTINE, 2013, p. 2-3, tradução minha). Para mim, ao contrário, trazer um pouco de sua história de vida – através de sua biobibliografia e dos

Um exame do texto estabelecido nas *Últimas aulas* aponta que o Benveniste semiólogo traz, para suas aulas, não apenas as reflexões apresentadas em 1968, no *Primeiro Simpósio de Semiótica*, mas, especialmente, a discussão presente em seu artigo “Semiologia da língua”, publicado em 1969. O próprio Benveniste, através de uma anotação nas notas de sua última aula (em 1º. de dezembro de 1969) – “citar aqui meu segundo artigo, p. 130” –, relaciona esse artigo (a segunda parte de “Semiologia da língua”, efetivamente) e suas aulas no Collège de France, conforme indicam Coquet e Fenoglio (2012/2014, p. 85)⁹⁹.

Laplantine, por sua vez, sustenta, em sua resenha das *Últimas aulas*, que “Semiologia da língua” “serve de ponto de partida e de base para seu ensinamento”, uma vez que, no ano de 1968-1969, “Benveniste ensina as muito recentes descobertas que acaba de fazer através da escrita desse artigo” (LAPLANTINE, 2013, p. 4, tradução minha). Acredito que a autora faça essa afirmação a propósito de “Semiologia da língua” porque o roteiro de discussão desenvolvido pelo linguista em suas aulas, como confirma o resumo desse curso no *Annuaire du Collège de France 1968-1969* (que Laplantine insere em seu texto), é bastante próximo do roteiro seguido por ele nas duas partes do artigo.

No entanto, não compreendo, de modo algum, o espaço dessas aulas como o lugar do ensinamento de algo acabado, pois, para Benveniste, “a linguagem não é uma positividade a ser conhecida de uma vez por todas” (DESSONS, 2006, p. 10), como sugere a autora (“as muito recentes descobertas”) – o que, aliás, vai de encontro a seu estilo peculiar discutido anteriormente –, mas como o lugar da formulação de um determinado ponto de vista sobre a linguagem por meio, sempre, de sua *problematização*. Não se pode esquecer, ainda, que se trata de um curso no Collège de France, cujas características se afastam dos comumente ministrados na Universidade¹⁰⁰.

testemunhos de seus alunos, por exemplo – contribui para a compreensão da dimensão do linguista que foi Benveniste e de seu lugar no campo da linguagem ou em uma história das ideias linguísticas. Acredito, ainda, que a emoção envolve a admiração e o respeito, o que não é sinônimo de falta de rigor na análise, ou seja, falta de cientificidade. Lembro, nesse sentido, da admiração, do respeito – e do rigor – de Barthes nas resenhas que faz dos dois volumes dos *Problemas de linguística geral*; textos, aliás, até hoje muito referidos por importantes estudiosos de Benveniste.

⁹⁹ Anotação, aliás, que não aparece no texto estabelecido pelos organizadores. A paginação indicada pelo linguista corresponde, é claro, à da revista *Semiotica*, como segue: *Semiotica*, Haia, Mouton & Co., (1969), 1, p. 1-12 e 2, p. 127-135 (referência da publicação original segundo a edição brasileira do *PLGII*).

¹⁰⁰ Em “Estruturalismo e linguística”, o próprio Benveniste comenta o ensino no Collège de France em relação ao que se faz na Universidade: “Eu estou, o senhor sabe, no Collège de France, onde se tem, deste ponto de vista, uma liberdade completa pelo fato de não se estar sujeito a nenhum programa e que, ao contrário, não é necessário que um curso seja repetido nunca, e pelo fato de que não se tem também responsabilidade de exames, de atribuição de títulos, de que não se é responsável senão face à ciência e a si mesmo” (BENVENISTE, 1968/1989, p. 26).

Essa afirmação, além disso, traz consigo um problema: existe uma proximidade entre o texto do artigo e o das aulas não porque um, anterior, serve de referência para o outro, posterior – como parece supor e, também, faz pensar Laplantine –, mas porque a escrita e a publicação de “Semiologia da língua” ocorrem paralelamente às aulas de Benveniste no Collège de France durante os anos de 1968 e 1969; fato assinalado, aliás, por Fenoglio (2013a) e anteriormente comentado. Ou seja, o artigo não está em uma relação de anterioridade com as aulas, mas sim em uma relação de simultaneidade. E é isso que aproxima a reflexão desenvolvida por Benveniste nesses dois momentos ou, melhor dizendo, espaços – o do artigo e o das aulas –, mostrando sua estreita vinculação¹⁰¹.

Em sua análise, Laplantine provoca, a meu ver, uma confusão a esse respeito, na medida em que não restabelece a sincronia existente entre esses diferentes textos e, conseqüentemente, sua vinculação – nem entre o artigo “Semiologia da língua” e o resumo do *Annuaire du Collège de France 1968-1969*, que ela mesma refere, tampouco entre o artigo “Semiologia da língua” e as aulas de Benveniste estabelecidas na publicação *Últimas aulas*, que ela resenha¹⁰². Acredito, por outro lado, que isso não seja gratuito. Afinal, nessa perspectiva, Laplantine acaba, de certo modo, diminuindo o papel das aulas na reflexão semiológica de Benveniste (circunscrevendo-a sobretudo ao artigo e não referindo o

¹⁰¹ Em “Remarques de synthèse concernant la comparaison entre les notes des cours 1968-1969 et le Brouillon de l'article ‘Sémiologie de la langue’”, um estudo genético, Chepiga, Galíndez-Jorge e Fenoglio (2009) apontam algumas conclusões a respeito da comparação das notas de aula e das do rascunho do artigo: 1) em relação à parte inicial das aulas (aulas 1 a 7), as notas de aula alimentam a escrita do artigo; 2) entre fevereiro e março de 1969, quando Benveniste trata da escrita em suas aulas no Collège de France (aulas 8 a 15), a primeira parte de “Semiologia da língua” está escrita; 3) a passagem sobre a escrita nas aulas desenvolve o que o artigo não discute, mas anuncia, no final de sua primeira parte, como um problema a ser tratado (aliás, conforme o resumo do *Annuaire du Collège de France* de 1969, Benveniste planeja escrever um artigo específico sobre a escrita (cf. a nota 62)); 4) a segunda parte do artigo é escrita durante suas aulas sobre a escrita; 5) o artigo, já redigido, é utilizado em algumas aulas: por exemplo, na Aula 15 e em sua última aula; 6) há, desse modo, escrita paralela das notas de aula e do artigo, o que configura dois espaços de escrita: escrita de notas de aula e escrita de artigo. Essas conclusões reiteram, portanto, a ideia de uma relação de simultaneidade que se estabelece entre as aulas e o artigo. Ora, o linguista escreve sobre aquilo que discute em sua prática de pesquisador e professor no Collège de France. Esse estudo refere ainda duas cartas de Kristeva endereçadas a Benveniste: a primeira, datada de 2 de maio de 1969, solicita a entrega da segunda parte do artigo; a segunda, datada de 27 de maio de 1969, informa que a publicação da primeira parte do artigo, na revista *Semiotica*, estava prevista para março de 1969. Essas cartas fazem pensar que a primeira e a segunda partes do artigo seriam publicadas em diferentes números da revista, o que, de fato, não ocorre, pois são publicadas no mesmo número, embora separadamente (conforme a referência da publicação original). De todo o modo, ao que tudo indica, trata-se, sim, de dois textos separados que foram, posteriormente, reunidos em um só artigo para sua publicação no *PLGII*.

¹⁰² Chepiga et al. (2012), em “Le couple conceptuel ‘sémiotique/sémantique’ dans les manuscrits d’Émile Benveniste”, analisam, comparativamente, a conceitualização das noções de semiótico e semântico em três grupos de manuscritos do linguista: os do artigo “Semiologia da língua”, os de sua comunicação no *Primeiro Simpósio de Semiótica* e os de sua última aula, às segundas, no Collège de France, a aula de 1º de dezembro de 1969. Para os autores, esse conjunto de manuscritos pertence a um mesmo período de escrita que corresponde aos anos de 1968 e 1969 (posição reiterada por Fenoglio (2013a), como mostrado); o que configura, de meu ponto de vista, uma mesma sincronia e reforça, mais uma vez, a ideia de uma estreita relação entre esses diferentes momentos/espacos. Nesse texto, aliás, os autores registram não disporem de qualquer texto referente à comunicação no Simpósio que tenha sido publicado por Benveniste.

Simpósio), assim como o próprio lugar dessa reflexão, especialmente no final da década de 60, no pensamento do autor; ao que, claro, me contraponho¹⁰³.

A autora ainda salienta que, nesse resumo (que, como observa, não é reproduzido, nem mencionado, na edição genética de Coquet e Fenoglio), Benveniste mostra tanto a articulação entre as aulas quanto uma visão retrospectiva do que foi ministrado ao longo do ano.

Eis, então, no Quadro 2, o que o linguista escreve nesse volume do *Annuaire du Collège de France*:

¹⁰³ Atribuo essa postura de Laplantine ao lugar que a autora confere à linguagem poética no pensamento de Benveniste. Mais adiante, no Capítulo III, comento essa questão.

Quadro 2 - Resumo de Benveniste no *Annuaire du Collège de France 1968-1969*

Dando continuidade, nas aulas de *segunda pela manhã*, consagradas à linguística geral, a nossas pesquisas sobre a teoria dos signos, encontramos o grande problema formulado por Ferdinand de Saussure, o da semiologia, ciência dos signos, ciência geral da qual a linguística não seria senão uma parte. “A tarefa do linguista, diz Saussure, é a de definir o que faz da língua um sistema especial no conjunto dos fatos semiológicos”. Esse problema é tão complexo que o exame de seus principais aspectos ocupou o curso inteiro.

Saussure se dedicou a caracterizar o signo linguístico, mas atribuiu à ciência futura o cuidado de buscar “em que consistem os signos, quais leis os regem”. Peirce, por sua vez, consagrou à semiótica sua vida inteira, mas chegou a uma organização tão complicada que ela permaneceu inutilizável; em todo o caso, a língua como tal não encontra nessa organização nenhuma posição específica.

Fizemos questão de construir a teoria que ainda falta e da qual sentimos profundamente a necessidade. Trata-se tão somente, com efeito, de reconhecer e caracterizar os diferentes sistemas de signos, determinar suas relações e ver enfim como se define a semiologia da língua.

Nossa análise tomou inicialmente como objeto os sistemas não linguísticos, uns inteiramente convencionais, como os sistemas de sinais, outros mais complexos e organizados conforme sua ordem própria, como os sistemas musicais. Para situá-los e hierarquizá-los em relação à língua, introduzimos a relação semiológica de “interpretância”, colocando a língua como o interpretante de outros conjuntos que se tornam seus interpretados.

A língua aparece então como um sistema distinto. Essa situação particular se deve ao fato de que a língua – e apenas a língua – significa de dois modos diferentes: semiótico enquanto formada de signos distintivos, semântico enquanto capaz de enunciar mensagens. Essa propriedade explica, por sua vez, o poder metalinguístico que a língua é a única a possuir.

Enfim, examinamos as relações entre a língua e o sistema semiótico constituído pela escrita. Ao final de um exame detalhado que nos fez percorrer os diferentes modelos de escrita atestados na história, pareceu-nos que, contrariamente à ideia admitida por todo lado, a escrita não constitui um sistema distinto. É o prolongamento ou a projeção da própria língua, e, portanto, a mesma situação no que concerne aos sistemas extralinguísticos. Vemos na escrita o instrumento e a manifestação do processo de autosemiotização da língua.

Um panorama dos resultados esboçados aqui será brevemente publicado na nova revista *Semiotica*¹⁰⁴.

Fonte: BENVENISTE apud LAPLANTINE, 2013, p. 3, grifos do autor, tradução minha.

O diálogo entre as aulas e “Semiologia da língua” é, como se depreende desse resumo, evidente e constante, à exceção da parte relativa à escrita. No final da primeira parte de seu

¹⁰⁴ Fenoglio (2016a, p. 13, tradução minha) afirma que essa indicação de Benveniste se refere a uma publicação a respeito da escrita na revista *Semiotica*, “que já havia recebido seu artigo ‘Semiologia da língua’”. A nota 62 também faz referência a essa questão.

artigo, o linguista menciona a questão da escrita, mas somente para dizer que reserva a “este difícil problema” um exame particular (BENVENISTE, 1969/1989, p. 51), ou seja, que essa questão seria tratada em outro momento¹⁰⁵.

Por outro lado, nesse contraponto com os manuscritos, além de “Semiologia da língua”, um outro artigo do segundo volume dos *Problemas de linguística geral* pode e deve ser referido mais diretamente. Quando Benveniste discute nas aulas a relação entre a língua e a sociedade, também fica evidente o diálogo com o artigo “Estrutura da língua e estrutura da sociedade”, publicado originalmente em 1968.

Resta, então, estabelecer como, metodologicamente, opere com os diferentes textos do *corpus* de pesquisa.

Como definido anteriormente, partindo de uma *problematização* de “Semiologia da língua” – texto central do *corpus* –, realizo um estudo teórico de discussão e análise dos textos provenientes dos dois volumes dos *Problemas de linguística geral* (inclusive de “Semiologia da língua”), sempre tomados em relação aos manuscritos de Benveniste estabelecidos, na publicação *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)*, por Coquet e Fenoglio. Eis a **metodologia de pesquisa** adotada.

Nesse estudo, não atribuo, contudo, um mesmo estatuto aos textos selecionados, o que também me faz mobilizá-los diferentemente. Uma primeira análise do *corpus* de pesquisa me faz separá-los em três grupos distintos.

O primeiro desses grupos – formado pelos textos “Os níveis da análise linguística”, “A forma e o sentido na linguagem”, “Estrutura da língua e estrutura da sociedade” e “Semiologia da língua” – envolve o que denomino **textos de teorização**. São textos nos quais o *Benveniste semiólogo* formula e desenvolve teoricamente sua reflexão semiológica ou princípios e noções a ela relacionados, o que o conduz a propor, prospectivamente, uma *semiologia da língua*. Desses textos, os artigos “A forma e o sentido na linguagem” e “Semiologia da língua” são, em si, objeto de uma discussão bastante detalhada, sendo, por conseguinte, mobilizados em uma leitura que qualifico como vertical. Os demais, ao contrário, são discutidos em uma leitura que os atravessa apenas em certos pontos; leitura que qualifico, por conseguinte, como transversal.

O segundo grupo – reunindo os textos “Tendências recentes em linguística geral”, “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística”, “Saussure após meio século” e “Natureza do signo linguístico” – envolve o que denomino **textos de contextualização**. São

¹⁰⁵ Conforme mencionado nas notas 62 e 104.

textos cujo tema é a linguística, o pensamento linguístico, nos quais, porém, o *Benveniste semiólogo* apresenta – dentro de uma discussão sobre a questão da significação – as ideias de Saussure e de Peirce sobre o signo, assim como a noção de semiologia proposta pelo *Curso de linguística geral* e/ou, ainda, a relação entre língua, cultura e sociedade. Ou seja, nesses textos, de certo modo, Benveniste contextualiza fundamentos de sua reflexão semiológica.

Finalmente, o terceiro grupo – constituído pelos textos “Estruturalismo e linguística” e “Esta linguagem que faz a história” – envolve o que denomino **textos de divulgação**. São textos nos quais – por sua natureza (trata-se de duas entrevistas) – Benveniste não aprofunda uma reflexão teórica, apenas responde brevemente a perguntas que lhe são feitas por jornalistas. Esses textos não são, por isso, menores e pouco científicos, como afirma Godel (1974-1975)¹⁰⁶. De fato, sua finalidade principal é trazer para o grande público uma discussão sobre a linguística, o pensamento linguístico; no entanto, acredito que, para além disso, é possível pontuar, nesses textos, não uma contextualização de fundamentos de sua reflexão semiológica, mas, sim, algumas importantes formulações e posições do *Benveniste semiólogo* a respeito de sua ideia de semiologia, mesmo que superficialmente.

Esses textos do segundo e terceiro grupos não são, em si, objeto de uma discussão detalhada. Desse modo, como os artigos “Os níveis da análise linguística” e “Estrutura da língua e estrutura da sociedade” dos textos de teorização, os textos de contextualização e os textos de divulgação somente são discutidos quando se relacionam, de algum modo, com a reflexão semiológica de Benveniste. São, por conseguinte, mobilizados em uma leitura transversal, sendo, por vezes, inclusive apenas referidos.

O que resumo no Quadro 3 abaixo:

Quadro 3 - Classificação dos textos do *corpus* textual de pesquisa

| | |
|--|--|
| <p>textos de teorização ↓ leitura vertical</p> | <p>“A forma e o sentido na linguagem” (1966/1967) “Semiologia da língua” (1969)</p> |
| <p>textos de teorização ↓ leitura transversal</p> | <p>“Os níveis da análise linguística” (1962/1964) “Estrutura da língua e estrutura da sociedade” (1968/1970)</p> |

¹⁰⁶ Conferir a nota 123.

| | |
|--|--|
| <p>textos de contextualização ↓ leitura transversal</p> | <p>“Natureza do signo linguístico” (1939) “Tendências recentes em linguística geral” (1954) “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística” (1962/1963) “Saussure após meio século” (1963)</p> |
| <p>textos de divulgação ↓ leitura transversal</p> | <p>“Estruturalismo e linguística” (1968) “Esta linguagem que faz a história” (1968)</p> |

Fonte: Elaborado pela autora.

Por fim, é claro, do *Curso de linguística geral*, mobilizo, em minha discussão, sobretudo os capítulos “Objeto da Linguística” (Capítulo III da Introdução) e “Natureza do signo linguístico” (Capítulo I da Primeira Parte). Neles, Saussure propõe prospectivamente uma nova ciência – a semiologia geral –, definindo-a e formulando suas bases, ponto de partida da reflexão semiológica de Benveniste.

CAPÍTULO II

DA FIGURA E SUA *PROBLEMATIZAÇÃO* DE UM CAMPO À *PROBLEMATIZAÇÃO* DE “SEMIOLOGIA DA LÍNGUA”

Neste segundo capítulo, a figura do linguista, através da composição vida-obra-teoria, continua fundamentando minha reflexão, mas, agora, sobretudo a partir da consideração de aspectos relativos aos seus *Problemas de linguística geral*, obra na qual Benveniste *problematiza* seu campo de estudos. Objetivo, pela busca dessas condições de enunciação, compreender o lugar de Benveniste tanto no campo da linguística quanto no campo das ciências humanas em geral ao longo dos anos 60. Retomo, em seguida, o *Benveniste semiólogo* e sua reflexão semiológica através de uma leitura que *problematiza* o texto central do *corpus* de pesquisa, ampliando e aprofundando, assim, meus questionamentos iniciais sobre o artigo “Semiologia da língua”. Essa *problematização* do artigo tem por fim orientar e organizar a discussão teórica proposta no capítulo seguinte.

2.1 SOBRE OS PROBLEMAS DE LINGUÍSTICA GERAL

O primeiro volume dos *Problemas de linguística geral*, publicado em 1966 pelas Éditions Gallimard, é organizado pelo próprio Benveniste. Trata-se de uma encomenda de Pierre Verstraeten e de Nicolas Ruwet, aos quais o autor agradece no “Prefácio”. Para esse volume, dos muitos textos que publica entre 1939 e 1964, o autor seleciona vinte e oito artigos e os classifica em seis partes, como mostra o Sumário no Quadro 4:

Quadro 4 - Sumário do primeiro volume dos *Problemas de Linguística Geral*¹⁰⁷

Primeira parte – Transformações da linguística

Capítulo 1. Tendências recentes em linguística geral (*Journal de psychologie*, P.U.F., jan.-jun. 1954.)

Capítulo 2. Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística (*C. R. Académie des inscriptions et belles-lettres*, Paris, Librairie C. Klincksieck, 1963.)¹⁰⁸

Capítulo 3. Saussure após meio século (*Cahiers Ferdinand de Saussure*, 20, Genebra, Librairie Droz (1963). Conferência proferida em Genebra, em 22 de fevereiro de 1963, por ocasião do cinquentenário da morte de Saussure.)

¹⁰⁷ Indico, após cada texto, a referência da publicação original conforme a edição brasileira do *PLGI*.

¹⁰⁸ Conforme Brunet e Mahrer (2011, p. 11), trata-se de uma exposição de Benveniste realizada em 23 de novembro de 1962 e publicada em *Comptes rendus des séances de 1962 – Académie des Inscriptions et Belles-lettres*, 2, Paris, Klincksieck, p. 369-380.

Segunda parte – A comunicação

Capítulo 4. Natureza do signo linguístico (*Acta linguistica*, I (1939), Copenhague.)

Capítulo 5. Comunicação animal e linguagem humana (*Diogène*, I (1952).)

Capítulo 6. Categorias de pensamento e categorias de língua (*Les études philosophiques*, n.º. 4 (out.-dez. 1958), Paris, P.U.F.)

Capítulo 7. Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana (*La psychanalyse*, I (1956).)

Terceira parte – Estruturas e análises

Capítulo 8. “Estrutura” em linguística (*Sens et usages du terme “structure” dans les sciences humaines et sociales*, Haia, Mouton & Co., 1962.)

Capítulo 9. A classificação das línguas (*Conférences de l’Institut de linguistique de l’Université de Paris*, XI, 1952-53. Conferência.)

Capítulo 10. Os níveis da análise linguística (*Proceedings of the 9th International Congress of linguists*, Cambridge, Mass., 1962, Mouton & Co., 1964. Conferência.)

Capítulo 11. O sistema sublógico das preposições em latim (“Travaux du Cercle linguistique de Copenhague”, vol. V, *Recherches structurales*, 1949.)

Capítulo 12. Para a análise das funções casuais: o genitivo latino (*Lingua*, vol. XI (1962), Amsterdam.)

Quarta parte – Funções sintáticas

Capítulo 13. A frase nominal (*Bulletin de la Société de Linguistique de Paris*, XLVI (1950), fasc. I, n.º. 132.)

Capítulo 14. Ativo e médio no verbo (*Journal de psychologie*, P.U.F., jan.-fev. 1950.)

Capítulo 15. A construção passiva do perfeito transitivo (*Bulletin de la Société de Linguistique de Paris*, XLVIII (1952), fasc. I.)

Capítulo 16. “Ser” e “ter” nas suas funções linguísticas (*Bulletin de la Société de Linguistique*, LV (1960).)

Capítulo 17. A frase relativa, problema de sintaxe geral (*Bulletin de la Société de Linguistique*, LIII (1957-58), fasc. I.)

Quinta parte – O homem na língua

Capítulo 18. Estrutura das relações de pessoa no verbo (*Bulletin de la Société de Linguistique*, XLIII (1946), fasc. I, n.º. 126.)

Capítulo 19. As relações de tempo no verbo francês (*Bulletin de la Société de Linguistique*, LIV (1959), fasc. I.)

Capítulo 20. A natureza dos pronomes (*For Roman Jakobson*, Mouton & Co., Haia, 1956.)

Capítulo 21. Da subjetividade na linguagem (*Journal de psychologie*, P.U.F., jul.-set. 1958.)

Capítulo 22. A filosofia analítica e a linguagem (*Les études philosophiques*, n.º. 1 (jan.-mar. 1963), Paris, P.U.F.)

Capítulo 23. Os verbos delocutivos (*Mélanges Spitzer*, 1958, p. 57-63.)

Sexta parte – Léxico e cultura

Capítulo 24. Problemas semânticos da reconstrução (*Word*, vol. X, n^{os}. 2-3, ago.-dez. 1954.)

Capítulo 25. Eufemismos antigos e modernos (*Die Sprache*, I (1949), p. 116-122.)

Capítulo 26. Dom e troca no vocabulário indo-europeu (*L'Année sociologique*, 3^a sér., t. II, P.U.F., 1951.)

Capítulo 27. A noção de “ritmo” na sua expressão linguística (*Journal de psychologie*, 1951.)

Capítulo 28. Civilização: contribuição à história da palavra (*Hommage à Lucien Febvre*, Paris, 1954.)¹⁰⁹

Fonte: BENVENISTE, 1966/1995.

No “Prefácio”, dirigindo-se a um público bastante amplo e de diferentes campos do conhecimento – é importante salientar –, Benveniste faz algumas considerações significativas a respeito do modo como concebeu o livro, além de apresentar cada uma de suas partes.

Na primeira – “Transformações da linguística” –, conforme suas palavras, o autor esboça um panorama tanto das pesquisas recentes, na época, sobre a “teoria da linguagem” (BENVENISTE, 1966/1995, “Prefácio”) quanto das perspectivas de estudo que essas pesquisas abrem. Na segunda parte – “A comunicação” –, Benveniste trata do problema central da comunicação e de suas modalidades, discutindo a respeito da natureza do signo linguístico, das características próprias à linguagem humana, das correlações entre as categorias linguísticas e as categorias do pensamento e, por fim, a respeito do papel da linguagem na exploração do inconsciente. Os textos da terceira parte – “Estruturas e análises” – têm como objeto de reflexão as noções de estrutura e de função. Neles, o linguista discorre sobre as variações de estrutura nas línguas e sobre as manifestações intralinguísticas de algumas funções. Além disso, especialmente nessa parte, as relações da forma e do sentido são relacionadas aos níveis da análise linguística. Na quarta parte – “Funções sintáticas” –, o autor se dedica à análise de fenômenos sintáticos, buscando constantes sintáticas através de tipos linguísticos muito variados. Benveniste também estabelece modelos específicos de certos tipos de frases, a frase nominal e a frase relativa, que devem ser reconhecidos como universais. A quinta parte – “O homem na linguagem”¹¹⁰ – se refere à marca do homem na

¹⁰⁹ Conforme Brunet e Mahrer (2011, p. 10), trata-se de uma homenagem de Benveniste publicada, em 1953, em *Hommage à Lucien Febvre: éventail de l'histoire vivante offert par l'amitié d'historiens, linguistes, géographes, économistes, sociologues, ethnologues*, 1, Paris, A. Collin, p. 47-54.

¹¹⁰ No “Prefácio”, Benveniste não nomeia a quinta parte “O homem na língua” – como faz no Sumário –, mas “O homem na linguagem”. Autores como Claude Hagège (1984) e Aya Ono (2007) analisam essa flutuação entre os termos “língua” e “linguagem”. Hagège (1984, p. 108, tradução minha) sustenta que se trata de “um estranho erro” de Benveniste; Ono (2007, p. 140, nota 1, grifos da autora, tradução minha), por sua vez, se

linguagem, definida pelas formas linguísticas da subjetividade e pelas categorias da pessoa, dos pronomes e do tempo. Finalmente, na sexta parte – “Léxico e cultura” –, o linguista coloca em evidência o papel da significação e da cultura, estudando os métodos da reconstrução semântica, assim como a gênese de alguns termos importantes da cultura moderna.

Referindo-se ao título dado à obra – *Problemas de linguística geral* –, o autor explica o porquê de apresentar todos esses estudos com a denominação de “problemas”¹¹¹. Para ele, o conjunto desses estudos e, também, cada um deles isoladamente trazem uma contribuição para “a grande problemática da linguagem” (BENVENISTE, 1966, “Avant-propos”, tradução minha)¹¹²; problemática formulada nos principais temas por ele tratados e que envolve as relações entre o biológico e o cultural, a subjetividade e a socialidade, o signo e o objeto, o símbolo e o pensamento, além dos problemas da análise intralinguística.

E não é à toa que o autor procede assim. Benveniste acredita que os estudiosos que descobrem, em outros campos do conhecimento, a importância da linguagem verão, com isso, o modo como um linguista aborda algumas das questões que são levados a se colocar e perceberão, talvez, que a configuração da linguagem determina todos os sistemas semióticos¹¹³. O autor adverte que, para esses estudiosos, certas páginas poderão parecer difíceis. Segundo Benveniste, será preciso que se convençam de que a linguagem é, com efeito, um objeto difícil e, também, de que a análise do dado linguístico é feita por árduos

contrapõe à leitura de Hagège, insistindo que, “na ótica de Benveniste, o homem está, ao mesmo tempo, na *língua* e na *linguagem*”. A autora, no entanto, não desenvolve uma reflexão a esse respeito. Em “L’actualité de Benveniste au Brésil: les aspects anthropologiques d’une théorie de l’énonciation”, Flores (2016) retoma essa discussão e dá uma interpretação para as escolhas de Benveniste. Segundo o autor, a “alternância, e mesmo a concomitância, autorizada pelo próprio Benveniste, entre *o homem na linguagem* e *o homem na língua* permite [...] elaborar duas perspectivas de leitura, complementares em sua gênese”: a primeira se refere à “indissociabilidade entre *homem, linguagem* e *língua*”; a segunda toma “*o homem na linguagem* [como] uma espécie de axioma geral no qual está contido um axioma específico, *o homem na língua*” (FLORES, 2016, p. 6, grifos do autor, tradução minha). Desse modo, para Flores (2016, p. 6), “a antropologia da linguagem de Benveniste é simultaneamente geral e específica ou, se quiserem, geral e concreta, e isso se traduz na relação entre esses dois axiomas”; relação que se estabelece através da “noção de significância [...], ponto de vista a partir do qual Benveniste sempre fez todas as suas investigações, que faz operar esses axiomas”. Tese igualmente apresentada por Flores (2017a) em *Saussure e Benveniste no Brasil: quatro aulas na École Normale Supérieure*.

¹¹¹ Lembro as reflexões de Dessons, Chiss e Puech referidas anteriormente a respeito do modo particular como Benveniste pensa a linguagem – sempre por meio de *problemas*.

¹¹² No original: “la grande problématique du langage” (BENVENISTE, 1966, “Avant-propos”). Na tradução brasileira: “grande problema da linguagem” (BENVENISTE, 1966/1995, “Prefácio”).

¹¹³ Benveniste utiliza, com frequência, a expressão “sistemas semióticos”. Compreendo, nesse contexto, os termos “semiótico” e “semiológico” como sinônimos; ou seja, referindo-se a signo. Trata-se, assim, de sistemas “de signos”. Esse emprego de “semiótico” como adjetivo, formando diversos sintagmas (“natureza semiótica”, outro exemplo) difere, muitas vezes (e essa é uma delas), de seu emprego como substantivo – o semiótico –, que compõe, por sua vez, o par semiótico/semântico, noções fundamentais na reflexão de Benveniste, como mostro mais adiante (especialmente no Capítulo III). Neste trabalho, utilizo, muitas vezes, indiferentemente, os termos “semiótico” e “semiológico” como adjetivos.

caminhos. A linguística, sustenta o autor, como as demais ciências, progride proporcionalmente à complexidade que reconhece nas coisas, e as etapas de seu desenvolvimento são as etapas dessa conscientização. Por outro lado, será preciso ainda aceitar uma verdade – a de que a reflexão sobre a linguagem somente produz resultados se ela trata, em primeiro lugar, das línguas reais. E Benveniste é categórico ao afirmar que o estudo das línguas – esses organismos empíricos, históricos – permanece o único caminho para que se compreendam os mecanismos gerais e o funcionamento da linguagem.

Para Benveniste, a unidade e a coerência do conjunto da obra resultarão desse panorama.

O autor conclui o “Prefácio” observando que, propositadamente, não realizou qualquer alteração nos diferentes artigos que compõem o livro, respeitando os textos como foram originalmente publicados. Benveniste objetiva, desse modo, evitar um *post-scriptum* a cada texto, o que significaria, de seu ponto de vista, iniciar uma nova pesquisa. Se assim não fosse, exemplifica o linguista, o capítulo 4 – “Natureza do signo linguístico” – deveria trazer a indicação de que sua publicação provocou “vivas controvérsias” (BENVENISTE, 1996/1995, “Prefácio”), dando surgimento a uma longa série de artigos¹¹⁴. Benveniste se refere igualmente ao capítulo 19 – “As relações de tempo no verbo francês” –, uma vez que suas reflexões a respeito do verbo francês foram desenvolvidas e confirmadas pelas estatísticas de

¹¹⁴ Benveniste se refere, nesse ponto, à discussão provocada por sua oposição em relação ao que Saussure estabelece, no capítulo intitulado “Natureza do signo linguístico” do *Curso de linguística geral*, a respeito da arbitrariedade do signo. Para o autor, não é o signo linguístico que é arbitrário – a relação significado/significante (que é, sim, necessária) –, mas sua relação com o mundo. Essa posição de Benveniste se tornou, desde então, incontornável para aqueles que tratam da arbitrariedade, seja para reafirmar ou não o postulado pelo mestre genebrino. Impossível, aliás, não notar que Benveniste retoma, em seu texto, exatamente o título presente no *Curso*; o que, por certo, não é gratuito. Conferir, a respeito dessa discussão, Gadet (1990), Bouquet (1997) e Normand (2004a), além de Flores (2017b), por exemplo. Saliento ainda a nota 138 da edição crítica do *Curso de linguística geral* de Tullio de Mauro (cf. SAUSSURE, 1916/1976, p. 443-445), que cita especificamente esse artigo de Benveniste (publicado originalmente em 1939), situando-o na discussão da questão do arbitrário saussuriano desde Jespersen (1917) até Jakobson (1966), por exemplo. Tullio de Mauro reserva uma boa parte de sua nota a um comentário das ideias de Benveniste, com as quais, aliás, parece estar de acordo (chama a atenção, nesse sentido, a repetição que faz de “com razão”). Para o linguista italiano, Benveniste insiste “no fato de que a relação entre significante e significado é ‘necessária’ e não arbitrária”, “mas [...] observa (com razão) o contraste entre o princípio do arbitrário compreendido de modo convencional (e somente se pode compreendê-lo assim com base nas páginas 100-101 [páginas do capítulo “Natureza do signo linguístico” sobre o arbitrário do signo]) e o restante do pensamento saussuriano”; ou seja, Tullio de Mauro mostra que “Benveniste, com razão, vê a substância do pensamento saussuriano no C.L.G. 155 e seguintes [páginas do capítulo “O valor linguístico”], na concepção da língua como sistema de valores relacionais e, portanto, enquanto tais, incomparáveis” (SAUSSURE, 1916/1976, p. 444, grifo do autor, tradução minha). Por fim, o linguista salienta que esse artigo de Benveniste “abriu, antes de mais nada, a via a uma série de críticas que atacavam Saussure atribuindo-lhe uma posição convencionalista e sustentando que o signo não é arbitrário” – como faz Jakobson (1962; 1966) –, contrariamente aos partidários da ideia de que “Saussure é realmente um convencionalista”, concebendo a língua, então, como uma nomenclatura – como Bally (1940) ou Bally, Sechehayé, Frei (1941) (SAUSSURE, 1916/1976, p. 444, tradução minha).

H. Yvon sobre o emprego dos tempos pelos escritores modernos. Segundo o autor, surgirão outras ocasiões para que se volte a essas questões, tratando-as de outro modo.

No ano de 1974, também pelas Éditions Gallimard, é publicado o segundo volume dos *Problemas de linguística geral*. Diferentemente do primeiro, esse volume não tem a organização de Benveniste, afastado de suas atividades, desde dezembro de 1969, por conta de seu comprometido estado de saúde.

Conforme seu “Prefácio”, assinado por Mohammad Djafar Moïnfar, após 1964 (ano que encerra o período de tempo contemplado pelo primeiro volume), Benveniste publica muitos estudos importantes em coletâneas e periódicos de acesso por vezes difícil. Por outro lado, o imenso interesse provocado pelos *Problemas de linguística geral*, logo traduzidos para o inglês, o italiano e o espanhol, desperta em um grande número de amigos e alunos o desejo de que esse trabalho tivesse uma sequência e que fosse publicado um novo volume¹¹⁵.

Com isso, Mohammad Djafar Moïnfar e Michel Lejeune, tendo exposto esse desejo a Benveniste, obtêm dele, de bom grado, seu acordo, assim como a autorização para que fizessem a escolha dos textos entre suas publicações de 1965 a 1972. Desse modo, conforme atesta Moïnfar (1974/1989, “Prefácio”), “sob a cuidadosa supervisão do próprio Émile Benveniste¹¹⁶, vinte artigos são por eles selecionados e classificados, seguindo as mesmas seis partes do volume inicial, o que mostra o Sumário no Quadro 5:

Quadro 5 - Sumário do segundo volume dos *Problemas de Linguística Geral*¹¹⁷

Primeira parte – Transformações da linguística

Capítulo 1. Estruturalismo e linguística (*Les Lettres françaises*, nº. 1242 (24-30 de julho de 1968), p. 10-13. Entrevista a Pierre Daix.)

Capítulo 2. Esta linguagem que faz a história (*Le Nouvel Observateur*, especial literário, no. 210 bis (20 de novembro a 20 de dezembro de 1968), p. 28-34. Entrevista a Guy Dumur.)

¹¹⁵ Esse novo volume vem então acompanhado do número 2, e o de 1966 passa a trazer o número 1 no título, ou seja, em francês, *Problèmes de linguistique générale*, 2 e *Problèmes de linguistique générale*, 1, respectivamente.

¹¹⁶ A esse propósito, afirma Godel (1974-1975, p. 207, tradução minha): “Sabe-se como a atividade de É. Benveniste foi bruscamente interrompida em 1970 [sic]. Ele pôde, no entanto, supervisionar a preparação de um segundo volume [dos *Problemas*], publicado sob os cuidados de M. Dj. Moïnfar.” Fato igualmente comentado pelo próprio Moïnfar (1992) em “L’oeuvre de Benveniste”, quando o autor se refere aos episódios que confirmam sua firme convicção de que Benveniste manteve a capacidade de compreensão. Fenoglio (2016b, p. 371) também indica que, tendo ficado imóvel e mudo após seu acidente vascular cerebral, Benveniste podia ler e se comunicava, porém parcialmente e com muita dificuldade. Sobre o estado de Benveniste, conferir a nota 66.

¹¹⁷ Indico, após cada texto, a referência da publicação original conforme a edição brasileira do *PLGII*.

Segunda parte – A comunicação

Capítulo 3. Semiologia da língua (*Semiotica*, Haia, Mouton & Co., I (1969), 1, p. 1-12 e 2, p. 127-135.)

Capítulo 4. A linguagem e a experiência humana (*Diogène*, Paris, U.N.E.S.C.O., Gallimard, n.º. 51 (julho-setembro de 1965), p. 3-13.)

Capítulo 5. O aparelho formal da enunciação (*Langages*, Paris, Didier-Larousse, 5.º. ano, n.º. 17 (março de 1970), p. 12-18.)

Terceira parte – Estruturas e análises

Capítulo 6. Estrutura da língua e estrutura da sociedade (*Linguaggi nella società e nella tecnica* (= Convegno internazionale Olivetti, Milão, 14-17, outubro, 1968), Milão, Edizioni di Comunità, 1970, p. 459-460. Conferência.)¹¹⁸

Capítulo 7. Convergências tipológicas (*L'Homme*, Haia, Mouton & Co., VI (1966), Caderno n.º. 2, p. 5-12.)

Capítulo 8. Mecanismos de transposição (*Cahiers Ferdinand de Saussure*, 25, Genebra, Librairie Droz (1969) (= *Mélanges H. Frei*), p. 47-59.)

Capítulo 9. As transformações das categorias linguísticas (*Directions for Historical Linguistics* (*Symposium in Historical Linguistics*, abril, 29-30, 1966, Universidade do Texas, Departamento de Linguística), Austin-Londres; University of Texas Press, 1968, p. 85-94. Conferência publicada em inglês.)

Capítulo 10. Para uma semântica da preposição alemã *vor* (*Athenaeum*, nova série, vol. I, fasc. III-IV (1972), Universidade de Pávia, p. 372-375.)

Quarta parte – Funções sintáticas

Capítulo 11. Fundamentos sintáticos da composição nominal (*Bulletin de la Société de Linguistique de Paris*, C. Klinksieck, t. LXII (1967), fasc. I, p. 15-31.)

Capítulo 12. Formas novas da composição nominal (*Bulletin de la Société de Linguistique de Paris*, C. Klinksieck, t. LXI (1966), fasc. I, p. 82-95.)

Capítulo 13. Estrutura das relações de auxiliaridade (*Acta Linguistica Hafniensia*, Copenhague, vol. IX (1965), n.º. 1, p. 1-15.)

Quinta parte – O homem na língua

Capítulo 14. O antônimo e o pronome em francês moderno (*Bulletin de la Société de Linguistique de Paris*, C. Klinksieck, t. LX (1965), fasc. I, p. 71-87.)

Capítulo 15. A forma e o sentido na linguagem (*Le Langage II* (*Sociétés de Philosophie de langue française, Actes du XIII^e Congrès*, Genebra, 1966), Neuchâtel, La Baconnière, 1967, p. 29-40. Conferência.)

¹¹⁸ Conforme Brunet e Mahrer (2011, p. 13), trata-se de uma conferência proferida por Benveniste, em 1968, no encontro *Linguaggi nella società e nella tecnica* em homenagem ao centenário de nascimento de Camillo Olivetti, e publicada, em 1970, em duas versões – em francês (p. 17-28) e em inglês (p. 459-469) – pela Edizioni di Comunità. A paginação indicada na edição brasileira do *PLGII* segue, portanto, equivocadamente a paginação informada na edição francesa (p. 459-460), como se não houvesse mais do que duas páginas de texto. Deste encontro, também participam Roman Jakobson, Umberto Eco e Tullio de Mauro, entre outros.

Sexta parte – Léxico e cultura

Capítulo 16. Difusão de um termo de cultura: o latim *orarium* (*Studia classica et orientalia Antonio Pagliaro oblata*, Istituto di Glottologia della Università di Roma, vol. I (1969), p. 213-218.)

Capítulo 17. Gênese do termo “scientifique” (*L’Age de la Science*, Aix, II (1969), n.º. I, p. 3-7.)

Capítulo 18. A blasfêmia e a eufemia (*Archivio di Filosofia* (“L’analyse du langage théologique. Le nom de Dieu”, Atas do colóquio organizado pelo Centro Internacional de Estudos Humanistas e pelo Instituto de Estudos Filosóficos de Roma, Roma, 5-11 de janeiro de 1966), dirigido por Enrico Castelli, Roma, 1969, 71-75. Conferência.)

Capítulo 19. Como se formou uma diferenciação lexical em francês (*Cahiers Ferdinand de Saussure*, 22, Genebra, Librairie Droz (1966), p. 15-28.)

Capítulo 20. Dois modelos linguísticos da cidade (*Échanges et communications. Mélanges offerts à Claude Lévi-Strauss* (Homenagem por ocasião de seu 60.º aniversário, organização de Jean Pouillon e Pierre Maranda), Haia, Mouton & Co., 1970, p. 489-596.)

Fonte: BENVENISTE, 1974/1989.

Examinando mais de perto os capítulos de cada um dos dois volumes, constata-se que Benveniste contribuiu com importantes publicações do campo da linguística, uma vez que muitos desses textos figuram, originalmente, nas publicações *Acta linguistica*, *Bulletin de la Société de Linguistique de Paris*, *Cahiers Ferdinand de Saussure*, *Langages* e *Semiotica*, por exemplo.

Das publicações *Bulletin de la Société de Linguistique de Paris*¹¹⁹ e *Cahiers Ferdinand de Saussure* provêm, respectivamente, nove e três artigos. Do campo da linguística, essas são as referências mais presentes. Aliás, mais da metade dos capítulos dos dois volumes da obra pertencem, originalmente, a publicações diversas que se inserem nesse campo de estudos.

Benveniste, no entanto, não contribuiu apenas com publicações do campo da linguística. Outros capítulos apareceram originalmente, por exemplo, nas publicações *Journal de psychologie*, *La psychanalyse*, *Diogenes*¹²⁰, *L’Année sociologique*, *L’Homme*¹²¹ e *Les*

¹¹⁹ Lembro que, como indicado anteriormente, Benveniste é responsável pela redação do *Bulletin de la Société de Linguistique de Paris* durante muitos anos. Segundo informações da página oficial da Société de Linguistique de Paris, de 1959 até, oficialmente, 1970 (SOCIÉTÉ LINGUISTIQUE DE PARIS, 2017).

¹²⁰ Dois textos dos *Problemas* são publicados nessa revista. Seu n.º. 51, de 1965, que traz o artigo “A linguagem e a experiência humana”, é consagrado a “Problemas de linguagem” e traz colaborações de outros importantes nomes da linguística, como Jakobson, Chomsky e Martinet.

¹²¹ Lembro que Benveniste participa, no ano de 1961, com Pierre Gourou e Claude Lévi-Strauss, da criação e direção dessa revista.

études philosophiques, referências reconhecidas do campo das ciências humanas. Esses textos mostram que o linguista não transita apenas pela linguística, mas encontra, em diferentes campos do conhecimento – a psicologia, a psicanálise, a sociologia, a antropologia, a filosofia –, um espaço entre pensadores que, cada um de seu lugar e a seu modo, também se interessam por questões envolvendo a linguagem e, em especial, por suas reflexões.

Cinco textos ilustram, de modo particular, a interlocução de Benveniste com outros pensadores dentro e fora da linguística. Trata-se dos capítulos que retomam textos do autor publicados em coletâneas em homenagem aos linguistas Roman Jakobson (*PLGI*, Cap. 20 – “A natureza dos pronomes”) e Henri Frei (*PLGII*, Cap. 8 – “Mecanismos de transposição”), ao filólogo Leo Spitzer (*PLGI*, Cap. 23 – “Os verbos delocutivos”), ao historiador Lucien Febvre (*PLGI*, Cap. 28 – “Civilização: contribuição à história da palavra”) e ao antropólogo Claude Lévi-Strauss (*PLGII*, Cap. 20 – “Dois modelos linguísticos da cidade”).

Nessa mesma perspectiva, sete capítulos retomam conferências proferidas por Benveniste em diferentes congressos, colóquios ou encontros, que foram, posteriormente, publicadas. Nessas conferências, por exemplo, o linguista se dirigia a um público mais amplo que o dos linguistas (*PLGI*, Cap. 3 – “Saussure após meio século”¹²² e *PLGII*, Cap. 6 – “Estrutura da língua e estrutura da sociedade”) ou, mais especificamente e sobretudo, a seus pares (*PLGI*, Cap. 9 – “A classificação das línguas” e Cap. 10 – “Os níveis da análise linguística”; *PLGII*, Cap. 9 – “As transformações das categorias linguísticas”) ou a um público de filósofos (*PLGII*, Cap. 15 – “A forma e o sentido na linguagem” e Cap. 18 – “A blasfêmia e a eufemia”).

Por fim, dois textos, os capítulos 1 – “Estruturalismo e linguística” e 2 – “Esta linguagem que faz a história” do *PLGII*, reproduzem entrevistas¹²³ destinadas a um público

¹²² Conforme informações da nota 5 desse capítulo (BENVENISTE, 1995, p. 34).

¹²³ Em sua resenha “É. Benveniste. *Problèmes de linguistique générale, II*”, Robert Godel (1974-1975, p. 210, tradução minha) salienta “o valor e o interesse dos textos” do volume, mas, por outro lado, mostra sua “leve reserva” em relação a “essas entrevistas com jornalistas”. Godel desaprova, desse modo, sua inclusão na antologia, criticando “a forma um pouco solta” das considerações de Benveniste feitas “ao sabor das questões colocadas”; o que não corresponde, em sua opinião, ao apresentado nos demais estudos formulados pelo próprio linguista (GODEL, 1974-1975, p. 210, tradução minha). Aos olhos de Godel, portanto, esses textos parecem menores e nada importantes do ponto de vista científico. Normand (1989), por sua vez, retoma esse comentário de Godel, mas se posiciona diferentemente. Isso, claro, muito provavelmente em função de seu distanciamento temporal. Conforme a linguista, é possível “ver nessas entrevistas um testemunho histórico interessante sobre a situação da linguística nesse período do estruturalismo, levada a deixar o círculo dos especialistas a ponto de ocupar o lugar de uma filosofia da linguagem que teria a caução da ciência” (NORMAND, 1989, p. 164, nota 3, tradução minha). E, nesse sentido, Normand (1989, p. 164, nota 3) sustenta que o projeto de semiologia de Benveniste é uma das respostas a essa solicitação..

bastante genérico, dadas por Benveniste à publicação literária *Les Lettres françaises*¹²⁴ e a um especial literário do semanário *Le Nouvel Observateur*¹²⁵, respectivamente.

Em “1966: Benveniste publie les *Problèmes de Linguistique Générale*”¹²⁶, Fenoglio (2013b) discorre a respeito da publicação do primeiro volume dos *Problemas de linguística geral*. A autora inicia observando que, no ano de 1966, Benveniste é orientador na EPHE e professor no Collège de France¹²⁷, onde ocupa a cátedra de gramática comparada e ministra dois cursos, um às segundas e outro às terças.

Fenoglio esclarece que, embora a denominação da cátedra nunca tenha sido modificada, Benveniste sempre trata, nas aulas de segunda, de um tema qualificado de “geral” (o funcionamento da sintaxe geral, por exemplo) e que, a partir do ano universitário de 1963-1964, passa a utilizar como título para essas aulas a denominação “Problemas de linguística geral”¹²⁸, como mostra o manuscrito da Ilustração 2:

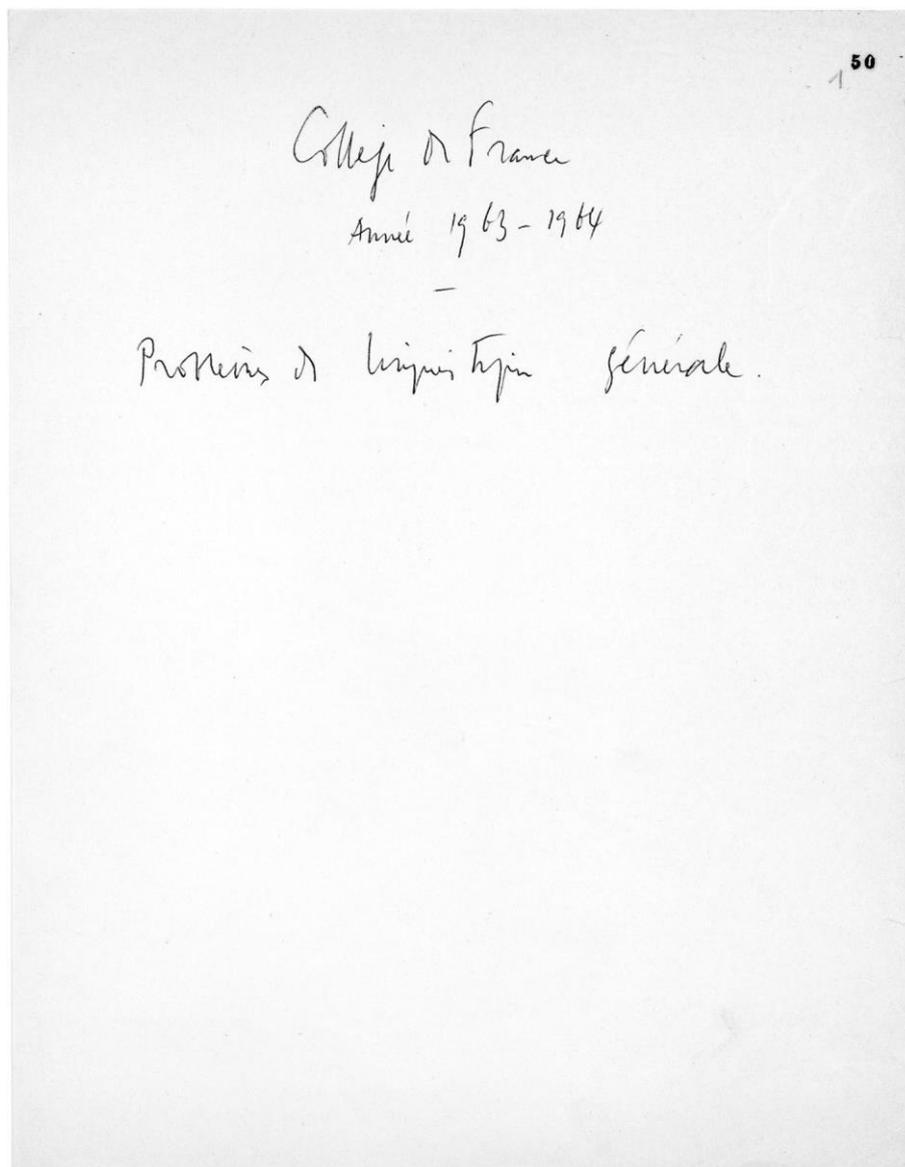
¹²⁴ Jornal de renome fundado clandestinamente por Jacques Decour e Jean Paulhan, membros da Resistência, em 1942, na França. De 1953 a 1972, é dirigido por Louis Aragon, jornalista e escritor, e publicado semanalmente com apoio financeiro do Partido Comunista Francês. Hoje, está inserido no jornal *L'Humanité* e tem publicação mensal. Pierre Daix, que entrevista Benveniste, é o editor de *Les Lettres françaises* durante a direção de Aragon.

¹²⁵ Publicação de esquerda que provém de *L'Observateur politique, économique et littéraire*, jornal fundado por antigos membros da Resistência em 1950. Guy Dumur, escritor, crítico literário e teatral, é quem entrevista Benveniste.

¹²⁶ Texto que compõe o dossiê “1966, annus mirabilis” da revista *Acta Fabula* (novembro-dezembro 2013, volume 14, número 8). Esse dossiê traz artigos sobre publicações que marcaram o ano de 1966, como *As palavras e as coisas* de Michel Foucault e os *Escritos* de Jacques Lacan. Ainda a respeito do ano de 1966, conferir, em Dosse (1992a), o capítulo 33 – “1966: l’année lumière / I – L’année structurale”, além do curso “1966: Annus mirabilis”, do Collège de France, coordenado por Antoine Compagnon em 2010-2011 (COMPAGNON, 2011), com a participação, em especial, de François Dosse, Pierre Nora e Georges-Jean Pinault, entre outros. Agradeço ao colega Daniel Costa da Silva por esta referência.

¹²⁷ Segundo Bader (1978), em “Émile Benveniste (1902-1976)”, Benveniste dissocia sua atividade de professor da de pesquisador. Na EPHE, o linguista se dedica à introdução do método comparativo para alunos menos experientes, enquanto, no Collège de France, se volta para a pesquisa, tratando em suas aulas, cada vez mais frequentemente, de problemas de linguística geral (BADER, 1978, p. 54). A autora, uma ex-aluna, também descreve o comportamento de Benveniste em aula, salientando seu interesse constante pelos alunos.

¹²⁸ Lazard (1978), em “Émile Benveniste (1902-1976)”, analisa a perspectiva adotada e dos temas tratados pelo linguista nessas aulas de segunda.

Ilustração 2 - Manuscrito do Acervo Benveniste da BNF

Fonte: FENOGLIO, 2013b, p. 3.

Por sua vez, nas aulas de terça, segundo Fenoglio, o linguista se dedica ao domínio do indo-europeu, do indo-iraniano ou a outra língua ou conjunto de línguas – semíticas, caucasianas, ameríndias etc. A autora sustenta, no entanto, que a linguística geral, “verdadeiro desafio teórico e mais especificamente epistemológico” (FENOGLIO, 2013b, p. 2)¹²⁹, sempre foi o propósito de Benveniste, permanecendo a preocupação subjacente a todas as suas descrições de línguas diversas e variadas, assim como a todas as análises do funcionamento dos fatos languageiros.

¹²⁹ Todas as citações desse texto de Fenoglio são traduções minhas.

Fenoglio (2013b, p. 3) ressalta, por conseguinte, que a expressão “Problemas de linguística geral” não surgiu para a publicação de 1966, mas traduz “uma profunda e longa reflexão, amadurecida durante a preparação de suas aulas, sob a influência da herança de Saussure e de Meillet”. Conforme a autora, “linguística geral” – expressão que circula com o *Curso de linguística geral* de Saussure, publicado em 1916, e se afirma com *Linguistique historique et linguistique générale* de Meillet, publicado em 1921 – remete ao surgimento de um campo que, pouco a pouco, se tornará uma disciplina¹³⁰. A linguística geral, acrescenta ela, oferece uma nova orientação aos estudos de gramática comparada, uma vez que abre um espaço para a teoria geral sobre a língua, desenvolve e amplia os trabalhos de gramática histórica e comparada das línguas indo-europeias, assim como de outros tipos de línguas. Trata-se de “uma linguística teórica que se interroga sobre a constituição e a própria organização do linguístico e sobre os métodos de análise que permitem revelá-lo” (FENOGLIO, 2013b, p. 3, grifo da autora). Para Benveniste, continua Fenoglio, a linguística geral explica o funcionamento da língua saussuriana a partir dos processos de atualização próprios a cada língua particular. Desse modo, diz respeito à “relação entre *as* línguas e *a* língua ou, em outras palavras, entre *as línguas* e *o linguístico*” (FENOGLIO, 2013b, p. 3, grifos da autora).

Já, para Fenoglio (2013b, p. 4), o termo “problemas” da expressão “Problemas de linguística geral” remete à “idiossincrasia reflexiva e metodológica de Benveniste que sempre consiste em abordar um fato de linguagem na forma de questões, o termo ‘problema’ acrescentando ao de ‘questão’ a dimensão de uma complexidade ainda não resolvida”. A autora salienta que essa característica do linguista é muito visível não apenas em suas publicações – “onde a palavra ‘problema’ está muito presente” –, mas mais ainda em seus manuscritos, notas e rascunhos – “onde vemos Émile Benveniste às voltas com a inquietação do pesquisador, não sabendo por onde iniciar sua reflexão” (FENOGLIO, 2013b, p. 4, grifo da autora). Fenoglio ainda ressalta que, no “Prefácio” do *PLGI*, o próprio Benveniste explica o porquê de apresentar os estudos selecionados para a obra com a denominação de

¹³⁰ Nessa perspectiva, lembro que, em 1960, André Martinet publica seus *Elementos de linguística geral* e, em 1963, Roman Jakobson publica seus *Essais de linguistique générale*. E é nesse contexto que surgem, em 1966, os *Problemas de linguística geral* de Benveniste, como aponta Barthes (1984, p. 205). Por outro lado, saliento que “Linguística geral” é o nome do curso que Saussure assume com a aposentadoria de Joseph Wertheimer, em 1906, na Universidade de Genebra. São três os cursos de linguística geral ministrados por ele: o primeiro em 1907 (de 16 de janeiro a 3 de julho), o segundo em 1908-1909 (de novembro de 1908 a 24 de junho de 1909) e o terceiro em 1910-1911 (de 29 de outubro de 1910 a 4 de julho de 1911) (NORMAND, 2004a, p. 7). Esse curso se soma aos de gramática comparada e sânscrito, ministrados anualmente de 1891 (quando, na sua volta a Genebra, é criada para ele uma cátedra de sânscrito e línguas indo-europeias) até 1912, ano em que, doente, suspende sua atividade docente (NORMAND, 2004a, p. 6-7). A denominação “Linguística geral” não é, por conseguinte, uma invenção sua.

“problemas”, como já referido, além de, em nota¹³¹, trazer a reflexão de Christian Puech a esse respeito.

Nesse artigo, Fenoglio apresenta igualmente alguns depoimentos não apenas acerca do contexto editorial no qual surgiu a publicação de 1966, mas ainda acerca do período anterior a seu lançamento e, por fim, do modo como se deu sua recepção¹³².

É Pierre Nora quem conta como surge a publicação na editora Gallimard. Segundo seu depoimento, no início do ano letivo de 1965, ele encontra a obra acertada para a coleção “Bibliothèque de philosophie”, dirigida por Pierre Verstraeten desde a morte de Maurice Merleau-Ponty (1908–1961). Verstraeten lhe cede o livro para que, ao lado de *As palavras e as coisas* de Michel Foucault e *Ethnologie et langage* de Geneviève Calame-Griaule, inaugurasse a coleção “Bibliothèque des sciences humaines”, tratando, através dessas três obras, de “Problemas da linguagem” (FENOGLIO, 2013b, p. 2). Nora apostava que, nesse contexto, a publicação de Benveniste se sobressairia e colaboraria para o lançamento da coleção, o que de fato aconteceu. O sucesso da obra foi, segundo o historiador, imediato, permanecendo “praticamente um *best seller* linguístico” (NORA apud FENOGLIO, 2013b, p. 1)¹³³. Nora ainda fala da estupefação de Benveniste quando fica sabendo, por ele, alguns meses mais tarde, que seu livro seria reeditado, assim como da surpresa do linguista com a procura inesperada por suas aulas no Collège de France.

A esse respeito, Fenoglio (2013b, p. 1) traz o testemunho de Jean-Claude Coquet, que frequentou “sem interrupção e com paixão” os seminários de Benveniste no Collège de France de 1965 a 1969. Relembrando sua formação universitária, Coquet afirma que tanto Saussure quanto Benveniste eram conhecidos dos estudantes no início dos anos 60, mas não passavam de nomes. Ao contrário de Meillet e de Vendryes, Benveniste permanecia à margem, como Saussure. Coquet relata também que, no ano letivo de 1965–1966, as aulas do linguista se desenrolavam em uma pequena sala com poucos ouvintes (por volta de uma

¹³¹ Trata-se da nota 11 do texto (FENOGLIO, 2013b, p. 10).

¹³² Muitas dessas informações, assim como uma análise do pensamento do linguista, são apresentadas por Dosse (1992b) no capítulo 4 – “Benveniste: l’exception française” do segundo volume de sua *Histoire du structuralisme*.

¹³³ Nora especifica que, em 2013 (data em que é publicado o texto de Fenoglio), a coleção “Bibliothèque des sciences humaines” conta com aproximadamente 35.000 exemplares do primeiro volume dos *Problemas de linguística geral*, e a coleção “Tel” conta com outros 95.000. O segundo volume teve igualmente um grande sucesso, embora menor, contabilizando, na coleção “Bibliothèque des sciences humaines”, 11.000 exemplares e, na coleção “Tel”, 60.480 (FENOGLIO, 2013b, p. 1).

dúzia)¹³⁴; porém, no ano letivo seguinte, 1966–1967, após o lançamento dos *Problemas*, passam a ocorrer em um grande anfiteatro¹³⁵.

Apesar de seu sucesso editorial, comparável, conforme Coquet, ao de *As palavras e as coisas*, a recepção da obra não se deu do mesmo modo no campo da linguística, sendo mais positiva entre os gerativistas do que entre os funcionalistas. Coquet (apud FENOGLIO, 2013b, p. 8) mostra, por exemplo, que o gerativista Nicolas Ruwet – referindo-se aos estudos de Benveniste sobre o genitivo latino e a frase relativa – o considera “de todos os linguistas estruturalistas europeus, aquele que, em suas pesquisas concretas, se mostrou mais próximo das concepções de Chomsky”¹³⁶. Ruwet, a quem, como foi visto, Benveniste agradece no “Prefácio”, inclusive cita as aulas do linguista no Collège de France nos anos de 1963–1964 e de 1965–1966 em sua *Introdução à gramática gerativa* (1967). Por sua vez, conforme Coquet (apud FENOGLIO, 2013b, p. 8), o funcionalista Georges Mounin (seguidor de André

¹³⁴ Dosse (1992b, p. 58, tradução minha) afirma que, apesar de seu isolamento no Collège de France, “Benveniste tem uma tamanha notoriedade que atrai para suas aulas os maiores linguistas: Oswald Ducrot, Claude Hagège, Jean-Claude Coquet, Marina Yaguello”. Como mostra Dosse (1992b, p. 69), aliás, é Hagège quem o sucederá no Collège de France. A esse respeito, contudo, Pinault (2013, p. 3) afirma que, com a doença e morte de Benveniste, por respeito e falta de um erudito francês de envergadura comparável, a cátedra de gramática comparada permanece durante muito tempo vaga, tendo sido criada, em 1988, uma cátedra de teoria linguística para Hagège.

¹³⁵ A propósito do número de ouvintes de Benveniste, baseando-se em um depoimento de Tzvetan Todorov, seu aluno desde 1963 (data em que chega a Paris), Dosse (1992b, p. 57-58) indica que passa de uma dúzia para em torno de vinte e cinco pessoas com a publicação de 1966. Ou seja, sua audiência continuaria modesta, contrariando o testemunho de Coquet. Michel Arrivé (1997), por sua vez, no “*Préface*” de *Émile Benveniste. Vingt ans après*, registra que a procura não apenas pelas aulas no Collège de France mas ainda pelos escritos de Benveniste era muito pequena antes da publicação do primeiro volume dos *Problemas*. Em relação às aulas, Arrivé também se vale do testemunho de Coquet. Já seus escritos, conforme o testemunho do próprio Arrivé (1997, p. 20, tradução minha), “confinados em publicações especializadas”, começavam a despertar, no início dos anos 60, “uma curiosidade discreta, tão discreta que somente podia vir de linguistas e de seus alunos”, o que bruscamente muda com a publicação de 1966. Aliás, a respeito dela, Arrivé (1997, p. 20, tradução minha) ressalta que as editoras (e Gallimard não é exceção) apenas publicam “o que sabem (ou acreditam: para eles, é a mesma coisa...) poder vender”, ou seja, “o que responde a preocupações atuais dos possíveis leitores”. O autor acrescenta ainda que, no ano de 1966, também são publicadas as obras *As palavras e as coisas*, de Michel Foucault, *Escritos*, de Jacques Lacan, e *Semântica estrutural*, de Algirdas Julien Greimas, configurando-se no “breve instante do triunfo do ‘estruturalismo’” (ARRIVÉ, 1997, p. 20, tradução minha). E lembra, contudo, como indiquei anteriormente, que os *Problemas* – assim como, de outro modo, os *Escritos* – “marcam, de modo exemplar, o frágil equilíbrio que então se estabelece entre o que se denomina o ‘estruturalismo’ e o que supostamente o coloca em questão: a consideração do ‘sujeito’” (ARRIVÉ, 1997, p. 20, grifos do autor, tradução minha).

¹³⁶ Esse comentário de Ruwet, apesar de estranho à primeira vista, se explica pelo fato de, nesses estudos, Benveniste refletir sobre as noções de estrutura e de função, além de buscar constantes sintáticas, estabelecendo modelos específicos de frases que devem ser reconhecidos como universais, conforme o “Prefácio” do *PLGI*. Por outro lado, Coquet e Fenoglio (2012/2014, p. 74) ressaltam que Ruwet, em sua *Introdução à gramática gerativa* (1967), reconhece, como um mérito de Benveniste, o fato de ele ter colocado “a sintaxe em primeiro plano”. Isso porque, para Benveniste, “*chercher* não tem o mesmo sentido conforme se diga *je cherche mon chapeau* ou *je cherche à comprendre*” (COQUET e FENOGLIO, 2012/2014, p. 75, grifos dos autores). Ou seja, os autores mostram que *chercher* não é *chercher à*, não se tratando, desse modo, da mesma “palavra” para o linguista (COQUET; FENOGLIO, 2012/2014, p. 75). Essa reflexão de Ruwet retoma, portanto, as noções de palavra, frase e sintagmatização formuladas por Benveniste. Claro que Ruwet faz essa retomada a seu modo, de sua perspectiva teórica.

Martinet¹³⁷) considera Benveniste “pouco criador” e aponta o viés filosófico de “suas ‘algumas sugestões’”, o que não caberia a um linguista.

Em relação aos efeitos da obra no meio universitário francês, Coquet apresenta o testemunho de Claudine Normand. A linguista relata que, em 1966, Benveniste era ignorado por seu departamento de linguística em Nanterre e que, para conhecê-lo, foi preciso que ela passasse pelo departamento de filosofia, ou seja, por Paul Ricoeur¹³⁸. Segundo Coquet (apud FENOGLIO, 2013b, p. 8), o filósofo se baseava sobretudo nos textos “Estrutura das relações de pessoa no verbo” (1946), “A natureza dos pronomes” (1956) e “Da subjetividade na linguagem” (1958), observando, contudo, em Benveniste “um risco de invasão de seu próprio domínio: a filosofia, que não é, garante ele, o do linguista”.

Nesse aspecto, Coquet aproxima as reservas de Mounin, de um lado, e as de Ricoeur, de outro, ressaltando que, com Antoine Culioli, em “Théorie du langage et théorie des langues” (1984/1999), essas reservas se tornam uma condenação. Conforme Coquet, Culioli comenta (como fizera Ricoeur) a mesma citação de Benveniste – “só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’” (BENVENISTE, 1995, p. 286, grifos do autor) –, criticando, em função da referência à noção de “ser”, o que seria um recurso à ontologia, recurso esse que os estruturalistas não aceitam. Nesse sentido, Coquet (apud FENOGLIO, 2013b, p. 8) salienta que “se Benveniste pratica como cientista a análise estrutural, ele não adere à ideologia estruturalista”.

Finalmente, Coquet (apud FENOGLIO, 2013b, p. 8) observa que Greimas, opondo-se a Mounin, saúda o “‘aporte inovador’ de Benveniste”, mas, “como bom estruturalista”, logo assinala que esse aporte permitiu “numerosas exegeses de ordem metafísica ou psicanalítica”,

¹³⁷ Havia, segundo Arrivé (1997), um acirrado conflito entre Martinet e Benveniste. O autor indica que é o próprio Martinet quem utiliza a palavra “conflito”, referindo-se a Benveniste em suas *Mémoires d'un linguiste* (1993). Arrivé (1997, p. 17, tradução minha, grifo do autor), bastante crítico em relação à postura de Martinet nessa obra, insiste que o linguista não faz nela “a menor alusão aos aspectos teóricos do ‘conflito’”, parecendo querer silenciar “o que, no plano teórico, o opõe a Benveniste”. Por outro lado, Arrivé absolutamente nada traz a respeito do posicionamento de Benveniste nesse “conflito” explicitado por Martinet, o que é bastante significativo. Nessa mesma perspectiva, Fenoglio (2016b, p. 330 e p. 368-369) critica duramente a postura de Martinet em suas *Mémoires*, assim como a atitude de Edmond Faral, administrador do Collège de France de 1937 a 1955, que demite Benveniste do Collège em 1940, qualificando a postura de um e a atitude do outro de antissemita.

¹³⁸ Nesse ponto, contudo, os depoimentos de Normand e de Arrivé parecem apontar em sentidos um pouco diferentes (cf. a nota 135). Por sua vez, Dosse reproduz não um depoimento de Normand, mas suas considerações em “Linguistique et philosophie: un instantané dans l’histoire de leurs relations” (1985); artigo publicado na revista *Langages* no qual a autora, através de um estudo comparativo das notas de aula tomadas em Nanterre, constata que os alunos eram “informados da problemática de Benveniste pelo filósofo Ricoeur e não pelo linguista [Jean] Dubois” (DOSSE, 1992b, p. 62, tradução minha). A esse respeito, Normand (apud DOSSE, 1992b, p. 62, tradução minha) conclui: “o filósofo parece munido para melhor e mais rápido compreender o alcance de certas teorias linguísticas novas do que os próprios linguistas, demasiadamente ocupados em reconverter suas tradicionais ou recentes abordagens para já desejar transformá-las”.

exaltando o reaparecimento do sujeito e rejeitando a concepção da linguagem como um sistema de regras. Ou seja, completa Coquet (apud FENOGLIO, 2013b, p. 8): “Aspecto inovador, certamente, mas que era preciso saber corrigir”¹³⁹.

Fenoglio, em seu artigo, também reproduz um longo depoimento de Julia Kristeva a respeito de Benveniste e da influência do linguista em seu pensamento¹⁴⁰. Kristeva, que havia chegado a Paris na véspera do Natal de 1965, conta que foi Roman Jakobson quem lhe recomenda, em 1966, a leitura da obra de Benveniste, recém publicada. Entre vários aspectos, a autora ressalta que, através da discussão dos *Elementos de semiologia* (1964-1965) de Roland Barthes, Saussure começava a ser lido e que o texto “Natureza do signo linguístico”¹⁴¹ dos *Problemas* – mostrando que não é o signo que é arbitrário, mas a relação entre o referente e o signo – provoca um impacto “epistemológico” (FENOGLIO, 2013b, p. 7).

Sobre esse primeiro volume – organizado em seis partes: “Transformações da linguística”, “A comunicação”, “Estruturas e análises”, “Funções sintáticas”, “O homem na língua” e “Léxico e cultura” –, Fenoglio (2013b, p. 5) sustenta que nele Benveniste “expõe a amplitude de seu campo”. Trata-se de “uma organização pensada, uma composição que reflete o movimento teórico no qual se engaja Benveniste” (FENOGLIO, 2013b, p. 5-6). Para a autora, assim, entre o panorama traçado pelo primeiro capítulo (“Tendências recentes em linguística geral”) e a contribuição linguística à compreensão da socialidade humana apresentada pelo último (“Civilização: contribuição à história da palavra”), quatro partes objetivam “‘estruturar’ e ‘metodologizar’ o linguístico” (FENOGLIO, 2013b, p. 6, grifos da autora).

Fenoglio observa que, no Acervo Benveniste da BNF, se encontram vários manuscritos referentes aos artigos desse volume, exceto aqueles que corresponderiam ao texto

¹³⁹ Dosse (1992b, p. 63, tradução minha) observa, por conseguinte, que Benveniste não é “ignorado por desconhecimento” no âmbito universitário francês, mas porque deliberadamente “a linguística estrutural barrou, na época, a via de acesso ao sujeito”. E o historiador acrescenta: “Tanto para Greimas quanto para Dubois, importava normalizar o sujeito, considerado um elemento vindo parasitar o objeto científico a ser construído; objeto que deveria corresponder ‘a uma língua objetivada ou língua padronizada da qual se evacuou todos os elementos que podem perturbar sua análise’ [nas palavras de Coquet]” (DOSSE, 1992b, p. 63, tradução minha). Segundo Dosse, essa situação somente se modifica em 1970, e a publicação do artigo “O aparelho formal da enunciação” na prestigiada revista de linguística *Langages* é um sinal importante de que os linguistas, nesse momento, se interessam pelo pensamento de Benveniste. O que, assinala Dosse, não ocorre devido a questões ligadas à linguística em si, mas aos efeitos de Maio de 68 sobre a linguística, ou seja, devido “às novas interrogações que bruscamente surgiram nas ciências humanas e que sobretudo permitiram ao sujeito reaparecer pela janela depois de ter sido expulso pela porta” (DOSSE, 1992b, p. 62, tradução minha).

¹⁴⁰ Kristeva cita, nesse depoimento, o prefácio das *Últimas aulas*, intitulado “Émile Benveniste, um linguista que não diz nem oculta, mas significa”, outro texto no qual fala de sua relação pessoal com Benveniste e de sua leitura do autor.

¹⁴¹ Lembro, no entanto, que esse texto foi originalmente publicado por Benveniste em 1939.

“Da subjetividade na linguagem”, e que o segundo volume segue a mesma divisão do primeiro.

A autora traz ainda um outro depoimento de Coquet a respeito da organização do segundo volume. Conforme Coquet, as aulas de Benveniste no Collège de France de 1965 a 1969 forneceram a base para esse volume. O autor afirma também que, de seu ponto de vista, são indissociáveis os dois volumes dos *Problemas*, assim como *O vocabulário das instituições indo-europeias*, publicado em 1969¹⁴², *Noms d'agent et noms d'action en indo-européen*, segundo volume de sua tese de 1935, e *Origines de la formation des noms en indo-européen*, publicado muito tardiamente em 1975¹⁴³.

Em relação aos temas tratados na publicação de 1966, Fenoglio ressalta, é claro, a problemática da subjetividade na linguagem – objeto central dos capítulos da quinta parte, “O homem na língua” –, além de também mostrar o interesse de Benveniste, em “Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana” (capítulo sete da segunda parte), pelo campo aberto pelas pesquisas psicanalíticas.

Fenoglio (2013b., p. 8) sustenta que, com Benveniste, a “linguística geral é uma antropologia”, uma vez que, partindo de uma análise das línguas em uso, a reflexão do linguista busca

compreender que, para além de um sistema de língua estável e referente para todo falante de tal sistema, cada falante fala *via* esse sistema a seu modo, na sua situação, em resumo, passa necessariamente por uma enunciação que será a cada vez um “acontecimento” perfeitamente previsível e imprevisível (FENOGLIO. 2013b, p. 8, grifos da autora).

¹⁴² Conforme Pinault (2013, p. 2), por iniciativa de Pierre Bourdieu, essa obra é publicada em dois volumes pela editora Minuit, na coleção “Arguments”, a partir de um trabalho inicial de transcrição de aulas de Benveniste no Collège de France realizado por Lucien Gerschel. Benveniste, no “Prefácio” do primeiro volume, esclarece que essa primeira redação de Gerschel foi, por ele, profundamente modificada e que contou com a colaboração de Jean Lallot na preparação dos originais, na redação do resumo que precede cada capítulo, assim como na elaboração dos quadros e índices que compõem os volumes (BENVENISTE, 1969/1995, p. 12-13). Observo, ainda, que as aulas aqui referidas são as ministradas às terças (aulas nas quais o linguista se dedica ao domínio do indo-europeu, como indicado anteriormente). Segundo Bader (1978, p. 55), essa publicação recobre os anos do pós-guerra, entre 1944 e 1952, e ocorre perto do momento em que Benveniste sofre seu acidente vascular cerebral.

¹⁴³ No “Prefácio” dessa obra, em nota, Benveniste (1975/1993, p. 5, tradução minha) informa: “No intervalo, houve, para o autor, outras publicações, a interrupção da guerra, a perda de todos os seus manuscritos e a obrigação de reconstituir toda a documentação da presente obra”, o que explica a enorme distância entre os dois volumes da tese. Conforme Redard (2012/2014), trata-se da única referência de Benveniste sobre a perda de seus manuscritos ocorrida durante a Segunda Guerra (cf. a nota 22).

Nesse sentido, a autora (2013b, p. 8) retoma um comentário dos organizadores de *Langue, discours, société* (1975)¹⁴⁴ no qual consideram Benveniste um dos raros linguistas que sempre recusaram se limitar a uma concepção estreita da linguística e que Benveniste, tanto através de seus próprios trabalhos quanto de sua influência direta ou indireta, marcou e renovou profundamente a antropologia, a mitologia, a psicanálise e a teoria literária, disciplinas vizinhas a sua.

Fenoglio também reproduz uma passagem do texto de Kristeva nessa mesma obra, “La fonction prédicative et le sujet parlant”, no qual a autora observa que, com Benveniste, a linguística – ciência piloto das ciências humanas – se abre ao estudo dos mitos, das instituições e do inconsciente.

Enfim, considerando-se a imensa produção científica de Benveniste, Fenoglio (2013b, p. 2) salienta que o primeiro volume dos *Problemas* é pouco representativo, sendo, porém, “extremamente importante por seu propósito e por seu alcance”. Segundo a autora, o profundo conhecimento do linguista de diversos grupos de línguas e de línguas diversas (essa aparente dispersão do saber) é pensado em “uma perspectiva linguística de grande envergadura e de explicitação geral”, envolvendo uma “reflexão de ordem epistemológica e antropológica” (FENOGLIO, 2013b, p. 2).

Aliás, Fenoglio insiste que Roland Barthes, em seu elogioso texto de *La Quinzaine littéraire*¹⁴⁵, já apontava, com entusiasmo, o valor da publicação desse volume – um livro “indispensável”, “importante”, “inesperado” e “belo” –, assim como a importância, “para todo um conjunto de pesquisas e de revoluções”, de um linguista com o rigor de Benveniste reconhecer, em sua disciplina, “o princípio de uma nova configuração das ciências humanas”¹⁴⁶ (FENOGLIO, 2013 b, p. 2).

O conjunto dessas considerações – apresentadas pelo próprio Benveniste, por seu editor, antigos alunos e estudiosos de seu pensamento a propósito da composição dos *Problemas de linguística geral*, das condições e/ou dos efeitos de sua publicação (sobretudo em relação ao primeiro volume) – orienta meu olhar sobre a obra e todo o contexto que a envolve, o que me permite compreender o lugar de Benveniste no campo da linguística e,

¹⁴⁴ Julia Kristeva, Jean-Claude Milner e Nicolas Ruwet organizam essa publicação em homenagem a Benveniste quando de sua aposentadoria do Collège de France. Segundo eles, a obra apresenta trabalhos de teóricos de diferentes nacionalidades que “não seriam o que são sem o ensinamento [do linguista]”, testemunhando “o aporte de Benveniste a toda uma geração” (KRISTEVA; MILNER, RUWET, 1975, p. 7, tradução minha).

¹⁴⁵ Cf. a nota 55.

¹⁴⁶ Ideia que retomo diferentemente em minha segunda hipótese, como mostrado no Capítulo I.

também, no campo das ciências humanas nos anos 60. Ou seja, no campo das ciências cuja reflexão se interessa, de um modo ou outro, pela linguagem e sua “problematização”.

Nessa perspectiva, antes de passar ao item seguinte – “*Problematizando* o artigo ‘Semiologia da língua’ de Benveniste” –, no qual apresento uma leitura que amplia e aprofunda meus questionamentos iniciais sobre o texto central do *corpus* de pesquisa, faço uma retomada de alguns pontos tratados nesta discussão.

Conforme o testemunho de Coquet, na linguística, Benveniste – como Saussure, aliás – era apenas um nome para os estudantes universitários no início dos anos 60¹⁴⁷. Dosse, por sua vez, aponta que seu isolamento no Collège de France não o impede de atrair para suas aulas grandes nomes da linguística, devido a sua notoriedade, e que Benveniste não é ignorado em seu campo, no âmbito universitário, por desconhecimento, mas por questões teóricas. Daí a recepção inconstante de seus *Problemas de linguística geral* na linguística (mais positiva entre gerativistas do que entre funcionalistas, escolas dominantes na época), apesar do sucesso editorial da obra em 1966, como mostra Coquet. Situação que somente se modifica, em 1970, com a publicação de “O aparelho formal da enunciação”, na revista *Langages*; o que, para Dosse, se deve, de fato, a questões exteriores à linguística.

Kristeva acrescenta que as ideias de Benveniste, assim como as de Saussure, são trazidas para a discussão, em 1964 e 1965, através dos *Elementos de semiologia* de Barthes, um semiólogo; enquanto Normand relata que Benveniste é discutido, em 1966, em Nanterre, nas aulas de Ricoeur, um filósofo, e não nas de linguística.

Ou seja, considerando-se o âmbito universitário, a despeito de seu renome como linguista, Benveniste não tem espaço nem “faz escola” no campo da linguística ao longo da década de 60¹⁴⁸; diferentemente do que ocorre, a partir da década seguinte, em relação as suas reflexões ligadas à enunciação.

¹⁴⁷ Arrivé confirma o papel fundamental, no campo da linguística, do filósofo Merleau-Ponty, através de quem Lacan teria conhecido Saussure (DOSSE, 1992a, p. 59, tradução minha), uma hipótese que Dosse aceita de bom grado, uma vez que, além de se frequentarem, “o texto de Merleau-Ponty sobre Saussure data de 1951, e o discurso de Roma de Lacan de 1953”. Ou seja, se o pensamento de Saussure não é conhecido dos estudantes de linguística no início da década de 60 – segundo Coquet –, na filosofia e na psicanálise, é discutido desde a década anterior. Infelizmente, Dosse não indica nada mais além da data desse texto de Merleau-Ponty.

¹⁴⁸ Conforme Pinault, nesse período, existe uma grande influência na Universidade do funcionalismo de Martinet, de um lado, e de teorias ligadas ao distribucionalismo americano e ao gerativismo, de outro; por sua vez, “‘escolas’ propriamente francesas”, como as que surgem com Lucien Tesnière e Gustave Guillaume, têm uma influência considerável, mas após a efervescência dos anos 60 (PINAULT, 2013, p. 6, tradução minha). Nesse contexto, comparando com o de Martinet, o autor aponta o papel menos importante de Benveniste, atribuído, como faz Dosse, a seu isolamento no Collège de France, mas também a razões pessoais (PINAULT, 2013, p. 5-6). Observo que Arrivé (1997) considera Martinet, Benveniste, Tesnière e Guillaume em sua reflexão a respeito do linguista francês que mais marcou o século XX, escolhendo Benveniste pela influência de seu pensamento dentro e fora do campo da linguística, como mencionado anteriormente.

Por outro lado, os textos selecionados para os dois volumes de seus *Problemas de linguística geral* mostram um quadro oposto ao observado na Universidade¹⁴⁹ nesses anos 60. Através deles, constata-se que a presença de Benveniste é marcante tanto no campo da linguística quanto no campo das ciências humanas. Além de artigos seus, os capítulos dos *Problemas* apresentam, desse modo, conferências e entrevistas de Benveniste para públicos diversos e textos em homenagem a intelectuais de relevo (como Jakobson ou Lévi-Strauss), todos publicados, originalmente, em importantes revistas ou livros dos dois campos do conhecimento. Essa variedade de publicações confirma que Benveniste circula em diferentes meios, estabelecendo, desde sempre, uma interlocução, muitas vezes polêmica¹⁵⁰, com pensadores dentro e fora de seu campo de estudos.

Prova disso está, conforme Pinault (2013), nos dois volumes de *Mélanges*, publicados, em 1975, em homenagem a Benveniste. O primeiro, publicado pela Société de Linguistique de Paris, com contribuições de linguistas e filólogos; o segundo – o já mencionado *Langue, discours, société* –, publicado pela editora Seuil e organizado por Kristeva, Milner e Ruwet, com contribuições de linguistas, antropólogos, historiadores, semiólogos e poetas franceses¹⁵¹ e estrangeiros¹⁵². Por conta dessas publicações, Pinault chega, aliás, a formular a seguinte pergunta: “Existiriam dois Benveniste?”, referindo-se, de um lado, ao “linguista puro, ao mesmo tempo, mestre da gramática comparada e da linguística geral”, e, de outro, ao “linguista semiótico e antropólogo” (PINAULT, 2013, p. 8, tradução minha). Ao que responde negativamente, pois esse segundo volume, para Pinault, “confirma que há apenas um só Benveniste, ainda que haja uma pluralidade potencial de leitores, na medida em que ele pode estimular a reflexão tanto dos não linguistas quanto dos linguistas” (PINAULT, 2013, p. 8, tradução minha).

Lembro que, na editora Gallimard, conforme aponta Nora, o primeiro volume dos *Problemas* havia sido pensado para a coleção “Bibliothèque de philosophie”, mas acaba, por sua iniciativa, inaugurando a coleção “Bibliothèque des sciences humaines” com outras duas obras – *As palavras e as coisas* de Michel Foucault e *Ethnologie et langage* de Geneviève Calame-Griaule – que igualmente tratam de “Problemas da linguagem”. Nora conta com o

¹⁴⁹ Qual seja: as ideias de Benveniste não são discutidas pela linguística, mas pela semiologia e pela filosofia.

¹⁵⁰ Através da discussão, por exemplo, das ideias de Freud, Austin, Peirce e, inclusive, Saussure.

¹⁵¹ Dentre os quais, por exemplo, Lévi-Strauss e Barthes.

¹⁵² Pinault (2013, p. 8) ressalta que, além dos organizadores de *Langue, discours, société*, também participam desses dois volumes os linguistas Roman Jakobson, Hansjakob Seiler e Calvert Watkins. Watkins (1933-2013), professor em Harvard que “representa a relação entre linguística, poética e léxico religioso” (PINAULT, 2013, p. 8, tradução minha), “pode ser considerado seu filho espiritual” (PINAULT, 2013, p. 5, tradução minha).

peso da reflexão do linguista Benveniste para alavancar o lançamento da coleção e, com o grande sucesso da obra, prova estar certo.

Ora, essas considerações de Pinault e Nora também mostram o quanto Benveniste é respeitado e desperta interesse fora de seu campo.

Gostaria ainda de salientar que o próprio Benveniste, no “Prefácio” do primeiro volume de seus *Problemas*, dirige-se a um público bastante amplo e genérico (“os que descobrem noutros domínios a importância da linguagem” (BENVENISTE, 1966/1995, “Prefácio”)), e não especificamente a seus pares, na apresentação que faz do livro. Claro que isso, de certo modo, se explica pelo fato de o livro ter sido, de início, pensado para uma coleção de filosofia. Mas é evidente que não se trata somente disso. Benveniste também explica que apresenta seus estudos com a denominação de “problemas”, pois esses estudos trazem (em conjunto e cada um isoladamente) uma contribuição para “a grande problemática da linguagem” do ponto de vista do linguista¹⁵³. É desse lugar, por conseguinte, de linguista, que Benveniste fala, e o faz para linguistas e não linguistas.

Desse modo, como pertinentemente mostra Fenoglio (2013b), o volume de 1966 reflete, na verdade, a postura de Benveniste em suas aulas, às segundas, no Collège de France ao longo dos anos, o que faz com que os *Problemas* não resultem simplesmente de uma organização pensada pelo linguista para a publicação do livro em um campo que não é o seu, mas, nas palavras de Fenoglio (2013b, p. 5-6), que retomo, apresentem “uma organização pensada, uma composição que reflete o movimento teórico no qual se engaja Benveniste”. Nesse volume, prossegue a autora, Benveniste “expõe a amplitude de seu campo” (FENOGLIO, 2013b, p. 5); daí a importância dessa publicação por seu propósito e seu alcance, envolvendo diversos eixos de interesse do linguista, assim como reflexões sobre a linguagem que interessam a diferentes campos do conhecimento, inclusive ao seu. Por isso, Benveniste apresenta seus estudos como “problemas” e, por outro lado, se dirige a um público amplo e genérico.

¹⁵³ Ponto de vista que Benveniste reitera, aliás, no “Prefácio” do primeiro volume de *Le vocabulaire des institutions indo-européennes* [*O vocabulário das instituições indo-europeias*], publicado em 1969, no qual esclarece não examinar o aspecto histórico e sociológico dos processos por ele analisados nessa obra, mas tratar da questão da significação, delimitando, assim, a tarefa do linguista (BENVENISTE, 1969a, p. 10). De suas análises, acrescenta ainda, os historiadores e sociólogos verão melhor o que podem reter (BENVENISTE, 1969a, p. 10). Ou seja, nessas duas obras (*O vocabulário* e os *Problemas*), Benveniste parece ter um mesmo objetivo: mostrar como um linguista trata a linguagem – através da questão da significação – e, com seu trabalho, trazer uma contribuição para “a grande problemática da linguagem”, objeto de reflexão em diferentes campos do conhecimento. Em sua reflexão semiológica, no entanto, acredito que seu objetivo seja, mais especificamente, outro: o de mostrar que uma reflexão sobre a linguagem é incontornável em qualquer campo do saber, uma vez que é a língua que interpreta a si mesma e os outros sistemas semiológicos, significando-os. Continua havendo aqui, claro, uma preocupação com a questão da significação; porém, de um outro modo.

Gostaria, por fim, de me deter em um aspecto referido por Benveniste no “Prefácio” dos *Problemas* que, acredito, se relaciona diretamente com sua reflexão semiológica. Trata-se da relação que o linguista estabelece entre a configuração da linguagem e sua determinação de todos os sistemas semióticos, o que me remete à questão da dupla significância da língua (envolvendo as noções de semiótico e semântico) e, conseqüentemente, à noção de interpretância, central em sua reflexão semiológica; noções que ainda não aparecem nesse primeiro volume e que são, de fato, formuladas e desenvolvidas a partir de 1966¹⁵⁴. Mas não é apenas isso. Nesse momento, referindo-se especificamente a estudiosos de outros campos, Benveniste afirma que os que descubrem a importância da linguagem verão como um linguista examina questões que são levados a se colocar e, talvez, perceberão que a configuração da linguagem determina todos os sistemas semióticos¹⁵⁵, o que me remete, claro, a minha segunda hipótese deste trabalho¹⁵⁶.

Acredito que essa retomada mostre que, nos anos 60 (como ao longo de toda sua trajetória), de um modo ou outro, Benveniste tem, sim, seu lugar tanto no campo da linguística quanto no campo das ciências humanas. A ideia de que o linguista procura outros campos por não ter escuta no seu não é, de meu ponto de vista, muito pertinente. Ou é, ao menos, uma ideia um tanto redutora¹⁵⁷, que aponta fortemente para uma imagem que,

¹⁵⁴ O que mostro, mais detalhadamente, no Capítulo III.

¹⁵⁵ Esses dois aspectos (o fato de o linguista estabelecer uma relação entre a linguagem e os sistemas semióticos, de um lado, e de se dirigir, nesse contexto específico, a não linguistas, de outro) me causam um certo estranhamento, uma vez que essa reflexão de Benveniste no “Prefácio” se traduz, mais efetivamente, em textos do segundo volume dos *Problemas*. A propósito de sua reflexão semiológica, os textos desse primeiro volume trazem sobretudo considerações do linguista sobre as ideias de Peirce e Saussure, assim como sobre a noção de semiologia proposta no *Curso*. O ano de 1966, no entanto, data da publicação desse volume, também marca a formulação, pela primeira vez, das noções de semiótico e semântico, em Genebra, na conferência “A forma e o sentido na linguagem”, que, mais tarde, é republicada no *PLGII*. Noções fundamentais para o *Benveniste teórico da enunciação*, é claro, mas também para o *Benveniste semiólogo*, que busco neste trabalho. O que me faz pensar que, quando Benveniste redige esse “Prefácio”, já está mergulhado em sua reflexão semiológica. Nesse sentido, é importante salientar o artigo “Os níveis da análise linguística” (1962/1964) do *PLGI*, no qual Benveniste apresenta uma elaboração inicial da distinção semiótico/semântico (os diferentes modos de significar da língua), ainda não nomeada.

¹⁵⁶ Lembrando a segunda hipótese formulada neste trabalho – Benveniste não estabelece uma relação entre a linguística e as ciências humanas, como propõe Barthes, mas entre sua reflexão semiológica e as ciências humanas, na medida em que, com sua *semiologia da língua*, o linguista coloca a língua no centro das ciências do homem. Desse modo, nesses outros campos do saber, uma reflexão a respeito da linguagem se torna incontornável, uma vez que é a língua, e somente a língua, que significa a si mesma e os outros sistemas semiológicos.

¹⁵⁷ Essa ideia talvez venha, principalmente, de uma consideração de Dosse (1992b) no capítulo 4 – “Benveniste: l’exception française” do segundo volume de sua *Histoire du structuralisme*. Nesse texto, falando sobre o reconhecimento de Benveniste fora do campo da linguística, o autor afirma que o linguista é levado a “uma estratégia de transbordamento de seu campo de origem para sair do isolamento no qual está confinado” (DOSSE, 1992b, p. 60, tradução minha, grifo meu). No entanto, nesse mesmo texto aliás, o próprio Dosse observa que Benveniste é solicitado, por exemplo, por Lacan e Lévi-Strauss, interessados pelo pensamento do linguista. Dosse igualmente mostra que, ao contrário do estruturalismo, Benveniste muito precocemente estabelece um diálogo com o campo do logicismo e da filosofia analítica. Por sua vez, Pinault (2013, p. 6)

conforme Dessons (2006, p. 36), não lhe cabe: a “imagem romântica de um pensador solitário”. Claro que, como mostrado, Benveniste não encontra espaço no âmbito universitário em seu campo, mas isso não significa que não seja um nome de peso e que não circule na linguística, participando de publicações, encontros e instituições importantes ao lado de seus pares. Lembro, nesse sentido, a título de exemplo, apenas três situações mencionadas anteriormente: sua participação no n.º 51 de *Diogenes*, em 1965, ao lado de Jakobson, Chomsky e Martinet; sua conferência de abertura do *Primeiro Simpósio Internacional de Semiótica*, ocorrido em Varsóvia, em 1968, que contava com a participação de nomes como Jakobson e Greimas; sua participação, de 1959 até 1969 (quando sofre seu acidente vascular cerebral), como secretário da Société de Linguistique de Paris, instituição que “reunia, em princípio, todos os linguistas franceses” (PINAULT, 2013, p. 5).

Não acredito, por conseguinte, que Benveniste se volte para as ciências humanas porque não tem seu lugar na linguística. Benveniste tem seu lugar na linguística e não se volta para as ciências humanas. Na verdade, sempre esteve em todos esses lugares, tanto na linguística como nas ciências humanas, o que configura as condições de enunciação de seu pensamento, marcando sua singularidade. Por isso, aliás, sua reflexão sobre a linguagem sempre despertou (e ainda desperta) o interesse de diferentes campos com os quais nunca deixou de dialogar, daí tantos testemunhos de sua influência no pensamento de estudiosos de diferentes nacionalidades e campos de conhecimento¹⁵⁸.

sustenta que, nos anos 50 e 60, já havia, na França, duas versões do estruturalismo – a representada por Benveniste, uma versão ligada a Saussure e aberta às ciências humanas, e a representada por Martinet, uma versão também ligada a Saussure, mas através da fonologia do Círculo Linguístico de Praga. Uma terceira versão surge, segundo Pinault (2013, p. 6), no início dos anos 60, com a tradução dos trabalhos de Jakobson e dos formalistas russos, assim como com a interpretação que Greimas faz da teorização da narrativa de Wladimir Propp. Esta última versão, representada por Lévi-Strauss, é fortemente influenciada por Jakobson e “resulta da extensão das ideias da linguística de Praga (associada com a versão muito formalizada e axiomatizada do saussurismo elaborado em Copenhague, a partir de 1931, por Louis Hjelmslev (1899-1965)) à antropologia” (PINAULT, 2013, p. 6). Acredito, com isso, que a inserção de Benveniste fora de seu campo de origem (a linguística) se dá, fundamentalmente, pelo que move sua reflexão teórica, pelo ponto de vista a partir do qual se interroga a respeito da linguagem – a questão da significação –, ancorado em uma visão antropológica (através do axioma “o homem na língua”) e, não, em função de uma “estratégia” de busca com quem dialogar. Além disso, não vejo sua abertura às ciências humanas como o que provoca sua reflexão (o que uma leitura dessa ideia de “estratégia” poderia sugerir), mas, sim, como uma consequência de sua reflexão sobre a linguagem. Daí por que Pinault reconhece sua abertura às ciências humanas, ainda que se possa, por outro lado, questionar a etiqueta estruturalista que lhe é atribuída. Lembro, nesse sentido, as palavras antes referidas de Coquet (apud FENOGLIO, 2013b, p. 8, tradução minha): “se Benveniste pratica como cientista a análise estrutural, ele não adere à ideologia estruturalista”.

¹⁵⁸ Talvez o que se possa dizer é que, na linguística (ontem e hoje, inclusive), a amplitude do pensamento de Benveniste seja muito reduzida, considerando-se, quase sempre, somente a reflexão do *Benveniste teórico da enunciação* e, nesse universo particular, sobretudo a questão da subjetividade e das marcas linguísticas. Mesmo um autor como Dessons (2006), com um sólido conhecimento da obra do linguista, ainda que critique esse tipo de leitura, acaba se fixando em sua reflexão linguístico-enunciativa, através da discussão da noção de discurso.

Acredito, ainda, que esse fato tenha implicações em sua reflexão semiológica, como mostro mais adiante.

Passo, então, ao próximo item – “*Problematizando* o artigo ‘Semiologia da língua’ de Benveniste” –, no qual amplio e aprofundo meus questionamentos iniciais sobre o artigo “Semiologia da língua”.

2.2 PROBLEMATIZANDO O ARTIGO “SEMIOLOGIA DA LÍNGUA” DE BENVENISTE

Faço, neste momento, uma apresentação do artigo “Semiologia da língua” de Benveniste, texto central do *corpus* de pesquisa, na qual proponho uma série de questionamentos buscando compreender, como um todo, sua ideia de uma *semiologia da língua*. Essa *problematização* do artigo orienta e organiza, de certo modo, minha discussão de sua reflexão semiológica ao longo do capítulo seguinte e, conseqüentemente, a construção de uma resposta sobretudo à primeira parte do problema de pesquisa – *Como pode ser compreendida a semiologia da língua de Benveniste?*

O artigo “Semiologia da língua” – encomenda de Kristeva a Benveniste para o primeiro número da revista *Semiotica* – é inicialmente publicado pelo linguista, em 1969, em duas partes. Em 1974, no segundo volume dos *Problemas de linguística geral*, as duas partes são publicadas juntas, formando um só texto.

Conforme Flores e Teixeira (2013, p. 7), esse artigo “é, de longe, o texto mais complexo de Benveniste”, uma vez que, nele, o linguista apresenta suas leituras de Charles Peirce e de Ferdinand de Saussure, formula os princípios das relações entre sistemas semióticos, analisa as relações entre esses sistemas e aprofunda a discussão das noções de semiótico e semântico. Aliás, por se centrar na discussão dessas noções, Flores (2013, p. 127) – em *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste* – considera que essa reflexão pertence ao que denomina o segundo momento da teoria enunciativa de Benveniste¹⁵⁹.

Benveniste introduz os termos “semiótico” e “semântico” em “A forma e o sentido na linguagem”, texto apresentado, em 1966, em Genebra, que foi publicado, pela primeira vez

Por sua vez, em outros campos, outros aspectos do pensamento de Benveniste, como o viés antropológico de sua reflexão, parecem, de fato, mais considerados em reflexões que, evidentemente, partem das ideias do linguista.

¹⁵⁹ Para Flores (2013), o primeiro momento da teoria diz respeito à questão da subjetividade na linguagem e envolve noções como as de pessoa e não pessoa (a distinção pessoa/não pessoa). O terceiro momento, por sua vez, se refere à formulação da ideia de aparelho formal da enunciação.

em 1967, em *Le langage II*, e, depois, em 1974, no *PLGII*. Em “Semiologia da língua”, por conseguinte, o linguista desenvolve a formulação teórica apresentada inicialmente em 1966.

Há, contudo, uma diferença fundamental entre esses textos, que é preciso registrar. Em “A forma e o sentido na linguagem”, Benveniste fala em um congresso para filósofos – filósofos da linguagem, em especial –, mas aborda o tema da relação entre forma e sentido na linguagem como linguista, na medida em que discute o problema da significação a partir da noção saussuriana de língua, um sistema de signos. Trata-se, desse modo, de uma abordagem linguística do tema.

Em “Semiologia da língua”, por sua vez, Benveniste escreve para linguistas. Nessa reflexão, todavia, o linguista não instaura um domínio linguístico, embora faça muitas referências a Saussure, mostrando sua filiação teórica ao mestre genebrino. Como lhe é peculiar, partindo de um *problema*, através de uma pergunta central e norteadora – “qual é o lugar da língua entre os sistemas de signos?” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 43) –, Benveniste formula os princípios não de uma linguística, mas de uma semiologia. Por isso, para Flores (2013, p. 146), “Semiologia da língua” “ocupa um lugar central na reflexão benvenistiana e tem, talvez, uma amplitude não vista nos demais [textos]”, visto que

semiótico e semântico servem, aqui, para argumentar em favor de uma semiologia diferente da aludida por Ferdinand de Saussure. A semiologia de Benveniste não se funda exclusivamente sobre a noção de *signo*, tal como em Saussure, mas, sim, sobre o discurso e, principalmente, sobre o aspecto próprio da língua de ser interpretante de si e dos outros sistemas semiológicos.

A *semiologia da língua* seria exatamente decorrente da propriedade que tem a língua de interpretar-se e interpretar os demais sistemas.

Eis a *ultrapassagem* em relação a Saussure e ela não se dá como uma negação da linguística saussuriana, mas como a fundação de um outro campo: o da semiologia da língua. (FLORES, 2013, p. 158, grifos do autor)

É importante referir, ainda, um outro texto: “Os níveis da análise linguística”, conferência apresentada em 1962, em Cambridge (em um congresso de linguística), publicada em 1964 e, posteriormente, em 1966, no *PLGI*. O autor não fala, nesse momento, em semiótico e semântico, mas trata da relação entre forma e sentido na linguagem, base da reflexão em torno dos modos semiótico e semântico. Benveniste (1964/1995, p. 139) identifica, nesse artigo, dois diferentes domínios de análise – o da língua como sistema de signos e o da língua como instrumento de comunicação.

Uma nota de “Semiologia da língua” faz, inclusive, referência a esses dois outros artigos – “Os níveis da análise linguística” e “A forma e o sentido na linguagem”¹⁶⁰. Trata-se da nota I, na página 63 do texto original e da nota 28, na página 64 de sua tradução para o português, como indicado anteriormente. Ou seja, a discussão das noções de semiótico e de semântico não pode se restringir ao exame de “Semiologia da língua”, mas deve englobar, pelo menos, todos esses textos, considerando as especificidades de cada um. Especificidades, claro, que se relacionam com a inscrição do linguista em diferentes campos do saber e, assim, com as condições de enunciação de seu pensamento.

Após essa breve contextualização do artigo e de sua relação com os textos referidos por Benveniste, passo à apresentação de “Semiologia da língua” e a sua *problematização*.

Benveniste inicia a primeira parte de “Semiologia da língua” salientando o fato de Charles Peirce (1839–1914) e de Ferdinand de Saussure (1857–1913) – que qualifica de “dois gênios antitéticos” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 43) – terem não apenas concebido, aproximadamente ao mesmo tempo e ignorando um ao outro, a possibilidade de uma ciência dos signos, mas também terem buscado sua instauração. Conforme o linguista, a partir disso, surge “um grande problema” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 43); *problema* esse que, devido à confusão que reina nesse campo de estudo, ainda não havia recebido sua forma precisa nem havia sido colocado de um modo claro. Por meio da pergunta-chave “qual é o lugar da língua entre os sistemas de signos?” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 43), o linguista, portanto, o formula já no primeiro parágrafo de seu artigo.

Mas por que Benveniste traz esses dois pensadores para a discussão?

Porque tendo – cada um a seu modo – pensado o signo e uma ciência dos signos, talvez seja possível se chegar a uma resposta baseando-se em suas ideias. Parece ser esse o motivo. Há, contudo, outra hipótese: como Benveniste objetiva, nesse texto, desenvolver uma reflexão semiológica, não tem como não falar das ideias de Peirce – cuja reflexão, em uma perspectiva semiótica, é referência –, mas, desde sempre, inscreve sua reflexão em uma filiação saussuriana.

Benveniste apresenta, desse modo, primeiro Peirce – filósofo e lógico americano – e as linhas gerais de sua teoria do signo para, em seguida, trazer Saussure e sua reflexão sobre a língua, a linguística, as suas tarefas e a semiologia¹⁶¹.

E o que conclui Benveniste contrapondo as ideias de Peirce às de Saussure?

¹⁶⁰ No Capítulo III, faço uma retomada mais detalhada desses diferentes textos.

¹⁶¹ Configuração, aliás, que se repete na reflexão de Benveniste sobre a semiologia nas *Últimas aulas* (cf. o Capítulo III).

O linguista reconhece a importância das noções formuladas por Peirce, mas faz uma crítica ao autor – em relação à língua, “Peirce não formula nada de preciso nem de específico” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 44). Com Peirce, portanto, Benveniste não responde à pergunta!

Saussure, por sua vez, estabelece que o signo é, antes de tudo, uma noção linguística. No *Curso de linguística geral*, Saussure “manifesta sua preocupação com a definição do objeto da linguística – a língua como princípio de unidade sobre a multiplicidade que é a linguagem e como princípio de classificação entre os fatos humanos” (FLORES, 2013, p. 148) – e funda a linguística. A esse respeito, Flores (2013, p. 148-149) observa que “esses dois princípios – de unidade e de classificação – são a porta de entrada para a definição saussuriana de semiologia”. Além disso, conforme Saussure, o principal objetivo da semiologia – ciência dos signos a ser criada – será o conjunto de sistemas baseados na arbitrariedade do signo. Segundo Flores (2013, p. 149), o linguista prefere, assim, Saussure a Peirce, pois a semiologia se modela sobre a linguística e o objetivo de Benveniste é explicitar o caráter semiológico da língua.

Resumindo, é porque, em Saussure, “a reflexão procede da língua e toma a língua como objeto exclusivo” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 45) que Benveniste segue com o mestre genebrino e não com o filósofo americano.

O linguista assinala, porém, que Saussure não se debruça sobre a natureza da relação entre a linguística e a semiologia¹⁶², limitando-se a afirmar que o arbitrário do signo “governaria o conjunto dos sistemas de expressão e, em primeiro lugar, a língua” (BENVENISTE, 1969/1974, p. 50, tradução minha)¹⁶³. Do mesmo modo, conforme Benveniste, em relação aos sistemas que, como a língua, dizem respeito à semiologia, “Saussure se limita a citar rapidamente alguns” – a escrita, as formas de polidez, os ritos simbólicos, os costumes, por exemplo –, “sem contudo esgotar a lista, posto que ele não adianta nenhum critério delimitativo” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 50).

Daí por que Benveniste (1969/1989, p. 50) decide retomar “este grande problema no ponto em que Saussure o deixou”, na medida em que deseja promover a análise semiológica e consolidar as bases da semiologia.

¹⁶² Embora aponte que essa relação seja necessária.

¹⁶³ No original: “gouvernerait l’ensemble des systèmes d’expression et d’abord la langue” (BENVENISTE, 1969/1974, p. 50). Na tradução brasileira: “governaria o conjunto dos sistemas de expressão e nesse sentido a língua” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 50).

Nesse sentido, ao que parece, o linguista vai com Saussure, mas além de Saussure, e formula novas perguntas – “Os ritos simbólicos, as formas de polidez são sistemas autônomos?”, “Pode-se realmente colocá-los no mesmo plano que a língua?” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 51) – às quais responde:

Eles não se mantêm em uma relação semiológica senão por intermédio de um discurso [...]. Estes signos, para nascerem e se estabelecerem como sistema, supõem a língua, que os produz e os interpreta. Eles são então de uma ordem distinta, em uma hierarquia a definir. Já se entrevê que, não menos que os sistemas de signos, as RELAÇÕES entre estes sistemas constituirão o objeto da semiologia (BENVENISTE, 1969/1974, p. 50, tradução minha, maiúsculo do autor, itálicos meus)¹⁶⁴.

Com isso, Benveniste estabelece, de um lado, que “o problema central da semiologia” é “o estatuto da língua em meio aos sistemas de signos”, e, de outro, que seu estudo deve começar pelos sistemas não linguísticos (BENVENISTE, 1969/1989, p. 51). Ou seja, Benveniste propõe, em relação à semiologia, bem mais do que seu mestre genebrino no *Curso* – cabe à semiologia estudar não apenas os sistemas semiológicos em si, mas também as relações entre os sistemas de signos, e a língua tem aí um papel fundamental.

Nessa perspectiva, voltando à pergunta – “qual é o lugar da língua entre os sistemas de signos?” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 43) –, o linguista não se limita a repetir que a língua é o mais importante deles e, atendendo à tarefa do linguista determinada por Saussure, responde: a língua tem um lugar central entre os sistemas de signos devido à propriedade que tem de interpretar a si mesma e de interpretar os demais sistemas semiológicos.

Pergunto, então, o que significa exatamente essa resposta de Benveniste?

Significa dizer que é a língua que significa esses sistemas através do discurso. E que apenas a língua tem essa capacidade, devido a sua propriedade de interpretar a si mesma e de interpretar os demais sistemas semiológicos. Interpretar significa, por conseguinte, dar sentido pela língua.

¹⁶⁴ No original: “Ils ne se tiennent dans une relation sémiologique que par l’intermédiaire d’un discours [...]. Ces signes, pour naître et s’établir comme système, supposent la langue, qui les produit et les interprète. Ils sont donc d’un ordre distinct, dans une hiérarchie à définir. On entrevoit déjà que, non moins que les systèmes de signes, les RELATIONS entre ces systèmes constitueront l’objet de la sémiologie” (BENVENISTE, 1969/1974, p. 50, grifo no original). Na tradução brasileira: “Eles não se sustentam sobre uma relação semiológica senão por intermédio de um discurso [...]. Estes signos, para nascerem e se estabelecerem como sistema, supõem a língua, que os produz e os interpreta. Eles são então de uma outra ordem, em uma hierarquia a definir. Entrevê-se assim que, não menos que os sistemas de signos, as RELAÇÕES entre estes sistemas constituirão o objeto da semiologia” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 51, grifo no original).

Mas por que começar um tal estudo olhando para sistemas não linguísticos, se, afinal, como sustenta Benveniste, somente é possível relacionar os diferentes sistemas semiológicos através da língua, do discurso?

Para responder a essa pergunta, é preciso continuar a leitura do artigo.

Se a Parte I de “Semiologia da língua” é mais genérica, não é, de modo algum, menos importante, pois define os princípios teóricos que permitem a Benveniste o desenvolvimento de suas reflexões na Parte II. Ou seja, a retomada das ideias de Peirce e de Saussure possibilita que Benveniste organize a discussão a respeito da questão da semiologia.

Essa segunda parte, por sua vez, é mais específica, na medida em que, nela, o linguista retoma as noções de semiótico e semântico para falar da especificidade da língua, daquilo que a diferencia dos outros sistemas de signos – sua propriedade de tudo interpretar – e, a partir daí, propor um novo campo do saber: o da *semiologia da língua*.

Flores (2013, p. 150, grifos do autor) mostra que Benveniste, nessa Parte II, “começa estabelecendo a importância da noção de signo e destacando a centralidade da *propriedade de significar ou significância*, caráter comum a todos os sistemas de signos e critério para ligá-los à semiologia”.

Benveniste também determina que um sistema de signos, um sistema semiológico, se caracteriza por seu modo operatório – o modo como o sistema age e o sentido ao qual se dirige (visão, audição, etc.); por seu domínio de validade – onde deve ser reconhecido ou obedecido; pela natureza e número de seus signos; e, finalmente, por seu tipo de funcionamento. E estabelece que, no que diz respeito às relações entre os sistemas, há dois princípios: a) não há redundância entre sistemas, ou seja, não há sinonímia; b) não há signo transsistemático, ou seja, o valor de um signo se define somente no sistema que o integra.

O linguista faz, por outro lado, mais uma pergunta – “Os sistemas de signos são então tantos outros mundos fechados, não tendo entre eles senão uma relação de coexistência talvez fortuita?” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 54) –, à qual responde com duas exigências metodológicas: de um lado, as relações entre sistemas semióticos são de natureza semiológica, ou seja, existe uma determinação cultural que produz e alimenta esses sistemas; e, de outro, deve-se sempre determinar se um sistema pode se autointerpretar ou se deve ser interpretado por outro sistema, ou seja, existem sistemas interpretantes e sistemas interpretados.

Essa relação entre sistema interpretante e sistema interpretado é o que Benveniste propõe, na sequência,

entre os signos da língua e os da sociedade: os signos da sociedade podem ser integralmente interpretados pelos signos da língua, não o inverso (BENVENISTE, 1969/1974, p. 55, tradução minha)¹⁶⁵. A língua será então o interpretante da sociedade. [...] a língua ocupa uma situação particular no universo dos sistemas de signos. Se se convencionar designar por *S* o conjunto desses sistemas e por *L* a língua, a conversão se faz sempre no sentido $S \rightarrow L$, nunca o inverso. Temos aqui um princípio geral de hierarquia, apropriado para ser introduzido na classificação dos sistemas semióticos e que servirá para construir uma teoria semiológica (BENVENISTE, 1969/1989, p. 55).

Nesse momento, Benveniste retoma a questão dos sistemas não linguísticos, analisando, com detalhe, como funciona e se organiza o sistema da música. O linguista também se detém em outro domínio – o das artes plásticas. E tem, com isso, um objetivo específico: através dessas análises, Benveniste busca deixar claro *como a língua significa*. Benveniste examina, portanto, a significância nos sistemas não linguísticos para melhor determinar a questão da significância na língua, um sistema linguístico. Eis a resposta para minha pergunta anterior – Por que começar um tal estudo olhando para sistemas não linguísticos, se, afinal, como sustenta Benveniste, somente é possível relacionar os diferentes sistemas semiológicos através da língua, do discurso?

Benveniste, por conseguinte, não examina esses sistemas não linguísticos com a finalidade de pensar uma semiologia da música ou das artes, mas sim para melhor compreender a especificidade do sistema linguístico e, a partir daí, pensar sua *semiologia da língua*. Ainda a esse respeito, afirma o linguista:

Toda semiologia de um sistema não linguístico deve tomar emprestada a intermediação da língua, não pode então existir senão pela e na semiologia da língua (BENVENISTE, 1969/1974, p. 61, tradução minha)¹⁶⁶. Que a língua seja aqui instrumento e não objeto de análise não muda nada nesta situação, que comanda todas as relações semióticas; a língua é o interpretante de todos os outros sistemas, linguísticos e não linguísticos (BENVENISTE, 1969/1989, p. 61).

Em seguida, Benveniste especifica a natureza e as possibilidades das relações entre os sistemas semióticos. Essas relações são, segundo ele, de três tipos:

¹⁶⁵ No original: “entre les signes de la langue et ceux de la société: les signes de la société peuvent être intégralement interprétés par ceux de la langue, non l’inverse” (BENVENISTE, 1969/1974, p. 54). Na tradução brasileira: “entre os signos da língua e os da sociedade: os signos da sociedade podem ser integralmente interpretados pelos signos da língua, jamais o inverso” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 55).

¹⁶⁶ No original: “Toute sémiologie d’un système non-linguistique doit emprunter *le truchement de la langue*, ne peut donc exister que par et dans la sémiologie de la langue” (BENVENISTE, 1969/1974, p. 60, grifos meus). Na tradução brasileira: “Toda semiologia de um sistema não linguístico deve pedir emprestada *a interpretação da língua*, não pode existir senão pela e na semiologia da língua” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 61, grifos meus).

- a) Relações de engendramento – quando um sistema é construído a partir de outro: o alfabeto braile é engendrado pelo alfabeto normal, por exemplo;
- b) Relações de homologia – quando há correlações entre partes de dois sistemas: há homologia entre a escrita e o gesto ritual na China ou entre os perfumes, as cores e os sons no poema “Correspondências” de Baudelaire, por exemplo;
- c) Relações de interpretância – quando um sistema pode interpretar o outro: a língua em relação aos demais sistemas, por exemplo.

O linguista, ao que parece, também estabelece uma diferença entre esses três tipos de relação e sustenta que – do ponto de vista da língua – a de interpretância é a relação fundamental, na medida em que, ao contrário da língua (interpretante de todos os sistemas semióticos), nenhum outro sistema dispõe de “uma ‘língua’ na qual possa se categorizar e se interpretar segundo suas distinções semióticas, enquanto que a língua pode, em princípio, tudo categorizar e interpretar, inclusive ela mesma” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 62, grifo do autor). E isso porque a “língua nos fornece o único modelo de um sistema que seja semiótico simultaneamente na sua estrutura formal e no seu funcionamento” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 63).

A partir do que, pergunto: o que significa exatamente “interpretância”? “Interpretância” é sinônimo de “interpretação”? Em “Estrutura da língua e estrutura da sociedade” e em suas *Últimas aulas*, quando Benveniste também se refere à relação de interpretância (ou às noções de interpretante e interpretado a ela relacionadas), está tratando sempre da mesma noção?

Uma resposta para essas perguntas exige uma discussão mais aprofundada de “Semiologia da língua”, assim como um estudo desses outros textos do linguista, nos quais essas noções são igualmente tratadas. Neste momento, arrisco-me a dizer apenas que interpretância e interpretação não são sinônimos, mas, no item 3.3 do Capítulo III, volto a essa questão.

Considerando, ainda, a questão das relações, o linguista mostra a diferença entre a relação semiológica e a relação sociológica, o que o faz, mais uma vez, afirmar o lugar central da língua; língua que “constitui o que mantém juntos os homens, o fundamento de todas as relações que por seu turno fundamentam a sociedade” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 63). E é, nessa passagem, cabe ressaltar, que Benveniste insere uma nota remetendo a seu artigo “Estrutura da língua e estrutura da sociedade”, texto apresentado em 1968, em Milão, e publicado em 1970. Ou seja, a discussão da relação existente entre a língua e a sociedade não pode se restringir ao exame de “Semiologia da língua”, mas deve englobar também, pelo

menos, o texto resultante dessa apresentação. Mais adiante, no item 3.3 do Capítulo III, retomo essa questão.

Voltando à questão da língua, Benveniste (1969/1989, p. 63) esclarece que

- 1º. ela se manifesta pela enunciação, que contém referência a uma situação dada; falar, é sempre falar-de;
- 2º. ela consiste formalmente de unidades distintas, sendo que cada uma é um signo;
- 3º. ela é produzida e recebida nos mesmos valores de referência por todos os membros de uma comunidade;
- 4º. ela é a única atualização da comunicação intersubjetiva.

Nessa perspectiva, entendo que, se essas são as características que fazem da língua um sistema particular, não é possível encontrá-las, todas, em nenhum outro sistema semiológico.

É a conclusão a que chega Benveniste, pois a língua é o único sistema semiológico que apresenta uma dupla significância: a do modo semiótico (a significância dos signos, do sistema) e a do modo semântico (a significância da enunciação). Saliento, nesse sentido, que os itens 2º. e 3º. se referem ao semiótico da língua; enquanto os itens 1º. e 4º., ao semântico da língua.

Há, na língua, assim, dois modos diferentes de significar, o que não ocorre, segundo ele, nos demais sistemas de signos. Esses, por sua vez, têm sempre uma significância unidimensional: ou semiótica sem semântica (como os gestos de cortesia) ou semântica sem semiótica (como a música) (BENVENISTE, 1969/1989, p. 66).

Ou seja, somente na língua a significação se articula em duas dimensões, o que o conduz a seguinte conclusão:

- É preciso desde já admitir que a língua comporta dois domínios distintos, cada um dos quais exige seu próprio aparelho conceptual. Para o que denominamos semiótico, a teoria saussuriana do signo linguístico servirá de base à pesquisa. O domínio semântico, ao contrário, deve ser reconhecido como separado. Ele precisará de um aparelho novo de conceitos e de definições (BENVENISTE, 1969/1989, p. 66-67).

Todas essas considerações mostram, por conseguinte, a importância das noções de semiótico e de semântico na reflexão do autor a respeito da significância dos diferentes sistemas (linguísticos e não linguísticos) e, conseqüentemente, na formulação da noção de interpretância. É preciso, contudo, examiná-las mais de perto e nos diferentes textos em que são mobilizadas.

Benveniste (1969/1989, p. 67) acrescenta, também, que a “semiologia da língua foi bloqueada, paradoxalmente, pelo instrumento mesmo que a criou: o signo” e finaliza o artigo dizendo:

Em conclusão, é necessário ultrapassar a noção saussuriana do signo como princípio único, do qual dependeriam simultaneamente a estrutura e o funcionamento da língua (BENVENISTE, 1969/1974, p. 66, tradução minha)¹⁶⁷. Esta ultrapassagem far-se-á por duas vias:

- na análise intralinguística, pela abertura de uma nova dimensão de significância, a do discurso, que denominamos semântica, de hoje em diante distinta da que está ligada ao signo, e que será semiótica;

- na análise translinguística dos textos, das obras, pela elaboração de uma metassemântica que se construirá sobre a semântica da enunciação.

Esta será uma semiologia de “segunda geração”, cujos instrumentos e o método poderão também concorrer para o desenvolvimento das outras ramificações da semiologia geral (BENVENISTE, 1969/1989, p. 67).

Eis aqui o que Agamben (1998/2008, p. 139), em seu *O que resta de Auschwitz*, define como um “programa de pesquisa” para além da linguística saussuriana que permaneceu sem seguimento. Daí por que essa passagem suscita tantas perguntas, como, por exemplo, as que seguem.

O que significa essa ultrapassagem da noção saussuriana de signo?

Como mencionei, trata-se de um ir além, mas com Saussure. Benveniste parte dos princípios saussurianos, mas aponta a necessidade de se pensar um novo aparelho de conceitos e de definições em relação à língua, uma vez que ela comporta dois domínios distintos e não apenas um, o do signo. Essa reflexão, por sua vez, permite as “duas vias” pelas quais se dará a ultrapassagem da noção de signo como princípio único: um via linguística (através de uma análise intralinguística) e outra semiológica (através de uma análise translinguística).

O que é uma análise intralinguística?

Trata-se de uma análise com base na enunciação, ou seja, uma análise com base no domínio semântico, no discurso, naquilo que, mais tarde, será denominado a linguística benvenistiana da enunciação, distinta, portanto, de uma análise com base no domínio semiótico, no signo, na linguística saussuriana.

¹⁶⁷ No original: “En conclusion, il faut dépasser la notion saussurienne du signe comme principe unique, dont dépendraient à la fois la structure et le fonctionnement de la langue” (BENVENISTE, 1969/1974, p. 66). Na tradução brasileira: “Em conclusão, é necessário ultrapassar a noção saussuriana do signo como princípio único, do qual dependeria simultaneamente a estrutura e o funcionamento da língua” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 67).

O que é uma análise translinguística? O que significam aqui textos e obras? De que tipo de textos e obras Benveniste fala? Benveniste se refere aqui à literatura? Ou também à literatura?

Por enquanto, só perguntas. Difícil, inclusive, esboçar uma resposta. É preciso aprofundar a discussão do artigo e relacioná-lo com outros textos de Benveniste, sobretudo com suas *Últimas aulas*, para responder a essas questões.

Por outro lado, há uma relação entre textos e obras aqui e o que Benveniste denomina “as grandes unidades” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 36), no artigo “Esta linguagem que faz a história” de 1968, ou “formas complexas do discurso” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 90), no artigo “O aparelho formal da enunciação” de 1970?¹⁶⁸

Mais uma vez, é preciso aprofundar a discussão para uma resposta. Nesse sentido, aliás, para Flores e Teixeira (2013, p. 6), não há dúvidas de que “o quadro formal da enunciação abre para o estudo das formas complexas do discurso ainda não contempladas pela linguística”.

E, continuando as perguntas, no que consiste essa metassemântica construída sobre a semântica da enunciação? A metassemântica é a semiologia de segunda geração?

Acredito que a metassemântica seja uma reflexão semiológica, baseada na semântica da enunciação. Uma semiologia de segunda geração, segundo ele.

Se Benveniste propõe uma semiologia de segunda geração, no que consiste a semiologia de primeira geração?

A semiologia proposta por Saussure, baseada no signo linguístico, é a semiologia de primeira geração. Essa semiologia do signo envolve apenas o domínio semiótico, a língua como sistema de signos.

O que é, afinal, a *semiologia da língua* que dá título ao artigo?

Uma metassemântica que se dá a partir de uma análise translinguística dos textos, das obras com base na enunciação, ou seja, em uma análise intralinguística.

E, além disso, qual é a relação da metassemântica com os outros aspectos tratados ou apenas mencionados no artigo, como a questão da escrita, a questão da relação da língua com os outros sistemas e, também, a questão da relação da língua com a sociedade? A reflexão semiológica de Benveniste envolve também esses aspectos ou se resume à questão da metassemântica?

¹⁶⁸ Flores (2013, p. 174), quando discute o terceiro momento da teoria enunciativa de Benveniste, também estabelece essa relação, fazendo a mesma pergunta.

Como mostro em minha primeira hipótese, acredito que sua reflexão semiológica não se resume à metassêmica. E acredito também que seja importante relacionar todos esses aspectos para compreender essa reflexão como um todo. Ou seja, para compreender sua *semiologia da língua* como um todo.

Enfim, neste momento, muitas são as perguntas e, de fato, poucas são as respostas. Ao longo do próximo capítulo, considerando o problema de pesquisa deste trabalho – *Como pode ser compreendida a semiologia da língua de Benveniste e qual é o efeito dessa reflexão semiológica do linguista sobre o lugar da linguagem nas ciências humanas?* –, busco respostas possíveis para todas elas.

Aos textos então!

CAPÍTULO III

DO LABIRINTO DA SEMIOLOGIA À SEMIOLOGIA DA LÍNGUA

No terceiro volume de sua *Mitologia Grega*, Junito de Souza Brandão (1987/2007) dedica todo um capítulo ao “Mito de Teseu”. Filho de Egeu, rei de Atenas, Teseu é o herói de muitas aventuras. Uma delas envolve Ariadne, uma das filhas de Minos, rei de Creta.

Minos atribui a morte de Androgeu, seu filho, a Egeu e, por isso, entra em uma sangrenta guerra contra Atenas. Como a guerra se prolonga e Atenas é assolada por uma peste, Minos concorda com o fim das batalhas, impondo, porém, um pesado tributo aos atenienses: a cada ano, sete moços e sete moças deveriam ser enviados ao rei de Creta para que, lançados no Labirinto, servissem de pasto ao Minotauro. No terceiro ano do tributo, percebendo a irritação crescente dos atenienses contra seu pai, Teseu decide enfrentar o Minotauro e se prontifica a seguir com as outras treze vítimas para Creta. Com a promessa de que, livre do Labirinto, o herói a desposaria e levaria para Atenas, Ariadne, apaixonada, resolve ajudá-lo e lhe dá um novelo de fios; novelo cujos fios Teseu desenrola à medida que penetra no Labirinto. Desse modo, após a derrota e a morte do monstro, Teseu encontra o caminho que o conduz para fora do Labirinto graças ao fio de Ariadne, que é, por fim, abandonada pelo herói ao longo de seu retorno à Grécia.

O fio de Ariadne é, assim, um fio condutor, orientando e guiando Teseu no caminho que permite sua saída do Labirinto. Ou seja, é o fio que evita que o herói se perca, para sempre, nos meandros do Labirinto, um perigo tão grande como o do próprio Minotauro.

Dessons (2006) se vale dessa ideia em “Le fil d’Ariane de la sémantique” [“O fio de Ariadne da semântica”] quando, preocupado em situar o pensamento de Benveniste, mostra seu percurso, salientando, através de suas relações com Bréal, Saussure e Meillet¹⁶⁹, assim como com a EPHE e o Collège de France, a construção de “um paradigma teórico que faz da questão da significação o componente maior da filiação intelectual de Benveniste” (DESSONS, 2006, p. 27). Conforme sugere Dessons, como um fio condutor, essas referências todas permitem que Benveniste encontre seu caminho em uma reflexão a respeito da linguagem centrada na significação, saindo, a seu modo, metaforicamente do Labirinto da semântica. Não se trata aqui, é claro, da disciplina semântica, mas de um campo de estudos

¹⁶⁹ Seguindo essa discussão de Dessons, a influência de Bréal e Meillet, ao contrário da de Saussure, sobre Benveniste é mais institucional do que teórica. Isso porque Benveniste se aproxima teoricamente mais das ideias de Saussure do que das de Bréal e Meillet. Convém lembrar, por outro lado, que essa discussão apresentada pelo autor (que envolve as relações teóricas e institucionais de Benveniste) vai ao encontro do que Milner (2002/2008) e Normand (1997) referem como a *École linguistique de Paris* (cf. a nota 44).

que pensa a significação, o sentido, na linguagem, assim como não se trata, literalmente, da saída desse campo, mas da resolução de um problema: a definição do modo particular como Benveniste pensa a questão da significação em meio a um emaranhado de pontos de vista¹⁷⁰.

No item “O fio de Ariadne da semiologia” deste terceiro capítulo, muito influenciada por Dessoins, considero um outro Labirinto – o da semiologia – e mais um novelo de fios – correspondendo aos pontos de vista de Charles Peirce e de Ferdinand de Saussure –, que o *Benveniste semiólogo* desenrola em sua reflexão semiológica.

Nessa perspectiva, retomo a análise de Benveniste das ideias de Peirce e de Saussure a propósito da noção de signo e da questão semiológica, mostrando seu posicionamento teórico em relação a esses dois pensadores. Ou seja, mostro, pela discussão do linguista, qual desses fios o conduz para fora do Labirinto, permitindo a resolução de um outro problema: a definição do modo particular como Benveniste pensa a questão semiológica em meio a um emaranhado de pontos de vista.

Para tanto, dos **textos de teorização** do *corpus* de pesquisa, considero, nesse item, em uma leitura vertical, a primeira parte do artigo “Semiologia da língua”, do *PLGII*, em contraponto com a Primeira aula e as Aulas 2, 3, 4 e 6 do primeiro capítulo das *Últimas aulas* de Benveniste. Também refiro os artigos “Tendências recentes em linguística geral”, “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística” e “Saussure após meio século”, do *PLGI*, dos **textos de contextualização** do *corpus*. Por fim, do *Curso de linguística geral*, recupero as ideias de Saussure apresentadas nos capítulos “Objeto da Linguística” (Capítulo III da Introdução) e “Natureza do signo linguístico” (Capítulo I da Primeira Parte).

Por sua vez, nos itens seguintes deste capítulo – “A dupla significância da língua: as noções de semiótico e semântico”, “A língua significando semiologicamente: a noção de interpretância” e “De uma semiologia do signo a uma *semiologia da língua*” –, a discussão apresentada se centra na segunda parte do artigo “Semiologia da língua”.

Nesses itens, trato inicialmente da noção benvenistiana de língua e, em seguida, apresento noções formuladas por Benveniste em sua reflexão semiológica. As noções tratadas são, sobretudo, as seguintes: significância, semiótico/semântico (em relação à língua e à semiologia) e interpretância. Por fim, examino o deslocamento proposto pelo linguista de uma semiologia do signo para uma *semiologia da língua*.

¹⁷⁰ O que, para Dessoins (2006), está ligado à “invenção do discurso”, como aponta o título de seu livro, *Émile Benveniste, l’invention du discours*. Já, para mim, está ligado ao axioma que fundamenta o conjunto do pensamento de Benveniste ou o *universo benvenistiano: o homem na linguagem / o homem na língua* (cf., na nota 110, o ponto de vista de Flores (2016; 2017a)).

Nessa perspectiva, nesses itens, mobilizo os **textos de teorização** do *corpus* de pesquisa (os artigos “Os níveis da análise linguística”, do *PLGI*, e “Estrutura da língua e estrutura da sociedade”, do *PLGII*, em uma leitura transversal, e “A forma e o sentido na linguagem” e “Semiologia da língua”, do *PLGII*, em uma leitura vertical) em contraponto com a Primeira aula e as Aulas 3, 4, 5, 6 e 7 do primeiro capítulo das *Últimas aulas* de Benveniste, assim como com as Aulas 8, 9, 10, 12, 13, 14 e 15 do segundo capítulo e a Primeira aula de seu terceiro capítulo. Por outro lado, em uma leitura transversal, dos **textos de contextualização**, mobilizo o artigo “Natureza do signo linguístico”, do *PLGI*, e os dois artigos dos **textos de divulgação** do *corpus*, as entrevistas “Estruturalismo e linguística” e “Esta linguagem que faz a história”, do *PLGII*.

Neste terceiro capítulo, portanto, busco compreender não apenas no que consiste a reflexão semiológica de Benveniste, mas também o efeito dessa sua reflexão sobre o lugar da linguagem nas ciências humanas.

Gostaria, por fim, de observar que toda a discussão desenvolvida neste capítulo procura não perder de vista a *problematização* do artigo “Semiologia da língua” apresentada no item 2.2 do Capítulo II. As questões formuladas naquele momento são, de certo modo, o meu fio condutor nos diferentes itens a seguir.

3.1 O FIO DE ARIADNE DA SEMIOLOGIA

Neste item, então, apresento a análise que Benveniste faz das ideias de Peirce e de Saussure a respeito da noção de signo e de uma ciência dos signos, mostrando como o *Benveniste semiólogo* se posiciona teoricamente em relação a esses dois pensadores, assim como seu modo particular de pensar a questão semiológica.

3.1.1 Com quem Benveniste encontra o fio: Peirce ou Saussure?

A primeira parte de “Semiologia da língua” inicia com uma pergunta – “qual é o lugar da língua entre os sistemas de signos?” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 43). Essa pergunta, para Benveniste (1969/1989, p. 43), traduz “um grande problema” que surge a partir do momento em que Peirce e Saussure, “em completa ignorância um do outro e quase ao mesmo tempo, conceberam a possibilidade de uma ciência dos signos e trabalharam para instaurá-la”.

Benveniste (1969/1989, p. 43), considerando a “confusão que reina neste domínio”, procura (ou, ao menos, parece procurar) uma resposta para esse *problema* através das ideias

dos dois pensadores que propuseram, cada um a seu modo, uma ciência dos signos, configurando-se, desse modo, nas referências principais do campo: Peirce no que se estabeleceu como semiótica; Saussure no que se estabeleceu como semiologia. Daí por que são incontornáveis na discussão do linguista.

Esse movimento com o qual Benveniste introduz a questão no artigo é muito próximo do apresentado na Primeira aula do primeiro capítulo das *Últimas aulas*. A diferença está no fato de o linguista começar sua explanação, na aula, por uma discussão a respeito da linguística geral, da língua e sua natureza significante¹⁷¹ e da noção de signo, de sistema e, finalmente, de semiologia. Em seguida, Benveniste (1968/2014, p. 92) afirma que a “teoria geral dos signos foi vislumbrada por John Locke, mas o verdadeiro nascimento dessa teoria ocorreu em dois lugares diferentes”: na América, com Peirce e, na Europa, com Saussure.

Nessa mesma aula, por outro lado, Benveniste já aponta o que diferencia essencialmente esses pensadores – o lugar conferido à língua na reflexão de cada um. Segundo o linguista, em Peirce, a “língua como tal está presente em todos os lugares, como uma evidência ou uma necessidade, mas não como uma atividade específica: ele nunca se interessou pelo funcionamento da língua” (BENVENISTE, 1968/2014, p. 93); em Saussure, pelo contrário, toda a reflexão gira em torno do funcionamento da língua. Sobre Saussure, Benveniste ainda acrescenta:

Ele fundamentou toda a linguística sobre uma teoria do signo linguístico. Ele também formulou esta noção fundamental de uma teoria geral dos signos, a semiologia, da qual a linguística seria um dos ramos. Porém, ele não foi mais longe na reflexão sobre a noção geral de signo (BENVENISTE, 1968/2014, p. 93).

No artigo, entretanto, antes de mostrar que a questão da língua os separa radicalmente, Benveniste se debruça primeiro sobre Peirce, referindo-se a noções importantes de seu arcabouço teórico; o que corresponde à discussão da Aula 2. São mencionadas as noções de ícone, índice e símbolo, assim como as de qualisigno, sinsigno e legisigno, todas relativas ao signo¹⁷².

¹⁷¹ Aliás, nesse momento, Benveniste já traz uma importante definição – a língua é “*informada de significância*, mesmo considerada fora de qualquer emprego, de qualquer utilização particular ou geral. Essa propriedade, se ela nos parece – e ela nos parece de fato – transcender todas as outras, comandará nosso discurso sobre a língua: será um discurso sobre a característica que colocamos em primeiro plano: a língua *significa*” (BENVENISTE, 1968/2014, p. 90, grifos do autor). Trata-se da noção de significância, que retomo, mais detalhadamente, ao longo deste Capítulo III.

¹⁷² Essas noções são um pouco mais explicadas na Aula 2 (na parte composta pelas notas dos ouvintes), mesmo que também bastante brevemente.

Nessa discussão, Benveniste demonstra não apenas seu conhecimento de Peirce (que cita em inglês), mas também seu respeito pelo trabalho e pela complexidade do pensamento do filósofo.

Para Benveniste, no entanto, o fio de Ariadne da semiologia não está com Peirce. E isso, acredito, por dois aspectos que caracterizam sua reflexão. De um lado, os signos são classificados por Peirce, porém essa classificação produz somente “denominações isoladas, mas não um sistema de conjunto” (BENVENISTE, 1968/2014, p. 98). Ou seja, essa classificação não implica nenhuma articulação entre signos de um mesmo tipo, impossibilitando a ideia de sistema¹⁷³; além do que, ainda, tudo é signo, e um mesmo signo pode ser diferentemente classificado. De outro lado, como referido, a língua não se constitui em um objeto particular da reflexão de Peirce.

Seguindo com Peirce, assim, Benveniste (1969/1989, p. 43) não tem como responder à pergunta – “qual é o lugar da língua entre os sistemas de signos?” –, o que envolve uma reflexão tanto sobre a língua, em si, quanto sobre a ideia de sistema. Por isso, de fato, acredito que o linguista não procura (nem em “Semiologia da língua” nem em suas aulas no Collège de France) uma resposta com Peirce. Certamente, nesse campo, Peirce é uma figura que não se pode contornar, mas trazê-lo para a discussão não se deve apenas a isso, uma vez que, de certo modo, trazê-lo também reforça a ideia de que o fio que conduz à resposta está, na verdade, com Saussure.

Com isso, o autor introduz, pela primeira vez no artigo, a noção de significância, estabelecendo que

Para que a noção de signo não se anule nesta multiplicação ao infinito [o que ocorre em Peirce], é necessário que em alguma parte o universo admita uma DIFERENÇA entre o signo e o significado. É necessário então que todo signo seja tomado e compreendido em um SISTEMA de signos. Esta é a condição da SIGNIFICÂNCIA. Resulta daí, ao contrário do que pensa Peirce, que todos os signos não podem funcionar identicamente nem pertencer a um sistema único. Dever-se-ão constituir inúmeros sistemas de signos, e entre estes sistemas, explicitar uma relação de diferença e de analogia (BENVENISTE, 1969/1989, p. 45, grifos do autor).

Nas palavras de Benveniste (1969/1989, p. 45): “É aqui que se apresenta Saussure”, cuja reflexão considera a língua por ela mesma. A partir desse momento, o linguista se debruça sobre o programa saussuriano formulado no *Curso de linguística geral*, apresentando não apenas a discussão de Saussure a respeito da definição do objeto da linguística, mas ainda

¹⁷³ Essa questão aparece na Aula 3, quando Benveniste mostra que, para Peirce, os signos se organizam conforme uma estrutura lógica e não um princípio interno (o próprio sistema). A Aula 3 traz também a ideia de que, na reflexão de Peirce, tudo é signo.

sua proposição de uma nova ciência, a semiologia, discussão que se desenvolve igualmente na Aula 3.

Benveniste aponta que, separando a língua da linguagem e a definindo como um sistema de signos, Saussure coloca a língua como princípio de unidade entre os fatos de linguagem e como princípio de classificação entre os fatos humanos, o que – em um só movimento – funda a linguística como ciência e possibilita o surgimento da semiologia. Eis aqui o fio de Ariadne da semiologia que Benveniste encontra com Saussure; fio que conduz o *Benveniste semiólogo* em sua reflexão a propósito da língua e de seu lugar entre os sistemas de signos.

Saliento, contudo, que essa “condução” significa tão somente o apontamento de um caminho, pois, na ponta do fio, são as novas questões colocadas pelo *Benveniste semiólogo* que o conduzem metaforicamente para fora do Labirinto, permitindo, repito, a resolução de um *problema*: a definição do modo particular como Benveniste pensa a questão semiológica em meio a um emaranhado de pontos de vista.

No próximo item – “Na ponta do fio: novas questões para a semiologia” –, sigo esse fio encontrado com Saussure, retomando a discussão apresentada no *Curso* em torno da semiologia, de um lado, e as considerações de Benveniste a esse respeito tanto na primeira parte de “Semiologia da língua” quanto em suas aulas no Collège de France, de outro. Também refiro, pontualmente, os artigos “Tendências recentes em linguística geral”, “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística” e “Saussure após meio século”, do *PLGI*.

3.1.2 Na ponta do fio: novas questões para a semiologia

Saussure¹⁷⁴, no capítulo “Objeto da Linguística” do *Curso*, define a língua como o objeto da linguística e a classifica entre os fatos humanos, na medida em que a considera uma instituição social; instituição esta, no entanto, distinta das outras instituições políticas, jurídicas etc. A língua é, para ele, “um sistema de signos que exprimem ideias, e é comparável, por isso, à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares etc., etc. Ela é apenas o principal desses sistemas” (SAUSSURE, 1916/2006, p. 24).

A partir disso, Saussure (1916/2006, p. 24, grifos do autor) propõe, prospectivamente, “uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social”: a “*Semiologia* (do grego

¹⁷⁴ Essa discussão sobre a noção de semiologia no *Curso* se encontra em Rosário (2017).

sēmeïon, ‘signo’). Em suas palavras, essa nova ciência geral – que faria parte da psicologia social e, conseqüentemente, da psicologia geral¹⁷⁵ – teria como objeto os signos e as leis que os governam, e a linguística a ela está relacionada e dela depende. Saussure, através dessa relação, estabelece, pela primeira vez, um lugar para a linguística entre as ciências:

A Linguística não é senão uma parte dessa ciência geral; as leis que a Semiologia descobrir serão aplicáveis à Linguística e esta se achará dessarte vinculada a um domínio bem definido no conjunto dos fatos humanos (SAUSSURE, 1916/2006, p. 24).

É preciso, contudo, ressaltar que, no capítulo “Natureza do signo linguístico”, ao defender que os signos inteiramente arbitrários realizam melhor que os outros o ideal do procedimento semiológico, o linguista explica porque “a língua, o mais complexo¹⁷⁶ e o mais difundido dos sistemas de expressão, é também o mais característico de todos” (SAUSSURE, 1916/1976, p. 101, tradução minha) e inverte a relação semiologia-linguística antes definida, colocando, nesse momento, a linguística como padrão de toda a semiologia, ainda que a língua seja apenas um sistema particular.

Saussure, no *Curso*, não avança muito mais em sua reflexão sobre a semiologia. Apesar disso, quando reconhece a preeminência da língua em relação aos demais sistemas semióticos, o mestre genebrino estabelece de forma clara: “a tarefa do linguista é definir o que faz da língua um sistema especial no conjunto dos fatos semiológicos” (SAUSSURE, 1916/2006, p. 24, grifos meus). Isso porque, para ele, “o problema linguístico é, antes de tudo, semiológico” (SAUSSURE, 1916/2006, p. 25), e pensar a verdadeira natureza da língua, comparando-a aos demais sistemas, esclarecerá não apenas o problema linguístico em si, mas também contribuirá para uma reflexão no campo da semiologia (uma reflexão que envolve os fatos humanos, os ritos, os costumes, por exemplo, como signos).

Na primeira parte de “Semiologia da língua” e, também, na Aula 3, Benveniste recupera essa discussão em torno da noção de semiologia apresentada no *Curso*; afinal, é com Saussure, e não com Peirce, que Benveniste segue em sua reflexão semiológica.

Essa discussão marca, todavia, a ponta do fio. A partir dela, desejando promover a análise semiológica e consolidar as bases da semiologia, Benveniste (1969/1989, p. 50)

¹⁷⁵ O linguista situa, assim, a semiologia no campo da psicologia; no entanto, também estabelece uma tarefa para o psicólogo: “determinar o lugar exato da semiologia” (SAUSSURE, 1916/2006, p. 24) nesse campo.

¹⁷⁶ Referindo-se à língua, saliento que Saussure diz “o mais complexo” [“le plus complexe”] (SAUSSURE, 1916/1976, p. 101) e não, como consta na tradução brasileira, “o mais completo” (SAUSSURE, 1916/2006, p. 82).

retoma “este grande problema no ponto em que Saussure o deixou” e formula novas questões que a reflexão da segunda parte do artigo pretende responder.

Essas questões, que também aparecem nas Aulas 4 e 6, envolvem não apenas os sistemas de signos (seu número, suas diferenças e semelhanças), mas sobretudo as relações existentes entre os sistemas (se são autônomos ou não), o que conduz Benveniste a estabelecer, de seu ponto de vista, o problema central da semiologia – “o estatuto da língua em meio aos sistemas de signos” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 51) –, definindo, conseqüentemente, seu modo particular de pensar a questão semiológica. Nessa perspectiva, para o linguista, é preciso determinar “a noção e o valor do signo” nos conjuntos nos quais se pode estudá-lo; examine esse que “deve começar pelos sistemas não linguísticos” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 51).

É importante salientar, aliás, que Benveniste menciona Peirce e sua reflexão sobre o signo no artigo “Tendências recentes em linguística geral”, mas – nesse texto, assim como em “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística” e “Saussure após meio século” (todos do *PLGI*) –, quando traz, de fato, para a discussão a questão de uma ciência dos signos, o linguista sempre trata das ideias de Saussure e de sua proposição de uma semiologia geral, deixando de lado a perspectiva semiótica. Ou seja, se Peirce e Saussure são referências incontornáveis nessa discussão a propósito de uma teoria ou ciência geral dos signos, o fio que conduz à saída desse Labirinto, desde sempre, Benveniste encontra com Saussure.

Nesses textos, contudo, Benveniste ainda não *problematiza* a reflexão de Saussure como faz em “Semiologia da língua” e nas aulas do Collège de France. Essa *problematização* somente é apresentada no final dos anos 60.

Passo, então, aos itens seguintes deste terceiro capítulo – “A dupla significância da língua: as noções de semiótico e semântico”, “A língua significando semiologicamente: a noção de interpretância” e “De uma semiologia do signo a uma *semiologia da língua*” –, que se relacionam especificamente com a segunda parte do artigo “Semiologia da língua”.

Considero, nesse momento, os textos “Os níveis da análise linguística”, do *PLGI*, “A forma e o sentido na linguagem” e “Estrutura da língua e estrutura da sociedade”, do *PLGII*, assim como suas aulas no Collège de France. São mobilizados ainda os textos “Natureza do signo linguístico”, do *PLGI*, e as entrevistas “Estruturalismo e linguística” e “Esta linguagem que faz a história”, do *PLGII*.

Ressalto que a discussão desenvolvida nos dois primeiros itens permite compreender no que consiste sua reflexão semiológica. Por sua vez, a discussão desenvolvida no último

permite compreender o efeito dessa reflexão semiológica sobre o lugar da linguagem nas ciências humanas.

3.2 A DUPLA SIGNIFICÂNCIA DA LÍNGUA: AS NOÇÕES DE SEMIÓTICO E SEMÂNTICO

As noções de semiótico e semântico formuladas por Benveniste são fundamentais na reflexão do *Benveniste teórico da enunciação* e na do *Benveniste semiólogo*, uma vez que, de dois modos distintos, essas noções encerram uma propriedade intrínseca da língua para o linguista – sua “propriedade de significar” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 52) –, denominada significância no artigo “Semiologia da língua” de 1969. Ou seja, essas noções encerram a dupla significância da língua.

Por isso, neste momento, dedico-me especialmente à análise dos artigos em que as noções de semiótico e semântico são desenvolvidas – “A forma e o sentido na linguagem” (1966/1967) e “Semiologia da língua” (1969), ambos reunidos no *PLGII* – com o objetivo de compreendê-las e também de determinar, de um lado, se, nesses textos, a distinção semiótico/semântico tem ou não o mesmo estatuto e, de outro, qual seria esse estatuto¹⁷⁷.

Esse *problema* envolvendo as noções de semiótico e semântico é provocado por uma afirmação de Flores (2013, p. 158) – “A distinção semiótico/semântico não tem o mesmo estatuto nos dois textos em que é formulada” –, quando o autor, na parte final de seu capítulo acerca do que chama *o segundo momento da reflexão de Benveniste sobre a enunciação: o semiótico e o semântico*, lança sugestões de temas para debate.

Utilizo, propositadamente, a palavra *problema*, fazendo uma referência ao que Dessons (2006) aponta como uma característica própria a Benveniste – seu modo particular de pensar a linguagem, os objetos da linguística, através de *problemas*, conforme discutido no item 1.1 (Capítulo I) deste trabalho.

Aproximando-me, dessa forma, do modo como o linguista pensa a linguagem, conforme Dessons, e fazendo um paralelo, proponho uma investigação que resulta em uma possibilidade de leitura a respeito do estatuto, ou seja, do valor, de semiótico e semântico nesses textos e não, evidentemente, em uma positividade em relação a essa questão¹⁷⁸.

¹⁷⁷ Uma primeira versão dessa reflexão a propósito das noções de semiótico e semântico se encontra em Rosário (2016).

¹⁷⁸ Lembro que, nas palavras de Dessons (2006, p. 10), a linguagem para Benveniste “não é uma positividade a ser conhecida de uma vez por todas”.

Com isso, neste item 3.2, retomo inicialmente a contextualização dos dois artigos realizada no item 2.2 (Capítulo II) para, em seguida, na segunda e terceira partes, analisar mais aprofundadamente as noções de semiótico e semântico no texto de 1966/1967 e, depois, no de 1969. Por fim, na última parte deste item, trato da dupla significância da língua não apenas de um ponto de vista linguístico, mas também semiológico. Lembro que a *problematização* desenvolvida no item 2.2 constitui o fio condutor desta discussão.

3.2.1 Sobre “A forma e o sentido na linguagem” e “Semiologia da língua”

Segundo Flores (2013, p. 158), a distinção entre semiótico/semântico não tem o mesmo estatuto, o mesmo valor, em “A forma e o sentido na linguagem” e “Semiologia da língua”, na medida em que seu “contexto de aparecimento” muda de um texto para o outro. A partir dessa constatação do autor, pergunto: qual seria, então, o “contexto de aparecimento” dessa distinção em cada um deles?

Benveniste (1967/1989, p. 220) inaugura o XIII Congresso das Sociedades de Filosofia de Língua Francesa, ocorrido em Genebra, no ano de 1966, com uma conferência acerca de um tema cujo enunciado, em suas palavras, “parece convir mais a um filósofo do que a um linguista: a forma e o sentido na linguagem”. Sua exposição é publicada em três momentos: em 1966, nos *Actes* do próprio Congresso; em 1967, em *Le langage II*; e, finalmente, em 1974, na quinta parte – “O homem na língua” – do *PLGII*, com o título “A forma e o sentido na linguagem”. Nesse artigo, as noções de semiótico e semântico são propostas, pelo linguista, pela primeira vez.

O artigo intitulado “Semiologia da língua”, publicado na segunda parte – “A comunicação” – do *PLGII*, em 1974, traz reunidas as duas partes inicialmente publicadas em separado, em 1969, no primeiro número da revista *Semiotica*. Nesse artigo, Benveniste desenvolve a reflexão teórica sobre essas noções, formulada em 1966/1967, em “A forma e o sentido na linguagem”.

Esses dois artigos se diferenciam, no entanto, em um primeiro aspecto: a quem se dirige Benveniste em cada um dos textos. E, também, em um segundo aspecto: em relação ao ponto de vista através do qual Benveniste trata a questão da significância da língua.

Em “A forma e o sentido na linguagem”, o linguista fala para um público de filósofos – filósofos da linguagem, sobretudo –; em “Semiologia da língua”, escreve para seus colegas linguistas. Logo, nesses textos, Benveniste se dirige a interlocutores distintos.

Sobre o ponto de vista assumido, em “A forma e o sentido na linguagem”, Benveniste discute a relação entre forma e sentido na linguagem de seu lugar de linguista, uma vez que reflete a respeito do problema da significação a partir da noção saussuriana de língua, um sistema de signos. Ou seja, nesse artigo, Benveniste fala a partir de seu próprio campo de estudos e adota, conseqüentemente, uma abordagem linguística do tema.

Em “Semiologia da língua”, porém, sua reflexão não instaura um domínio linguístico, apesar de suas muitas referências às ideias de Saussure, marcando sua filiação teórica ao mestre genebrino. Partindo de um *problema*, através de uma pergunta central e norteadora – “qual é o lugar da língua entre os sistemas de signos?” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 43) –, Benveniste formula, nesse texto de 1969, os princípios não de uma linguística, mas de uma semiologia. Ou seja, nesse artigo, Benveniste se desloca de seu campo de estudos e adota uma abordagem semiológica do tema.

Entre esses dois artigos, contudo, não existem somente diferenças. O aspecto comum entre ambos se encontra no fato de que, neles, as noções de semiótico e semântico ocupam um lugar central na reflexão teórica do autor a propósito da significância da língua.

Por outro lado, é preciso salientar que Benveniste também faz referência a essas noções, direta ou indiretamente, em outros textos seus, como, por exemplo, nos artigos “Estruturalismo e linguística” (1968) e “Estrutura da língua e estrutura da sociedade” (1968/1970) do *PLGII*. E, nesse sentido, outro texto do linguista – “Os níveis da análise linguística” – merece um comentário especial.

Trata-se de uma conferência realizada no 9º. Congresso Internacional de Linguística, em Cambridge, em 1962, igualmente publicada em três momentos: em 1962 e, depois, em 1964, em *Proceedings of the 9th International Congress of Linguists*; e, mais tarde, em 1966, na terceira parte – “Estruturas e análises” – do *PLGI*.

Nesse artigo, Benveniste discute a relação entre forma e sentido na linguagem – base da reflexão em torno dos dois modos de significar da língua – sem, no entanto, fazer uso dos termos “semiótico” e “semântico” ou mesmo “significância”. Nesse momento, Benveniste (1964/1995, p. 139) se limita a referir dois diferentes domínios de análise – o da língua como sistema de signos e o da língua como instrumento de comunicação–, o que configura o princípio de sua reflexão sobre a questão da significância da língua.

Como mencionado anteriormente, o linguista somente propõe, de fato, as noções de semiótico e semântico no artigo de 1966/1967 e a noção de significância no de 1969¹⁷⁹. Também é importante assinalar que Benveniste, no artigo “Os níveis da análise linguística”, tem como interlocutores outros linguistas e adota um ponto de vista linguístico em sua abordagem. Aliás, vale lembrar que Teixeira e Messa (2015) apontam esse texto, dentro do *universo benvenistiano*, como emblemático do *Benveniste linguista*, conforme mencionado no item 1.4 (Capítulo I)¹⁸⁰.

Mas por que motivo me detenho, agora, mais especialmente, nesse texto? Porque, como indica Flores (2013, p. 128), uma nota de “Semiologia da língua”¹⁸¹ remete aos artigos “Os níveis da análise linguística” e “A forma e o sentido na linguagem”, sendo, então, o próprio autor que o “autoriza a constituir o conjunto desses textos como *corpus textual de pesquisa* desse [segundo] momento da teoria”, envolvendo as noções de semiótico e semântico.

Observo que, neste item, discuto particularmente os artigos “A forma e o sentido na linguagem” e “Semiologia da língua”, na medida em que, neles, são claramente formuladas as noções de semiótico e semântico. Porém, não é possível deixar de lado o artigo de 1962/1964; afinal, mais do que uma relação, Benveniste estabelece, acredito, um eixo condutor entre esses três textos.

Considerando, assim, os aspectos nos quais se diferenciam esses textos – a quem se dirige Benveniste em cada um deles e o ponto de vista através do qual o linguista trata a questão da significância da língua –, fica claro que o “contexto de aparecimento” da distinção semiótico/semântico no artigo de 1966/1967 não é o mesmo que no de 1969.

¹⁷⁹ Não há, como seria de se esperar, nenhuma ocorrência do termo “significância” no *PLGI*. Porém, Benveniste faz uso desse termo em um outro texto do *PLGII*. Trata-se do artigo “O aparelho formal da enunciação” (1970). Nele, questionando-se a respeito do modo como “o ‘sentido’ se forma em ‘palavras’”, na medida em que a “enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso”, o autor afirma que a semantização da língua “conduz à teoria do signo e à análise da significância” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 83), especificando, em nota, tratar disso em “Semiologia da língua” (cf. a nota I, página 81, do original e a nota 1, página 83, da tradução para o português). Por outro lado, Benveniste igualmente faz uso do termo “significância” em suas aulas no Collège de France, o que comento, mais adiante, no item 3.2.4 deste capítulo.

¹⁸⁰ Se retomo, neste item 3.2, a ideia de um *universo benvenistiano*, referindo, a cada vez, um *Benveniste particular* (*linguista, teórico da enunciação* ou *semiólogo*, por exemplo), é porque insisto na pluralidade da reflexão do linguista. Não se trata, absolutamente, de propor uma visão dicotômica de seu pensamento. Não acredito, de modo algum, em “dois” ou até mesmo em “vários” Benveniste, mas em um Benveniste cuja reflexão sobre a linguagem, por sua profundidade e amplitude, apresenta diferentes eixos de interesse. Eixos esses que cada *Benveniste particular* evidencia e que articulam, todos, um mesmo ponto de vista sobre a linguagem: *o homem está na linguagem*, axioma geral que fundamenta o conjunto de seu pensamento, o *universo benvenistiano* ou, em outras palavras, a sua teoria da linguagem. Lembro que, de uma outra perspectiva (o linguista puro *versus* o linguista semiótico e antropólogo), Pinault (2013) igualmente rejeita essa ideia de “dois” Benveniste, como indicado no item 2.1 (Capítulo II).

¹⁸¹ Lembrando: trata-se da nota I, página 63, do original e da nota 28, página 64, da tradução para o português, conforme referido no item 1.4 (Capítulo I).

Em “A forma e o sentido na linguagem”, como referido, Benveniste se dirige a filósofos a partir de uma perspectiva linguística, ao passo que, em “Semiologia da língua”, se dirige a linguistas e sua perspectiva é semiológica. E é essa mudança de perspectiva que explica, para Flores, a diferença de estatuto da distinção semiótico/semântico nos dois artigos em que é formulada.

Neste momento, soma-se, ao *problema* do estatuto da distinção semiótico/semântico, uma outra questão: essa diferença de estatuto da distinção semiótico/semântico significa também que, nesses textos, essas noções não têm o mesmo sentido?

Buscando, desse modo, respostas para esse questionamento, passo a uma análise das noções de semiótico e semântico em “A forma e o sentido na linguagem” e em “Semiologia da língua”; o que apresento nos itens 3.2.2 e 3.2.3, respectivamente.

3.2.2 O semiótico e o semântico em “A forma e o sentido na linguagem”

Benveniste, em “A forma e o sentido na linguagem”, *problematizando* a relação entre forma e sentido, se afasta de uma interpretação que coloca em oposição essas noções. Para o autor, essa oposição deve ser reinterpretada no funcionamento da língua, pois encerra, em sua antítese, “o ser mesmo da linguagem”, o que nos conduz ao “*centro do problema mais importante, o problema da significação*” (BENVENISTE, 1967/1989, p. 222, grifos meus).

A linguagem, conforme Benveniste (1967/1989, p. 222, grifo do autor), significa, e essa é sua característica primordial, “sua vocação original que transcende e explica todas as funções que ela assegura no meio humano”; por isso, “bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para *viver*” e, sem ela, “não haveria nem possibilidade de sociedade, nem possibilidade de humanidade”. Com essas palavras, o linguista mostra, de um lado, sua visão antropológica da linguagem (visão estruturante de seu pensamento através da relação intrínseca que estabelece entre linguagem/língua, homem e sociedade) e, de outro, a importância que tem a questão da significação no conjunto de suas ideias.

Benveniste, em seguida, deixa claro que não é do ponto de vista dos lógicos que pensa a significação, na medida em que não fundamenta sua reflexão nas condições de aceitabilidade dos predicados¹⁸², mas na noção saussuriana de língua, um sistema de signos.

¹⁸² Benveniste se refere à escola de Carnap e de Quine, apontando suas diferenças. O linguista salienta, no entanto, que, “em sua preocupação de rigor, eles descartaram toda a tentativa de definição direta da significação; para não cair no psicologismo, eles substituíram a análise da significação pelo critério objetivo da aceitabilidade, experimentada por meio de testes, conforme os predicados sejam aceitos ou não pelo locutor” (BENVENISTE, 1967/1989, p. 222-223).

Desse modo, como mencionado, o autor parte das ideias de Saussure e instaura um domínio linguístico, e não lógico (filosófico, portanto), com sua reflexão, a respeito do qual ainda acrescenta: “Nosso domínio será a linguagem dita ordinária, a linguagem comum, com exclusão expressa da linguagem poética, que tem suas próprias leis e suas funções próprias. [...] Mas tudo o que se pode esclarecer no estudo da linguagem ordinária será de proveito, diretamente ou não, para a compreensão da linguagem poética também” (BENVENISTE, 1967/1989, p. 222).

O linguista, no entanto, observa:

Quando Saussure introduziu a ideia de signo linguístico, ele pensava ter dito tudo sobre a natureza da língua; não parece ter visto que ela podia ser outra coisa ao mesmo tempo, exceto no quadro da oposição bem conhecida que ele estabelece entre língua e fala. Compete-nos tentar ir além do ponto a que Saussure chegou na análise da língua como sistema significante (BENVENISTE, 1967/1989, p. 224, grifos meus).

Nessa perspectiva, Benveniste não se centra na divisão proposta por Saussure no interior da linguagem entre um lado social, a língua, e um lado individual, a fala. Há, para ele, a língua como semiótico e, também, a língua como semântico – “duas maneiras de ser língua no sentido e na forma” (BENVENISTE, 1967/1989, p. 229).

Diferenciando-se, assim, do mestre genebrino, o linguista propõe uma divisão – “fundamental” (BENVENISTE, 1967/1989, p. 229) – no interior da própria língua; divisão essa que confere uma outra dimensão para a língua como sistema significante. Eis o que permite a Benveniste, nessa perspectiva, um “ir além de Saussure”.

Em relação ao modo semiótico, Benveniste (1967/1989, p. 224, grifos do autor) toma o signo linguístico como unidade de análise e afirma que “o signo é a unidade semiótica”. Essa proposição, em suas palavras, não se encontra em Saussure (talvez por considerá-la evidente) e contém uma dupla relação envolvendo a noção de signo. Trata-se da noção de signo considerada como unidade e como dependente da ordem semiótica (BENVENISTE, 1967/1989, p. 224); ou seja, o signo considerado em si e, ao mesmo tempo, fazendo parte de um sistema.

Segundo as ideias de Saussure, Benveniste determina, então, que a forma do signo é o significante – “a forma sonora que condiciona e determina o significado” (BENVENISTE, 1967/1989, p. 225) – e seu sentido é o significado. Segundo o autor, contudo,

tudo o que é do domínio do semiótico tem por critério necessário e suficiente que se possa identificá-lo no interior e *no uso da língua*. Cada signo entra numa rede de

relações e de oposições com os outros signos que o definem, que o delimitam no interior da língua. Quem diz “semiótico” diz “intralinguístico”. Cada signo tem de próprio o que o distingue dos outros signos. Ser distintivo e ser significativo é a mesma coisa (BENVENISTE, 1967/1989, p. 227-228, grifos meus).

Com isso, Benveniste traz para a noção de signo – e, conseqüentemente, para a própria noção de sentido do signo (a noção de significado) – a noção de uso da língua: “É no uso da língua que um signo tem existência; o que não é usado não é signo; e fora do uso o signo não existe” (BENVENISTE, 1967/1989, p. 227); daí por que existe *chapéu* e não *chaméu*¹⁸³. Ou seja, as unidades do semiótico – que são os signos linguísticos – devem ser delimitadas e definidas em uma rede de relações e oposições paradigmáticas no interior do próprio sistema e devem poder ser identificadas, pelos falantes, no uso da língua. O movimento de delimitação e de definição das unidades implica uma operação de distintividade – um signo vale o que os outros signos do sistema não valem –; por sua vez, o movimento de identificação das unidades implica uma operação de reconhecimento.

Disso decorrem três conseqüências para o linguista: a) em nenhum momento, em relação ao semiótico, se trata da relação do signo com as coisas denotadas nem das relações entre a língua e o mundo; b) os signos têm, sempre e apenas, um valor genérico e conceitual, organizando-se, sempre e apenas, em uma relação paradigmática; c) as oposições semióticas são de tipo binário (BENVENISTE, 1967/1989, p. 228).

E, nessa perspectiva, acrescenta Benveniste (1967/1989, p. 228, grifos meus): “A *binariedade* me parece ser a característica semiológica por excelência, na língua antes de tudo e depois em todos os sistemas de comportamento nascidos no seio da vida social e dependentes de uma análise semiológica”, afirmando, por fim, que “a natureza semiótica parece ser comum a todos os comportamentos que se institucionalizam na vida social, porque são entidades de dupla face, semelhantes ao signo linguístico. E esta faculdade semiótica comum compõe, para cada conjunto, um sistema que aliás”, “na maioria dos casos, resta ainda por determinar” (BENVENISTE, 1967/1974, p. 223, tradução minha)¹⁸⁴.

Benveniste opera aqui, acredito, um deslocamento em relação a Saussure, pois não define a arbitrariedade, mas a binariedade do signo, como “a característica semiológica por

¹⁸³ Benveniste (1967/1989, p. 225) se refere, nesse momento, à semiologia e acrescenta: “Para que um signo exista, é suficiente e necessário que ele seja aceito e que se relacione de uma maneira ou de outra com os demais signos”. No original, em francês, o linguista indica que *chapeau* e *chameau* existem, mas *chareau* não (BENVENISTE, 1967/1974, p. 222). A tradução brasileira apresenta somente a distinção *chapéu/chaméu*, não busca, no português, um equivalente para *chameau*.

¹⁸⁴ No original: “dans la plupart des cas, reste encore à dégager” (BENVENISTE, 1967/1974, p. 223). Na tradução brasileira: “em sua maior parte, resta ainda por estudar” (BENVENISTE, 1967/1989, p. 228).

excelência”¹⁸⁵. Nessa mesma discussão, ainda, o linguista não se afasta do que também propõe Saussure, na medida em que ressalta a importância da noção de sistema. E faz isso, aliás, desde seu artigo “Natureza do signo linguístico”, no qual, depois de questionar a arbitrariedade do signo, reforça tanto a ideia de valor como a de sistema apresentadas pelo mestre genebrino.

Desse modo, ao lado da questão da binariedade, são as concepções de valor e de sistema, vindas de Saussure, que contam para Benveniste em sua reflexão a propósito do semiótico. Reflexão essa que não se limita ao linguístico, uma vez que o linguista se refere à língua, mas também aos sistemas não linguísticos (“todos os sistemas de comportamento nascidos no seio da vida social” (BENVENISTE, 1967/1989, p. 228)), o que Benveniste adianta, nesse momento, sendo, no entanto, de fato aprofundado em “Semiologia da língua”, pois sua perspectiva em “A forma e o sentido na linguagem” é, antes de tudo, linguística.

Tendo definido as características do semiótico, Benveniste (1967/1989, p. 228) passa a se interrogar a respeito da frase, da função comunicativa da língua, porque “é assim que nos comunicamos: por frases, mesmo que truncadas, embrionárias, incompletas, mas sempre por frases”. Nesse momento, para o linguista, chega-se a um ponto crucial da análise: “pensamos que o signo e a frase são dois mundos distintos e que exigem descrições distintas”¹⁸⁶, o que o faz introduzir a noção de semântico, “domínio da língua em emprego e em ação” (BENVENISTE, 1967/1989, p. 229).

Benveniste (1967/1989, p. 229) se volta, assim, para a língua em sua “função mediadora entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo, entre o espírito e as coisas, transmitindo a informação, comunicando a experiência, impondo a adesão, suscitando a resposta, implorando, constringendo; em resumo, organizando toda a vida dos homens”¹⁸⁷.

¹⁸⁵ Lembro que, no capítulo “Natureza do signo linguístico” do *Curso*, Saussure (1916/2006) defende que os signos inteiramente arbitrários realizam melhor que os outros o ideal do procedimento semiológico; o que explica, de seu ponto de vista, porque a língua, o mais complexo e o mais difundido, é também o mais característico de todos os sistemas de expressão.

¹⁸⁶ Isso porque Benveniste se opõe a perspectivas que tomam a frase como um signo ou que admitem que, pela simples adição ou extensão do signo, se possa passar à proposição e, depois, aos diversos tipos de construção sintática (BENVENISTE, 1967/1989, p. 228-229). Por outro lado, em relação à questão semiológica (objeto deste estudo), essa distinção estabelecida pelo linguista entre frase e signo tem, acredito, uma importante consequência: Benveniste se afasta de concepções como as de Barthes e Greimas (que se pautam na noção saussuriana de signo), pois sua reflexão no campo semiológico não se dá sobre o signo, mas sobre a língua (cf., mais adiante, o item 3.4 deste capítulo).

¹⁸⁷ Segundo Flores (2013, p. 141), essa passagem revela, mais uma vez, o viés antropológico de sua reflexão sobre a linguagem. Aliás, essa passagem dialoga com outra muito conhecida do linguista – a que se encontra no artigo “Da subjetividade na linguagem”, publicado inicialmente em 1958 – que diz: “Falar de instrumento, [*sic*] é pôr em oposição o homem e a natureza. A picareta, a flecha, a roda não estão na natureza. São fabricações. A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou. Inclino-nos sempre para a imaginação ingênua de um período original, em que um homem completo descobriria um semelhante igualmente completo e, entre eles,

Por isso, em relação ao modo semântico, o linguista define a palavra como unidade de análise, salientando, porém, que é na frase – “*a frase em geral [...]*, para nos mantermos no essencial, *a produção do discurso*” (BENVENISTE, 1967/1989, p. 229, grifos meus) – que a palavra encontra expressão.

Benveniste estabelece ainda o sintagma (a relação de sintagmação) como forma do semântico e o sentido da frase – ou seja, o sentido do semântico – como a ideia que ela expressa. Esse sentido, acrescenta, “se realiza formalmente na língua pela escolha, pelo agenciamento de palavras, por sua organização sintática, pela ação que elas exercem umas sobre as outras”, assim “tudo é dominado pela condição do sintagma, pela ligação entre os elementos do enunciado destinado a transmitir um sentido dado, numa circunstância dada” (BENVENISTE, 1967/1989, p. 230).

O linguista introduz, nessa perspectiva, o seguinte princípio: o sentido de uma frase é diferente do sentido de suas palavras. O sentido de uma frase é sua ideia – percebida por uma compreensão global –, ao passo que o sentido de uma palavra é seu emprego na frase (sempre na acepção semântica). Desse modo, conforme Benveniste (1967/1974, p. 226, grifos do autor, tradução minha), “a partir da ideia cada vez particular, o locutor junta palavras que *neste* emprego têm um ‘sentido’ particular”¹⁸⁸.

Benveniste esclarece também uma outra questão importante: se o sentido da frase é sua ideia, sua referência é o estado de coisas que a provoca, a situação de discurso ou a situação à qual ela se reporta e que não se pode jamais prever ou imaginar. Ou seja, sua referência é construída no discurso¹⁸⁹. Isso faz com que, no modo semântico, o sentido da palavra tenha, sempre, um valor particular, específico e circunstancial, devendo ser compreendido.

Com base nessa reflexão, Benveniste aponta a necessidade de uma descrição distinta para cada elemento ou unidade da língua, na medida em que seu sentido muda conforme é tomado como signo ou como palavra, ou, em outras palavras, conforme é tomado como pertencente ao modo semiótico ou ao modo semântico, as “duas maneiras de ser língua no

pouco a pouco, se elaboraria a linguagem. Isso é pura ficção. Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem” (BENVENISTE, 1958/1995, p. 283).

¹⁸⁸ No original: “A partir de l’idée chaque fois particulière, le locuteur assemble des mots qui dans *cet* emploi ont un ‘sens’ particulier” (BENVENISTE, 1967/1974, p. 226, grifos do autor). Na tradução brasileira: “A partir da ideia, a cada vez particular, o locutor agencia palavras que neste emprego tem [*sic*] um ‘sentido’ particular” (BENVENISTE, 1967/1989, p. 231, grifo do autor).

¹⁸⁹ Como mostra Flores (2013, p. 143), Benveniste segue, por conseguinte, a concepção sistêmica de Saussure, excluindo qualquer relação com algo que não esteja na própria língua.

sentido e na forma” (BENVENISTE, 1967/1989, p. 229). Para Benveniste, desse modo, sobre o fundamento semiótico – a língua-sistema¹⁹⁰ –,

a língua-discurso constrói uma semântica própria, uma significação intencionada¹⁹¹, produzida pela sintagmatização das palavras em que cada palavra não retém senão uma pequena parte do valor que tem enquanto signo. Uma descrição distinta é então necessária para cada elemento segundo o domínio no qual está encaixado, conforme é tomado como signo ou como palavra¹⁹² (BENVENISTE, 1967/1989, p. 233-234).

Nessa perspectiva, o linguista encerra esse artigo com observações a respeito do fenômeno da tradução, que, de seu ponto de vista, envolve e ilustra a articulação teórica formulada entre semiótico/semântico.

Benveniste (1967/1974, p. 228, tradução minha) sustenta que o fato de se poder “dizer a mesma coisa” em diferentes línguas (com estruturas formais diferentes, mais gramaticais ou mais lexicais) é a prova “da independência relativa do pensamento e, ao mesmo tempo, de sua modelagem rigorosa na estrutura linguística”¹⁹³. E acrescenta:

Pode-se transpor o semantismo de uma língua para o de uma outra, “salva veritate”; é a possibilidade da tradução; mas não se pode transpor o semioticismo de uma língua para o de uma outra; é a impossibilidade da tradução. Atinge-se aqui a diferença entre o semiótico e o semântico (BENVENISTE, 1967/1989, p. 233).

A tradução (sua possibilidade e sua impossibilidade) permite, assim, para o linguista, que se perceba a diferença entre os modos semiótico e semântico, na medida em que, acredito, para que se tenha a possibilidade de traduzir, não basta que se identifique/reconheça os signos de um determinado idioma a ser traduzido (seu semiótico), mas é preciso que, de fato, se compreenda o agenciamento das palavras na frase nesse idioma (seu semântico)¹⁹⁴.

¹⁹⁰ Utilizo aqui “língua-sistema” como sinônimo de “semiótico”, termo empregado por Benveniste. Faço isso porque entendo que o autor utiliza, nessa passagem, o termo “língua-discurso” como sinônimo de “semântico”. Assim, a língua-sistema e a língua-discurso encerram, acredito, “as duas maneiras de ser língua” apresentadas nessa reflexão do linguista.

¹⁹¹ Essa “significação intencionada” (“signification de l’intenté”, no original (BENVENISTE, 1967/1974, p. 229)) corresponde ao que Benveniste denomina o “intencionado” (“intenté”), referindo-se ao locutor e à “atualização linguística de seu pensamento” (BENVENISTE, 1967/1989, p. 229). Trata-se, portanto, da construção da referência através da situação de discurso (envolvendo coordenadas espaciais, temporais e pessoais) e não, absolutamente, de uma intenção por parte do locutor.

¹⁹² No debate ocorrido após sua conferência, respondendo a Piguet, Benveniste (1967/1989, p. 240) chega inclusive a referir que concebe, a esse respeito, “duas linguísticas distintas”.

¹⁹³ No original: “de l’indépendance relative de la pensée et en meme temps de son modelage étroit dans la structure linguistique” (BENVENISTE, 1974, p. 228). Na tradução brasileira: “da independência relativa do pensamento e ao mesmo tempo de sua modelagem estreita na estrutura linguística” (BENVENISTE, 1989, p. 233).

¹⁹⁴ Sem mencionar, claro, o idioma para o qual se traduz, pois há, na tradução, em relação aos diferentes idiomas com os quais se trabalha, um movimento que implica uma operação de identificação/reconhecimento de sistemas

Por fim, segundo Benveniste, trata-se de uma constatação essencial o fato de que o fenômeno da tradução seja possível como processo global. Isso mostra a possibilidade que se tem de se distanciar da língua, tomando-a como objeto de análise, fazendo, ao mesmo tempo, uso dela, o que está estreitamente relacionado à propriedade metalinguística da linguagem¹⁹⁵, ou seja, à faculdade/capacidade de se usar a língua (como um meio) para falar da própria língua (como objeto de reflexão).

Estabelecendo um paralelo com a literatura no conjunto do pensamento de Benveniste – no *universo benvenistiano* –, acredito que também se possa afirmar que a tradução está muito presente em suas reflexões. Assim como mobiliza inúmeros exemplos vindos de textos literários, o linguista continuamente opera com a tradução em seus estudos, sobretudo naqueles que envolvem a gramática comparada e a linguística¹⁹⁶. Existem, inclusive, (pelo menos) duas publicações – *Textes sogdiens* (1940) e *Vessantara Jataka* (1946) – com a tradução de textos e comentários do próprio Benveniste. Apesar disso, ao que parece, raras são as vezes nas quais Benveniste *problematiza*, de fato, seja o literário, seja a tradução.

Esta é, portanto, uma dessas raras vezes. Lembro, ainda, em relação ao literário, as notas acerca da linguagem poética e, em relação à tradução, o manuscrito “La traduction, la langue et l’intelligence”, mencionados anteriormente.

Resta, então, uma análise das noções de semiótico e semântico em “Semiologia da língua”, o que faço no item a seguir (3.2.3).

3.2.3 O semiótico e o semântico em “Semiologia da língua”

As noções de semiótico e semântico ocupam um lugar central na reflexão desenvolvida por Benveniste em “Semiologia da língua”. Porém, diferentemente do que ocorre em “A forma e o sentido na linguagem” (em que constituem seu eixo), nesse artigo de

e, em especial, uma operação de compreensão de frases. Afinal, segundo Benveniste (1967/1989, p. 233), não se traduz sistemas, a língua-sistema (o semiótico), mas se pode traduzir o sentido engendrado pela língua em uso, pela língua-discurso (pelo semântico), de um idioma para outro (“o semantismo de uma língua para o de uma outra”).

¹⁹⁵ E, conseqüentemente, à questão semiológica, como mostro mais adiante, ainda neste capítulo.

¹⁹⁶ Afinal, Benveniste é um profundo conhecedor de muitas e diversas línguas e sua reflexão sobre a linguagem se fundamenta em um movimento que sempre parte das línguas para a língua. Em outras palavras, é olhando para as línguas que o linguista chega à língua e à linguagem; o que o autor ressalta no “Prefácio” do primeiro volume dos *Problemas*: “a reflexão sobre a linguagem só produz frutos quando se apoia, primeiro, sobre as línguas reais. O estudo desses organismos empíricos, históricos, que são as línguas permanece o único acesso possível à compreensão dos mecanismos gerais e do funcionamento da linguagem” (BENVENISTE, 1966/1995, “Prefácio”).

1969, essas noções são apresentadas em um momento específico do texto: quando o linguista trata da relação de interpretância entre sistemas semióticos.

Benveniste define a relação de interpretância como a relação que se estabelece entre um sistema interpretante e um sistema interpretado¹⁹⁷. No que concerne à língua, conforme o autor, é a relação fundamental, na medida em que consiste na relação que divide os sistemas entre os sistemas que articulam – “porque manifestam sua própria semiótica” – e os sistemas que são articulados – “cuja semiótica não aparece senão através da matriz de um outro modo de expressão” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 62). Com isso, Benveniste introduz e justifica o princípio de que

a língua é o interpretante de todos os sistemas semióticos. Nenhum outro sistema dispõe de uma “língua” na qual possa se categorizar e se interpretar segundo suas distinções semióticas, enquanto que a língua pode, em princípio, tudo categorizar e interpretar, inclusive ela mesma (BENVENISTE, 1969/1989, p. 62, grifos meus).

Em outras palavras, a língua articula outros sistemas pelas características de seu próprio sistema, que é, ao mesmo tempo, semiótico em sua estrutura formal e em seu funcionamento, uma vez que

1º. ela se manifesta pela enunciação, que contém referência a uma situação dada; falar, é sempre falar-de;
2º. ela consiste formalmente de unidades distintas, sendo que cada uma é um signo;
3º. ela é produzida e recebida nos mesmos valores de referência por todos os membros de uma comunidade;
4º. ela é a única atualização da comunicação intersubjetiva (BENVENISTE, 1969/1989, p. 63).

Saliento que a primeira e a quarta características têm relação com o funcionamento da língua (a língua-discurso / o semântico); por sua vez, a segunda e a terceira características têm relação com sua estrutura (a língua-sistema / o semiótico). Por isso, compreendo, aqui, sistema semiótico da língua como sistema semiológico; ou seja, um sistema composto de unidades significantes – os signos, de um lado, e as palavras, de outro.

Essas características fazem da língua “a organização semiótica por excelência” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 63), pois somente a língua, através da modelagem semiótica que exerce, “pode conferir – e confere efetivamente – a outros conjuntos a qualidade de

¹⁹⁷ Essa é a única ocorrência do termo “interpretância” no *PLGII*. Nos outros textos desse segundo volume, referindo-se à relação de interpretância, Benveniste utiliza somente os termos “interpretante” e “interpretado”. E, como seria de se esperar, não há nenhuma ocorrência do termo “interpretância” no *PLGI*.

sistemas significantes informando-os da relação de signo” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 64).

Benveniste, em seguida, se interroga sobre o que faz da língua o interpretante de todo sistema signifiante, o que poderia ser explicado por se tratar simplesmente do sistema mais comum, mais abrangente, mais usado e, na prática, mais eficaz. Porém, a esse respeito, acrescenta:

Exatamente o oposto: esta situação privilegiada da língua na ordem pragmática é uma consequência, não uma causa, de sua preeminência como sistema signifiante, e *somente um princípio semiológico pode explicar esta preeminência* (BENVENISTE, 1969/1989, p. 64, grifos meus).

Segundo o linguista, portanto, a língua não é o interpretante de todo sistema signifiante porque, no conjunto desses sistemas, apresenta essas características de ordem pragmática, mas porque é o único sistema que significa de uma maneira específica – a língua “é investida de uma dupla significância” –, articulando, conseqüentemente, dois modos distintos de significância, o modo semiótico e o modo semântico¹⁹⁸ (BENVENISTE, 1969/1989, p. 64). Eis o *princípio semiológico* que explica a preeminência da língua em relação aos demais sistemas; assim, aquilo que, a princípio, aparece como uma causa dessa preeminência, acaba sendo, de fato, sua consequência.

Cabe aqui um comentário: é nesse momento do texto que Benveniste insere a nota na qual informa que a distinção semiótico/semântico foi proposta pela primeira vez em “A forma e o sentido na linguagem”, artigo que traz a finalização da análise apresentada em “Os níveis da análise linguística”¹⁹⁹.

O semiótico, retoma o autor, corresponde ao modo de significação próprio do signo linguístico e tem, no signo, sua unidade. O signo existe quando é reconhecido pelo conjunto dos membros da comunidade linguística e evoca, grosso modo, para cada um, as mesmas associações e oposições em relação aos demais signos do sistema, ou seja, o mesmo sentido. Não se trata aqui, acredito, como no artigo de 1966/1967 igualmente, de determinar qual é esse sentido (positivando-o), mas sobretudo de determinar se o signo é ou não distintivo, sendo ou não, conseqüentemente, significativo.

¹⁹⁸ Por sua vez, conforme Benveniste, os demais sistemas apresentam uma significância unidimensional: semiótica sem semântica, como os gestos de cortesia, ou semântica sem semiótica, como a música. Essa afirmação bastante polêmica do linguista é problematizada por Meschonnic (2008a) no texto *Benveniste: sémantique sans sémiotique*.

¹⁹⁹ Cf. o item 1.4 do Capítulo I.

Por outro lado, o semântico corresponde ao modo de significação engendrado pelo discurso. Benveniste não utiliza aqui o termo “frase”, como em “A forma e o sentido na linguagem”, mas mensagem²⁰⁰, como segue:

a mensagem não se reduz a uma sucessão de unidades que devem ser identificadas separadamente; não é uma adição de signos que produz o sentido, é, ao contrário, o sentido (o “intencionado”), concebido globalmente, que se realiza e se divide em “signos” particulares, que são as palavras (BENVENISTE, 1969/1989, p. 65, grifos do autor).

Nesse sentido, Benveniste aponta que o critério de validade requerido por cada um desses dois modos não é o mesmo, na medida em que o semiótico (o signo) deve ser reconhecido, ao passo que o semântico (o discurso) deve ser compreendido.

O autor salienta ainda que “a ordem semântica se identifica ao mundo da enunciação e ao universo do discurso” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 66), tendo, por conseguinte, além de sentido, referência, o que não ocorre em relação ao modo semiótico, o que, aliás, também discute no artigo de 1966/1967.

É dessa dupla dimensão de significância da língua que, nas palavras de Benveniste, “provém seu poder maior, o de criar um segundo nível de enunciação, em que se torna possível sustentar propósitos significantes sobre a significância” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 66). E o linguista acrescenta: “É nesta faculdade metalinguística que encontramos a origem da relação de interpretância pela qual a língua engloba os outros sistemas” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 66).

Referindo-se ao pensamento saussuriano, Benveniste observa que, quando Saussure define a língua como um sistema de signos, estabelece o fundamento da semiologia linguística. O signo não pode ser considerado, no entanto, como o princípio único de explicação da questão da significância, uma vez que corresponde apenas às unidades significantes da língua e não à significância da língua em seu funcionamento discursivo²⁰¹.

O autor ressalta, além disso, que o mundo do signo é fechado, que não há transição do signo à frase, pois um hiato os separa, o que o faz concluir que

é preciso desde já admitir que a língua comporta dois domínios distintos, cada um dos quais exige seu próprio aparelho conceptual. Para o que denominamos semiótico, a teoria saussuriana do signo linguístico servirá de base à pesquisa. O

²⁰⁰ “Frase” e “mensagem” são, nesse contexto, termos sinônimos, pois se referem ao domínio da língua em emprego e em ação, à produção do discurso.

²⁰¹ Sobre esse funcionamento, Benveniste ressalta que Saussure não ignora a frase, mas a deixa para o campo da fala.

domínio semântico, ao contrário, deve ser reconhecido como separado. Ele precisará de um aparelho novo de conceitos e de definições (BENVENISTE, 1969/1989, p. 66-67).

Nessa perspectiva, Benveniste observa que “a semiologia da língua foi bloqueada, paradoxalmente, pelo instrumento mesmo que a criou: o signo” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 67), daí por que finaliza seu artigo propondo:

Em conclusão, é necessário ultrapassar a noção saussuriana do signo como princípio único, do qual dependeriam simultaneamente a estrutura e o funcionamento da língua (BENVENISTE, 1969/1974, p. 66, tradução minha)²⁰². Esta ultrapassagem far-se-á por duas vias:

- na análise intralinguística, pela abertura de uma nova dimensão de significância, a do discurso, que denominamos semântica, de hoje em diante distinta da que está ligada ao signo, e que será semiótica;
- na análise translinguística dos textos, das obras, pela elaboração de uma metassemântica que se construirá sobre a semântica da enunciação.

Esta será uma semiologia de “segunda geração”, cujos instrumentos e o método poderão também concorrer para o desenvolvimento das outras ramificações da semiologia geral (BENVENISTE, 1969/1989, p. 67).

Ou seja, a compreensão da dupla dimensão de significância da língua (que resulta na formulação do par semiótico/semântico) permite a Benveniste, de um lado, desenvolver sua semântica da enunciação, que implica uma análise intralinguística, e, de outro, propor seu projeto apenas anunciado de uma semiologia de segunda geração ou metassemântica, tendo como base a semântica da enunciação, e não o signo de Saussure, em uma análise translinguística dos textos e das obras.

E é, desse modo, tanto através da semântica da enunciação quanto através da metassemântica (as “duas vias”), que se fará, para o linguista, a necessária ultrapassagem da noção saussuriana do signo como princípio único de explicação da significação da língua. Isso porque, se, a partir do signo saussuriano, se explica a significância relacionada à estrutura da língua, nada se diz a respeito daquela relacionada a seu funcionamento, ou melhor, daquela que relaciona simultaneamente sua estrutura e seu funcionamento. Afinal, quando se pensa a língua em funcionamento, semiótico e semântico se encontram intrinsecamente ligados.

Trata-se, portanto, de uma ultrapassagem em relação ao proposto por Saussure, que centra sua reflexão na noção de signo e na ideia de língua como sistema, estrutura.

²⁰² No original: “En conclusion, il faut dépasser la notion saussurienne du signe comme principe unique, dont dépendraient à la fois la structure et le fonctionnement de la langue” (BENVENISTE, 1969/1974, p. 66). Na tradução brasileira: “Em conclusão, é necessário ultrapassar a noção saussuriana do signo como princípio único, do qual dependeria simultaneamente a estrutura e o funcionamento da língua” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 67).

Ultrapassagem, nesse contexto, para Benveniste, acredito, sobretudo no sentido de se deixar de pensar que, apenas com Saussure, seja possível compreender a questão da significância da língua, sua propriedade de significar.

Para mim, contudo, se se deseja falar em ultrapassagem²⁰³, é a noção benvenistiana de língua, articulando semiótico e semântico, ou seja, ao mesmo tempo, estrutura e funcionamento linguísticos, que se configura, de fato, em um “ir além” do proposto por Saussure²⁰⁴, pois é essa concepção de língua que possibilita as “duas vias” apresentadas e defendidas por Benveniste. Os dois pontos de vista a partir dos quais se deixa, então, a noção saussuriana do signo como princípio único de explicação da significância da língua: um linguístico, a semântica da enunciação (com o *Benveniste teórico da enunciação*), e outro semiológico, a metassemântica (com o *Benveniste semiólogo*).

Com isso, em “Semiologia da língua”, entendo que o linguista opera com as noções de semiótico e semântico e, a partir delas, com a noção de interpretância não apenas no que se refere à relação da língua com os outros sistemas, mas também com a metassemântica²⁰⁵.

Isso porque, na análise translinguística proposta por Benveniste, os textos e as obras não são tomados da perspectiva do signo (como ocorre em outros estudos do campo da semiologia/semiótica)²⁰⁶, mas seriam tomados de uma perspectiva na qual a língua, sistema interpretante, interpreta textos e obras, sistemas interpretados.

Seguindo essa ótica, acredito que esses sistemas interpretados envolveriam não apenas os sistemas não linguísticos (como a pintura, desenho, escultura, sistemas que apresentam uma semiótica própria criada pelo artista e que dependem, portanto, da língua para existir (BENVENISTE, 1969/1989, p. 59-61)), mas também os sistemas linguísticos cuja significância, à semelhança do que ocorre na arte, “é posta pelo autor na obra”, sendo descoberta “NO INTERIOR de uma composição”, uma obra sempre particular (BENVENISTE, 1969/1989, p. 60, grifo do autor). Estendo aqui, desse modo, a reflexão de

²⁰³ E muito se fala nisso no campo dos estudos linguísticos e da linguagem, sendo essa ideia pertinente ou não.

²⁰⁴ Um “ir além não *com* Saussure, mas *a partir de* Saussure”, eu diria, na medida em que Benveniste parte das ideias do mestre genebrino, fazendo, porém, deslocamentos importantes em relação a seu pensamento. Como a respeito da noção de signo, por exemplo, incluindo a noção de falante (em “A forma e o sentido na linguagem”). Ou seja, Benveniste dialoga com Saussure, mas produz algo seu no debate linguístico. Retomo, assim, a ideia apresentada anteriormente de um “ir além *com* Saussure” (Cf. o item 2.2 do Capítulo II). Aliás, nessa perspectiva, com base na ideia de um “encontro” de Benveniste com Saussure (NORMAND, 2004b), Flores (2013, p. 50) afirma que “Benveniste toma Saussure como ponto de partida, mas não se encerra nele. Benveniste mantém, altera e mesmo nega Saussure para construir sua visão da linguagem. Então, é de um encontro de que se trata, no sentido mais amplo da palavra”.

²⁰⁵ Há, nesse artigo igualmente, uma breve referência à escrita (que Benveniste informa tratar em outro momento), assim como à relação da língua com a sociedade. Discussões que apresento mais adiante, neste capítulo.

²⁰⁶ Cf., na nota 186, a passagem sobre Barthes e Greimas.

Benveniste a respeito do não linguístico (em particular, sua reflexão sobre as artes figurativas) ao linguístico produzido artisticamente. Seriam esses, acredito, os textos e as obras referidos nessa parte final do artigo; o que faria, por exemplo, tanto de uma obra pintada quanto de uma obra literária²⁰⁷ o objeto da metassemântica em uma análise translinguística. E, nesse sentido, como Flores (2013), também penso que haveria uma relação entre textos e obras, em “Semiologia da língua”, e o que Benveniste denomina “as grandes unidades”²⁰⁸, em “Esta linguagem que faz a história”, ou “formas complexas do discurso”²⁰⁹, em “O aparelho formal da enunciação”.

Hipóteses (e, por isso, o uso do condicional) cuja comprovação ou refutação, aliás, dificilmente ocorrerá, uma vez que se trata de um projeto apenas anunciado pelo linguista.

Acredito, no entanto, que essa possibilidade de leitura encontre amparo nas diferentes referências que o linguista faz, ao longo de sua reflexão em “Semiologia da língua”, aos sistemas unidimensionais, como os da música e da pintura, em especial, quando se refere positivamente aos estudos que inauguram “uma ‘leitura’ semiológica da obra pintada”, propondo “uma análise análoga àquela de um ‘texto’” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 61, nota 25, grifos do autor)²¹⁰.

No item seguinte – “A dupla significância da língua do ponto de vista linguístico e semiológico” –, aprofundo a discussão da distinção semiótico/semântico em “A forma e o

²⁰⁷ Observo que literário, nessa perspectiva, não corresponde absolutamente a uma perspectiva própria ao campo da literatura, mas ao linguístico produzido artisticamente. Ou seja, a um linguístico cujo semântico não se configura na relação com um semiótico que articula, *grosso modo*, para cada interlocutor, os mesmos valores de referência (um sistema compartilhado), mas na relação com um semiótico específico produzido pelo autor/escritor/artista (o que envolveria, em especial, textos considerados literários). Daí, acredito, a denominação conferida, por Benveniste, a seu estudo sobre a linguagem poética: a língua de Baudelaire. Dessons (2006), por outro lado, aponta que essa dimensão artística da linguagem está estreitamente relacionada com a questão da subjetivação, com o que, aliás, concordo. No entanto, como Laplantine (2011a), Dessons atrela a distinção semiótico/semântico à reflexão de Benveniste sobre a arte em “Semiologia da língua”, assim como à reflexão de Benveniste sobre o poema (a linguagem poética) nas notas que compõem o *Dossier Baudelaire*, o que compreendo diferentemente (cf., a esse respeito, a nota 211). Parece-me ainda que Dessons não relaciona essa discussão de Benveniste a uma reflexão semiológica propriamente dita, envolvendo, inclusive, a proposição de uma metassemântica (anunciada no final do artigo de 1969), mas à busca de uma teoria da significância da arte (na qual se inscreve, mais tarde, segundo Dessons e Laplantine, a teoria do ritmo e a poética de Meschonnic).

²⁰⁸ O linguista associa “as grandes unidades” a “um discurso inteiro, um poema inteiro, nos quais se pode encontrar um sentido frequentemente muito distante do sentido literal”, fazendo, nesse momento, uma analogia com a linguagem do inconsciente (BENVENISTE, 1969/1989, p. 36).

²⁰⁹ Benveniste (1970/1989, p. 90) associa as “formas complexas do discurso”, por exemplo, à enunciação escrita, na qual “o que escreve se enuncia ao escrever e, no interior de sua escrita, ele faz os indivíduos se enunciarem”. Saliento que, no original, o linguista utiliza “o escritor se enuncia” [“l’écrivain s’énonce” (BENVENISTE, 1970/1974, p. 88)] e não “o que escreve se enuncia”, o que me remete à distinção estabelecida entre a linguagem poética e a linguagem ordinária em “Esta linguagem que faz a história”.

²¹⁰ Trata-se da nota sobre os trabalhos de Metz e Scheffer; nota comentada por Barthes em sua resenha do *PLGII*.

sentido na linguagem” e em “Semiologia da língua”, buscando compreendê-la em uma perspectiva linguística, de um lado, e semiológica, de outro.

3.2.4 A dupla significância da língua do ponto de vista linguístico e semiológico

Considerando os aspectos nos quais esses artigos se diferenciam – os interlocutores de Benveniste em cada um deles e seu ponto de vista a respeito da questão da significância da língua –, é possível perceber que o “contexto de aparecimento” da distinção semiótico/semântico em “A forma e o sentido na linguagem” e em “Semiologia da língua” não é absolutamente o mesmo.

Em “A forma e o sentido na linguagem”, os interlocutores de Benveniste são filósofos e seu ponto de vista é linguístico; em “Semiologia da língua”, por outro lado, seus interlocutores são linguistas e seu ponto de vista é semiológico. E é, segundo Flores (2013), essa mudança de perspectiva – linguística no artigo de 1966/1967, semiológica no de 1969 – que explica o diferente estatuto da distinção semiótico/semântico nesses textos²¹¹.

A constatação dessa mudança traz uma outra questão para a discussão. Trata-se daquela apresentada no final do item 3.2.1: essa diferença de estatuto implica também que, nesses textos, as noções de semiótico e semântico não têm o mesmo sentido?

Essa questão, que retomo neste momento, demanda algumas considerações.

A reflexão a respeito da questão da significância da língua é introduzida no artigo “Os níveis da análise linguística” (1962/1964)²¹² (com a delimitação do domínio da língua como sistema de signos e do domínio da língua como instrumento de comunicação) e aprofundada nos artigos “A forma e o sentido na linguagem” e “Semiologia da língua” (com a formulação das noções de semiótico e semântico). Reitero que é o próprio linguista quem relaciona esses três textos através de uma nota em “Semiologia da língua”, estabelecendo, entre eles, acredito, um eixo condutor, ou seja, mais do que uma simples relação.

²¹¹ Laplantine (2011a, p. 80) observa que, entre a escrita de “A forma e o sentido na linguagem” e de “Semiologia da língua”, “há o trabalho sobre a língua poética de Baudelaire”. Para a autora, inclusive, “Semiologia da língua” “não teria sido possível sem essa poética” (LAPLANTINE, 2011a, p. 81), uma vez que o problema da arte constitui o cerne do questionamento de Benveniste nesse artigo. A questão da arte ocupa, de fato, um lugar importante nessa reflexão do linguista, mas, se Benveniste examina sistemas não linguísticos (o sistema da música e o das artes plásticas, em particular), acredito que seu propósito seja o de esclarecer *como a língua significa* para explicar por que se constitui no *interpretante de todos os sistemas semióticos*. Não concordo, por conseguinte, com a leitura de Laplantine (2011a, p. 72, tradução minha) de “uma *conversão do ponto de vista*” que teria transformado toda a teoria da linguagem de Benveniste a partir de seu trabalho sobre a linguagem poética.

²¹² Saliento que a perspectiva adotada no texto de 1962/1964, assim como no de 1966/1967, é linguística.

Tanto em “A forma e o sentido na linguagem” quanto em “Semiologia da língua”, o modo semiótico se refere ao mundo fechado dos signos da língua, ou seja, à significância da língua-sistema. As relações que se estabelecem entre os signos são paradigmáticas, fazendo com que cada signo da língua tenha, sempre, um valor genérico e conceitual, devendo ser reconhecido. Por sua vez, o modo semântico se refere à significância da língua em seu funcionamento discursivo, ou seja, à significância da língua-discurso. As relações não se estabelecem mais entre os signos, mas entre as palavras, e são sintagmáticas, fazendo com que cada palavra tenha, sempre, um valor particular, específico e circunstancial, devendo ser compreendida.

Benveniste conclui, então, que a língua comporta dois domínios distintos, sendo que cada um deles exige seu próprio aparelho conceitual. O semiótico se baseia na teoria saussuriana do signo; o semântico necessita de um aparelho novo de conceitos e de definições, que concerne, acredito, à reflexão de Benveniste a respeito da enunciação.

Mas, afinal, e a diferença de estatuto da distinção semiótico/semântico em “A forma e o sentido na linguagem” e em “Semiologia da língua”? O que essa diferença significa efetivamente, uma vez que há uma sinonímia entre essas noções de um texto para o outro?

Acredito que a mudança de perspectiva apontada por Flores (2013) – linguística no artigo de 1966/1967 e semiológica no de 1969 – mostre a função, o papel, da distinção semiótico/semântico nesses textos.

Em “A forma e o sentido na linguagem”, interessa pensar linguisticamente *como a língua significa*. Em “Semiologia da língua”, por outro lado, interessa pensar semiologicamente *como a língua significa os outros sistemas*, o que se dá a partir do modo como ela mesma significa.

Com isso, no texto de 1969, as noções de semiótico e semântico são mobilizadas – o que é bastante importante – em relação à língua, de um lado, e em relação aos sistemas não linguísticos, de outro.

Em relação à língua, como observado, não há diferença de sentido entre semiótico e semântico de um texto para o outro. Entretanto, em relação aos sistemas não linguísticos (discutidos apenas em “Semiologia da língua”), não é possível afirmar o mesmo.

Em sua reflexão semiológica, comparando os diferentes sistemas (linguísticos e não linguísticos), Benveniste opera com as noções de semiótico e semântico. Nessa comparação, o linguista estabelece que, diferentemente da língua, os sistemas não linguísticos têm uma significância unidimensional, na medida em que não articulam, ao mesmo tempo, semiótico e semântico, mas apresentam apenas semiótico ou apenas semântico.

Isso não é tudo, no entanto. Em sua análise da estrutura e do funcionamento desses sistemas, Benveniste mostra que as noções de semiótico e semântico não se configuram como se configuram na língua. Ou seja, embora os termos empregados sejam os mesmos, o semiótico e o semântico da língua não correspondem ao semiótico nem tampouco ao semântico desses sistemas. Penso, nesse contexto específico, em suas observações a propósito da música e das artes, por exemplo.

Nessa perspectiva, a diferença de estatuto da distinção semiótico/semântico em “A forma e o sentido na linguagem” e em “Semiologia da língua” mostra que o pensamento de Benveniste sobre a questão da significância da língua envolve tanto uma reflexão linguístico-enunciativa a respeito da língua (do modo como a língua significa) quanto uma reflexão semiológica – sua *semiologia da língua* – a respeito da relação da língua com os outros sistemas semiológicos (do modo como a língua significa os outros sistemas).

Gostaria, ainda, de apontar que Benveniste trata das noções de semiótico e semântico no artigo “Estruturalismo e linguística”, a entrevista dada a Pierre Daix, em julho de 1968, em *Les Lettres françaises*, assim como, ao longo do ano de 1969, em algumas de suas aulas no Collège de France, estabelecidas na publicação *Últimas aulas*.

No artigo, em uma reflexão na qual defende que “o homem não nasce na natureza, mas na cultura” e que nenhuma “língua é separável de uma função cultural” (BENVENISTE, 1968/1989, p. 23-24), o linguista apresenta as noções de semiótico e semântico (e os termos), sustentando não apenas que “a língua é o domínio do sentido”, da simbolização, (BENVENISTE, 1968/1989, p. 25), mas ainda que a cultura consiste em um sistema de valores “que se imprimem na língua”²¹³ (BENVENISTE, 1968/1989, p. 22).

Com isso, Benveniste mostra que a língua, assim como a cultura, envolve um sistema de valores que devem ser reconhecidos e compreendidos. Ou seja, o linguista mobiliza as noções de semiótico e semântico para pensar a língua (um sistema linguístico) e, também, a cultura (envolvendo sistemas não linguísticos), o que ilustra, em relação à língua, por exemplo, através da diferença em francês entre *rôle* (que significa algo) e *ril* (que não

²¹³ Essas afirmações a respeito da relação entre língua (domínio do sentido) e cultura (sistema de valores que se imprimem na língua), o princípio de que “o homem não nasce na natureza, mas na cultura” (BENVENISTE, 1968/1989, p. 23) e o de que é “um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem” (BENVENISTE, 1995, p. 283) mostram como o viés antropológico, estruturante da teoria da linguagem de Benveniste, opera em sua reflexão semiológica. Ponto de vista reiterado, em “Semiologia da língua”, pelo linguista: “A significância da língua [...] é a significância mesma, fundando a possibilidade de toda troca e de toda comunicação, e também de toda cultura” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 60).

significa nada)²¹⁴, de um lado, e *rôle* significando “*le rôle* [o papel] da ciência no mundo, *le rôle* [o papel] de tal ator” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 22), de outro. E, em relação à cultura, através do sentido atribuído à cor branca no ocidente – “cor da luz, da alegria, da juventude” – e na China – “cor do luto” (BENVENISTE, 1968/1989, p. 22).

Nesse artigo, por conseguinte, Benveniste reflete a respeito de diferentes sistemas a partir das noções de semiótico e semântico, apresentando, como em “Semiologia da língua”, um ponto de vista semiológico. Sua discussão, no entanto, não se centra no que distingue a língua desses outros sistemas – a dupla significância da língua – nem tampouco se volta para a questão da metassemântica.

Benveniste aponta, nesse momento, uma perspectiva referida, mais tarde, no texto de 1969, mas desenvolvida, de fato, no artigo “Estrutura da língua e estrutura da sociedade”, de outubro de 1968: a questão da língua como interpretante da sociedade, o que envolve um outro princípio norteador, o axioma *a língua contém a sociedade*, também discutido no item 3.3 deste capítulo.

E faz isso explorando diferentes empregos da palavra homem – “o homem honesto” na cultura clássica francesa; “eu sou seu homem” na época feudal –; exemplo que coloca a língua, nas palavras do linguista, como reveladora da cultura, da espessura da cultura (BENVENISTE, 1969/1989, p. 22-23).

Por sua vez, como mostram suas *Últimas aulas*, Benveniste (1968/2014, p. 90, grifo do autor) inicia sua reflexão no Collège de France com uma afirmação – “Falar da ‘linguística’ é falar da língua” – e uma tomada de posição:

Nós propomos que a natureza essencial da língua, que comanda todas as funções que ela pode assumir, é sua natureza *significante*. Ela é *informada de significância*, mesmo considerada fora de qualquer emprego, de qualquer utilização particular ou geral. Essa propriedade, se ela nos parece – e ela nos parece de fato – transcender todas as outras, comandará nosso discurso sobre a língua: será um discurso sobre a característica que colocamos em primeiro plano: a língua *significa* (BENVENISTE, 1968/2014, p. 90, grifos do autor).

Partindo desse ponto de vista – que retoma, aliás, a ideia apresentada em “A forma e o sentido na linguagem” de que “bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para *viver*”²¹⁵ (BENVENISTE, 1967/1989, p. 222, grifo do autor) –, Benveniste explica que os elementos da língua, os signos, também “compartilham desse caráter significativo que é

²¹⁴ Como a diferença entre *chapeau/chameau* e *chateau* (*chapéu* e *chaméu*, na tradução brasileira), indicada em “A forma e o sentido na linguagem” (cf. o item 3.2.2 deste capítulo).

²¹⁵ Conforme discutido no item 3.2.2 deste capítulo.

próprio da língua em seu conjunto” e propõe “uma possível definição da linguística: ciência que se ocupa dos *signos* linguísticos” (BENVENISTE, 1968/2014, p. 91, grifo do autor).

O autor observa que a noção de signo é antiga, mas que “a ideia de que os signos podem formar conjuntos coerentes, sistemas de signos, e que eles propiciam o aparecimento de uma nova ciência, a ciência dos signos, a *semiologia*”, “começa a emergir como uma das noções mais novas e mais importantes da ciência”, o que conduz a “um problema maior, que abarca a linguística e *além dela*”²¹⁶ (BENVENISTE, 1968/2014, p. 91, grifos do autor). Daí por que, na sequência, Benveniste apresenta os dois pensadores aos quais atribui “o verdadeiro nascimento” da teoria geral dos signos, apenas vislumbrada por John Locke (1632-1704), Peirce e Saussure (BENVENISTE, 1968/2014, p. 92).

Nessa Primeira aula (de 2 de dezembro de 1968), portanto, embora não faça qualquer referência às noções de semiótico e semântico, Benveniste já introduz o termo e a noção de significância da língua²¹⁷.

Por outro lado, no decorrer de 1969, o linguista primeiro introduz as noções de semiótico e semântico e, depois, os termos em sua exposição no Collège de France.

Assim, na Aula 7, em uma reflexão a respeito da língua e dos sistemas não linguísticos (em especial sobre os sons e as cores), Benveniste (1969/2014, p. 121) coloca: “Começo a duvidar de que a língua pertença realmente à semiótica. Não seria ela somente o interpretante de todos os sistemas semióticos?”. E faz isso na medida em que reconhece que há uma diferença, “a principal”, para ele, entre a língua e os sistemas semióticos: “*nenhum sistema semiótico é capaz de se tomar, ele próprio, como objeto, nem de se descrever em seus próprios termos*” (BENVENISTE, 1969/2014, p. 120, grifos do autor).

Estabelecendo, então, que uma “distinção de base entre sistemas deve ser respeitada” – sistemas “que são autônomos”, de um lado, e sistemas “que têm necessidade de um interpretante”, de outro (BENVENISTE, 1969/2014, p. 121 [nota de ouvinte]) –, o linguista sustenta, em relação ao sistema da língua, que:

²¹⁶ Trata-se, então, de um problema que envolve, sim, uma reflexão linguística, mas que não se limita a ela, pois, para além da linguística, envolve igualmente uma reflexão semiológica. Relaciono essa consideração de Benveniste às “duas vias”, propostas no final de “Semiologia da língua”, através das quais se fará, segundo o linguista, a necessária ultrapassagem da noção saussuriana do signo como princípio único de explicação da significação da língua: a semântica da enunciação (uma análise intralinguística, ou seja, no campo da linguística, mas além do signo) e a metassemântica (uma análise translinguística, ou seja, que se estende “*além dela* [linguística]”) (BENVENISTE, 1969/1989, p. 67).

²¹⁷ Sobre o uso do termo “significância”, conferir a nota 179.

Há dois modos de significância, característica que parece não estar em nenhuma outra parte. Contrariamente ao que Saussure pensava, essa é uma propriedade que coloca a língua fora dos sistemas semiológicos²¹⁸:

1) cada signo é constituído por uma relação de significante com significado. Nas unidades de base, a significância já está incluída: ela é constitutiva dessas unidades;

2) essas unidades são agrupadas; só funcionam em conjunto. O princípio desse funcionamento é o segundo modo de significância.

A significação é, na língua, organizada em dois níveis (BENVENISTE, 1969/2014, p. 122 [nota de ouvinte]).

Eis as noções lançadas (o primeiro item corresponde à estrutura da língua; o segundo, a seu funcionamento), porém, ainda não nomeadas, o que ocorre, de fato, somente em sua última aula (a Primeira aula do terceiro capítulo).

Nessa aula, a primeira e única do ano letivo de 1969–1970, o linguista inicia seu curso retomando a reflexão desenvolvida no ano anterior. Discutindo a questão da significação, os problemas do sentido, na linguística, Benveniste recupera a noção saussuriana de língua – “um *sistema de signos*” –, assim como sua ideia de que “existem vários sistemas de signos e que se deve confiar seu estudo a uma nova ciência, a *semiologia*”, mas afirma categoricamente: “É preciso partir daqui para ir mais longe” (BENVENISTE, 1969/2014, p. 189, grifos do autor).

Nesse contexto, Benveniste salienta que Saussure coloca o signo linguístico “no mesmo plano que os signos *não significantes* dos outros sistemas”, de onde sua ideia (de Benveniste) “de que basta que o signo seja reconhecido como pertencente à língua [...] e basta que o gesto seja reconhecido” (BENVENISTE, 1969/2014, p. 189-190, grifos do autor); o que também afirma, como mencionado, em “Estruturalismo e linguística”, referindo-se à língua e à cultura.

O linguista igualmente afirma que “é impossível passar do ‘signo’ à ‘frase’”, pois a “enunciação não é uma acumulação de signos: a frase pertence a uma outra ordem de sentido” (BENVENISTE, 1969/2014, p. 189, grifos do autor)²¹⁹. E acrescenta:

²¹⁸ Essa passagem (proveniente das notas dos ouvintes) encerra a Aula 7 e responde à passagem anterior que questiona o pertencimento da língua à semiótica (proveniente, por sua vez, das notas do próprio linguista). Com essa discussão, Benveniste não refuta, acredito, o fato de a língua ser um sistema semiótico, mas estabelece que, por suas características que não se encontram em nenhum outro sistema, a língua tem uma função específica em relação a esses sistemas: a de interpretante; sendo, aliás, o que faz dela o sistema mais importante. Esse questionamento reaparece na Primeira aula do terceiro capítulo, quando o autor questiona se o semântico seria mesmo um sistema, o que aponto a seguir.

²¹⁹ Aproveito essas duas passagens para uma observação. Acredito que, como outras, essas passagens ilustram como a discussão de Benveniste se sobrepõe em seus textos que datam dos anos 60, sobretudo naqueles da segunda metade da década. Nesse momento, por exemplo, é retomada a ideia do hiato, apresentada em “Semiologia da língua”, assim como a definição de frase, formulada em “A forma e o sentido na linguagem”. Lembro que essa última aula ocorre em 1º de dezembro de 1969.

Podemos distinguir duas noções, onde, até agora, havia apenas uma, quando falávamos em semiótico.

- 1) A de estrutura formal semiótica dada pelas noções de “signo” e de “sistema de signos”;
- 2) A de funcionamento semiótico, ausente da concepção saussuriana da língua. Se a língua pode ser um interpretante geral, é porque não é apenas um sistema no qual manejamos signos. Trata-se do único sistema no qual podemos formar frases (BENVENISTE, 1969/2014, p. 191 [nota de ouvinte]).

A partir dessa reflexão, que retoma e aprofunda o que é posto a respeito dos dois modos de significância na Aula 7, Benveniste define que são “como o *semiótico* todos os sistemas que consistem em oposições em um conjunto fechado: as classificações, taxinomias, sinais etc.”, inclusive a língua, e que a “esse sistema se opõe na língua um outro sistema (seria mesmo um sistema?), este do querer-dizer que está ligado à produção e à enunciação das frases, o *semântico*”²²⁰ (BENVENISTE, 1969/2014, p. 191, grifos do autor).

Desse modo, como em “Semiologia da língua”, em suas aulas no Collège de France, a distinção semiótico/semântico é mobilizada (tanto em relação à língua quanto em relação aos sistemas não linguísticos) em uma perspectiva semiológica. E, em “Estruturalismo e linguística”, sobre essa distinção, Benveniste (1968/1989, p. 22) reitera que se trata de “um ponto de vista [...] pessoal, que precisa ser demonstrado”, exigindo, segundo ele, a elaboração de “todo um corpo de definições neste imenso domínio, que não compreende somente a língua”, e que o leva à cultura. Ou seja, mais uma vez, o linguista considera a língua e os sistemas não linguísticos (a cultura), e uma perspectiva semiológica é mobilizada.

Por outro lado, em relação à língua ainda, se, na Aula 7, o linguista se refere a uma organização da significação em níveis, nessa sua última aula, aponta “uma distinção entre dois mundos e duas linguísticas” (BENVENISTE, 1969/2014, p. 191), como faz, aliás, respondendo a Piguet no debate que segue “A forma e o sentido na linguagem”.

É importante salientar, por fim, que a distinção semiótico/semântico proposta por Benveniste é retomada por diferentes pensadores, do campo da linguística ou não, mostrando-se muito produtiva em seus estudos. Nesse sentido, a título de exemplo, cito Normand (1986;

²²⁰ Laplantine, em “Faire entendre Benveniste” (2013), comenta a forma como essa passagem foi estabelecida por Coquet e Fenoglio. Laplantine (2013, p. 8, tradução minha) observa que “na língua” está em destaque nos manuscritos, “o que sublinha a especificidade da língua” e que a palavra “semântico”, em destaque (em itálico) no texto estabelecido, foi acrescentada pelos organizadores. Ao que tudo indica, portanto, nos manuscritos dessa aula, o termo “semântico” aparece, de fato, apenas na parte proveniente dos ouvintes de Benveniste. É importante esse registro. Não acredito, porém, que isso mostre uma incoerência em relação ao pensamento do linguista apresentado em “A forma e o sentido na linguagem”, “Estruturalismo e linguística” ou “Semiologia da língua”.

1989; 1996), De Vogüé (1997), Dessons (2006), além dos já citados Meschonnic (1982) e Agamben (1978/2005; 1998/2008).

Passo, então, ao próximo item deste capítulo – “A língua significando semiologicamente: a noção de interpretância” –, no qual me detenho na noção de interpretância da língua; noção formulada por Benveniste a partir de sua reflexão sobre a significância e a distinção semiótico/semântico na língua e fora dela (ou seja, no linguístico e no não linguístico). Lembro que a *problematização* desenvolvida no item 2.2 também constitui o fio condutor desta discussão.

3.3 A LÍNGUA SIGNIFICANDO SEMIOLOGICAMENTE: A NOÇÃO DE INTERPRETÂNCIA

A noção de interpretância é formulada e apresentada por Benveniste na Parte II de “Semiologia da língua”, que inicia com uma observação do linguista:

O papel do signo é o de representar, o de tomar o lugar de outra coisa evocando-a a título de substituto. Toda definição mais precisa, que distinguiria notadamente muitas variedades de signos, supõe uma reflexão sobre o princípio de uma ciência dos signos, de uma semiologia, e um esforço para elaborá-la (BENVENISTE, 1969/1989, p. 51).

Em seguida, Benveniste mostra como utilizamos simultaneamente e a cada instante vários sistemas de signos e pergunta: “Nas numerosas e bastante diversas maneiras que têm os signos de se configurar, que princípio introduzir que possa ordenar as relações e delimitar os conjuntos?” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 52).

Conforme Benveniste, o traço comum a todos os sistemas e o critério de seu pertencimento à semiologia consiste em sua propriedade de significar (ou significância) e em sua composição em unidades de significância (ou signos). Por outro lado, acrescenta ele, também é preciso descrever como esses sistemas se distinguem entre si, o que envolve os quatro aspectos que caracterizam um sistema semiológico – seu modo operatório, seu domínio de validade, sua natureza e número de signos, assim como seu tipo de funcionamento.

O linguista indica que os dois primeiros aspectos se relacionam às condições externas, empíricas, do sistema (admitindo variações); ao passo que os dois últimos se relacionam às

condições internas, semióticas, do sistema, ou seja, a sua estrutura e a seu funcionamento (não admitindo variações)²²¹.

Considerando, então, as condições internas do sistema, Benveniste estabelece que “não se pode ‘dizer a mesma coisa’ pela fala e pela música”, por exemplo, na medida em que são sistemas de base diferente (BENVENISTE, 1969/1989, p. 53). Em outras palavras, a fala e a música envolvem sistemas de natureza e funcionamento distintos, fazendo com que não sejam mutuamente conversíveis. Trata-se do “PRINCÍPIO DE NÃO REDUNDÂNCIA entre sistemas”, baseado na ideia de que o “homem não dispõe de vários sistemas distintos para a MESMA relação de significação” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 53-54, grifos do autor). O linguista acrescenta, porém, que são mutuamente conversíveis os sistemas que apresentam uma mesma base, como “o alfabeto gráfico e o alfabeto Braile ou Morse ou o dos surdos-mudos” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 54).

Benveniste aponta ainda um segundo princípio que decorre do primeiro (o da não redundância) e o completa. Trata-se da ideia de que não há signo transsistemático, ou seja, da ideia de que não é a identidade substancial de um signo que conta, mas somente sua diferença funcional. Assim, o linguista observa, a título de exemplo, que o branco da bandeira tricolor nada tem em comum com o branco do luto na China, pois o “valor de um signo se define somente no sistema que o integra” (BENVENISTE, 1989, p. 54).

Essas considerações sobre os aspectos que caracterizam um sistema semiológico, de um lado, e sobre os princípios que envolvem as relações entre os sistemas, de outro, são apresentadas por Benveniste, ainda que de modo não tão aprofundado, na parte final da Aula 4 (parte quase que inteiramente composta por notas de seus ouvintes, aliás)²²².

Há, nessa parte, uma observação que merece comentário: referindo-se à língua²²³ e a seu domínio de validade, Benveniste (1969/2014, p. 106 [nota de ouvinte]) afirma que esse

²²¹ A esse respeito, Benveniste (1969/1989) afirma, por exemplo, que o domínio de validade do sistema de sinais de tráfego rodoviário pode ser estendido ou transferido à navegação fluvial e que, uma dificuldade externa como a neblina, pode impor que sinais sonoros sejam usados no lugar de sinais visuais de tráfego. Essa substituição modificaria tanto o modo operatório desse sistema quanto a natureza de seus signos. Aliás, para o autor, a natureza dos signos de um sistema apenas pode ser modificada temporariamente e em função de questões externas (a neblina, nesse caso).

²²² Trata-se das páginas 106 e 108 da edição brasileira das *Últimas aulas*.

²²³ Para mim, nesse momento, o linguista se refere à língua-idioma e não à língua como sistema de expressão; expressões que utiliza na Aula 6 (de 20 de janeiro de 1969): “Será preciso estabelecer uma distinção entre a língua, enquanto sistema de expressão – sem a qual não há sociedade humana possível –, e a língua-idioma, que é particular. É a língua como sistema de expressão que é o interpretante de todas as instituições e de toda a cultura” (BENVENISTE, 1969/2014, p. 117). Essa distinção, aliás, já aparece no artigo “Estrutura da língua e estrutura da sociedade” (1968/1970), no qual Benveniste (1970/1989, p. 96) defende que os termos “língua” e “sociedade” admitem duas diferentes acepções, dois diferentes níveis de análise – um histórico (a sociedade chinesa, francesa etc./a língua chinesa, francesa etc.) e outro fundamental (a sociedade como coletividade

“sistema semiológico não é, e não pode ser, universal”, reforçando, com isso, a estreita relação entre cada sistema semiológico e o meio cultural específico no qual cada sistema se inscreve e, portanto, significa. Relação igualmente sustentada em “Estruturalismo e linguística” – quando Benveniste (1968/1989, p. 22) define a cultura como um sistema de valores que se imprimem na língua – e em “Semiologia da língua” – quando postula que um mesmo meio cultural produz e alimenta todos os sistemas que lhe são próprios (BENVENISTE, 1969/1989, p. 54).

É importante salientar que as considerações do final da Aula 4 surgem após a discussão que Benveniste faz das ideias de Saussure (nessa mesma aula e também na Aula 3) a respeito da configuração da língua (sua natureza significante: a língua é feita de signos) e de sua relação com a semiologia (os signos da língua formam um sistema, um sistema semiológico).

O *Curso* traz, desse modo, as bases para a reflexão semiológica de Benveniste, e isso possibilita que o linguista afaste uma visão de signo como representação do mundo, uma visão filosófica, na medida em que o signo não representa, mas significa. E significa, então, não por uma identidade substancial sua, mas na relação que estabelece com os outros signos do sistema do qual faz parte; sistema esse pertencente a um determinado meio cultural, ou seja, instituído pelo homem em sua relação com outro homem, o que mostra, novamente, a estreita relação entre o antropológico, estruturante de sua teoria da linguagem, e a reflexão semiológica de Benveniste.

No Labirinto da semiologia, o fio está, de fato, com Saussure. Em sua ponta, no entanto, o *Benveniste semiólogo* – interessado em uma “definição mais precisa [de signo]” e no desenvolvimento de uma reflexão semiológica (BENVENISTE, 1969/1989, p. 51) – formula novas questões, especialmente sobre as relações entre os diferentes sistemas. Daí por que sua preocupação (tanto nas aulas no Collège de France quanto em “Semiologia da língua”) em determinar não apenas o que há de comum entre esses sistemas, mas ainda (e sobretudo) o que os distingue.

Seguindo essa perspectiva, o linguista estabelece duas condições a propósito das relações entre os sistemas semióticos. A primeira condição é que a relação entre os sistemas semióticos seja, ela mesma, de natureza semiótica (ou seja, envolvendo um sistema de signos, um sistema significante). Benveniste acrescenta, ainda, que essa relação será determinada pela ação de um mesmo meio cultural, “que de uma maneira ou de outra produz e alimenta todos

humana, base e condição primeira da existência dos homens/a língua como sistema de formas significantes, condição primeira da comunicação). E é esse nível fundamental que interessa ao linguista.

os sistemas que lhe são próprios” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 54). A segunda, por sua vez, define que a relação semiótica entre os sistemas será uma relação entre sistema interpretante e sistema interpretado, na medida em que se trata de “determinar se um sistema semiótico dado pode se autointerpretar ou se ele deve receber sua *interpretação* de um outro sistema” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 54, grifo meu).

Essa é, cabe observar, a única ocorrência do termo “interpretação” no artigo “Semiologia da língua”. Saliento que, nesse contexto, não se deve compreendê-lo em uma perspectiva hermenêutica – ou seja, a da atribuição de um determinado sentido ou mesmo do sentido –, mas em uma perspectiva semiológica. Desse modo, “interpretação” se refere à relação apresentada mais adiante no texto (“3º. A terceira relação entre sistemas semióticos será denominada **RELAÇÃO DE INTERPRETÂNCIA**” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 62, grifo do autor)), segundo a qual, para Benveniste, a língua (sistema interpretante), através de sua modelagem semiótica (sua estrutura e seu funcionamento particulares), significa os outros sistemas (sistemas interpretados). Com isso, o que está em questão aqui é, antes de tudo, *como um sistema significa e não o que esse sistema significa*.

Observo que Benveniste utiliza a expressão “relação de interpretância” em “Semiologia da língua” e também em sua última aula no Collège de France (a Primeira aula do terceiro capítulo (de 1º. de dezembro de 1969)): “3) Relação de ‘interpretância’ (é preciso forjar conceitos para avançar): ela se estabelece entre sistema interpretante e sistema interpretado” (BENVENISTE, 1969/2014, p. 190 [nota de ouvinte]). Por outro lado, em uma aula anterior, na Aula 5 (de 13 de janeiro de 1969), o linguista utiliza a expressão “relação de interpretação”:

É preciso agora introduzir, na análise descritiva e comparativa dos sistemas semiológicos, uma nova relação, que Saussure não mencionou, nem talvez tenha visto: a *relação de interpretação*. Trata-se de determinar se o sistema semiológico considerado pode se interpretar por si mesmo ou se ele deve receber sua interpretação de outro sistema semiológico. A questão que eu coloco é a da *relação de interpretação entre sistemas* (totalmente diferente da noção de interpretante em Peirce) (BENVENISTE, 1969/2014, p. 109, grifos do autor).

Há, ao que parece, portanto, uma certa flutuação entre os termos “interpretação” e “interpretância”, mas Benveniste acaba optando pelo segundo. Vale ressaltar, de todo o modo, dois aspectos: 1) a proximidade das formulações do linguista a esse respeito tanto no artigo quanto na Aula 5; 2) o próprio Benveniste alerta para o fato de que sua formulação em nada corresponde à noção de interpretante de Peirce.

A relação de interpretância envolve, por conseguinte, para o linguista, a língua (o sistema interpretante) em sua relação com os outros sistemas (os sistemas interpretados), compreendendo diferentes questões discutidas em textos do *PLGII* (sobretudo no artigo “Semiologia da língua”) e/ou em suas *Últimas aulas*.

Essa relação, por sua vez, está ligada a uma propriedade constitutiva da língua (sua propriedade de interpretar), na qual se fundamenta o princípio norteador, o axioma, de sua reflexão semiológica, uma vez que é a língua, e somente a língua (devido a sua dupla significância), que “pode, em princípio, tudo categorizar e interpretar, inclusive a si mesma” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 62).

Partindo dessas considerações, acredito ser possível pensar que a noção de interpretância engloba, de um lado, a relação de interpretância (uma relação entre sistemas) e, de outro, a propriedade da língua de interpretar, sua interpretância. Isso não apenas porque a relação de interpretância depende dessa propriedade da língua, mas também porque a propriedade de interpretância da língua se mostra através da relação semiológica da língua, o sistema interpretante, com os sistemas interpretados (na relação de interpretância, portanto). Desse modo, essas duas ideias de interpretância – como relação e como propriedade da língua – estão absolutamente imbricadas.

Neste momento, gostaria, sobretudo, de me deter em duas dessas questões ainda não examinadas, de fato, neste trabalho. Afinal, através de sua *problematização*, Benveniste também coloca em discussão a língua significando semiologicamente, do mesmo modo que faz, acredito, quando trata da **relação estabelecida pela língua com os outros sistemas** e da **relação estabelecida pela língua com os textos e as obras** (a questão da metassemântica), questões discutidas anteriormente.

Começo pela **relação estabelecida pela língua consigo mesma**. Benveniste trata da relação semiótica da língua consigo mesma em sua reflexão a respeito da **questão da escrita**. Essa questão – mencionada (mas não tratada) no final da Parte I do artigo “Semiologia da língua” – é discutida por Benveniste apenas em suas *Últimas aulas*²²⁴. Trata-se, mais especificamente, da discussão desenvolvida no segundo capítulo, cujo título, “A língua e a

²²⁴ Lembro que, no artigo, o linguista se refere à escrita para dizer que reserva a “este difícil problema” um exame particular (BENVENISTE, 1969/1989, p. 51). O que aconteceria, conforme aponta Fenoglio (2016a, p. 13), em um texto que Benveniste havia previsto para a revista *Semiotica*. Conferir, a esse respeito, a nota 62. Fenoglio (2016c, p. 153-154) aponta igualmente que manuscritos inéditos do linguista mostram que a questão da escrita foi objeto de discussão em suas aulas de linguística geral, no Collège de France, no ano letivo de 1963–1964.

escrita”, segue a denominação atribuída pelo linguista a esse conjunto de oito aulas (da Aula 8 à Aula 15).

Nessas aulas, a reflexão de Benveniste sobre a escrita não busca sua origem nem sua história, o que ele próprio esclarece na Aula 9: “Não estou fazendo genética das escritas, nem procurando a origem da escrita. Quero apenas ver quais soluções o homem deu ao problema da ‘representação gráfica’” (BENVENISTE, 1969/2014, p. 139).

Não se trata, por outro lado, de uma reflexão na qual a escrita seja compreendida como produção escrita (como um texto) nem tampouco como enunciação escrita. Desse modo, nada tem a ver seja com a parte final de “Semiologia da língua”, na qual Benveniste se refere a textos e obras, seja com a parte final de “O aparelho formal da enunciação”, na qual se refere às “formas complexas do discurso” e à enunciação escrita; enunciação que, conforme o linguista, seria preciso distinguir da enunciação falada (BENVENISTE, 1970/1989, p. 90).

Retomo, nesse sentido, a crítica de Laplantine (2013) às considerações de Coquet e Fenoglio (2012/2014) no texto que fazem para as *Últimas aulas*. Saliento, porém, que o ponto de vista de Benveniste em “Semiologia da língua” e em suas *Últimas aulas* é o mesmo.

Como defende Laplantine (2013) e também Flores (2013; 2017a), o ponto de vista de Benveniste no artigo e nas aulas do Collège de France é semiológico. A esse respeito, inclusive, relacionando os três textos (as *Últimas aulas* com os artigos “Semiologia da língua” e “O aparelho formal da enunciação”), Flores é bastante claro:

As *Últimas aulas* são um momento de evidente desenvolvimento de um aspecto do mecanismo de interpretância da língua, anunciado no texto “Semiologia da língua”, o da interpretância da língua por ela mesma. No entanto, a escrita é chamada a comparecer ali em função de suas características semiológicas e não como *enunciação escrita*, como aparece em “O aparelho”. Em outras palavras, o termo *escrita* em *Últimas aulas* não é sinônimo da expressão *enunciação escrita*, presente em “O aparelho formal da enunciação” (FLORES, 2017a, p. 104, grifos do autor).

Benveniste, em suas aulas, está interessado em mostrar a relação intrínseca da escrita com a língua, um sistema significante especial em meio aos sistemas semióticos. É nesse contexto que a questão da escrita é tratada e, conseqüentemente, deve ser compreendida. Não é à toa, afinal, a referência à escrita presente em “Semiologia da língua”, assim como seu aparecimento após a discussão, em particular, das aulas 5, 6 e 7²²⁵. A diferença do artigo para

²²⁵ Aulas nas quais Benveniste se interroga e discorre sobre as relações existentes entre os sistemas semióticos. O início da Aula 6 corresponde, aliás, ao final da Parte I de “Semiologia da língua”, quando o linguista se propõe a retomar “este grande problema [a questão da semiologia e de seu objeto: os sistemas semióticos] no ponto em que Saussure o deixou” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 50): “Não basta, a partir de Saussure, propor a existência de vários sistemas semiológicos. É preciso perguntar se eles coexistem livremente; se é possível criá-

as aulas é somente uma: se Benveniste decide não falar da escrita em “Semiologia da língua”, dedica uma boa parte de suas aulas no Collège de France a essa questão, o que acontece, na verdade, desde a Aula 7 (última aula do primeiro capítulo, cujo título é “Semiologia”).

Nessa aula, defendendo que uma “distinção de base entre sistemas deve ser respeitada”, uma vez que há sistemas “que se contêm eles próprios”, “sistemas autônomos”, de um lado, e sistemas “que têm necessidade de um interpretante”, “sistemas dependentes”, de outro, o linguista postula que uma “hierarquia deve ser estabelecida entre sistemas autônomos e sistemas dependentes”, o que ilustra através da relação entre a língua e a escrita: “Por exemplo, *o sistema de escrita*, que só existe em relação à língua. Porém, trata-se de ver como *um sistema que utiliza a mão*, deixando um traço escrito, representa a língua. Há assim uma significância de primeiro grau, outra de segundo grau etc.” (BENVENISTE, 1969/2014, p. 121, grifos meus [nota de ouvinte]).

Se, na Aula 7, a escrita – mais especificamente, o sistema semiótico da escrita (um sistema interpretado) – consiste, então, em um exemplo da relação de interpretância estabelecida entre a língua (o sistema interpretante) e os outros sistemas (os sistemas interpretados), um outro ponto de vista, porém, é igualmente apresentado por Benveniste ao longo de suas aulas sobre a escrita no capítulo seguinte.

Esse ponto de vista também resulta, é claro, de uma análise da relação estabelecida entre a língua e a escrita (o sistema da escrita). Benveniste continua interessado pelas relações entre os sistemas, e a língua continua aparecendo como o sistema interpretante em uma relação de interpretância da escrita. A escrita, todavia, não aparece mais (pelo menos não é mais apresentada) como um sistema dependente, interpretado, portanto, mas como um outro modo de ser língua. Ou seja, Benveniste coloca mais em evidência a relação da língua consigo mesma do que a relação entre um sistema interpretante e um sistema interpretado.

Nesse sentido, é bastante significativa a parte referente à escrita (a última tratada no curso de 1968–1969) presente no resumo que Benveniste faz de suas aulas no *Annuaire du Collège de France 1968-1969*:

Enfim, *examinamos as relações entre a língua e o sistema semiótico constituído pela escrita*. Ao final de um exame detalhado que nos fez percorrer os diferentes

los à vontade; se eles subsistem indefinidamente; ou se eles de alguma maneira formam um conjunto; *se eles têm relações e quais*; se eles se comandam um ao outro” (BENVENISTE, 1969/2014, p. 115, grifos meus). E se, na Aula 5, Benveniste se refere pela primeira vez à relação de interpretação entre sistemas (BENVENISTE, 1969/2014, p. 109), na Aula 7, o autor lança algumas questões – “a língua seria ainda um sistema semiótico, no sentido em que são os outros sistemas? Ela não seria outra coisa?” (BENVENISTE, 1969/2014, p. 120) – a propósito da especificidade da língua em relação aos demais sistemas.

modelos de escrita atestados na história, pareceu-nos que, contrariamente à ideia admitida por todo lado, *a escrita não constitui um sistema distinto*²²⁶. *É o prolongamento ou a projeção da própria língua*, e, portanto, a mesma situação no que concerne aos sistemas extralinguísticos. *Vemos na escrita o instrumento e a manifestação do processo de autossemiotização da língua* (BENVENISTE apud LAPLANTINE, 2013, p. 3, grifos meus, tradução minha).

Essa parte mostra, de fato, o interesse do linguista pelas relações e pelos sistemas, em especial pelo exame das relações entre a língua e a escrita. A escrita é definida como um sistema semiótico²²⁷ diferente da língua (“um sistema distinto” que se caracteriza pela dupla significância) e, nesse aspecto, comparável aos sistemas extralinguísticos (os sistemas não linguísticos).

Benveniste não insiste, contudo, como na Aula 7, em uma perspectiva de entendimento da escrita como sistema interpretado. Seu ponto de vista, nesse momento, é outro. Para o linguista, sendo a escrita “o prolongamento ou a projeção da própria língua”, ela constitui “o instrumento e a manifestação do processo de autossemiotização da língua”, mostrando, desse modo, a língua interpretando não os outros sistemas, mas, sim, a si mesma.

Essa nova perspectiva de entendimento da escrita (distinta mas não oposta, acredito, à da Aula 7) é a que Benveniste desenvolve a partir da Aula 8 e a que é finalmente apresentada na Aula 12, que inicia com a seguinte definição: “A autossemiotização da língua: A escrita foi sempre e por toda a parte o instrumento que permitiu à língua semiotizar a si mesma” (BENVENISTE, 1969/2014, p. 155 [nota de ouvinte]).

Nessa aula, especialmente nos itens “1. A língua semiotiza tudo” e “2. A língua semiotiza a si mesma”, o linguista trata da propriedade que a língua tem de tudo semiotizar, inclusive, a si mesma (BENVENISTE, 1969/2014, p. 157, grifos do autor).

Em “1. A língua semiotiza tudo”, Benveniste (1969/2014, p. 157, grifos do autor) sustenta, então, que a “língua pode – e pode sozinha – dar a um objeto ou a um processo qualquer o poder de *representar*”; por isso, segundo ele, “para que um objeto seja ‘sagrado’, para que um ato se torne um ‘rito’, é preciso que a língua enuncie um ‘mito’, dê a razão de sua qualidade, torne ‘significantes’ os gestos ou as palavras”. A língua semiotiza tudo, nesse sentido, porque significa tudo, porque, conforme suas palavras, ordena e enuncia os valores que todo comportamento social, toda relação humana, toda relação econômica supõe

²²⁶ Nesse mesmo resumo, Benveniste (apud LAPLANTINE, 2013, p. 3, tradução minha) define a língua “como um sistema distinto” em relação aos demais, devido “ao fato de que a língua – e apenas a língua – significa de dois modos diferentes: semiótico enquanto formada de signos distintivos, semântico enquanto capaz de enunciar mensagens”, o que “explica, por sua vez, o poder metalinguístico que a língua é a única a possuir”.

²²⁷ Confirmando, aliás, que escrita não corresponde, nesse contexto, à produção escrita (a texto) nem tampouco à enunciação escrita.

(BENVENISTE, 1969/2014, p. 157), o que, aliás, o autor também refere no final da Parte I de “Semiologia da língua” quando se interroga a propósito dos ritos simbólicos, das formas de polidez e da relação desses sistemas com a língua para, em seguida, definir o objeto da semiologia:

Os ritos simbólicos, as formas de polidez são sistemas autônomos? Pode-se realmente colocá-los no mesmo plano que a língua? Eles não se sustentam sobre uma relação semiológica senão pelo intermédio de um discurso: o “mito”, que acompanha o “rito”; o “protocolo” que regula as formas de polidez. Estes signos, para nascerem e se estabelecerem como sistema, supõem a língua, que os produz e os interpreta. [...] Entrevê-se assim que, não menos que os sistemas de signos, as **RELAÇÕES** entre estes sistemas constituirão o objeto da semiologia (BENVENISTE, 1969/1989, p. 51, grifos do autor).

Por sua vez, em “2. A língua semiotiza a si mesma”, Benveniste (1969/2014, p. 157) afirma que a “língua opera uma redução sobre si mesma” e, com isso, de “sua função instrumental desprende-se sua função representativa, cujo instrumento é a escrita”. Como indica o linguista, “a escrita muda de função: de instrumento para iconizar o real, ou seja, o *referente*, a partir do discurso, ela se torna, pouco a pouco, o meio de representar o próprio discurso, logo os elementos do discurso, logo os elementos desses elementos (sons/letras)”²²⁸ (BENVENISTE, 1969/2014, p. 157, grifos do autor).

Assim, nesse segundo capítulo de suas *Últimas aulas*, mais do que somente analisar a relação existente entre dois sistemas específicos (o da escrita e o da língua), o linguista reitera a ideia de que a língua semiotiza tudo e propõe que, com a escrita, se tem sobretudo a língua semiotizando, através de si mesma (da escrita como instrumento), a si mesma (a escrita como manifestação da autossemiotização). Além de ser, desse modo, o instrumento da autossemiotização da língua, a escrita manifesta, contém, a autossemiotização da língua, ou seja, a escrita é o lugar em que aparece a redução que a língua opera sobre si mesma. A língua, portanto, interpreta tudo, inclusive a si mesma.

Nessa perspectiva, aproximo os termos “semiotização” e “autossemiotização” do termo “interpretância” (como faz Laplantine (2013)) e, conseqüentemente, o termo “semiotizar” do termo “interpretar”. Afinal, Benveniste não se refere, nessa reflexão intitulada

²²⁸ Benveniste retoma, nesse momento, duas diferentes concepções de escrita: a escrita como representação gráfica do mundo e a escrita como representação gráfica da língua. A primeira concepção, refutada pelo linguista, se caracteriza por não pensar a escrita em sua relação com a língua, mas sim com o referente; a segunda, apontada na Aula 10 como “uma verdadeira revolução”, mostra, ao contrário, a escrita tomando a língua como modelo (BENVENISTE, 1969/2014, p. 141). Por outro lado, saliento que Benveniste começa sua discussão na Aula 8 com uma análise da concepção saussuriana de escrita, da qual, aliás, igualmente se afasta. Isso porque, para o linguista, Saussure também não discute a questão da relação da escrita com a língua, confundindo a escrita com o alfabeto e a língua com uma língua moderna (BENVENISTE, 1969/2014, p. 128).

“A língua e a escrita”, acredito, à formação de um semiótico (de um sistema) mas, de fato, à língua significando semiologicamente, à noção de interpretância (uma propriedade fundamental da língua) operando seja em relação a um outro sistema qualquer (a língua interpreta tudo) seja – e aqui está o cerne desse conjunto de aulas (aulas 8 a 15) – em relação ao sistema da escrita (a língua interpreta inclusive a si mesma). Essa é a discussão.

Há, por outro lado, uma mudança de perspectiva em relação à escrita em suas duas últimas aulas sobre o tema. Benveniste (1969/2014, p. 167, grifos do autor) inicia a Aula 14 explicando que, da Aula 8 à Aula 13, “a escrita [foi estudada] enquanto *fenômeno*”, mas que, nessa aula, “gostaria de considerar a escrita enquanto *operação* e em suas *denominações*”. Seu interesse, aqui, está em verificar “como uma língua nomeia o ato que lhe dá expressão escrita”, o que “significam os termos empregados [nesse processo linguístico de nomeação], e não o que designam, o que já sabemos”, uma vez que “uma análise de terminologia [que] é instrutiva se, e na medida em que, podemos distinguir entre a designação e a significação”²²⁹ (BENVENISTE, 1969/2014., p. 167).

Por fim, na Aula 15, Benveniste se interroga, mais especificamente, a respeito da relação entre a escrita e a fala. De um lado, o linguista reconhece a importância da escrita – sem a qual não teria sido possível uma análise semiológica da linguagem falada (da língua como fala) – e, de outro, estabelece que a escrita “é a *própria fala fixada em um sistema secundário de signos*”, “um revezamento (*relais*) da fala” (BENVENISTE, 1969/2014, p. 179, grifos do autor). Nesse sentido, a escrita é secundária não porque é menos importante, mas porque é a fala, que é primeira, transferida da voz para a mão. É secundária porque, segundo Benveniste em “O aparelho formal da enunciação”, o aspecto “mais imediatamente perceptível e [o] mais direto” do processo da enunciação é “a realização vocal da língua” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 82); o que faz com que a fala venha, conseqüentemente, antes da escrita quando se considera a realização do linguístico. No entanto, salienta o autor, “ainda que secundário, esse sistema [da escrita] continua sendo o da própria fala, sempre apto a se tornar fala de novo” (BENVENISTE, 1969/2014, p. 179). Ou seja, tanto a fala quanto a escrita comportam a língua (o linguístico), sendo dois modos paralelos de ser língua²³⁰, embora a escrita também esteja em relação à fala e não apenas em relação à língua²³¹.

²²⁹ Assim como observa no “Prefácio” do primeiro volume de *Le vocabulaire des institutions indo-européennes* [*O vocabulário das instituições indo-europeias*], Benveniste (1969a) objetiva um estudo da significação dos termos e não de sua designação (cf. a nota 153).

²³⁰ Fazendo um deslocamento, acredito que seria possível dizer que a escrita em língua de sinais é secundária em relação à realização gestual em língua de sinais, que é primária (dois modos paralelos de ser língua, mais uma

No que concerne à questão da **relação estabelecida pela língua com a sociedade**, tanto no artigo “Semiologia da língua” quanto nas *Últimas aulas*, é possível estabelecer uma certa aproximação com o que ocorre com a questão da escrita, que traz a relação estabelecida pela língua consigo mesma.

Primeiro ponto: se, no artigo, a questão da escrita é apenas mencionada, Benveniste também não se detém, de fato, na relação da língua com a sociedade. Seu objetivo nesse texto é, acredito, uma reflexão a respeito da relação da língua com os diferentes sistemas semióticos na elaboração de uma proposta de ultrapassagem da noção saussuriana de signo como princípio único de explicação da significância da língua; o que se dará, segundo ele, por duas vias: uma linguística (a semântica da enunciação) e outra semiológica (a metassemântica, uma “semiologia de ‘segunda geração’” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 67, grifos do autor)). É essa via semiológica que está em discussão nesse momento, configurando-se na questão central do artigo. Desse modo, toda a reflexão que Benveniste apresenta ao longo do texto tem por fim a questão da metassemântica, que, de meu ponto de vista, é apenas um dos aspectos de sua reflexão semiológica, ou seja, de sua ideia de uma *semiologia da língua*, como defendo em minha primeira hipótese²³².

A relação da língua com a sociedade, tratada em dois diferentes momentos de “Semiologia da língua”, é igualmente discutida em suas *Últimas aulas*. Eis o segundo ponto de aproximação. Porém, ao contrário do que ocorre com a escrita, que se torna objeto de estudo do linguista no conjunto de aulas reunidas no segundo capítulo da obra (aulas 8 a 15), a relação da língua com a sociedade é pontualmente abordada na Aula 5.

Além disso, conforme suas próprias palavras no *Annuaire du Collège de France* de 1969, Benveniste pretendia publicar um artigo seu inteiramente dedicado à questão da escrita na revista *Semiotica*. Ora, a questão da relação da língua com a sociedade também se torna

vez). Nesse caso, através da mão, o revezamento (o *relais*) envolveria o gesto realizado transferido para o traço escrito; traço esse, por sua vez, sempre apto a se tornar gesto de novo.

²³¹ Ou seja, a fala é sempre relacionada à língua; ao passo que a escrita deve ser relacionada à língua e também à fala, o que, conforme Benveniste (1969/2014, p. 177 [nota de ovinete]) na Aula 15, Saussure não faz: “De encontro a: ‘A língua é independente da escrita’, *Cours de linguistique générale*, p. 45”. Benveniste mostra, com isso, que Saussure considera apenas a relação fala-escrita, esquecendo-se da língua. Ele, por sua vez, estabelecendo o “princípio fundamental: [de que] *a escrita é uma forma secundária da fala*” (BENVENISTE, 1969/2014, p. 177), mostra que a relação fala-escrita não pode ser pensada independentemente da língua, do linguístico. Benveniste não trata aqui da questão da enunciação falada e escrita, mas de como o linguístico se configura na fala e também na escrita. Por outro lado, talvez esse seja um ponto de articulação possível com sua reflexão de “O aparelho formal da enunciação”, diferentemente da perspectiva semiológica sobre a escrita apresentada da Aula 8 (desde a Aula 7, aliás) até a Aula 13.

²³² Lembrando a primeira hipótese formulada neste trabalho – a ideia de uma *semiologia da língua* desenvolvida por Benveniste em sua reflexão semiológica vai além do projeto de uma metassemântica apresentado, prospectivamente, no fechamento de seu artigo “Semiologia da língua”. Além da metassemântica, sua ideia de uma *semiologia da língua* também engloba outras relações envolvendo a língua.

objeto de reflexão do linguista no texto “Estrutura da língua e estrutura da sociedade” (1968/1970), republicado, em 1974, no *PLGII*. Aqui se encontra, portanto, o terceiro ponto: essas duas questões presentes, insisto, em “Semiologia da língua” (a da escrita, ainda que apenas aludida, e a da relação língua-sociedade, ainda que pouco aprofundada) seriam tratadas separadamente em artigos específicos. Digo seriam, pois apenas uma delas acaba de fato sendo; afinal, o artigo sobre a escrita, ao que tudo indica, nem mesmo foi redigido.

Por fim, o quarto ponto de aproximação tem relação com a perspectiva adotada por Benveniste em sua reflexão sobre a escrita e, também, em sua reflexão sobre a relação da língua com a sociedade. Trata-se, nos dois casos, de um ponto de vista semiológico que o linguista se preocupa logo em apontar. Nesse sentido, a respeito da escrita, lembro sobretudo de suas considerações na Aula 7 e na Aula 12, assim como no *Annuaire du Collège de France* de 1969; considerações anteriormente comentadas. Por sua vez, em “Estrutura da língua e estrutura da sociedade”, o linguista inicia sua reflexão anunciando o tema que se propõe a examinar: “*as relações entre duas grandes entidades que são respectivamente a língua e a sociedade*” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 93, grifos meus). E esse exame das “relações entre [...] a língua e a sociedade”, repito, Benveniste não faz de qualquer modo, mas em conformidade com sua reflexão a respeito das relações entre os sistemas (reflexão desenvolvida e apresentada no decorrer dos anos 60). Assim como, claro, também faz seguindo seu estilo peculiar de pensar a linguagem – *problematizando* a questão –, o que é mostrado na sequência.

Observando, assim, o modo como linguistas e antropólogos costumam abordar a questão²³³, Benveniste (1970/1989, p. 95) reconhece a complexidade do problema – “está longe de ser simples” – e a necessidade de tratá-lo diferentemente, uma vez que “a maneira pela qual este problema foi debatido até agora não nos aproxima muito de uma solução”.

O linguista sustenta que é preciso “constatar que não existe correspondência nem de natureza nem de estrutura entre os elementos constitutivos da língua e os elementos constitutivos da sociedade” e que, por outro lado, é preciso “assinalar e corrigir uma confusão que é cometida entre duas acepções do termo língua e do termo sociedade respectivamente” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 95-96). Acrescenta, então, Benveniste (1970/1989, p. 96):

²³³ Seja mostrando “que a sociedade e a cultura inerente à sociedade são independentes da língua” seja mostrando “que a língua é – como dizem eles – o espelho da sociedade” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 94), posicionamentos que remetem, respectivamente, às ideias de Sapir (mencionado no texto) e de Meillet (não mencionado no texto, mas referência dessa corrente de pensamento e figura próxima de Benveniste), por exemplo.

Existe de uma parte a sociedade como dado empírico, histórico. Fala-se da sociedade chinesa, da sociedade francesa, da sociedade assíria; existe de outra parte a sociedade como coletividade humana, base e condição primeira da existência dos homens. Da mesma maneira existe a língua como idioma empírico, histórico, a língua chinesa, a língua francesa, a língua assíria; e existe a língua como sistema de formas significantes, condição primeira da comunicação.

Conforme o linguista, tanto no nível histórico, empírico, como no nível que denomina fundamental, “o problema das relações possíveis entre a língua e a sociedade se coloca”, o que faz com que se possa “admitir duas respostas diferentes” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 96). Desse modo, se não há relação entre uma língua histórica e uma sociedade histórica, entre a língua e a sociedade em seu “nível fundamental, podemos perceber imediatamente homologias” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 96).

Há, nesse nível, por conseguinte, características comuns a uma e a outra: segundo o autor, a língua e a sociedade são, para os homens, realidades inconscientes e representam a natureza²³⁴; são sempre herdadas e não se imagina que tenham tido um começo; e, por fim, não podem ser mudadas pela vontade dos homens (o que muda, na verdade, são as designações e as instituições, respectivamente) (BENVENISTE, 1970/1989, p. 96).

Benveniste (1970/1989, p. 96-97, grifos meus), contudo, vai além nessa sua análise e afirma que

se a diversificação constante, crescente das atividades sociais, das necessidades, das noções, exige designações sempre novas, *é preciso que em troca exista uma força unificante que faça equilíbrio*. Acima das classes, acima dos grupos e das atividades particularizadas, reina *um poder coesivo* que faz uma comunidade de um agregado de indivíduos e que cria a própria possibilidade da produção e da subsistência coletiva. *Este poder é a língua e apenas a língua. É porque a língua representa uma permanência no seio da sociedade que muda, uma constância que interliga as atividades sempre diversificadas*. Ela é uma identidade em meio às diversidades individuais. E daí procede a dupla natureza profundamente paradoxal da língua, ao mesmo tempo imanente ao indivíduo e transcendente à sociedade.

Ora, essa passagem não apenas retoma a visão antropológica da linguagem do linguista (relacionando linguagem/língua, homem e sociedade), mas mostra sobretudo o papel especial e exclusivo da língua: apenas a língua, com seu poder coesivo, sua força unificante, estabelece o equilíbrio entre o que permanece e é constante (a própria língua) e o que muda e é diverso (a sociedade), possibilitando e mantendo não um aglomerado de indivíduos, mas uma coletividade. O que se deve, de um lado, à propriedade fundamental, mas não exclusiva,

²³⁴ Nas palavras do linguista, “uma e outra representam a natureza, se assim se pode dizer, o meio natural e a expressão natural, coisas que não podem ser concebidas como outras que não são e que não podem ser imaginadas como ausentes” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 96).

da língua de significar – a significância (uma dupla significância, nesse caso) – e, de outro, à propriedade fundamental e exclusiva da língua de interpretar a si mesma e os outros sistemas semiológicos, significando-os – a interpretância (devido a sua dupla significância).

A relação da língua com a sociedade envolve, desse modo, uma questão semiológica: a língua significando, interpretando, a sociedade. E é por isso que à questão – “como podemos supor a relação da língua e da sociedade para esclarecer pela análise de uma (a língua), a análise da outra (a sociedade)?” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 97) –, Benveniste responde que essa relação não será, de modo algum, uma relação estrutural, tipológica, histórica ou genética, mas semiológica. Diz o linguista:

Estamos considerando aqui *a língua somente como um meio de análise da sociedade*. Para este fim *nós tomaremos língua e sociedade em sincronia e numa relação semiológica: a relação do interpretante com o interpretado*. E formularemos estas duas proposições conjuntas: em primeiro lugar, a língua é o interpretante da sociedade; em segundo lugar, a língua contém a sociedade (BENVENISTE, 1970/1989, p. 97, grifos meus).

Assim, a partir desses quatro pontos de aproximação traçados entre a questão da escrita e a da relação da língua com a sociedade, é plausível afirmar que a reflexão semiológica de Benveniste como um todo – sua ideia de uma *semiologia da língua* – abrange, além da questão da metassemântica apresentada na parte final de “Semiologia da língua”, outros aspectos, cuja significância também depende de sua relação com a língua – uma relação estabelecida, sempre, entre um sistema interpretado e a língua, o sistema interpretante.

Em “Estrutura da língua e estrutura da sociedade”, por outro lado, Benveniste não somente estabelece que seu ponto de vista é semiológico, mas traduz esse ponto de vista em duas proposições conjuntas²³⁵, sendo que a primeira – “a língua é o interpretante da sociedade” – é explicada pela segunda – “a língua contém a sociedade” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 97). O que se pode verificar, conforme o autor, de dois modos: empiricamente e através da diferenciação estabelecida, com base na língua, entre o indivíduo e a sociedade.

Empiricamente, uma vez que se pode isolar a língua, estudá-la e descrevê-la por si mesma, sem que se considere “seu emprego na sociedade” nem “suas relações com as normas e as representações sociais que formam a cultura”, ao passo que “é impossível descrever a sociedade, descrever a cultura, fora de suas expressões linguísticas” (BENVENISTE,

²³⁵ O que igualmente faz, aliás, a respeito da escrita através da proposição: “Vemos na escrita o instrumento e a manifestação do processo de autosemiotização da língua” (BENVENISTE apud LAPLANTINE, 2013, p. 3, tradução minha).

1970/1989, p. 98). Daí por que “a língua inclui a sociedade, mas não é incluída por esta” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 98).

Já através da diferenciação entre o indivíduo, de um lado, e a sociedade, de outro, afirma Benveniste (1970/1989, p. 101, grifos do autor):

A língua que é assim a emanção irredutível do eu mais profundo de cada indivíduo é ao mesmo tempo uma realidade supraindividual e coextensiva à toda a coletividade. [...] Com efeito, a língua fornece ao falante a estrutura formal de base, que permite o exercício da fala. Ela fornece o instrumento linguístico que assegura o duplo funcionamento subjetivo e referencial do discurso: é a distinção indispensável, sempre presente em não importa qual língua, em não importa qual sociedade ou época, entre o eu e o não eu, operada por índices especiais que são constantes na língua e que só servem a este uso, as formas chamadas em gramática de pronomes, que realizam uma dupla oposição, a oposição do ‘eu’ ao ‘tu’ e a oposição do sistema ‘eu/tu’ a ‘ele’.

Essa segunda oposição (que engloba, aliás, a primeira) mostra “o duplo sistema relacional da língua”, envolvendo o sujeito, assim como a construção da referência (“a possibilidade do discurso sobre alguma coisa, sobre o mundo, sobre o que não é alocação”), o que faz aparecer, segundo o linguista, “uma nova configuração da língua [...]: é a inclusão do falante em seu discurso, a consideração pragmática que coloca a pessoa na sociedade enquanto participante e que desdobra uma rede complexa de relações espaço-temporais que determinam os modos de enunciação” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 101).

Benveniste associa essa nova configuração da língua, que resulta da inserção do falante no discurso, à apropriação, por determinados grupos ou classes, do aparelho de denominação, comum a todos. Nesse artigo, o linguista não apresenta nenhum exemplo dessa apropriação, mas se refere ao vocabulário do sagrado na língua dos pontífices romanos. Há aqui, segundo o autor, uma apropriação de termos gerais que são ressignificados (visto que recebem referências específicas atribuídas por um determinado grupo) e que, depois, voltam à língua comum nela introduzindo diferenciações lexicais (BENVENISTE, 1970/1989, p. 102). Com uma análise como essa, conforme Benveniste (1970/1989, p. 102), seria possível verificar “o papel da língua no interior da sociedade, uma vez que esta língua é a expressão de certos grupos profissionais especializados, para os quais seu universo é o universo por excelência”.

Por outro lado, nesse mesmo artigo, Benveniste (1970/1989, p. 100) também sustenta que a “língua engloba a sociedade [...] e a contém em seu aparelho conceitual, mas ao mesmo tempo, em virtude de um poder distinto, ela configura a sociedade instaurando aquilo que se poderia chamar o semantismo social”. O linguista se refere, nesse momento, sobretudo

(porém não exclusivamente), a fatos de vocabulário, a designações, à parte da língua mais estudada e que muito tem a dizer a historiadores da sociedade e da cultura, em suas palavras.

Para Benveniste (1970/1989, p. 100), nessa perspectiva, o vocabulário comporta “testemunhos insubstituíveis” das formas e das fases da organização social, dos regimes políticos, dos modos de produção sucessiva ou simultaneamente empregados. O linguista ressalta, no entanto, que

o estado da sociedade numa época dada não aparece sempre refletido nas designações de que ela faz uso, pois as designações podem muitas vezes subsistir quando os referentes, as realidades designadas já mudaram. [...] O que se chama de polissemia resulta desta capacidade que a língua possui de *subsumir* em um termo constante uma grande variedade de tipos e em seguida admitir a variação da referência na estabilidade da significação (BENVENISTE, 1970/1989, p. 100, grifo do autor).

Com isso, mesmo que a sociedade mude (que os referentes mudem), a língua permanece e, através dela, também permanecem as designações que não encontram mais correspondência na realidade, mas que se mantém como sentidos possíveis (referências possíveis) de um termo. Trata-se, portanto, de uma designação construída enunciativamente, uma designação que corresponde a uma determinada referência e não a um determinado referente. Assim, se há estabilidade na significação de um termo (se esse termo tem ou não sentido semioticamente em uma determinada língua), a polissemia mostra, por sua vez, a variação de sua referência construída semanticamente (que sentido é esse a cada vez).

Benveniste traz essas questões – a inclusão do falante em seu discurso, o semantismo social e a polissemia – não apenas para mostrar a estreita relação entre a língua e a sociedade (uma relação semiológica), mas sobretudo para mostrar como a língua, de fato, inclui a sociedade. Para o linguista, desse modo, “a língua interpreta a sociedade”, e a “sociedade torna-se significante *na e pela língua*, a sociedade é o interpretado por excelência da língua” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 98, grifos meus).

Em outras palavras, fazendo um paralelo, a língua é o instrumento (*pela língua*) e a manifestação (*na língua*) do processo de semiotização da sociedade (de interpretação da sociedade), assim como a escrita é o instrumento (*pela escrita*) e a manifestação (*na escrita*) do processo de autosemiotização da língua (a interpretação que a língua faz de si mesma)²³⁶.

²³⁶ Em “Da subjetividade na linguagem” – impossível não estabelecer uma relação com o que ocorre com a questão da escrita e da sociedade –, Benveniste também mostra a língua como instrumento (*pela língua*) e como manifestação (*na língua*), mas, nesse caso, claro, da subjetividade, conforme a passagem a seguir: “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’. A ‘subjetividade’ de que tratamos aqui é a

Não é à toa, aliás, que Benveniste traz para a discussão a questão da polissemia no artigo “Estruturalismo e linguística” (1968). Nesse texto, como comentado anteriormente, a análise de diferentes empregos da palavra homem – “o homem honesto” na cultura clássica francesa; “eu sou seu homem” na época feudal –, mostra, conforme o autor, que há

uma estratificação da cultura que deixa seu traço nos diferentes empregos possíveis. Estes estão todos compreendidos hoje na definição da palavra, porque são ainda suscetíveis de serem empregados no seu verdadeiro sentido na mesma época. Vemos aqui a contrapartida de uma definição cumulativa das culturas. Em nossa cultura atual integra-se toda a espessura de outras culturas. É nisso que a língua pode ser reveladora da cultura (BENVENISTE, 1968/1989, p. 22-23)

Nesse sentido, ainda que a sociedade mude, a língua conserva a variação de referências de um termo (sua polissemia), conservando, em diferentes camadas de sentido, a cultura, ou seja, para Benveniste, os valores, os sistemas de valores “que se imprimem na língua” (BENVENISTE, 1968/1989, p. 22) em diferentes épocas. Daí a espessura da cultura que constitui a língua e que a língua mostra (o semântico da língua mostra)²³⁷.

Essas considerações sobre a cultura aprofundam, vale lembrar, a discussão que o linguista apresenta no artigo “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística” (1962/1963). Nesse texto do *PLGI*, Benveniste (1963/1995, p. 32) define a cultura “como um conjunto muito complexo de representações, organizadas por um código de relações e de valores”. Trata-se, para ele, do “*meio humano*” (BENVENISTE, 1963/1995, p. 31), de um universo de símbolos que compõem uma estrutura específica (cada língua e cada sociedade) e que a linguagem manifesta e transmite (BENVENISTE, 1963/1995, p. 32). Ou seja, trata-se, conforme o texto “Estrutura da língua e estrutura da sociedade” (1968/1970), da sociedade tornando-se significante *na e pela língua*, em uma relação de interpretância.

capacidade do locutor para se propor como ‘sujeito’. [...] É ‘ego’ que diz *ego*. Encontramos aí o fundamento da ‘subjetividade’ que se determina pelo *status* linguístico da ‘pessoa’” (BENVENISTE, 1958/1995, p. 286, grifos no original) [No original: “Est ‘ego’ qui *dit* ‘ego’” (1958/1966, p. 260, grifos do autor); tradução minha: “É ‘ego’ quem *diz* ‘ego’.”]. Não se trata aqui, porém, da língua significando semiologicamente (significando/interpretando os outros sistemas e a si mesma), mas da língua significando linguisticamente (ou seja, enunciativamente). De todo o modo, para Benveniste, semiologica ou linguisticamente, todo movimento de significação se produz *na e pela língua*.

²³⁷ A esse respeito, gostaria de salientar os trabalhos de Benveniste reunidos na sexta parte – “Léxico e cultura” – do *PLGI* (1966) e do *PLGII* (1974), assim como nos dois volumes de *Le vocabulaire des institutions indo-européennes* [*O vocabulário das instituições indo-europeias*] (1969). Acredito firmemente que muitos desses trabalhos tenham contribuído para a elaboração e o desenvolvimento da reflexão semiológica do autor, na medida em que todos tratam da relação da língua com a sociedade, relação essa teorizada, de fato, no artigo “Estrutura da língua e estrutura da sociedade”.

Gostaria, agora, de comentar a Aula 5²³⁸ de suas *Últimas aulas*. Nessa aula, há uma extensa nota de ouvinte que retoma pontos importantes da reflexão sobre a relação entre a língua e a sociedade desenvolvidos no texto “Estrutura da língua e estrutura da sociedade”. São eles: a ideia de que as estruturas linguísticas e sociais são “anisomorfas”, conforme Sapir (igualmente citado na nota); a ideia de que a língua não reflete a sociedade; a necessidade de uma distinção entre um nível histórico, de um lado, e um nível fundamental da língua, de outro; o fato de não haver uma correlação estrutural nem genética entre o linguístico e o social, mas sim uma relação semiológica (uma relação de interpretante e interpretado); o fato de se poder estudar a língua por si mesma (como sistema formal) sem que se estabeleça qualquer relação com a sociedade; o fato de não se poder estudar a sociedade independentemente da língua; e, sobretudo, a ideia de que a língua contém a sociedade (BENVENISTE, 1969/2014, p. 111-112 [nota de ouvinte]).

Considerando-se a data da aula (13 de janeiro de 1969) e a da conferência que resulta nesse artigo (entre 14 e 17 de outubro de 1968), mais do que uma simples retomada de pontos, talvez se possa dizer que o texto do artigo tenha fornecido a base para a aula de Benveniste, tenha alimentado a sua aula. Ou, pelo menos, que o artigo tenha orientado Coquet e Fenoglio em seu trabalho de estabelecimento das notas manuscritas provenientes tanto de Benveniste quanto de seus ouvintes. Afinal, há uma estreita correspondência entre esses dois momentos de reflexão, o da aula em 1969 e o do artigo em 1968. Não encontrei, contudo, qualquer referência a esse respeito.

Por outro lado, como mencionado, essa é a aula em que Benveniste (1969/2014, p. 109, grifos do autor) propõe “a *relação de interpretação*”, “uma nova relação, que Saussure não mencionou, nem talvez tenha visto”: “a *relação de interpretação entre sistemas*”. E, para explicá-la, Benveniste traz a questão da relação entre a língua e a sociedade, mesmo movimento que faz, aliás, em “Semiologia da língua”.

No artigo, assim que define a relação semiótica entre os sistemas – “uma relação entre SISTEMA INTERPRETANTE e SISTEMA INTERPRETADO” – o autor sustenta que é essa a relação “entre os signos da língua e os da sociedade: os signos da sociedade podem ser integralmente interpretados pelos signos da língua, não o inverso”²³⁹ (BENVENISTE, 1969/1989, p. 54-55, grifos do autor, tradução minha). Nessa mesma perspectiva, depois que

²³⁸ Aula apenas referida anteriormente, quando tratei da presença da reflexão sobre a escrita e da reflexão sobre a relação da língua com a sociedade nas *Últimas aulas* (segundo ponto de aproximação entre essas duas reflexões do autor).

²³⁹ No original: “non l’inverse” (BENVENISTE, 1969/1974, p. 54). Na tradução brasileira: “jamais o inverso” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 55).

define a terceira relação entre os sistemas semióticos, a “RELAÇÃO DE INTERPRETÂNCIA” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 62, grifos do autor), Benveniste se refere uma segunda vez à questão da relação da língua com a sociedade em “Semiologia da língua”.

Nesse momento, o linguista mostra que a relação semiológica se distingue de todas as outras, em especial da relação sociológica. Conforme explica Benveniste (1969/1989, p. 63), na relação sociológica, “a língua funciona no interior da sociedade, a qual a engloba”; ao passo que, na relação semiológica, há uma inversão dessa relação, “porque somente a língua torna possível a sociedade”, e língua e sociedade se encontram “em dependência mútua segundo sua capacidade de semiotização”²⁴⁰ (uma relação de interpretância). Por isso, nesse ponto, o autor não apenas reafirma a proposição – “é a língua que contém a sociedade” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 63) –, mas ainda, em nota, remete ao artigo “Estrutura da língua e estrutura da sociedade”, texto em que a apresenta (“a língua contém a sociedade” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 97)).

Desse modo, assim como com os outros sistemas interpretados discutidos anteriormente (não linguísticos e linguísticos²⁴¹), a escrita e a sociedade também se configuram em sistemas interpretados em uma relação semiológica com a língua, o sistema interpretante. Todos esses sistemas significam, por conseguinte, *pela e na semiologia da língua*, ou seja, em função da interpretância da língua.

Gostaria apenas de observar que, se Benveniste também examina os sistemas não linguísticos em suas *Últimas aulas* (tratando, por exemplo, da música²⁴² e da imagem), não formula, por outro lado, nada a respeito da questão da metassemântica. Acredito, no entanto, que essa questão seria discutida em suas aulas no ano letivo de 1969-1970, que apenas teve sua primeira aula em 1º de dezembro de 1969. Afinal, as questões envolvendo os outros sistemas, a sociedade e a escrita estão todas presentes nesses dois espaços – o do artigo (de

²⁴⁰ O que, aliás, satisfaz o critério estabelecido a respeito das relações entre os sistemas semióticos: “estas relações devem ser elas mesmas de natureza semiótica” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 63).

²⁴¹ Refiro-me aqui ao linguístico produzido artisticamente, ou seja, ao modo como compreendo os textos e as obras da metassemântica proposta no final de “Semiologia da língua”.

²⁴² Tanto em “Semiologia da língua” quanto em suas *Últimas aulas*, Benveniste analisa o sistema da música. Um sistema, segundo sua Aula 6, como outros que “são fundados sobre sua ordem própria” (BENVENISTE, 1969/2014, p. 116). O linguista mostra que a música é “articulada por sons situados sobre certa escala e combinados em certas sequências”, podendo “operar *combinações duplas, sobre dois eixos simultâneos*” (BENVENISTE, 1969/2014, p. 116, grifos do autor). Para Benveniste (1969/2014, p. 116), devido a essa particularidade, “ela é intransponível e só responde por ela mesma”, cabendo “aos músicos dizer o que os sons e suas combinações ‘representam’”. Será, então, que a língua não interpreta a música? Parece que não, o que talvez explique o “em princípio” da passagem: “a língua pode, *em princípio*, tudo categorizar e interpretar, inclusive ela mesma” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 62, grifos meus).

“Semiologia da língua”) e o das aulas no Collège de France. Sem mencionar a correspondência importante entre os diferentes pontos discutidos ao longo do artigo com aqueles apresentados ao longo das aulas.

Nesse sentido, observo que, nessa Primeira aula do terceiro capítulo das *Últimas aulas*, Benveniste (1969/2014, p. 190 [nota de ovinete]) trata das relações de engendramento, homologia e interpretância e, em seguida, parece apontar o limite imposto, pelo próprio Saussure, à semiologia da língua: “A doutrina saussuriana cobre apenas, sob as espécies da língua, a parte semiotizável da língua, seu inventário material. Ela não se aplica à língua como produção” (BENVENISTE, 1969/2014, p. 192). Ora, essa passagem das aulas se relaciona com outra de “Semiologia da língua” – “A semiologia da língua foi bloqueada, paradoxalmente, pelo instrumento mesmo que a criou: o signo” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 67) –, exatamente a que antecede o final do artigo, quando o linguista propõe a ultrapassagem da noção saussuriana de signo como princípio único de explicação da significância da língua, o que se dará por duas vias: uma linguística (a semântica da enunciação) e outra semiológica (a metassemântica). Ou seja, é bastante plausível supor que a metassemântica seria igualmente discutida no Collège de France, nas aulas que não aconteceram.

Lembro, ainda, que a questão da escrita é apenas mencionada em “Semiologia da língua”, sendo, com efeito, desenvolvida nas aulas. Acredito que isso se deva ao fato de Benveniste planejar tratá-la em um artigo específico, o que não se realiza; diferentemente, aliás, do que ocorre em relação à questão da sociedade, que se torna tema de “Estrutura da língua e estrutura da sociedade”, o artigo específico sobre a relação entre a língua e a sociedade. Nessa perspectiva, compreendo o artigo “Semiologia da língua” como o artigo específico a respeito da metassemântica, o que não reduz, de modo algum, sua reflexão semiológica (sua ideia de uma *semiologia da língua*) somente à metassemântica.

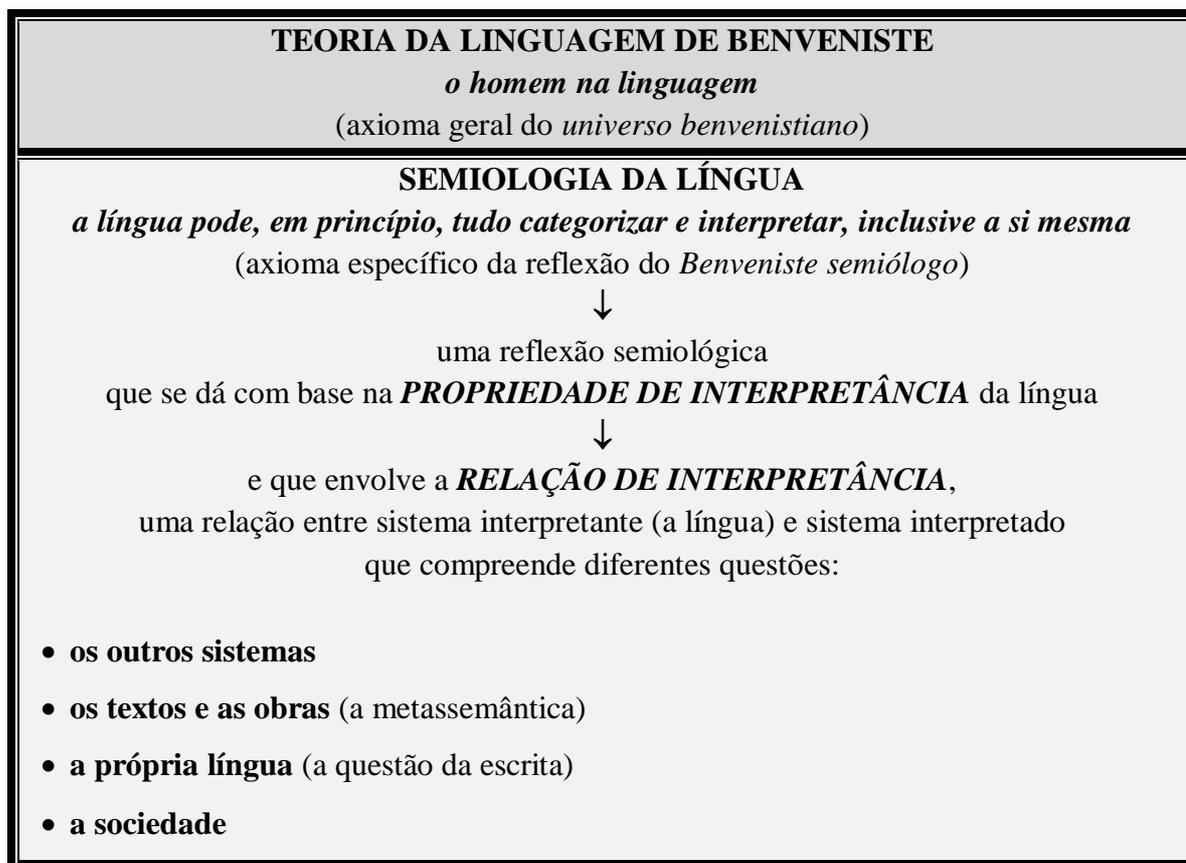
A partir dessa discussão, retomo a proposta de Flores (2016) de que, no axioma geral da teoria da linguagem de Benveniste – *o homem na linguagem* –, está contido um axioma específico – *o homem na língua*. Pensando no *universo benvenistiano*, ao lado desse axioma específico, que corresponde à reflexão do *Benveniste teórico da enunciação*, identifico um outro axioma, também específico (também contido, portanto, no axioma geral), que corresponde à reflexão do *Benveniste semiólogo* – *a língua pode, em princípio, tudo categorizar e interpretar, inclusive a si mesma*.

Esse é, de meu ponto de vista, o axioma de sua reflexão semiológica: sua *semiologia da língua*, um amplo campo de estudos aberto pelo linguista, que se fundamenta na

propriedade de interpretância da língua (sua propriedade de interpretar) e que envolve a relação de interpretância por ele proposta. Ou seja, a relação da língua, como sistema interpretante, com um sistema interpretado, o que compreende diferentes questões: a relação da língua com os outros sistemas, com os textos e as obras (a metassemântica), consigo mesma (a questão da escrita) e com a sociedade. A essas duas últimas relações, aliás, o próprio Benveniste associa duas proposições com valor de axioma: *a língua semiotiza a si mesma* e *a língua contém a sociedade*, respectivamente.

Retomo então, no Quadro 6, o modo como compreendo a reflexão semiológica de Benveniste, sua ideia de uma *semiologia da língua*, salientando a importância da imbricação da relação e da propriedade de interpretância da língua. Trata-se, claro, de um ponto de vista pessoal que resulta da leitura que faço dos diferentes textos do *corpus* de pesquisa, especialmente do artigo “Semiologia da língua” do linguista, em contraponto com suas *Últimas aulas no Collège de France*.

Quadro 6 - A semiologia da língua de Benveniste



Fonte: Elaborado pela autora.

Finalmente, no último item deste capítulo – “De uma semiologia do signo a uma *semiologia da língua*” –, mostro o deslocamento realizado por Benveniste de uma semiologia do signo para uma *semiologia da língua* (uma semiologia que toma a língua como base), o que me permite compreender, sobretudo, o efeito dessa reflexão semiológica sobre o lugar da linguagem nas ciências humanas.

3.4 DE UMA SEMIOLOGIA DO SIGNO A UMA SEMIOLOGIA DA LÍNGUA²⁴³

Considerando, de um lado, a discussão de Benveniste sobre *como a língua significa* (sua dupla significância) e, conseqüentemente, sobre a interpretância da língua e, de outro, sua reflexão semiológica a partir das ideias de Saussure no *Curso*, faço algumas observações a respeito de seu pensamento.

Há, na língua, segundo Benveniste, uma dupla significância: a do modo semiótico (a significância da língua-sistema) e a do modo semântico (a significância da língua-discurso). É essa a característica que faz da língua, na reflexão semiológica do autor, o interpretante de todos os sistemas semióticos. Dessa característica própria e exclusiva da língua resulta, portanto, sua propriedade de interpretância.

Benveniste estabelece, com isso, o lugar e o papel da língua entre os sistemas de signos e propõe, prospectivamente, como Saussure, uma semiologia. Uma semiologia que, embora em estreita relação com as ideias do mestre genebrino, não corresponde à proposta por Saussure no *Curso*.

Saussure (1916/2006), quando propõe uma ciência dos signos, propõe uma semiologia geral que tem como princípio a noção de signo linguístico. Conforme Saussure ainda, a linguística faria parte da semiologia e a ela estaria subordinada, uma vez que as leis descobertas pela semiologia seriam, em suas palavras, aplicáveis à linguística. Sendo a língua, por outro lado, o principal dos sistemas semióticos, Saussure estabelece como tarefa do linguista definir o que faz da língua um sistema especial no conjunto dos fatos semiológicos. E, se o linguista não define o que faz da língua esse sistema especial, tampouco se interessa por um estudo dos demais sistemas, de suas características ou relações. Saussure se limita, em suas observações, a citar alguns desses sistemas.

Já Benveniste (1969/1989), partindo das ideias de Saussure (sua concepção de língua – um sistema de signos – e suas considerações sobre a semiologia), busca não somente refletir

²⁴³ Uma primeira versão dessa reflexão sobre a semiologia em Saussure e em Benveniste se encontra em Rosário (2017).

sobre os sistemas semióticos em si, mas ainda determinar quais são as relações existentes entre esses sistemas. Essas relações, para ele, também constituem o objeto da semiologia, cujo problema central diz respeito ao estatuto da língua entre os sistemas semióticos.

Refletindo sobre como se dá a significância da língua (através da dupla articulação entre semiótico e semântico), Benveniste acaba definindo a língua como o interpretante dos demais sistemas semióticos. É porque a significância da língua se articula em duas dimensões – o modo semiótico e o modo semântico – que ela, a língua, tem o poder “de criar um segundo nível de enunciação, em que se torna possível sustentar propósitos significantes sobre a significância” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 66).

A faculdade metalinguística da língua se encontra, portanto, para Benveniste, na origem da relação de interpretância pela qual ela, a língua, engloba os outros sistemas, significando-os. E é isso que faz dela, segundo ele, um sistema especial no conjunto dos fatos semiológicos. Com isso, o linguista estabelece que o lugar da língua é, de fato, um lugar especial entre os sistemas semióticos, o que é explicado pelo papel que a língua tem entre esses sistemas: o papel de significá-los através de sua modelagem semiótica. Eis como Benveniste responde à tarefa do linguista colocada por Saussure.

Nessa perspectiva, é importante ressaltar que Benveniste desloca o que diz Saussure inicialmente sobre a relação entre a semiologia e a linguística, uma vez que, para ele, a relação de interpretância está no centro de toda relação semiótica. Em suas palavras, “é a relação fundamental, aquela que divide os sistemas em sistemas que articulam, porque manifestam sua própria semiótica, e sistemas que são articulados e cuja semiótica não aparece senão através da matriz de um outro modo de expressão” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 62).

Ou seja, Benveniste não estabelece uma relação entre a semiologia e a linguística como o mestre genebrino, mas entre a língua e a semiologia, em uma reflexão que se fundamenta na língua ou, mais especificamente, no que denomino noção de interpretância (noção na qual a relação e a propriedade de interpretância da língua estão imbricadas).

Há aqui, por conseguinte, diferentes concepções de semiologia. A semiologia saussuriana diz respeito à noção de signo; a de Benveniste, por sua vez, se filia a Saussure, mas desloca o ponto de vista, pois coloca a língua no centro da reflexão, especialmente pelo caráter operatório da noção de interpretância. Há, por conseguinte, de um lado, a semiologia geral de Saussure – *sígnica* (a semiologia de primeira geração) – e, de outro, a *semiologia da língua* de Benveniste.

Lembro que, no item “A língua significando semiologicamente: a noção de interpretância”, apresento a reflexão semiológica de Benveniste – sua *semiologia da língua* –

como um amplo campo de estudos que se fundamenta na propriedade de interpretância da língua (sua propriedade de interpretar) e que envolve a relação de interpretância estabelecida pela língua. Essa reflexão do linguista compreende, como indicado, diferentes questões presentes nos textos do *PLGII* (em particular, no artigo “Semiologia da língua”) e/ou em suas *Últimas aulas*.

Desse modo, de meu ponto de vista, a *semiologia da língua* de Benveniste trata das relações nas quais a língua significa um outro sistema, o que ocorre todas as vezes em que, *pela e na semiologia da língua*, um sistema interpretado é significado devido à propriedade constitutiva da língua de interpretar. É assim que compreendo, como um todo, sua ideia de uma *semiologia da língua*, sua reflexão semiológica a respeito da relação da língua com os outros sistemas, com os textos e as obras (a metassemântica), consigo mesma (a questão da escrita) e com a sociedade.

Não associo, por conseguinte, como habitualmente se costuma fazer, a *semiologia da língua* apenas à metassemântica, questão apresentada no final programático do artigo “Semiologia da língua”. Reconheço, no entanto, que há uma diferença entre a reflexão de Benveniste a respeito da metassemântica e sua reflexão a respeito da relação estabelecida com a escrita e com a sociedade.

Como mostrado, em relação à escrita e à sociedade, o ponto de vista de Benveniste é semiológico: a escrita é o instrumento (*pela escrita*) e a manifestação (*na escrita*) do processo de autossemiotização da língua (a interpretação que a língua faz de si mesma), assim como a língua é o instrumento (*pela língua*) e a manifestação (*na língua*) do processo de semiotização da sociedade (de interpretação da sociedade).

A escrita é discutida, de fato, em suas *Últimas aulas*, e a sociedade, a cultura, aparecem principalmente na sexta parte – “Léxico e cultura” – do *PLGI* (1966) e do *PLGII* (1974) e também nos dois volumes de *Le vocabulaire des institutions indo-européennes* [*O vocabulário das instituições indo-europeias*] (1969)²⁴⁴. Esses estudos têm, sim, um fundamento semiológico: a língua interpretando a si mesma e a língua interpretando a sociedade, respectivamente.

Acredito, contudo, que, com a questão da escrita, Benveniste esteja sobretudo interessado em mostrar a escrita como um outro modo de ser língua, além de mostrar sua relação com a fala (dois modos paralelos de ser língua). Por sua vez, no que concerne à relação da língua com a sociedade, acredito que seu principal interesse seja mostrar a

²⁴⁴ Ressalto que a relação da língua com a sociedade é teorizada no artigo “Estrutura da língua e estrutura da sociedade” (1968/1970).

espessura da cultura que o semântico da língua, o discurso, encerra. Ou seja, esses trabalhos não apontam prospectivamente para uma semiologia propriamente dita, mas para um tipo de linguística.

Por outro lado, em “Semiologia da língua”, o que Benveniste propõe com a metassemântica é, especificamente, uma semiologia. Trata-se da segunda via, através da qual, conforme o linguista, se dará a ultrapassagem da noção saussuriana de signo como princípio único de explicação da significância da língua. Essa via não é linguística, como a primeira, mas semiológica.

Benveniste (1969/1989, p. 67, grifos do autor) propõe uma “análise translinguística dos textos, das obras, pela elaboração de uma metassemântica que se construirá sobre a semântica da enunciação”, acrescentando que “será uma semiologia de ‘segunda geração’ cujos instrumentos e o método poderão também concorrer para o desenvolvimento das outras ramificações da semiologia geral”.

Seguindo, assim, o mesmo movimento de Saussure no *Curso*, nesse artigo, Benveniste também propõe um novo campo de estudos para além do linguístico, sua *semiologia*. Uma semiologia, aliás, que qualifica de “segunda geração”, em oposição à de Saussure, uma semiologia de “primeira geração”. Isso porque a semiologia de Saussure toma o signo como base, ao passo que sua *semiologia* toma a língua como base.

Nessa perspectiva, acredito que está contida na reflexão semiológica de Benveniste, ou seja, em sua *semiologia da língua* (um amplo campo de estudos aberto pelo linguista), a metassemântica, uma semiologia de “segunda geração”, que compreendo como um campo disciplinar programático apontado pelo linguista. Se relaciono, desse modo, a expressão “*semiologia da língua*”, que intitula o artigo “Semiologia da língua”, à sua reflexão semiológica como um todo, relaciono, por sua vez, a metassemântica à análise semiológica de um campo específico de estudos: sua *semiologia de segunda geração*.

Com isso, de meu ponto de vista, Benveniste não estabelece exatamente uma relação entre a linguística e as ciências humanas, mas sim uma relação entre a língua e as ciências humanas, na medida em que, com sua *semiologia da língua*, coloca a língua no centro das ciências do homem.

Nesses outros campos do saber, conseqüentemente, uma reflexão a respeito da linguagem se torna incontornável, uma vez que é a língua, e somente a língua, que significa a si mesma e os outros sistemas semiológicos. Eis o efeito dessa reflexão semiológica do linguista sobre o lugar da linguagem nas ciências humanas. Para falar do homem, é preciso considerar a língua, que, devido a sua dupla significância, tudo significa.

Aliás, nesse sentido, em “Esta linguagem que faz a história” (1968), a entrevista dada a Guy Dumur para *Le Nouvel Observateur*, interrogado a respeito da semiologia, Benveniste (1968/1989, p. 33) responde que se trata do “problema essencial de hoje”, acrescentando, mais adiante, um comentário: “Tenho a consciência, cada vez mais viva, de que *o nível significante une o conjunto das ciências do homem*” (BENVENISTE, 1968/1974, p. 38, grifos meus, tradução minha)²⁴⁵. Daí por que a ideia, reiterada nesse texto, de uma “espécie de convergência entre várias ciências” (BENVENISTE, 1968/1989, p. 39); uma convergência que se dá, para o linguista, em função da língua, “o nível significante”.

Essa passagem me remete ao que denomino as condições de enunciação de seu pensamento: os diferentes aspectos que possibilitam a enunciação de um pensamento, marcando sua historicidade própria e mostrando, por conseguinte, sua singularidade. Ora, como observado anteriormente, Benveniste sempre teve seu lugar tanto no campo da linguística quanto no campo das ciências humanas, sempre participou dos debates teóricos de sua época, inclusive (e muito claramente) em relação à questão semiológica. E é isso que configura, acredito, a singularidade e a amplitude de seu *universo benvenistiano* e, em particular, a singularidade da reflexão do *Benveniste semiólogo*.

²⁴⁵ No original: “J’ai la conscience, de plus en plus vive, que le niveau signifiant unit l’ensemble des sciences de l’homme” (BENVENISTE, 1968/1974, p. 38). Na tradução brasileira: “Eu tenho a consciência, cada vez mais viva, de que o nível significante uniu o conjunto das ciências do homem” (BENVENISTE, 1968/1989, p. 38).

CONCLUSÃO

Duas publicações são marcantes no conjunto do que poderia ser considerada uma história das ideias de Émile Benveniste sobre a linguagem: seus *Problemas de linguística geral* (PLGI, 1966; PLGII, 1974), de um lado, suas *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)* (2012), de outro.

O primeiro volume dos *Problemas*, organizado pelo linguista, traz vinte e oito textos publicados inicialmente entre 1939 e 1964. O sucesso da obra ocasiona a publicação de seu segundo volume, organizado por Mohammad Djafar Moïnfar e Michel Lejeune, que traz vinte textos selecionados entre as publicações de Benveniste que datam de 1965 a 1972.

Suas *Últimas aulas* apresentam manuscritos relativos às aulas de Benveniste no Collège de France (mais especificamente, no curso das segundas sobre “Problemas de linguística geral”) ao longo de 1968 e no início de 1969. Esses manuscritos são organizados e estabelecidos por Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio, que também contam com as notas de aula de três de seus ouvintes – Jacqueline Authier-Revuz, Claudine Normand e o próprio Coquet.

Se a publicação de seus *Problemas* se configura em um momento chave para os estudos enunciativos, a publicação de suas *Últimas aulas*, por sua vez, faz ressurgir a discussão a respeito de sua reflexão semiológica, uma reflexão que é formulada pelo linguista durante os anos 60 e que é desenvolvida, especialmente, em seu artigo cujo título é “Semiologia da língua”. Esse artigo, uma encomenda de Julia Kristeva, é publicado no primeiro volume da revista *Semiotica* em 1969, sendo, em 1974, republicado no PLGII.

A publicação de manuscritos desconhecidos do linguista, sejam os de suas *Últimas aulas* sejam os de *Baudelaire* (2011), proporcionam, de fato, uma retomada de suas ideias, como atestam diversos estudiosos de seu pensamento. Respondendo, assim, ao apelo de Flores (2013, p. 191) – “É tempo de reler Benveniste” –, decidi voltar à discussão da reflexão semiológica de Benveniste, uma reflexão que sempre me intrigou e interessou, sobretudo depois do trabalho de tradução de suas aulas para o português.

Nessa perspectiva, no presente trabalho, tomei como objeto de pesquisa a *semiologia da língua* de Benveniste. Diferentemente dos estudos correntes na área, neste, porém, não enfatizei o projeto da metassemântica apresentado programaticamente no final de “Semiologia da língua”, mas busquei compreender, como um todo, sua ideia de uma *semiologia da língua*, assim como o efeito dessa reflexão semiológica de Benveniste sobre o lugar da linguagem nas ciências humanas.

De um ponto de vista que partiu da noção de historicidade (MESCHONNIC, 1995), procurei, através de uma composição vida-obra-teoria, reconstituir as *condições de enunciação* de seu pensamento; ou seja, as condições que concentram os diferentes aspectos que possibilitam a enunciação de um pensamento, marcando sua historicidade própria e mostrando, por conseguinte, sua singularidade. Essa composição me permitiu aprofundar a discussão de suas ideias pela compreensão da figura de Benveniste. No princípio, não sabia muito explicar o porquê desse caminho, o que foi, ao longo da escrita da tese, se fazendo entender muito fortemente: foi como procurei “não separar o homem da linguagem”, a lição que, conforme Patrick Dahlet (2016, p. 4, tradução minha), Benveniste “tão sobriamente e tão fabulosamente nos ensinou”.

A partir da ideia de um *universo benvenistiano* (TEIXEIRA; MESSA, 2015), percorri, então, a reflexão do *Benveniste semiólogo*, sua ideia de uma *semiologia da língua*, realizando um estudo teórico de discussão de diferentes textos de seus *Problemas de linguística geral* tomados em relação a uma leitura de suas *Últimas aulas*.

Além dos três capítulos que compõem suas *Últimas aulas*, cuja especificidade editorial comento, selecionei, dos *Problemas*, dez artigos para o *corpus* textual de pesquisa. São textos provenientes de seus dois volumes, entre os quais estabeleci uma série de pontos de intersecção e que dividi, conforme suas características, em textos de contextualização, textos de teorização e textos de divulgação. São eles: do *PLG I*, “Tendências recentes em linguística geral” (1954), “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística” (1962/1963), “Saussure após meio século” (1963), “Natureza do signo linguístico” (1939) e “Os níveis da análise linguística” (1962/1964); do *PLGII*, “Estruturalismo e linguística” (1968), “Esta linguagem que faz a história” (1968), “Semiologia da língua” (1969), “Estrutura da língua e estrutura da sociedade” (1968/1970) e “A forma e o sentido na linguagem” (1966/1967).

É importante observar que não encontrei qualquer incongruência entre a reflexão de Benveniste presente nos manuscritos de suas aulas e a reflexão presente nos textos efetivamente publicados pelo autor, inclusive em relação às passagens referentes a seus ouvintes (passagens assinaladas: [nota de ouvinte]).

Há, por vezes, um certo descompasso entre o espaço do artigo “Semiologia da língua” e o espaço das aulas no Collège de France, o que se deve, claro, à especificidade de cada um deles. Nesse sentido, por exemplo, a escrita, apenas citada no artigo, é desenvolvida nas aulas; a metassêmica, proposta no artigo, não chega a ser tratada nas aulas, que foram interrompidas e suspensas devido a seu estado de saúde.

O trabalho foi desenvolvido em três capítulos, ao longo dos quais formulei e busquei comprovar duas hipóteses. A primeira é referente à ideia de que, além da metasssemântica, a *semiologia da língua* desenvolvida pelo linguista engloba outras relações envolvendo a língua; a segunda se refere à ideia de que, com a *semiologia da língua*, Benveniste torna incontornável uma reflexão a respeito da linguagem nas ciências humanas, uma vez que a língua (e somente a língua, devido a sua dupla significância) é o único sistema que pode interpretar a si mesmo e os outros sistemas semiológicos, fato que faz com que o linguista confira um lugar central à língua em campos do saber fora da linguística.

No primeiro capítulo, um capítulo teórico e metodológico, apresentei a figura de Benveniste e o *universo benvenistiano*, busquei o *Benveniste semiólogo* e estabeleci o objeto, o problema e o *corpus* textual de pesquisa.

No segundo, continuei tratando da figura de Benveniste, mas, dessa vez, a partir de seus *Problemas de linguística geral*. Considerando observações do linguista, de seu editor e de antigos alunos, assim como de estudiosos de seu pensamento, apresentei uma análise da composição da obra, das condições e dos efeitos de sua publicação (sobretudo em relação ao primeiro volume). Busquei, com isso, compreender o lugar de Benveniste tanto no campo da linguística quanto no campo das ciências humanas em geral nesses anos 60. Nesse capítulo ainda, tratei especificamente do artigo “Semiologia da língua”, texto central do *corpus* de pesquisa. Procurei problematizá-lo, ampliando e aprofundando meus questionamentos a seu respeito. Essa problematização orientou e organizou a discussão apresentada no último capítulo.

Por fim, nesse último capítulo, apresentei inicialmente a análise de Benveniste das ideias de Peirce e de Saussure acerca da noção de signo e da questão semiológica; em seguida, discuti sua noção de língua e noções relacionadas à sua reflexão semiológica. Tratei sobretudo das noções de significância, semiótico, semântico e interpretância.

Partindo sempre de uma leitura do artigo “Semiologia da língua” em contraponto com os demais textos do *corpus* de pesquisa, em particular com suas *Últimas aulas*, formulei algumas ideias.

De meu ponto de vista, a *semiologia da língua* de Benveniste trata das relações nas quais a língua significa um outro sistema; o que ocorre todas as vezes em que, *pela e na semiologia da língua*, um sistema interpretado é significado devido à propriedade constitutiva da língua de interpretar. É assim que compreendo, como um todo, sua ideia de uma *semiologia da língua*, ou seja, sua reflexão semiológica a respeito da relação da língua com os outros sistemas, com os textos e as obras (a metasssemântica), consigo mesma (a questão da

escrita) e com a sociedade. Todas essas relações envolvem uma relação de interpretância estabelecida pela língua e ocorrem em função da propriedade de interpretância da língua, noções que estão absolutamente imbricadas na reflexão de Benveniste.

Reconheço, todavia, que, com essa reflexão semiológica, Benveniste não aponta necessariamente para uma semiologia. Isso, de fato, apenas ocorre em relação à metassemântica: segundo o linguista, uma semiologia de “segunda geração” (tendo a língua como base) em oposição à semiologia de Saussure, uma semiologia de “primeira geração” (tendo o signo como base).

Nessa perspectiva, defendo que está contida na reflexão semiológica de Benveniste, ou seja, em sua *semiologia da língua* (um amplo campo de estudos aberto pelo linguista), a metassemântica, uma semiologia de “segunda geração”, que compreendo como um campo disciplinar programático apontado pelo linguista. Se relaciono, desse modo, a expressão “*semiologia da língua*”, que intitula o artigo “Semiologia da língua”, à sua reflexão semiológica como um todo, relaciono, por sua vez, a metassemântica à análise semiológica de um campo específico de estudos: sua *semiologia de segunda geração*.

Por outro lado, defendo que Benveniste estabelece, de fato, uma relação entre a língua e as ciências humanas, na medida em que, com sua *semiologia da língua*, coloca a língua no centro das ciências do homem. A língua, o nível significante, é o ponto de convergência entre as ciências que falam do homem, para lembrar, mais uma vez, suas considerações em “Esta linguagem que faz a história”: “Tenho a consciência, cada vez mais viva, de que *o nível significante une o conjunto das ciências do homem*” (BENVENISTE, 1968/1974, p. 38, grifos meus, tradução minha).

Nesses outros campos do saber, conseqüentemente, uma reflexão a respeito da linguagem se torna incontornável, uma vez que é a língua, e somente a língua, que significa a si mesma e os outros sistemas semiológicos. Eis o efeito dessa reflexão semiológica do linguista sobre o lugar da linguagem nas ciências humanas. Para falar do homem, é preciso considerar a língua, que, devido a sua dupla significância, tudo significa.

Essas ideias envolvem, todas, é claro, um ponto de vista pessoal que resulta da leitura que fiz dos diferentes textos do *corpus* de pesquisa, especialmente do artigo “Semiologia da língua” do linguista em contraponto com suas *Últimas aulas no Collège de France*. Um ponto de vista que resulta de uma leitura de seus textos e, sobretudo, da vontade de “*ouvir* Benveniste para além de suas próprias notas preparatórias e, no que tange a essa última aula [sobre a semiologia], ir em direção às aulas seguintes que jamais aconteceram, graças às notas

presentes nos arquivos, mas não pronunciadas, em razão da suspensão da presença e da voz” (COQUET; FENOGLIO, 2012/2014, p. 85, grifo dos autores).

REFERÊNCIAS

ADAM, Jean-Michel. *La linguistique textuelle*. Paris: Armand Colin, 2011a. Original publicado em 2008.

_____. Le programme de la ‘translinguistique des textes, des oeuvres’ et sa réception au sein des années 1970. In: BRUNET, Émilie; MAHRER, Rudolf (Orgs.). *Relire Benveniste: réceptions actuelles des Problèmes de linguistique générale*. Bruxelles: Academia (Sciences du langage: carrefours et points de vue), 2011b. p. 123-147.

AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz : o arquivo e a testemunha*. São Paulo: Boitempo, 2008. Original publicado em 1998.

_____. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. Original publicado em 1978.

ARRIVÉ, Michel. Préface. *Linx* (Émile Benveniste. Vingt ans après), Nanterre, n. 9, p. 15-21, 1997.

AUROUX, Sylvain; DESCHAMPS, Jacques; KOULOUGHLI, Djamel. *La philosophie du langage*. Paris: Presses Universitaires de France, 2004.

BADER, Françoise. Émile Benveniste (1902-1976). *École pratique des hautes études - 4e. Section, Sciences historiques et philologiques - Annuaire 1977-1978*, Paris, p. 52-66, 1978.

_____. Une anamnèse littéraire d’Émile Benveniste. *Incontri linguistici*, Pisa/Roma, n. 22, p. 11-55, 1999.

_____. Une lettre d’Émile Benveniste à Louis Renou. *Incontri linguistici*, Pisa/Roma, n. 32, p. 139-158, 2009.

BARBISAN, Leci Borges. Saussure e Benveniste: da teoria do valor à teoria da enunciação. In: FERREIRA LIMA, Maria Auxiliadora et al. (Orgs.). *Colóquios Linguísticos e Literários: Enfoques Epistemológicos, Metodológicos e Descritivos*. Teresina: EDUFPI, 2011. p. 31-37.

BARTHES, Roland. *Éléments de sémiologie*. Paris: Denoël/Gonthier, 1965. Original publicado em 1964.

_____. *Le grain de la voix*. Entretiens 1962-1980. Paris: Éditions du Seuil, 1981.

_____. *Le bruissement de la langue*. Essais critiques IV. Paris: Éditions du Seuil, 1984.

_____. *L'aventure sémiologique*. Paris: Éditions du Seuil, 1985.

_____. Por que gosto de Benveniste. In: _____. *O rumor da língua*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988. p. 179-183. Original publicado em 1984.

_____. *Elementos de semiologia*. São Paulo: Editora Cultrix, 1997. Original publicado em 1964.

BENVENISTE, Émile. *Textes sogdiens* - Édités, traduits et commentés par É. Benveniste (Mission Pelliot en Asie centrale). Paris: Librairie Orientaliste Paul Geuthner, 1940.

_____. *Vessantara Jataka* - Texte sogdien édité, traduit et commenté. (Mission Pelliot en Asie centrale). Paris: Librairie Orientaliste Paul Geuthner, 1946.

_____. L'expression du serment dans la Grèce ancienne. *Revue de l'histoire des religions*, Paris, t. 134, n. 1-3, p. 81-94, 1947.

_____. *Études sur la langue ossète*. Paris : Société de Linguistique de Paris/Klincksieck, 1959.

_____. *Hittite et indo-européen: études comparatives*. Paris: Adrien Maisonneuve, 1962.

_____. Ferdinand de Saussure à l'École des Hautes Études. In: *École pratique des hautes études - 4e. Section, Sciences historiques et philologiques - Annuaire 1964-1965*, Paris, p. 20-34, 1964.

_____. *Problèmes de linguistique générale, 1*. Paris: Éditions Gallimard, 1966.

_____. *Le vocabulaire des Institutions Indo-européennes - 1. Économie, parenté, société*. Paris: Éditions de Minuit, 1969a.

_____. *Le vocabulaire des Institutions Indo-européennes - 2. Pouvoir, droit, religion*. Paris: Éditions de Minuit, 1969b.

_____. *Problèmes de linguistique générale*, 2. Paris: Éditions Gallimard, 1974.

_____. *Études sogdiennes*. Wiesbaden: Reichert Verlag, 1979.

_____. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 1989. Original publicado em 1974.

_____. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes/Editora da Unicamp, 1995. Original publicado em 1966.

_____. *Baudelaire* (Org. Chloé Laplantine). Limoges: Éditions Lambert-Lucas, 2011.

_____. *Dernières leçons: Collège de France (1968 et 1969)* (Orgs. Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio). Paris: EHESS/Gallimard/Seuil, 2012.

_____. *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)* (Orgs. Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio). São Paulo: Editora Unesp, 2014. Original publicado em 2012.

_____. *Langues, cultures, religions* (Orgs. Chloé Laplantine e Georges-Jean Pinault). Limoges: Éditions Lambert-Lucas, 2015.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Vol. III. Petrópolis: Vozes, 2007. Original publicado em 1987.

BRESSAN, Nilvia Thaís Weigert. *O deserto de uma metassemântica esconde tamareiras em flor: o legado translinguístico de Émile Benveniste*. 2010. 137 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, RS, 2010.

BRUNET, Émilie; MAHRER, Rudolf (Orgs.). *Relire Benveniste: réceptions actuelles des Problèmes de linguistique générale*. Bruxelles: Academia (Sciences du langage: carrefours et points de vue), 2011a.

_____. Introduction – Les réceptions de Benveniste: un pluriel singulier. In: _____ (Orgs.). *Relire Benveniste: réceptions actuelles des Problèmes de linguistique générale*. Bruxelles: Academia (Sciences du langage: carrefours et points de vue), 2011b. p. 15-39.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 115-144, 1996.

CHEPIGA, Valentina et al. Le couple conceptuel ‘sémiotique/sémantique’ dans les manuscrits d’Émile Benveniste. *SHS Web of Conferences*, I, Congrès Mondial de Linguistique Française – CMLF 2012, p. 1057-1071, 2012.

CHEPIGA, Valentina; GALÍNDEZ-JORGE, Verónica; FENOGLIO, Irène. Remarques de synthèse concernant la comparaison entre les notes des cours 1968-1969 et le Brouillon de l’article ‘Sémiologie de la langue’. 2009. Texto não publicado.

CHISS, Jean-Louis; PUECH, Christian. *Le Langage et ses disciplines*. Louvain-la-Neuve: Duculot, 1999.

_____. Signe et langue: idée, projet, point de vue sémiologiques. *Langages* (Sémiologie et histoire des théories du langage), Paris, n. 107, p. 6-27, 1992.

COLLOQUE ÉMILE BENVENISTE ET LA LITTÉRATURE, 2013, Bayonne. *Newsletter*. Bayonne : Université de Pau et des Pays de L’Adour, 2013. Disponível em: <<http://www.univ-pau.fr/live/vie/suivre-vie/newsletter/archives/2013/newsletter-n45/colloquebenveniste>>. Acesso em: 24 nov. 2015.

COLOMBAT, Bernard; FOURNIER, Jean-Marie; PUECH, Christian. *Histoire des idées sur le langage et les langues: 50 questions*. Paris: Klincksieck, 2010.

COMPAGNON, Antoine. *1966 - Annus Mirabilis*. Paris, Collège de France, 4 jan. 2011. Disponível em : <https://www.college-de-france.fr/site/antoine-compagnon/p1346267510085_content.htm>. Acesso em: 3 jul. 2017.

COQUET, Jean-Claude; FENOGLIO, Irène. Introduction. In: BENVENISTE, Émile. *Dernières leçons*: Collège de France (1968 et 1969) (Orgs. Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio). Paris: EHESS/Gallimard/Seuil, 2012. p. 41-56.

_____, Introdução. In: BENVENISTE, Émile. *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)* (Orgs. Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio). São Paulo: Editora Unesp, 2014. p. 67-86. Original publicado em 2012.

CULIOLI, Antoine. Theorie du langage et theorie des langues. In: SERBAT, Guy (ed.). *E. Benveniste aujourd'hui: Actes du colloque international du C.N.R.S. v. 1*. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique / Éditions Peeters, 1984. p. 77-85.

_____. Théorie du langage et théorie des langues. In: _____. *Pour une linguistique de l'énonciation: Formalisation et opérations de repérage*. Tomo 2. Paris: Éditions Ophrys (L'homme dans la langue animée par Janine Bouscaren), 1999. p. 115-123. Original publicado em 1984.

DAHLET, Patrick. Autour d'Émile Benveniste, *Le français à l'Université*, Montreal, ano 21, n. 3, 2016. Disponível em: <<http://www.bulletin.auf.org/index.php?id=2339#>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

DE ANGELIS, Rossana. Sémiologie(s). In: FOREL, Claire; ROBERT, Thomas (Orgs.). *Saussure: Une source d'inspiration intacte*. Genebra: MétisPresses, 2017. p. 205-227.

DELEUZE, Gilles. A quoi reconnaît-on le structuralisme? In: _____. *L'île déserte*. Paris: Les Éditions de Minuit, 2002. p. 238-269. Original publicado em 1972.

DESSONS, Gérard. Les enjeux de la manière. *Langages* (Les enjeux de la stylistique), Paris, n. 118, p. 56-63, 1995.

_____. *Émile Benveniste, l'invention du discours*. Paris: Éditions IN PRESS, 2006.

_____. La place du poème dans la théorie du discours. In: MARTIN, Serge (Org.). *Émile Benveniste – Pour vivre langage*. Mont-de-Laval: L'Atelier du Grand Tétrás, 2009. p. 71-81.

DE VOGÜÉ, Sarah. La croisée des chemins. Remarques sur la topologie des relations langue / discours chez Benveniste. *Linx* (Émile Benveniste. Vingt ans après), Nanterre, n. 9, p. 145-158, 1997.

DORTIER, Jean-François (Org.). *Le Langage: Introduction aux sciences du langage*. Auxerre: Sciences Humaines Éditions, 2010.

DOSSE, François. *Histoire du structuralisme - t. 1. Le Champ du signe, 1945-1966*. Paris: Éditions La Découverte, 1992a.

_____. *Histoire du structuralisme - t. 2. Le Champ du signe, 1967 à nos jours*. Paris: Éditions La Découverte, 1992b.

_____. *Paul Ricoeur: Les sens d'une vie*. Paris: Éditions La Découverte, 1997.

DUFAYE, Lionel; GOURNAY, Lucie (Orgs.). *Benveniste après un demi-siècle: Regards sur l'énonciation aujourd'hui*. Paris: Éditions Ophrys, 2013.

DUFOUR, Dany-Robert. *Les mystères de la trinité*. Paris: Éditions Gallimard (Bibliothèque des Sciences Humaines), 1990.

FENOGLIO, Irène. Les notes de travail d'Émile Benveniste. *Langage et société*, Paris, n. 127, p. 23-49, 2009.

_____. Déplier l'écriture pensante pour re-lire l'article publié. Les manuscrits de 'L'appareil formel de l'énonciation' d'Émile Benveniste In: BRUNET, Émilie; MAHRER, Rudolf (Orgs.). *Relire Benveniste: réceptions actuelles des Problèmes de linguistique générale*. Bruxelles: Academia (Sciences du langage: carrefours et points de vue), 2011. p. 263-304.

_____. Benveniste auteur d'une recherche inachevée sur 'le discours poétique' et non d'un 'Baudelaire'. *Semen*, Besançon, n. 33, p. 1-32, 2012a.

_____. Émile Benveniste – Notes manuscrites sur 'l'axiologie'. *Génésis* (Le geste linguistique), Paris, n. 35, p. 157-159, 2012b.

_____. Éléments pour une genèse de la notion d'énonciation chez Benveniste: Ce que dévoilent les manuscrits. In: DUFAYE, Lionel; GOURNAY, Lucie (Orgs.). *Benveniste après un demi-siècle: Regards sur l'énonciation aujourd'hui*. Paris: Éditions Ophrys, 2013a. p. 41-83.

_____. 1966: Benveniste publie les *Problèmes de Linguistique Générale*. *Acta Fabula* (Dossier critique – 1966, annus mirabilis), Paris, v. 14, n. 8, p. 1-11, 2013b.

_____. Traces. Langue. Écriture. In: FENOGLIO, Irène et al. *Autour d'Émile Benveniste*. Paris: Éditions du Seuil, 2016a. p. 11-34.

_____. Le pré-nom et ses marges: d'Ezra à Émile. In: FENOGLIO, Irène et al. *Autour d'Émile Benveniste*. Paris: Éditions du Seuil, 2016b. p. 329-386.

_____. L'écriture au fondement d'une 'civilisation laïque'. In: FENOGLIO, Irène et al. *Autour d'Émile Benveniste*. Paris: Éditions du Seuil, 2016c. p. 153-236.

FENOGLIO, Irène et al. *Autour d'Émile Benveniste*. Paris: Éditions du Seuil, 2016.

FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges. *Saussure: a invenção da linguística*. São Paulo: Contexto, 2013.

FIORIN, José Luiz (Org.). *Linguística? Que é isso?*. São Paulo: Contexto, 2013.

FLORES, Valdir do Nascimento et al. (Orgs.). *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. As perspectivas para o estudo das formas complexas do discurso: atualidades de Émile Benveniste. *ReVEL*, [s. l.], edição especial n. 7, p. 1-14, 2013.

FLORES, Valdir do Nascimento. Princípios para a definição do objeto da linguística da enunciação: uma introdução (primeira parte). *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 36, n. 4, p. 7-67, dez. 2001.

_____. Por que gosto de Benveniste? (Um ensaio sobre a singularidade do homem na língua). *Letras de Hoje*, Porto Alegre. v. 39, n. 4, p. 217-230, dez. 2004.

_____. Saussure e Benveniste: da teoria do valor à teoria do *Homem na língua*. In: FERREIRA LIMA, Maria Auxiliadora et al. (Orgs.). *Colóquios Linguísticos e Literários: Enfoques Epistemológicos, Metodológicos e Descritivos*. Teresina: EDUFPI, 2011. p. 13-30.

_____. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

_____. L'actualité de Benveniste au Brésil: les aspects anthropologiques d'une théorie de l'énonciation. In: *COLLOQUE ÉMILE BENVENISTE 2016 – 50 ans après les "Problèmes de linguistique générale"*, Paris, 2016.

_____. *Saussure e Benveniste no Brasil: quatro aulas na École Normale Supérieure*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017a.

_____. O que há para ultrapassar na noção saussuriana de signo? De Saussure a Benveniste. *Gragoatá*, Niterói, v. 22, n. 44, p. 1005-1026, set.-dez. 2017b.

FOUCAULT, Michel. *L'Archéologie du savoir*. Paris: Éditions Gallimard, 1969.

GADET, Françoise. *Saussure: Une Science de la langue*. Paris: Presses Universitaires de France, 1990. Original publicado em 1987.

GODEL, Robert. Compte rendu des *Problèmes de linguistique générale, II* d'Émile Benveniste. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, Genebra, n. 29, p. 207-210, 1974-1975.

HAGÈGE, Claude. Benveniste et la linguistique de la parole. In: SERBAT, G. et al. (Org.). *Émile Benveniste aujourd'hui* (Actes du Colloque international du CNRS, Tours, 1983), Louvain: Peeters, 1984. p. 105-118.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JAKOBSON, Roman. *Essais de linguistique générale – I. Les Fondations du langage*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1963.

_____. Émile Benveniste, o destino de um erudito. In: BENVENISTE, Émile. *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)* (Orgs. Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio). São Paulo: Editora Unesp, 2014. p. 243-264. Original publicado em 2012.

KRISTEVA, Julia. Le texte et sa science. In: _____. *Séméiotiké: Recherches pour une sémanalyse*. Paris: Seuil, 1978. p. 9-28. Original publicado em 1969.

_____. La sémiologie: science critique et/ou critique de la science. In: FOUCAULT, Michel ; BARTHES, Roland (Orgs.). *Théorie d'ensemble*. Paris : Seuil, 1980. p. 83-96. Original publicado em 1968.

_____. Sémanalyse: conditions d'une sémiotique scientifique. *Semiotica*, Berlin, v. 5, n. 4, p. 324-349, 1972.

KRISTEVA, Julia; MILNER, Jean-Claude; RUWET, Nicolas (Orgs.). *Langue, Discours, Société - Pour Émile Benveniste*. Paris: Éditions du Seuil, 1975.

LAPLANTINE, Chloé. *Émile Benveniste, poétique de la théorie*. 2008. 304 p. Tese (Doutorado em Língua e literatura francesa) - Universidade Paris 8, Vincennes, Saint-Denis, França, 2008.

_____. La poétique d'Émile Benveniste: Benveniste et les 'correspondances'. In: BRUNET, Émilie; MAHRER, Rudolf (Orgs.). *Relire Benveniste: réceptions actuelles des Problèmes de linguistique générale*. Bruxelles: Academia (Sciences du langage: carrefours et points de vue), 2011a. p. 72-95.

_____. *Émile Benveniste, l'inconscient et le poème*. Limoges: Éditions Lambert-Lucas, 2011b.

_____. Faire entendre Benveniste. *Acta Fabula* (Dossier critique – Ce qui a fait signe & ce qui fait sens), Paris, v. 14, n. 7, p. 1-10, 2013.

LAPLANTINE, Chloé ; PINAULT, Georges-Jean. Introduction. In: BENVENISTE, Émile. *Langues, cultures, religions*. Limoges: Éditions Lambert-Lucas, 2015. p. XI-XLIV.

LAZARD, Gilbert. Émile Benveniste (1902-1976). *École pratique des hautes études - 4e. Section, Sciences historiques et philologiques - Annuaire 1977-1978*, Paris, p. 66-77, 1978.

LEJEUNE, Michel. Émile Benveniste (1902-1976). *École pratique des hautes études - 4e. Section, Sciences historiques et philologiques - Annuaire 1977-1978*, Paris, p. 51-52, 1978.

LETRAS DE HOJE. Porto Alegre: Curso de Pós-graduação em Letras – PUCRS, v. 39, n. 4, dez. 2004. Colóquio Leituras de Émile Benveniste. Organizadores: Valdir do Nascimento Flores, Leci Borges Barbisan, Marlene Teixeira.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Nature, culture et société: Les Structures élémentaires de la parenté* - chapitres I et II. Paris: Éditions Flammarion, 2008. Original publicado em 1947.

LINX. Nanterre: Université Paris Ouest Nanterre La Défense, 1997, n. 9, Émile Benveniste, vingt ans après: Actes du Colloque de Cerisy. Organizadores : Claudine Normand; Michel Arrivé.

MARTIN, Serge (Org.). *Émile Benveniste – Pour vivre langage*. Mont-de-Laval: L'Atelier du Grand Tétras, 2009.

MESCHONNIC, Henri. *Pour la poétique, 2*. Paris: Gallimard, 1973.

_____. *Critique du rythme: Anthropologie historique du langage*. Paris: Lagrasse: Verdier/poche, 1982.

_____. Penser Humboldt aujourd'hui. In: MESCHONNIC, Henri et al. *La pensée dans la langue - Humboldt et après*. Saint-Denis: Presses Universitaires de Vincennes, 1995. p. 15-50.

_____. Benveniste: sémantique sans sémiotique. In: _____. *Dans le bois de la langue*. Paris: Éditions Laurence Teper, 2008a. p. 390-418.

_____. Seul comme Benveniste. In: _____. *Dans le bois de la langue*. Paris: Éditions Laurence Teper, 2008b. p. 359-389.

_____. 'partant de Benveniste' en 1970... et en 2009. In: MARTIN, Serge (Org.). *Émile Benveniste – Pour vivre langage*. Mont-de-Laval: L'Atelier du Grand Tétras, 2009. p. 105-109.

_____. *Poética do traduzir*. São Paulo: Perspectiva, 2010. Original publicado em 1999.

MILNER, Jean-Claude. *Le périple structural*. Lagrasse: Verdier/poche, 2008. Original publicado em 2002.

MOÏNFAR, Mohammad Djafar. Bibliographie des Travaux d'Émile Benveniste. In: SOCIÉTÉ DE LINGUISTIQUE DE PARIS (Ed.). *Mélanges linguistiques offerts à Émile Benveniste*. Paris: Éditions Peeters, 1975a. p. IX-LIII.

_____. Bibliographie résumée des travaux d'Émile Benveniste. In: KRISTEVA, Julia; MILNER, Jean-Claude; RUWET, Nicolas (Orgs.). *Langue, Discours, Société - Pour Émile Benveniste*. Paris: Éditions du Seuil, 1975b. p.391-397.

_____. Prefácio. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 1989. p. 7. Original publicado em 1974.

_____. L'oeuvre d'Émile Benveniste. *Linx*, Nanterre, n. 26, p. 15-26, 1992.

MOSÈS, Stéphane. Émile Benveniste et la linguistique du dialogue. *Revue de Métaphysique et de Morale*, Paris, n. 32, p. 509-525, 2001/2004.

NORMAND, Claudine. Les termes de l'énonciation chez Benveniste. *Histoire Épistémologie Langage* (Histoire des conceptions linguistiques), Paris, v. 8, fascículo 2, p. 191-206, 1986.

_____. Constitution de la sémiologie chez Benveniste. *Histoire Épistémologie Langage* (Extension et limites des theories du langage (1880-1980)), Paris, tomo 11, fascículo 2, p. 141-169, 1989.

_____. Benveniste: linguistique saussurienne et signification. *Linx* (Lectures d'Émile Benveniste), Nanterre, n. 26, p. 49-75, 1992.

_____. Émile Benveniste: quelle sémantique?. *Linx* (Du dire et du discours. Hommage à Denise Maldidier), Nanterre, n. 8, p. 221-240, 1996.

_____. Lectures de Benveniste : quelques variantes sur un itinéraire balisé. *Linx* (Émile Benveniste. Vingt ans après), Nanterre, n. 9, p. 23-37, 1997.

_____. *Saussure*. Paris: Société d'édition Les Belles Lettres, 2004a. Original publicado em 2000.

_____. Saussure-Benveniste. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, Genebra, n. 56, 2004b. p. 125-132.

_____. *Convite à linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. *Petite grammaire du quotidien - Paradoxe de la langue ordinaire*. Paris: Hermann Éditeurs, 2010.

ONO, Aya. *La notion d'énonciation chez Émile Benveniste*. Limoges: Éditions Lambert-Lucas, 2007.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. Original publicado em 1969.

PÉRIPLÉ. In: CNRTL - Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales. *Portail lexical*. Nancy Cedex: CNRTL, 2012. Disponível em: <<http://www.cnrtl.fr/definition/periple>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

PINAULT, Georges-Jean. Benveniste et l'invention du discours. *Fabula LHT* (Dossier 1966, annus mirabilis), Paris, n. 11, p. 1-13, dez. 2013.

PLAZA, Julio. *Tradução intersemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

REDARD, Georges. Émile Benveniste (1902-1976). In: BENVENISTE, Émile. *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)* (Orgs. Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio). São Paulo: Editora Unesp, 2014. p. 199-233. Original publicado em 2012.

ROSÁRIO, Heloisa Monteiro. O que faz da língua um sistema especial no conjunto dos fatos semiológicos? Uma reflexão sobre a semiologia da língua de Benveniste a partir das ideias de Saussure. In: PINHEIRO, Clemilton Lopes; LIMA, Maria Hozanete Alves de (Orgs.). *Diálogos: Saussure e os estudos linguísticos contemporâneos*. Vol. III. Natal: EDUFRN, 2017. p. 219-236.

_____. A questão da significância da língua em Émile Benveniste: o modo semiótico e o modo semântico. *ReVEL*, [s. l.], edição especial n. 11, p. 50-68, 2016.

ROUDINESCO, Élisabeth. *Histoire de la psychanalyse en France*. Paris: Éditions du Seuil, 1986.

RUWET, Nicolas. *Introdução à gramática gerativa*. São Paulo: Perspectiva, 1967.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale*. Edição crítica preparada por Tullio de Mauro. Paris: Éditions Payot (Payothèque), 1976. Original publicado em 1916.

_____. *Recueil des publications scientifiques de Ferdinand de Saussure*. Genève/Paris: Slatkine Reprints, 1984. Original publicado em 1922.

_____. *Écrits de linguistique générale* (Orgs. Simon Bouquet e Rudolph Engler). Paris: Éditions Gallimard, 2002.

_____. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 2006. Original publicado em 1916.

SOCIÉTÉ DE LINGUISTIQUE DE PARIS (Ed.). *Mélanges linguistiques offerts à Émile Benveniste*. Paris: Éditions Peeters, 1975.

_____. Les présidents et les secrétaires de la SLP. Paris: Société de linguistique de Paris, 2017. Disponível em: <<http://www.slp-paris.com/spip.php?rubrique6>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

TEIXEIRA, Marlene; MESSA, Rosângela Markmann. Émile Benveniste: uma semântica do homem que fala. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 13, n. 1, p. 97-116, jun. 2015.

TEIXEIRA, Marlene; FLORES, Valdir do Nascimento. Linguística da Enunciação: uma entrevista com Marlene Teixeira e Valdir Flores. *ReVEL*, [s. l.], v. 9, n. 16, p. 406-425, 2011.

TEIXEIRA, Marlene. Primeiro Colóquio Leituras de Émile Benveniste: sessão de abertura. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 39, n. 4, p. 7-8, dez. 2004a.

_____. Benveniste: um talvez terceiro gesto? *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 39, n. 4, p. 107-120, dez. 2004b.

_____. O estudo dos pronomes em Benveniste e o projeto de uma ciência geral do homem. *Desenredo*, Passo Fundo, v. 8, n. 1, p. 71-83, jan./jun. 2012a.

_____. Um olhar enunciativo sobre o discurso. In: DI FANTI, Maria da Glória; BARBISAN, Leci Borges (Orgs.). *Enunciação e discurso: tramas e sentidos*. São Paulo: Contexto, 2012b. p. 62-74.

TODOROV, Tzvetan. Posfácio - Émile Benveniste, o destino de um erudito. In: BENVENISTE, Émile. *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)* (Orgs. Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio). São Paulo: Editora Unesp, 2014. p. 243-262. Original publicado em 2012.

VIER, Sabrina. *Quando a linguística encontra a linguagem: da escrita de Émile Benveniste presente no Dossiê Baudelaire ao estudo semiológico de uma obra literária*. 2016. 179 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, São Leopoldo, RS, 2016a.

_____. Émile Benveniste e a Literatura. *ReVEL*, [s. l.], edição especial n. 11, p. 147-159, 2016b.

WENDER, Philippe. François Dosse, *Paul Ricoeur. Les sens d'une vie. Autres Temps - Cahiers d'éthique sociale et politique*, [s. l.], n. 56, p. 149-150, 1997.